
Bookmarks
NAMORO
de Mentira
KAYLEY LORING

KAYLEY LORING

NAMORO *de Mentira*

Tradução:
Nathália A. Rondán

1ª edição
2021

Bookmarks

Título Original: *The Plus Ones*
Copyright © 2019 por Kayley Loring
Copyright da tradução © 2021 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Nathália A. Rondán
Copidesque: Mariana Dias
Edição e diagramação de e-book: Andreia Barboza
Capa: Luizyana Poletto
Imagem da capa: adriaticfoto / Shutterstock

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

Sinopse

Keaton Bridges era um idiota. Mas desde que viu o que o amor verdadeiro fez com seus amigos, ele decidiu que estava na hora de entregar seu coração.

Roxy sempre foi tagarela. A única vez que ela ficou sem palavras diante de Keaton, foi quando eles se beijaram no casamento dos seus melhores amigos. E nos últimos cinco anos, ela se recusou a falar sobre o assunto.

Mas agora, isso ia mudar.

Para fugir do inverno, os melhores amigos de Keaton e Roxy decidiram viajar para um resort exclusivo para casais no Caribe. Mas quando um casal desiste de ir, Keaton resolve que não vai ficar de fora.

A solução é simples: ele e Roxy precisarão fingir que estão apaixonados.

Ele só não imaginava que ia ser tão difícil não demonstrar que está morto de vontade de beijá-la novamente.

Índice

Kilig:
Prólogo
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e Cinco
Vinte e seis
Epílogo
Nota da autora
Leia também
Prólogo
01
02

Para meus leitores, blogueiros, pessoal do Facebook e do Instagram, todos que me mandam e-mails, mensagens ou sempre me marcam em postagens. Obrigada por me fazerem lembrar de que vale muito a pena ficar sentada na frente do computador no meu escritório o dia inteiro, em vez de ficar deitada em uma praia no Caribe...

Kilig:

"Kilig" é uma palavra filipina incorporada recentemente aos dicionários de língua inglesa devido ao seu uso recorrente. Tem como significado:

Um sentimento de euforia ou alegria causado por uma experiência empolgante ou romântica. (Dicionário Oxford)

A sensação de frio na barriga, normalmente quando algo fofo ou romântico acontece. (*Lost in Translation*, Ella Frances Sanders)

Literalmente, é o motivo pelo qual vivo (Kayley Loring)

Prólogo

Roxy

Casamento de Chase e Aimee
Cinco anos atrás

KEATON "FILHO DA MÃE" BRIDGES.

Olhe só para ele, todo bonitão e fofo bem ali, naquele terno de três peças feito sob medida, a gravata prateada e a voz rouca. Eu até poderia gostar dele se não o odiasse tanto por estar fazendo um discurso melhor que o meu. Eu arrasei, mas o dele está sendo um espetáculo.

Tudo bem, talvez meu discurso de madrinha tenha sido um pouco emotivo e meloso demais. Talvez eu devesse ter me preparado melhor. Deveria ter esperado até *depois* do discurso para me esbaldar com cinco taças de champanhe. Mas minha melhor amiga e ex-colega de apartamento está se casando com o amor de sua vida. E está grávida. As coisas estão mudando. Como eu deveria lidar com isso?

Eu nem trouxe um acompanhante para o casamento. Não consegui pensar em nenhum cara com quem eu quisesse dividir essa noite especial. É estranho que Keaton também não tenha trazido ninguém.

Ou não. Talvez não seja estranho. Afinal de contas, ele se magoou muito há alguns meses. É provável que ainda não tenha superado a ex-namorada. Talvez por isso esteja tão melancólico.

— Conheço o Chase desde a faculdade — Keaton diz ao microfone —, e ele sempre foi o tipo de cara que todos queriam ter por perto. Foi o cara que me transformou em uma pessoa melhor. Mas quando ele e a Aimee estão juntos, os dois se tornam essa terceira pessoa metafórica que é melhor do que tudo que já vi. Juntos, criaram um lar incrível, uma empresa de sucesso e agora... — Ele faz uma pausa para limpar a garganta.

Droga, seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Agora, estão gerando uma terceira pessoinha real que será amada por todos nós. E quero que saibam que farei qualquer coisa por essa família. Sempre. — Ele olha para Chase e sorri. — Você me completa. E ela te completa. Eu te amo, cara.

Puta. Merda.

Foi perfeito.

O *melhor* discurso de padrinho que já ouvi.

Com certeza, ele vai se dar bem hoje à noite.

Não comigo.

Obviamente.

Eu não o suporto.

Meu pai o chamaria de *Mauricinho.*

Olhe só para ele. No meio de um abraço triplo com Chase e Aimee.

Aposto que ele acha que é o favorito do casal.

Mas não é.

Eu sou favorita.

Eu sou a pessoa que nunca agiu como uma riquinha, imatura e metida.

Que não agiu como uma imbecil, há dois anos, quando eles ficaram juntos. Só porque queria ficar com Aimee. Ele era tão babaca.

Keaton até poderia ter mudado, mas nem todo mundo precisa fazer isso.

Tudo bem, talvez eu devesse parar de falar tanto palavrão, já que vou conviver com o filho da Aimee quando ele nascer.

Mas *eu sou* a *melhor* amiga dela.

Sou eu quem vai fazer tudo por Aimee, Chase e o bebê.

Onde está o abraço triplo da Roxy?

E onde está aquele garçom para me servir mais champanhe?

— Roxy! — Ouço Aimee me chamar. — Venha aqui! — Ela acena para que eu entre no abraço deles.

Reviro os olhos, mesmo ciente de que ela sabe que estou morta de vontade de participar. Me levanto devagar e me arrasto para me juntar a Aimee, Chase e Keaton "Filho da Mãe" Bridges em um abraço épico. É lindo pra caramba. Meu Deus, como estamos sendo ridículos hoje. Se eu não os amasse tanto, estaria debochando de toda a situação. Se não estivesse tão absorta na felicidade que sinto pela minha melhor amiga, chutaria o saco de Keaton por colocar a mão na minha cintura desse jeito.

Nunca estive tão perto dele. É quase assustador perceber o quanto seu maxilar é quadrado. E chega a ser irritante como é cheiroso. Parece a sessão masculina de uma perfumaria. Seu cheiro é exatamente o oposto do que gosto em um homem.

— Acho que já nos abraçamos por tempo suficiente — Chase resmunga, mas espera a noiva soltar todo mundo para confirmar e terminar o abraço.

— Acabe logo com isso, Gilpin — falo, mas imediatamente me dou conta de que seu sobrenome agora é McKay. — Quer dizer, acabe logo com isso, sra. McKay.

— Agora sim — Chase murmura e não consegue parar de sorrir.

Fofo pra caramba.

Quando Aimee e Chase abaixam os braços, Keaton tira a mão da minha cintura devagar e seus dedos roçam na minha bunda de forma acidental. Se Aimee não estivesse apertando nossas bochechas, ele ouviria poucas e boas.

— Amo tanto vocês. Muito obrigada pelos discursos lindos. — Ela beija Keaton na bochecha e faz o mesmo comigo, mas logo em seguida, Chase e ela são puxados pelos parentes, e Keaton e eu ficamos parados ali.

Ele assente para mim.

— Roxy.

Reviro os olhos – o que é um erro, porque isso quase faz uma lágrima cair.

— Keaton. Seus dedos estão bem simpáticos hoje à noite.

Ele pisca para mim e arruma a gravata com aqueles mesmos dedos.

— Se os quiser em *você* hoje, é só avisar.

Foi o que eu pensei.

Mas... tem algo em como ele me olha que me diz que não está só sendo um babaca paquerador. Isso me deixa com vontade de dar um passo para trás e sair dali.

Passo pela prima de Aimee, que é uma das madrinhas, a caminho do banheiro. Sorrimos e assentimos uma para a outra. Ouço ela dizer para a amiga que vai "tirar uma casquinha daquele padrinho".

Vá nessa, garota. Boa sorte.

Quanto a mim, vou chorar no banheiro como uma boa madrinha respeitável.

***

Certo, não pude chorar no banheiro porque havia mulheres demais esperando na fila. Porcaria de salão de eventos com *uma* cabine no banheiro

feminino. Aonde uma garota pode ir para chorar com um pouco de dignidade nesse lugar?

A fase dançante da festa começa, e me recuso a ficar por aí fungando, com esse nariz que coça, os olhos que ardem e esse nó na garganta.

Olho para as portas de vidro do terraço. Para minha surpresa, parece estar vazio. Estão todos dançando do lado de dentro, felizes e acompanhados. Ninguém vai perceber se a Gatinha Roxy desaparecer por alguns minutos para chorar. Não olho para ninguém que cruza meu caminho enquanto sigo até as portas.

Assim que dou um passo para fora e respiro um pouco do ar fresco da noite, me sinto melhor.

O salão fica no terceiro andar, com vista para o East River e o horizonte de Manhattan ao fundo.

Caminho até um canto escuro da balaustrada e fico de frente para o rio, deixando minha criança interior chorona fazer o que precisa.

Detesto casamentos.

Solto um suspiro profundo e inclino a cabeça para trás, fechando bem os olhos.

— Está chorando?

Me viro, secando a lágrima no cantinho do olho com a ponta do dedo.

Keaton "Filho da Mãe" Bridges.

— Você me seguiu até aqui?

— Cheguei primeiro. Você que não me viu.

Suas mãos estão nos bolsos. Não conheço mais ninguém que possa parecer tão casual usando um terno tão caro, como se tivesse nascido dentro dele.

— *Você* estava chorando?

— Eu estava processando as emoções de um jeito bem elegante e masculino, em particular. Ou, pelo menos, foi o que pensei.

— Bom, não quero atrapalhar seu *processamento* de emoções. Finja que não estou aqui.

— Acho que isso vai ser impossível, Roxy Carter. — Ele inclina a cabeça para o lado e me observa. Não está rindo ou sorrindo. Nem analisando meu corpo ou flertando. Está apenas... me observando.

Não consigo lidar com isso.

Talvez, se eu estivesse usando minhas roupas comuns de Gatinha Roxy, conseguiria. Mas não essa noite. Não neste belo vestido cor lavanda

de alcinha que eu só usaria pela minha melhor amiga. Não com o cabelo preso e o pescoço exposto.

Na verdade, me sinto totalmente exposta agora.

Semicerro os olhos para ele.

— Vá se ferrar, Bridges.

E agora ele está sorrindo. E tem aquela covinha. A mesma que o permitiu agir como um riquinho imaturo e babaca sem precisar lidar com as consequências de seus atos por tanto tempo.

— Você não sabe aceitar um elogio?

— *Essa* era a sua intenção?

Ele se vira e observa a vista, voltando sua atenção para o Upper East Side, bairro onde cresceu.

— Gostei do seu discurso. Foi fofo. Você é uma boa amiga — ele diz sem olhar para mim.

— Obrigada pelo *feedback*.

Eu o ouço soltar o ar pelo nariz. Está rindo baixinho de mim. Tudo bem, não vou ficar na defensiva.

— Também gostei do seu. Foi bem... *nada a ver com você*.

— Obrigado. Acho.

Olhamos para dentro quando ouvimos a risada animada e estridente de Aimee. Ela e Chase estão dançando, e ele acabou de incliná-la com bastante cuidado. Esses dois. São tão fofos.

— Eu amo muito esses dois — Keaton diz enquanto os observamos. Uma afirmação. E não foi nada melosa.

— É. Eu também.

— Nem acredito que vou ser padrinho da criança.

Viro a cabeça de repente.

— Eles te disseram que querem você como padrinho?

Ele sorri.

— Não. Só estou supondo. Tenho certeza de que vão te pedir para ser a madrinha.

— Porra, é bom que me chamem mesmo.

— Não tenho a menor dúvida de que você vai ser a melhor madrinha do mundo.

— Porra, pode ter certeza disso.

Merda, preciso parar de falar tanto palavrão.

— Eu tenho.

Eu tenho. Estas duas palavrinhas me deixam toda boba. Em um casamento. Mesmo que seja Keaton Bridges quem as está dizendo.

De repente, me dou conta de que, lá dentro, há muito amor e luz, muitos familiares, amigos e colegas de trabalho de Chase e Aimee, e somos só Keaton e eu aqui. Do lado de fora, olhando para dentro. Todos em nosso círculo de amigos estão casados, exceto nós dois. Chase e Aimee. Matt e Bernadette. Vince e Nina. Por um segundo, tenho a sensação de que as coisas serão assim a partir de agora. Não ele e eu juntos, mas... ele. E eu. Separados. Deles.

Sinto um calafrio só de pensar nisso.

— Está com frio? — ele questiona.

É uma pergunta ridícula, mesmo que seja só por educação. É uma noite quente e úmida de verão. Mas ele me olha como se soubesse exatamente o que estou pensando. Seus olhos castanhos são um misto de felicidade e tristeza e isso acaba comigo.

— Estou bem — sussurro.

— Tem certeza?

Sinto sua mão tocar minhas costas bem de leve, o que me faz estremecer de um jeito completamente diferente.

— Tenho. — Dou um passo para longe e me viro para olhar a vista de novo. — Queria que a sua ex estivesse aqui hoje?

— Acho que sim. — Ele também se vira para olhar o horizonte. — Na verdade, queria que ela *desejasse* estar aqui... Você sabe como é.

Assinto.

— Sim. Sinto muito. — Por incrível que pareça, sinto mesmo. Eu gostava da Tamara. Aimee e Chase também. É nítido que Keaton a amava. Aimee disse que ele ficou arrasado quando ela decidiu se mudar para Los Angeles sozinha. Keaton teria se mudado com ela, mas Tamara não quis e terminou o namoro. E ele ficou com o coração partido. É provável que ainda esteja.

— Está saindo com alguém?

Dou de ombros.

— Ninguém especial. E você?

Ele balança a cabeça.

— Ninguém também.

Silêncio. Ouço a música vindo de dentro do salão e o barulho do tráfego e das pessoas na rua. Mas tudo parece silencioso quando, de

repente, sinto que ele está me olhando.

Pigarreio.

— Você devia voltar para lá e falar com a prima da Aimee. Ela passou a noite toda te paquerando.

— Ah, é? Não reparei.

Dou uma olhada rápida para ele, que não desvia o olhar. Não é que eu não me sinta confortável com alguém me olhando. Ou encarando. Com os seios e a boca que tenho, estou acostumada com a atenção. Mas não estou habituada com Keaton me olhando ou encarando. Ele não está olhando para meus seios, nem reagindo à alguma piada que acabei de fazer. Só está me olhando. E, com certeza, não me sinto nada confortável com isso.

De um jeito bom.

De um jeito que me faz ficar arrepiada.

Porque ele é tão lindo e está sendo tão fofo...

Dois pensamentos que nunca me ocorreram em relação a Keaton Bridges.

Mas ele está com uma energia diferente hoje... Muito...

E isso tudo parece tão...

É a porcaria de música do Chainsmokers que começou a tocar. É essa linda noite de verão. É todo o champanhe que tomei. E todas aquelas pessoas maravilhosas lá dentro. O terno feito sob medida com a gravata prateada. As luzes de fada por todo o lugar, fazendo tudo parecer tão romântico. Isso tudo... está bagunçando minha cabeça. Ou meu coração. Ou meus ovários.

— Não me leve a mal — ele diz, olhando para o horizonte de novo —, mas você está linda hoje. Eu só... queria que você soubesse.

Resisto à vontade de zombar dele ou mandá-lo se foder, então uma coisa estranhíssima acontece. Aceito o elogio, em vez de presumir que ele só está dizendo isso porque quer transar comigo. Porque ele não quer. É do Keaton que estamos falando. E ele está me olhando com aqueles olhos castanhos tristes, como se... como se só quisesse me dizer que estou linda esta noite. Que ele reparou em mim.

— Obrigada — falo quase sussurrando.

Ele assente.

— De nada. — Keaton volta a olhar para o rio e suspira, como se finalmente tivesse dito o que queria dizer e estivesse leve.

Mas agora, quero que ele continue falando.

Ou quero que ele...

O quê?

Me faça sentir menos excluída?

Continue a fazer com que eu me sinta bonita?

E como se tivesse lido meus pensamentos, ele se vira, dá um passo na minha direção e me puxa para si com uma das mãos e colocando a outra debaixo do meu queixo para erguê-lo enquanto me beija. Tudo acontece tão rápido que não consigo fazer nada além de segurar seu rosto e retribuir. Não consigo fazer nada, a não ser agarrar a lapela de seu paletó e responder aos seus lábios, à sua língua, às suas mãos, aos seus gemidos suaves e à nossa respiração acelerando. Não consigo ignorar o que está acontecendo entre minhas pernas e muito menos o que está pressionando minha coxa.

Eu nunca teria adivinhado que esse cara beija bem e... *caramba*!

Mas sei o que tudo isso significa.

Esse beijo é uma conversa silenciosa entre duas pessoas que não são exatamente amigas. É uma conversa sobre solidão e confusão enquanto tentam se agarrar a algo que era muito bom e que agora está mudando. E estamos felizes e tristes ao mesmo tempo, porque... E se nunca conseguirmos ter o que nossos amigos têm?

O beijo é contido e urgente, reconfortante e alarmante, e abala as profundezas do meu ser.

Quando seus lábios encontram o ponto certo no meu pescoço, logo abaixo da orelha, gemo e minhas pernas ficam moles.

Meus joelhos perdem toda a habilidade de sustentar o resto do meu corpo.

Keaton me puxa para mais perto e me ergue, sem parar seu ataque gentil ao meu pescoço.

Não é um amasso entre duas pessoas bêbadas que só querem curtir um tempo juntos.

Isso está nos levando a um lugar onde nenhum de nós deveria ir juntos. Nunca.

Empurro seu peitoral firme e me afasto.

Ele emite um som gutural, com os olhos semicerrados, mas respeita minha decisão.

Limpo o *gloss* do meu queixo e do dele, observando-o enquanto desaceleramos nossa respiração, nos endireitamos e nos lembramos de onde estamos, de quem somos e do que não somos um para o outro.

Até onde sei, ele poderia estar pensando na ex-namorada enquanto me beijava.

— Vou entrar primeiro, está bem? — digo. — Espere aqui fora alguns minutos.

Ele concorda. O cabelo castanho, que graças a um corte de duzentos dólares e vários produtos sempre está despenteado, agora está realmente bagunçado. Eu não deveria tocá-lo de novo, mas preciso passar os dedos ali para deixá-lo mais apresentável.

Ele envolve os longos dedos ao redor do meu pulso e pressiona os lábios na palma da minha mão. Seus olhos estão menos turvos agora, mas me fazem uma pergunta.

Deveríamos?

Quero rir, porque é claro que não. Não podemos. Ele é um garoto riquinho. E eu sempre vou ser a filha de um mecânico. As coisas já estão muito diferentes entre nós e nossos melhores amigos. Se dormirmos juntos, mesmo que só uma vez, só vai servir para mudar as coisas ainda mais.

Ele sabe disso. Não é ele que está fazendo a pergunta, mas sim seu tesão. Não sou idiota. Sei como ereções funcionam. Como casamentos funcionam. E como eu funciono.

Liberto minha mão de seu aperto macio, toco sua bochecha e balanço a cabeça.

— A gente se vê por aí, Bridges.

Me afasto dele, do ar da noite de verão, das luzes brancas que pairam sobre nós, do beijo mais surpreendente da minha vida e do cara que, com certeza, vai me irritar pra cacete da próxima vez que nos encontrarmos.

Pelo menos, assim espero.

Um

Keaton

Festa de Natal de Matt e Bernie
Dias atuais

ROXY "FILHA DA MÃE" CARTER.

É claro que ela chegou antes de mim. Provavelmente, esperava conseguir ir embora antes de eu sequer ter chegado, como fez no ano passado. E como fez em, pelo menos, metade das festas dos nossos amigos nos últimos cinco anos. Ela tentou me convencer de que deveríamos nos dividir em turnos no hospital quando Aimee foi ter o bebê, alegando que eles não iam precisar de nós dois na mesma hora. Em todos esses anos, tentou convencer Chase e Aimee a fazerem duas festas de aniversário para Finn, uma para cada padrinho. Sempre que nossos amigos se reúnem para um *brunch*, ela se senta no canto oposto da mesa e só fala comigo quando joga alguma piada atrevida para mim a uma distância segura.

Como se eu fosse um maníaco, doido para dormir com ela.

Se toca, loira.

Foi só um beijo.

Há cinco anos.

Foi a porra de um beijo incrível, sexy e confuso entre duas pessoas tomadas pelas emoções no casamento dos melhores amigos.

Supere.

Eu superei.

Não esqueci, mas superei.

Estive ocupado trabalhando pra caramba, fazendo investimentos, ganhando milhões e viajando pelo mundo. Confesso que, ultimamente, há muito mais negócios do que prazeres na minha vida, o que, de alguma maneira, faz com que o tempo passe mais rápido. Não vou negar que nos momentos em que estou sozinho em um quarto de hotel em Tóquio, Sydney ou Londres e não consigo dormir, volto para aquele dia no terraço em Greenpoint. Para como suas mãos agarraram meu paletó, como seus seios

pressionaram meu peitoral e como ela mordiscou meu lábio inferior e gemeu bem baixinho.

Mas como esse beijo não nos levou a lugar nenhum, é fácil para minha mente preencher as lacunas. Eu gosto das lacunas, porque são elas que tornam a memória tão vívida. Pelo menos, para mim.

É óbvio que abalei o mundo da Gatinha Roxy, e a única forma que ela encontrou para manter o equilíbrio é me evitar. Assim, aquilo não vai acontecer de novo.

Aquilo não vai acontecer de novo.

É algo que não vai se repetir.

Foi o casamento. O champanhe. Os discursos e o abraço coletivo. Foram as luzes de fada e a noite de verão. Foi saber que as coisas estavam mudando e que, talvez, não estivéssemos prontos para o que nossos amigos estavam vivendo. Quer quiséssemos ou não.

E, sim, com certeza também foi o corpo dela, que estava gostoso pra caramba naquele vestidinho delicado e como seu cabelo estava preso, deixando o pescoço exposto. Também teve a ver com ela ter retribuído o beijo, parecendo ser a única coisa que importava. Como se aquilo pudesse fazer o tempo parar. E realmente o fez. Por um minuto.

Mas se ela precisa acreditar que ainda sou o idiota riquinho de quando me conheceu, por mim, tudo bem. Não me importo que Roxy queira que eu tenha um papel tão pequeno em sua vida.

É você quem está perdendo, querida.

Hoje à noite, tudo o que me importa é ver meus amigos e seus filhos. Faz muito tempo que não os vejo. Esse ano, Chase e Aimee passaram o Dia de Ação de Graças em Ann Arbor. Matt e Bernie foram para Vermont. Vince e Nina estavam em Indiana. Normalmente, as tardes e os fins de semana são preenchidos levando as crianças de um lado para outros entre as atividades. Todos eles têm filhos da mesma idade, que frequentam a pré-escola no mesmo lugar, então se veem o tempo todo. Eu tenho os amigos do trabalho e os colegas da época da escola. Não é como se eu não tivesse nada para fazer. Mas é diferente. Essas pessoas, bem aqui, são as pessoas com quem quero estar.

— E aí, cara? — A voz de Matt McGovern me assusta tanto que dou um pulo. — Para quem você está olhando? — Ele se vira e segue meu olhar.

— Para ninguém — murmuro. — Aquele cara.

— O cara bem ao lado da Roxy? O Tommy?

— Sim, gostei do suéter dele.

Ele volta a olhar para Tommy, que está usando um suéter verde-chamativo com a estampa de um elfo extravagante. Então olha para Roxy, que está com um vestido de cashmere surpreendentemente elegante que abraça cada uma de suas curvas exuberantes, mas irritantes. Depois, franze o cenho para mim. Se ele não fosse um ótimo amigo, daria um soco na cara dele por ser tão bonito.

— Sei — ele diz. — Deixa eu te ajudar com isso. — Ele pega uma das sacolas que estou segurando.

Trouxe duas sacolas bem grandes cheias de presentes para as crianças.

— Estou vendo que a sua assistente andou ocupada.

— Pois fique sabendo que eu mesmo comprei tudo. Pela internet. Com a ajuda da Aimee. — Agora que tenho uma mão livre, eu o puxo para um meio abraço. — É bom te ver, cara. Feliz Natal.

— Seja bem-vindo. A turma toda está aqui. Vamos colocar os presentes debaixo da árvore, pode ser?

Eu o sigo enquanto analiso a sala, bem como tive a pretensão de fazer antes de avistar Roxy "Filha da Mãe" Carter. Todos os nossos amigos estão lá, juntamente com outras trinta pessoas. Há uma árvore de Natal grande no canto da sala de estar, muito bem decorada do meio para cima, mas coberta por uma confusão de enfeites artesanais na parte debaixo, onde as crianças alcançam os galhos. Quando vejo um zumbi de argila com chapéu de Papai Noel pendurado, sei que foi Finn McKay que o fez e abro um sorriso.

— As crianças estão na sala assistindo a um filme. E provavelmente destruindo coisas. Quer beber algo? A Bernie fez vinho quente e *eggnog*, mas o bar está completo, como sempre. Vince está aceitando pedidos para coquetéis.

— Vou experimentar o vinho quente.

Matt levanta as sobrancelhas, balançando a cabeça de forma quase imperceptível. Um aviso sutil que lhe custaria um soco no braço se a esposa o pegasse no flagra.

— Aceito qualquer coisa que o Vince queira preparar para mim.

— Ótima ideia.

Ouço um rosnado vindo do chão e noto a pequena Boston Terrier que está enrolada em sua caminha, olhando ansiosamente para mim com o rabo abanando.

— Oi, Daisy — falo com a voz um pouco mais aguda do que pretendia. — Ei, garota. Faz tempo que não te vejo. — Me abaixo para acariciar sua cabeça. — Ela está ótima! Está com o que, doze anos?

— Quase treze — Matt diz, e sua voz falha um pouco. — Ela está um pouco mais lenta, mas saudável. Me deixe guardar seu casaco e pegar algo para você beber.

Entrego o casaco a ele e continuo acariciando Daisy pelo tempo que ela permite. Poder demonstrar afeto a um cachorro sempre que eu quero é um luxo que não tenho. Há alguns anos, depois de uma série de encontros ruins com mulheres que não tinham nada a ver comigo, decidi ter um cachorro.

Isso soou estranho.

Quer dizer, imaginei que se o Matt praticamente conheceu e se casou com o amor da vida dele porque ela se apaixonou à primeira vista pela Daisy, talvez eu tivesse mais sorte para encontrar o tipo certo de mulher se eu tivesse o tipo certo de cachorro.

Então, adotei um.

Do tipo errado.

Adotei um cachorro fofinho.

Tirei a sorte grande com um lindo Labradoodle caramelo que foi resgatado.

Fui até a Philadelphia para buscá-lo.

Dei a ele o nome de Jackpot, que significa “sorte grande” em inglês.

Ele tem o próprio quarto.

E as melhores caminhas em todos os cômodos da casa.

Seu passeador é o mais bem recomendado de todo o Brooklyn.

Ele vai ao melhor tosador, tem a melhor comida e brinquedos para morder.

E ele me odeia pra caramba.

Sem dúvida, é o pior amigo de todos os tempos.

Sempre que uma mulher bonita se aproxima e pergunta se pode fazer carinho nele, Jackpot late, e tenho certeza de que está implorando para que o resgatarem, porque ele sempre tenta correr atrás delas quando se afastam apressadas.

Toda vez que o levo a um parque para cães, ele tenta ir para casa com outra pessoa.

É humilhante.

Mas eu o amo mesmo assim.

E ainda estou determinado a fazer com que ele me ame.

Um pouco de ódio nunca me impediu de fazer com que alguém acabasse gostando de mim.

E por falar em amor e ódio... o garotinho que eu amo está arrastando a mulher que está determinada a me odiar até onde estou, perto de Daisy e da árvore de Natal.

— Tio Keat! — Finn grita assim que me vê. Ele solta a mão de Roxy e vem correndo me atacar. Não acredito que possa amar mais essa criança quanto agora que o estou abraçando e sorrindo para Roxy. Ela está com as mãos na cintura e fazendo cara feia. Não a culpo, afinal, é óbvio que nosso afilhado gosta mais de mim do que dela. Isso deve doer.

— Como você está, amiguinho? Faz tempo que não te vejo.

Mesmo que estejam bem na minha linha de visão, não ouso olhar para as botas de cano alto pretas de Roxy. Também não encaro suas coxas torneadas naquelas meias pretas transparentes que espreitam entre as botas e a bainha do vestido.

— A Roxy vai me mostrar qual é o presente que ela trouxe para mim. Você também me trouxe um?

— Você acha que eu me esqueceria? Trouxe três presentes.

— *É sério?*

— Claro que sim. — Eu me levanto e sorrio para Roxy.

— Onde estão? Posso ver? — Ele junta as duas mãos.

— Certo, mas você vai ter que esperar até seus pais te darem permissão para abrir, combinado?

— Sim, sim.

Tiro três caixas de presente perfeitamente embrulhadas de uma das sacolas de compras para que o garoto possa inspecioná-los e sacudi-los. Ele parece muito feliz. E Roxy, muito preocupada.

Se um dia esse garoto fugir de casa, com certeza serei a primeira pessoa que ele vai procurar.

— Hummm — ele diz. — Acho que sei o que é esse aqui.

— Aposto que não.

Ele deixa a caixa no chão e se vira para Roxy.

— Onde está o seu?

Aquela porcaria de música do Wham, chamada *Last Christmas*, começa a tocar e eu estremeço. Tamara adorava essa música e a escutava

sem parar, do Dia de Ação de Graças até o Ano-Novo. Não costumo pensar nisso, mas ela me manda cartões virtuais todo Natal, algo que me assombra por semanas. Principalmente porque nunca dizem nada além de *Feliz Natal*. É como se ela quisesse se certificar de que não vou esquecê-la, mesmo não tendo nenhuma intenção de manter contato ou de voltar a me ver.

Houve um tempo em que eu teria respondido à indiferença dela saindo e namorando com o máximo de modelos e socialites possível.

Mas acho que chega um momento na vida em que conseguir *uma* garota não é tão importante quanto encontrar *a* garota que você realmente quer conhecer e amar.

Uau, que frase clichê.

Mas assim como várias outras coisas que raramente digo em voz alta, – é verdade.

Vá se foder, Wham.

Finn exclama *Siiim!* e me traz de volta para a sala e para a cara fechada de Roxy.

— Eu sei o que é esse! — ele grita e pula.

— Talvez você saiba, talvez não — ela fala, um pouco tímida.

— Eu sei o que é, eu sei o que é, eu sei o que é. — ele cantarola ao mesmo tempo em que deixa a caixa no chão e sai pulando para outro cômodo.

Roxy e eu somos deixados ali para colocar os presentes debaixo da árvore outra vez.

— Pode deixar — falo quando ela se agacha ao meu lado. Mas seria um milagre se ela me ouvisse pelo menos uma vez na vida.

— Está tudo bem? — Ela parece preocupada de verdade, e mal reconheço sua voz.

— Sim, por quê?

— Sua expressão mudou de repente.

Balanço a cabeça. Não preciso dar a ela uma resposta verdadeira.

— Vai a algum lugar depois daqui?

— Para outra festa de Natal? Sim, por quê?

Dou de ombros enquanto nos levantamos.

— Curiosidade. Você não está exatamente vestida para uma festa entre amigos e familiares.

— Não estou? — Ela volta a apoiar as mãos naquela cintura sexy. Em todos esses anos em que nos conhecemos, só consigo me lembrar de uma

vez que ela não tenha assumido essa postura comigo. Mas não posso pensar nisso agora. — E qual seria, na sua opinião, o traje adequado para uma mulher solteira ir a uma festa de Natal entre amigos e familiares? — Ela continua.

Mas é claro. Ela não pode simplesmente deixar isso para lá, não é?

— Um suéter volumoso com uma rena e calças de veludo cotelê seriam mais do seu agrado?

— Esqueça o que eu disse.

— Ah, mas como eu poderia esquecer? Tudo o que você diz é tão perfeito e memorável.

— Vocês estão brigando de novo?

Percebemos que Finn está de volta, fazendo uma careta para nós.

— Não! — dizemos ao mesmo tempo, rápido e um tanto alto demais.

— Nós não brigamos — ela diz. — Só não nos damos bem. Mas está tudo certo, porque não tem nada a ver com você. Ainda somos seus padrinhos. Vamos ver o que as crianças estão fazendo. — Ela o pega pela mão e o leva até o cômodo onde as crianças estão. Conto até três em silêncio, e ela se vira para me lançar um olhar insolente de reprovação antes de desaparecer.

Ali está.

Aquela pequena abertura.

Por mais que ela tente, não consegue esconder que se importa, mesmo que seja só um pouco.

Um cara bonito e uma mulher encantadora se aproximam de mim, bloqueando minha visão da falastrona atrevida na outra sala. Vince e Nina. O casal perfeito número três em nosso círculo de amigos. Vince está segurando um copo de martini com um doce em forma de bengala pendurado na borda. Ele foi bartender antes de se tornar um magnata do mercado imobiliário, então é sempre o cara que prepara coquetéis em festas. E toda vez que o deixo escolher uma bebida para mim, ele vem com alguma coisa que sabe que vou detestar, mas que vou beber de qualquer maneira.

— Feliz Natal, cara — ele diz, me entregando o copo de martini e batendo nas minhas costas. — Quanto tempo.

— Oi, bonitão — Nina fala, se inclinando para me beijar.

— Olá, querida. — Sempre tomo cuidado para não ser amigável demais com Nina, porque não tenho dúvida de que Vince quebraria minha mão se achasse que eu estava tocando sua esposa de forma inadequada.

Jesus, o que um cara tem que fazer para conseguir que uma professora bonita e legal como Nina se apaixone por ele? Olho para Vince. Ser um ex-*bad boy* bonitão, com uma tatuagem de dragão e um emprego fixo?

— O que está me fazendo beber desta vez? — Olho para o líquido cremoso cor-de-rosa claro e dou uma cheirada. Tem um aroma mentolado.

— Elfo bêbado! — o idiota diz, um pouco ansioso demais para me ver tomar o primeiro gole. — Rum, *pink lemonade* e bengala doce. Uma bebida de homem. Saúde!

Experimento. Até que é bom – para uma bebida de Natal feita para garotas e que foi preparada por um idiota.

— É gostoso. Obrigado.

Ele ri e balança a cabeça.

— Você odiou. Não precisa beber.

— Nada disso. Vou beber, sim.

Nina acaricia meu braço.

— Que educado. Ei, está saindo com alguém? Se estiver, você podia...

Vince a fuzila com os olhos.

— Ah, *caçamba*! — Ela cobre a boca com as duas mãos. Que fofa. Ela dá aulas para crianças, então não fala palavrões. — Esqueci que estão lotados. Esquece.

— Quem está lotado? — pergunto.

— Hummm. — Ela arregala os olhos para Vince. — É um...

— É um resort só para casais. Em Antígua.

— E o que tem esse resort? — pergunto.

— O Chase não te contou? — Vince olha ao redor à procura de Chase.

— Contou o quê?

— Ah, aconteceu de repente, tem...

— Tem cerca de dois dias, nem isso. — Nina termina a frase dele, do jeito que casais costumam fazer.

E posso ver pela expressão no rosto de Vince que ele está prestes a arrancar um curativo com o que tem para dizer, daquele jeito que só amigos homens fazem.

— Reservamos um resort só para casais em Antígua. Perto do Dia dos Namorados.

— Ah, legal. Só vocês dois?

— Nós seis — ele diz. — Chase, Aimee, Matt e a Bernie também.

Tenho a sensação de estar afundando.

Me sinto como se tivesse oito anos e acabei de descobrir que sou a única criança que não foi convidada para a festa de aniversário do Jonah Kline.

Mas eu não fui o único a não ser convidado para este festival de amor só para casais. Olho para o outro lado da sala, onde Roxy está de pé e bastante desconfortável conversando com um dos amigos de Matt. Lloyd, acho que é o nome dele. Eu me pergunto se ela sabe dessa traição chocante.

Vince me dá tapinhas nas costas.

— Não é nada pessoal, cara. É só uma daquelas coisas impulsivas que, de repente, se transformou em um retiro para casais. Se você não fosse solteiro, iria conosco.

— Claro — concordo. — Não tem problema. Fico feliz por vocês tirarem férias. De qualquer forma, é provável que eu esteja viajando a trabalho.

— Bem... desde que não fique sozinho no Dia dos Namorados — Nina diz, acariciando meu braço de novo. Sentindo pena de mim.

Quando foi que virei o cara pelo qual os outros sentem pena?

Porque, quer dizer, eu? Eu sinto pena de Lloyd. Tentando puxar assunto com aquela encrenqueira. Ou ela vai arrancar a cabeça dele ou vai comê-lo vivo. Acho melhor ir até lá salvá-lo.

— Depois a gente se fala. Obrigado mais uma vez pelo drinque — digo, erguendo a taça para eles e sigo em direção a Lloyd e Roxy. Aceno com a cabeça para Chase, que me cumprimenta da sala onde estão as crianças. *Judas*.

Coloco a taça de martini em um porta-copo. Que se dane essa bebida.

— Oooiii, Lloyd. Bom te ver. — Seguro sua mão no momento em que ele vai tocar o braço de Roxy e lhe dou um aperto de mão firme.

— Ah, ei, oi. — Ele pisca, ajeitando os óculos.

— Keaton. Nos conhecemos no ano passado.

— Eu me lembro, sim. Oi.

— Ei, feliz Natal.

— Para você também.

— E para você. — Dou uma piscadela para Roxy.

— E para você. Tem alguma coisa no seu olho?

— Não, eu estava piscando para você.

— Por quê?

— Porque sou um cara legal e divertido.

— Não é, não.

— Você conhece a Roxy? Keaton, essa é a Roxy. Roxy, esse é o Keaton.

— A gente se conhece muito bem — falo.

— Temos amigos em comum.

— Certo — Lloyd diz. — É claro que têm. Mas não te vi nas festinhas do Matt e da Bernie nos últimos anos.

— Bem lembrado, Lloyd. — Cruzo os braços. — Por que será, Roxy?

Ela não olha para mim.

— É que eu trabalho muito, Lloyd.

— Entendi. Bem, você estava prestes a me contar sobre seu trabalho...

— Ela estava? — Apoio a mão no ombro de Roxy. — Adoraria ouvir sobre o seu trabalho.

— Não é tão interessante assim, Lloyd. — Ela sorri para mim. — Por que não me fala sobre o *seu* trabalho, Lloyd?

Assim que ele começa a nos contar sobre seu trabalho na empresa de Matt, duas lindas garotinhas se aproximam para agarrar as mãos de Roxy e puxá-la para a sala de estar. Harriet e Joni. Harriet é filha de Matt e Bernie, e Joni é a garotinha de Vince e Nina.

— Oi, garotas — falo.

— Oi, tio Keaton! — Joni grita.

— E aí, Keats? — Harriet diz. Porque é assim que a mãe dela me chama.

— Com licença, Lloyd. — Me afasto dele no meio de uma explicação sobre alguma coisa de engenharia de computação e sigo as meninas até a sala.

Meu suposto melhor amigo, Chase McKay, está sentado em frente a um teclado eletrônico portátil. Provavelmente, o mesmo que usávamos no escritório da SnapLegal nos velhos tempos.

Ele está tocando o começo de *Jingle Bell Rock*, e Joni, Harriet e Roxy estão segurando microfones cor-de-rosa sem fio. Eu me apoio contra o batente da porta e observo as três fazerem o que pode ser uma apresentação ensaiada que deu errado, ou apenas três pessoas se movendo e esbarrando umas nas outras enquanto cantam palavras aleatórias que estão longe de ser a letra da música.

Mas é fofo.

De repente, sinto a mão de alguém acariciando minhas costas.

— E aí, Keats?

— Oi, Bernie!

— Não me chame assim.

Eu a beijo na bochecha.

— Certo. Bela festa.

— Sim. Então você ficou sabendo... da coisa. Sinto muito. É tudo culpa da tia Dolly. E do meu marido. Quer dizer, tudo é culpa dele, é óbvio. Ele é terrível. Mas também é o melhor. É irritante.

— Não tem problema. Fico feliz por vocês descansarem. Vocês merecem. Se precisarem de alguém para cuidar da Daisy enquanto estiverem viajando, podem contar comigo. Se eu estiver na cidade.

— Ahhh, que fofo, obrigada. Mas a Daisy e a Harriet vão ficar com meus pais na fazenda, então...

— Melhor ainda.

Nós dois sabemos que ela nunca deixaria Daisy comigo, porque devo ser um péssimo pai de pet, já que meu próprio cachorro me odeia. Não tem problema.

Eu estou bem.

Está tudo bem.

Feliz porra de Natal para mim.

Dois

Roxy

FINALMENTE TENHO UM MOMENTO a sós com Aimee na cozinha, e estou tão feliz em falar com ela que é quase vergonhoso.

Colocamos a conversa em dia sem perder tempo, e ela nos serve mais vinho branco.

— Tudo certo no trabalho? — ela pergunta.

— Sim, está a mesma coisa de sempre. Você e o Chase ainda vão expandir?

— Um passo de cada vez, mas vamos, sim. Você ainda está lidando com aquele problema do funcionário?

— Estou resolvendo, mas ainda é um problema.

— Como está o apartamento?

— Estive redecorando. Você tem que ver. Está bem elegante e aconchegante.

— Quero fotos. Aliás, adorei seu vestido. Você está linda. Está saindo com alguém?

E aí está. A pergunta que passei a temer. Tomo um gole demorado de vinho. Ninguém quer ouvir como as festas de fim de ano te fazem se sentir ainda mais solitária. Meus amigos casados só querem saber da minha vida sexual e de como o mundo do namoro é terrível para que possam *tanto* me invejar por ter transado *quanto* se sentirem bem com o fato de não precisarem mais lidar com toda porcaria que vem junto.

Bem, me diverti bastante com muitos caras e fiz horas de sexo gostoso ao longo dos anos. Eu me diverti. Me diverti muito.

Mas acho que chegamos a um certo ponto da vida em que isso perde a graça.

O que não contei a ninguém, nem mesmo a Aimee, é que há quase um ano, tomei uma decisão. Prometi a mim mesma que pararia de transar com caras que não poderiam ser bons pais. Não que eu esteja tentando engravidar. Não estou. Não é meu objetivo ser mãe solo nem nada do tipo. Mas vou fazer trinta e cinco anos em breve. Se eu engravidar por um

descuido, provavelmente vou querer ter o bebê. E quero, ao menos, que o pai se envolva de alguma forma.

E é surpreendente como poucos dos homens com quem saí eram de fato pessoas com quem eu poderia me imaginar criando um filho. Aos vinte e poucos anos, descobri que quanto mais dinheiro um homem ganha, menos capaz ele é de me proporcionar orgasmos, então a maioria dos caras com quem saí era muito bom de cama e muito ruim em manter uma carreira ou uma conta bancária no positivo. A trincheira se fechou, então a Gatinha Roxy não tem nada a relatar na frente de batalha com homens.

— Na verdade, não — respondo. — Ninguém sério.

Ela resmunga.

— Queria conhecer alguém que pudéssemos te apresentar. Sempre pergunto ao Chase, mas ele é protetor demais com você. É como se ninguém fosse bom o bastante.

— Bem, acho que isso é fofo. E provavelmente verdade. — *Além de ser hilário vocês não acharem que o Keaton é bom o suficiente para mim.*

Aimee termina a taça de vinho. Que rápido.

— Você tem algum plano para férias ou algo do tipo?

— Não. Você tem?

— Mais ou menos. Sim. — Ela vai até a pia – para lavar a taça de vinho ou, talvez, só para ficar de costas para mim. — Apareceu algo para fevereiro.

— Parece uma ótima época para sair de Nova York.

— Exato. Achamos que seria um bom momento para visitar uma ilha. Nenhum de nós saiu de férias sem as crianças, e estamos planejando tentar de novo.

— Ah, você vai sem o Finn? Quer que eu fique com ele?

Ela ri.

— Não! Quer dizer, obrigada. Mas ele vai ficar com os pais do Chase.

— Certo. Espere. Vocês vão ter outro filho?

— Sim. Estamos planejando tentar de novo. A Bernadette e a Nina também.

— Ah, assim as crianças terão a mesma idade. Muito fofo.

— Enfim, a tia do Matt visitou este resort só para casais em Antígua algumas vezes, e sempre falou bem do lugar. Ela viaja muito, sabe? E tem um gosto impecável. Então o Matt ligou para o resort e perguntou sobre as reservas. Descobrimos que eles só tinham três chalés disponíveis para a

semana do Dia dos Namorados. Então ele os reservou. Para nós seis. Você está chateada?

O queeê?

— Não estou chateada. — *Estou feliz pra caramba que vocês vão ficar todos juntos, tomando sol no dia mais idiota do ano, e é bem provável que eu tenha que me virar sozinha no meio de uma tempestade de gelo.*

Os ombros dela caem.

— Me sinto culpada.

— Pode parar. Vou ficar bem. Tenho certeza de que terei várias festas para ir.

Nina e Bernadette escolhem esse momento para entrar. É quase como se estivessem esperando e ouvindo do lado de fora até Aimee dar a notícia das férias incríveis só para casais para a triste solteirona. Ainda lembro dos dias em que Aimee era a solteira e eu, a sabichona mais experiente que lhe dava ótimos conselhos e a tirava da zona de conforto. Agora, sou a criança-problema. Bem, sou uma das duas no grupo.

— Então o Keaton também não vai?

— Não. Ele não está namorando sério.

— Ah.

— Pelo que sabemos. — Ela olha para Bernadette e Nina para confirmar. — Não é?

Bernadette balança a cabeça com veemência.

— Com certeza, não.

— Que bom.

Aimee arqueia uma das sobrancelhas para mim.

— Quer dizer, que bom, estou feliz por não ser a única perdedora filha da *fruta* que não foi convidada. — Nina me ensinou a falar palavrões de mentira. É mais ou menos satisfatório. Assim como *não* transar com caras gostosos com quem não quero ter filhos.

Aimee aperta meu braço.

— Querida, não é que você não tenha sido convidada. É um resort para casais e está lotado.

— Sim, sim. É claro. Eu não sabia que existia resorts só para casais.

— É só para casais e só para adultos. Você sabe como é, voltado para pessoas em lua de mel ou que estejam comemorando aniversários de casamento — Bernadette explica. — Pessoas chatas.

— Sei. Assim não precisam lidar com crianças barulhentas e adultos solteiros que ficam bêbados e tentam roubar seus cônjuges. Parece uma boa.

— Você está chateada — Nina comenta. — Não te culpo. Quer saber? Deveríamos fazer uma noite só para as garotas antes de irmos.

— Ah, meu Deus, sim! — Aimee bate palmas da mesma forma que seu filho quando fica animado. — Vamos ao cinema e sair para beber!

— Ou podemos expulsar as crianças e os homens e ficarmos *em casa* vendo filmes e bebendo! — Bernadette sugere.

— Topo qualquer uma das duas opções — falo. — Mas tenho que ir. Tenho outra festa agora. Amo vocês.

Aimee me puxa para um abraço.

— Você vem à nossa festa de Ano-Novo, não é?

— Sim! Com certeza. Tenho algumas festas à noite, mas vou dar uma passada na sua primeiro. Antes das crianças irem para a cama.

— Me ligue depois — ela pede. — Me mande uma mensagem quando chegar em casa.

— Eu te aviso sobre a noite das garotas — Nina me garante. — Vai acontecer de verdade dessa vez.

— Vou te levar até a porta. — Bernadette esfrega minhas costas. — Aaah, isso é tão macio. Acho que comprei um vestido desses na internet há alguns meses, mas nunca o usei.

Aceno para as crianças e sinalizo que estou indo embora, mas acho que estão tão chateadas com a minha partida que estão em negação. Ou talvez se importem mais com o Mario Kart. Não sei.

— Como você vai para a próxima festa?

— Vou pegar um táxi.

— Posso pedir para o meu motorista te deixar lá.

Não tenho ideia de há quanto tempo Keaton está atrás de nós, mas está. E nem disfarça o fato de que estava encarando minha bunda.

— Não precisa.

— Você veio de casaco, não veio? — Bernadette pergunta antes de sair correndo para o quarto.

— Sim, por favor, desapareça e me deixe sozinha com *esse* cara!

Keaton está sorrindo para mim.

— Não estamos exatamente sozinhos. Talvez seja só como você se sente.

— Está me seguindo de novo?

— Está chorando de novo?

— Por que eu estaria chorando?

— Ficou sabendo da maravilhosa viagem para um resort de casais para a qual não fomos convidados?

— Sim. Por que eu choraria por isso? Não faço parte de um casal. Se você quiser ir, arrume uma garota e reserve um quarto.

— O lugar está lotado a semana toda. Eu verifiquei.

— É sério? Verificou? Você ligou mesmo para o resort para ver se tinha algum quarto vago?

— Coloquei meu nome na lista de espera. Pessoas cancelam reservas o tempo todo. Pessoas terminam relacionamentos o tempo todo. Pelo menos, é o que eu ouvi dizer.

— Por que não leva alguma garota para outro lugar no Dia dos Namorados?

— Talvez eu faça isso.

— Fantástico. Dê meus sentimentos para a pobre coitada.

— Bem, ainda não tenho uma garota específica em mente, então que tal eu dar os seus sentimentos para cada mulher que eu conhecer de agora em diante?

— Acho que isso também funciona.

— E você? Não tem nenhuma vítima especial para a excursão da semana do Dia dos Namorados?

Não tenho que responder a isso. Então abaixo a voz e digo:

— Aliás, obrigada por estragar minha chance com o Lloyd. — Olho ao redor da sala. Não o vejo em lugar algum. — Ele era legal.

— Concordo. Por isso achei que você não estava interessada.

— Eu não estava.

— Então, de nada.

— Eu não pedi sua ajuda. Sou perfeitamente capaz de estragar tudo sozinha, muito obrigada.

Ele ri. Sempre me surpreende quando Keaton ri. Espero ele soltar uma gargalhada arrogante de vilão de um dos filmes de James Bond, mas seus olhos brilham, e eu odeio isso, porque é confuso, e odeio me sentir confusa.

— Peço desculpas — ele diz. — Acho que subestimei sua capacidade de repeli-lo por conta própria.

Bernadette volta com meu casaco.

— Adorei esse casaco. Acho que também comprei um na internet. Onde será que eu o coloquei?

Eu a abraço.

— Feliz Natal — digo a ela, e só a ela.

Keaton abre a porta para mim.

— Devo chamar meu motorista?

— Se for para mim, não.

— Fala sério, não vou com você. Só vou pedir para ele te deixar lá.

— Ah, meus queridos, vejam quem está parado debaixo do visco! — Uma senhora elegante, na casa dos sessenta anos, está do lado de fora da porta, segurando sacolas de compras cheias de presentes. É a tia do Matt, Dolly.

— Boa noite, Dolores — Keaton diz com sua voz sedutora e ridícula, indo até os degraus da frente para ajudá-la com as sacolas. — Feliz Natal.

— Sr. Keaton Bridges, você está muito bonito, como sempre. Oi, Roxy, minha querida gatinha — ela diz.

— É bom te ver, Dolly. — Eu me afasto. — Entre. Já estava de saída.

— Vou entrar assim que vocês dois, lindos jovens, respeitarem a tradição muito importante de Natal de se beijarem sob o visco.

Olho para o visco que está pendurado acima da porta.

— Bem, não estamos mais debaixo dele, então... — Dou de ombros.

— Não estão porque eu os interrompi. Prossigam. Não deixe uma senhora idosa esperando.

Você está me matando, Dolores.

Keaton volta para dentro e me dá um beijo rápido na bochecha. É um beijinho bobo, mas a sensação de seus lábios em mim novamente me deixa com frio na barriga. Odeio sentir isso. Detesto seu cheiro bom. Esse cara nunca deve ter segurado uma chave inglesa ou uma chave de fenda na vida. Provavelmente, está sempre limpo. Aposto que nem sua na academia.

— Obrigada — falo. É uma coisa tão idiota de se dizer. Acontece que eu não queria não dizer nada e dar a entender que fiquei sem palavras porque ele me beijou na bochecha. Mas não consigo pensar em nada além disso. Como se eu precisasse daquele beijo ou algo assim. Como se ele tivesse acabado de me fazer um favor.

— Foi um prazer — ele diz, sorrindo, e agora deve achar mesmo que me fez um favor.

Imbecil.

Aceno para tia Dolly entrar.

Keaton também dá um beijo rápido na bochecha da senhora, só para mostrar a todos que o que fez comigo não foi grande coisa.

E não foi grande coisa.

Não foi nem uma coisa pequena.

Não foi nada.

— Tenha uma boa noite, Dolores! — Corro escada abaixo antes que ela insista que a tradição do feriado envolve a língua.

***

É claro, não tem nenhum táxi por ali.

Envio uma mensagem para minha amiga do trabalho, avisando que estou a caminho da festa e ando na direção de Fort Greene, mas logo percebo que começa a nevar. Um pequeno floco de neve pousa na minha bochecha, bem onde Keaton me beijou. Passo a mão ali, porque ainda o sinto. O beijo, não o floco de neve.

— Não conseguiu encontrar um táxi?

Me viro e vejo Keaton a alguns passos atrás de mim.

— Meu Deus! Não assuste as pessoas assim.

— Tenho certeza de que isso não se qualifica como um susto, mas tudo bem. Me deixe ligar para o meu motorista. — Ele não está usando o casaco, e posso ver seu hálito se condensando.

— Onde está seu casaco?

— Lá dentro. Vou voltar.

— Bem, volte agora. Está frio.

— Não até você entrar em um carro.

— Em algum momento, vou encontrar um táxi. Não se preocupe.

— Estou ligando para o motorista. Aonde você vai?

Suspiro.

— Fort Greene.

Ele tira o telefone do bolso, tecla algumas vezes e diz:

— Ei, você pode vir buscar minha amiga e deixá-la em Fort Greene? Estamos na Sétima Avenida. Perto da livraria Barnes & Noble. Obrigado. — Então coloca o telefone de volta no bolso. — Ele vai chegar daqui a pouco.

Tenho que cravar as unhas na palma da mão e me forçar a dizer:

— Obrigada. Fico que te devendo uma.

— Sem problema.

— Você não tem que esperar comigo.

— Na verdade, tenho. Senão, meu motorista não vai saber onde parar.

— O seu motorista tem nome? — pergunto, com um tom de acusação.

Keaton respira fundo antes de responder:

— O nome dele é Manny. Ele tem quarenta e sete anos. Faz aniversário dia dez de junho. É casado e tem três filhos. O nome da esposa é Juanita, e dos filhos são Jasmine, Samuel e Lorenzo. Eles moram no Queens. É superfã dos Yankees. Trabalha comigo há sete anos e meio e não me odeia.

— Como você sabe disso?

— O filho mais novo deles se chama Lorenzo Keaton Perez.

Eu rio.

— Eles não fizeram isso.

— Pode perguntar para ele.

— É o que pretendo fazer.

— Vai ver sua família? Você é de Baltimore, certo?

— Sim, de Baltimore. Vou por alguns dias. Você vai ficar por aqui?

— Vou. Vai à festa de Ano-Novo do Chase e da Aimee?

— Vou. E você?

— Não perderia por nada.

— Bem, talvez eu te veja lá, ou não.

Ele cruza os dedos e levanta a mão.

— Ah, meu Deus! Espero te ver lá.

— Vai para mais algum lugar no Ano-Novo?

— Por quê?

— Vai chegar cedo na casa deles, ou vai ficar até a meia-noite, ou...

— Por que não me diz a que horas vai chegar e me pede para chegar depois de você já ter ido embora?

— Porque seria grosseiro.

Ele balança a cabeça, levanta a mão e vai até a rua quando um BMW preto desacelera. Ele abre a porta de trás para mim.

— Certo, obrigada. A gente se vê por aí — falo.

— Não se você puder evitar — ele diz.

Assim que cumprimento Manny e digo para onde vou enquanto coloco o cinto de segurança, Keaton entra, se senta ao meu lado e fecha a porta.

— Vá em frente, Manny. Vou voltar com você.

Franzo a testa para ele.

— É sério mesmo?

— Não está cansada disso?

— Cansada do quê?

— Dessa dinâmica.

— Não. Estou feliz com ela.

Ele esfrega o rosto.

— Está tudo bem entre nós, Roxy?

Meu Deus, fico louca toda vez que ele diz meu nome.

— Com relação ao quê?

— Você sabe. O casamento. O que aconteceu entre a gente.

— O que aconteceu entre nós em um casamento há cinco anos? Você está me perguntando agora, cinco anos depois, se está tudo bem?

— Não nos vimos muito nestes últimos cinco anos.

— Cinco anos são cinco anos.

Ele pisca.

— O que está querendo dizer? Você queria que eu tivesse ligado no dia seguinte ou algo assim?

Eu rio. Não posso evitar. Não é engraçado. Na verdade, é tão sem graça que quero jogá-lo na frente de um ônibus, mas... ele está me perguntando se está tudo bem entre nós. Cinco anos depois. Está me perguntando se deveria ter me ligado. Cinco anos depois.

Ele não parece feliz.

— Você acha isso engraçado?

Não consigo para de rir. Rio tanto que estou até chorando.

— Você acha que sou um babaca por falar nisso agora, mas é você quem tem tentado me evitar esse tempo todo.

— Não estou tentando te evitar. Só não quero te ver. Existe uma diferença sutil, mas importante.

— Você não quer falar comigo sobre o que aconteceu entre nós.

— Não aconteceu nada entre nós. A gente se beijou.

— Aham.

— Quer dizer, foi um beijo bom. Beijos bons acontecem entre as pessoas o tempo todo.

— Aham.

— O que mais temos a falar?

— Você poderia me responder a uma perguntinha apenas. Depois, nunca mais toco no assunto. Prometo.

— Que pergunta?

— Está mesmo chateada comigo por não ter te ligado depois que nos beijamos? Você ficou chateada? Seja sincera.

Estou? Estava? Um pouco? Talvez? Não sei como responder a essa pergunta.

— Ah, meu Deus — ele fala, batendo a palma da mão na testa. — Esse tempo todo você tem me achando um babaca por não ter ligado.

— Te acho um babaca por vários motivos.

— Você já teve um relacionamento sério na vida?

— Por que está me perguntando isso?

— Porque você age como alguém que nunca namorou sério.

— Como você sabe meu jeito de agir? Não nos conhecemos de verdade. Só porque temos amigos em comum...

— Por que é tão importante para você acreditar nisso?

— Não é importante para mim. É verdade!— É? É essa a verdade? Que você e eu não temos nenhum tipo de conexão? Porque somos diferentes? Porque fui um babaca com o meu melhor amigo e com a sua melhor amiga há sete anos por cerca de um mês? Porque outra verdade é que o Chase, a Aimee e eu fizemos as pazes, e me tornei o melhor amigo dela também. Nosso círculo de amigos cresceu e incluiu todo mundo. Todos se casaram e tiveram filhos, exceto por nós dois. E em uma noite de verão, no terraço de um loft em Greenpoint, no casamento dos nossos melhores amigos, nós dois sentimos algo. Pode não ter sido um pelo outro, mas sentimos algo juntos. E nos beijamos. E foi um beijo incrível. Eu gostei, mas não quer dizer que precisa significar algo além disso. Mas aconteceu. Então você se afastou de mim porque não queria que isso se tornasse algo mais, e tudo bem. Mas não está certo você ficar com raiva de mim porque acha que eu deveria ter te ligado, sendo que você deixou bem claro que não queria que aquilo fosse adiante. Pode ficar com raiva se quiser, mas não fique com raiva de mim por isso.

Meus olhos estão ardendo. Não faço a menor ideia do que acabou de acontecer. Em um momento, estávamos conversando na calçada. Agora, ele está bravo comigo. Ele não tem o direito de ficar bravo comigo.

Por que me sinto tão mais próxima dele?

Por que estou tão excitada?

Me afasto o máximo que consigo, recuando até o canto do banco de trás, bem grudada na porta.

As sobrancelhas dele se erguem.

— Está com medo de que eu te bata?

Não, idiota, estou com medo de que eu vá pular em você e não vá mais parar de te beijar.

— Acho que eu deveria sair daqui.

— Não. — Ele descarta a ideia. — Se você realmente não consegue falar sobre esse assunto, não tenho mais o que conversar. Vou para a festa de Ano-Novo do Chase e da Aimee às dez e meia do dia trinta e um. Pode ser? Esse horário funciona para você? Porque eu vou nessa festa. Vou ver os meus melhores amigos, você estando lá ou não. Você gostando ou não.

Essa é a conversa mais intensa e estranha que tenho com alguém em anos, incluindo a vez em que uma sem-teto maluca me encurralou no metrô e disse que nos conhecíamos em uma vida passada.

Isso foi o máximo de *sentimentos* que tive o ano todo.

Keaton Bridges não deveria ser o responsável por me fazer sentir tantas coisas assim.

É humilhante.

Manny diminui a velocidade e encosta na frente da casa geminada da minha amiga.

Tenho que dizer algo antes de sair.

Qualquer coisa.

Limpo a garganta.

— Obrigada, Manny.

— Tenha uma boa noite, senhorita.

Não olho para Keaton, mas viro a cabeça ligeiramente em sua direção.

— Obrigada pela carona. Eu vou, ah... estarei na casa do Chase e da Aimee às oito. Feliz Natal e bom Ano-Novo, se eu não te vir.

— Para você também — ele diz.

Assinto.

— Boa noite. — Saio do carro e fecho a porta, tomando cuidado para não a bater.

O carro sai antes de eu pisar na calçada.

O. Que. Acabou. De. Acontecer?

Minhas mãos estão tremendo quando tiro o celular do bolso. Tenho o número dele. Nunca liguei ou mandei mensagem direto para Keaton, mas

trocamos mensagens em um grupo o tempo todo.

Não tenho ideia do que devo dizer a ele em uma mensagem, mas não posso simplesmente deixar as coisas assim.

Posso?

Talvez eu devesse.

Nós dois estamos de mal humor por causa das festas de final de ano.

Estamos irritados porque não temos um par de verdade com quem brigar.

Vai passar.

Ou, talvez, eu finalmente convença Chase e Aimee a fazerem duas festas de aniversário para Finn todos os anos. Podemos nos revezar em turnos na próxima vez que Aimee der à luz. Com certeza, vou embora da festa de Ano-Novo às nove e meia.

Coloco o celular de volta no bolso.

Sem dúvida, podemos nos evitar na maior parte do tempo, por pelo menos mais cinco anos. Ou mais.

Vai ficar tudo bem.

Três

Keaton

Início de fevereiro

— VAMOS LÁ. Estou te implorando. Aprecio você ter seus princípios e saber o que quer e o que não quer. Mas não existe uma situação ideal que eu possa criar para te fazer feliz. No entanto, tenho certeza de que nós dois vamos nos sentir melhor com relação a tudo se você simplesmente for.

Nova York inteira está coberta de neve e lama, e meu cachorro se recusa a fazer cocô aqui fora, a menos que o solo esteja seco, perfeitamente nivelado e acima de dezoito graus. Durante todo o inverno, deixei o chão do quarto dele coberto com tapetes higiênicos para ele fazer xixi. Nesse período, ele se aliviou no chão da minha casa de dois milhões de dólares e depois desenvolveu um medo excessivo de sair de casa e se recusava a passear comigo. Coloquei botas de cachorro à prova d'água. Ele está usando um casaco canino. Tentei persuadi-lo com petiscos. Estou com o saco de cocô biodegradável pronto para ser usado. Ao nosso redor, cães estão defecando e os donos seguindo com o domingo, mas meu cachorro, meu adorável filho e demônio peludo, se recusa a se mover ou a reconhecer minha existência.

Sou conhecido internacionalmente por ser um negociador habilidoso em transações de todos os tipos. Certa vez, enfeiticei meu oponente em uma partida de tênis na escola. Só existe uma mulher na Terra que não consegui convencer a sair comigo, e agora ele é a mãe do filho do meu melhor amigo, então não tem problema. Mas não há absolutamente nada que eu possa dizer ou fazer para convencer esse cachorro a fazer cocô na neve.

Não vejo a hora do inverno acabar. As únicas viagens que fiz nos últimos meses foram para Chicago, Seattle e Toronto. Não vejo o sol há semanas. Nem consigo me lembrar da última vez que socializei com alguém a não ser em um jantar de negócios. A turma cancelou nosso *brunch* mensal, porque eles têm muito o que fazer antes de partirem para a viagem de casais na próxima semana, então, depois que eu chegar em casa e secar o

Jackpot – se ele permitir –, planejo arranjar uma viagem de fim de semana para alguma ilha tropical. Sozinho. Por que não? Não há vergonha nenhuma nisso. Talvez eu vá para um desses resorts só para solteiros. Esse tipo de coisa ainda existe, certo?

— Certo, amigão? — falo para o cachorro que deveria ser meu amigo. Ele olha fixamente para o nada.

Sinto o celular vibrar no bolso, pego e vejo que é Vince Devlin ligando. Provavelmente, para me pedir algum tipo de favor para que ele possa viajar com a esposa na próxima semana. Eu não tenho nada melhor para fazer mesmo.

— Sr. Devlin.

— E aí, cara, está ocupado?

Olho para Jackpot, que está perfeitamente parado, como nenhum outro cachorro do mundo.

— Não, pode falar.

— Só queria saber se você tem algo planejado para a semana que vem e se pode tirar uns dias de folga.

— Por quê?

— Eu e a Nina não vamos poder ir para aquele resort em Antígua... O quê? Estou falando com ele agora... A Nina mandou um oi.

— Oi, Nina.

— Você está dando em cima da minha esposa?

— Não. O que você estava dizendo mesmo?

— Os pais da Nina viriam para cá ficar com a Joni, porque o meu pai e a minha madrasta estão em um cruzeiro e o meu irmão cuidando do Charlie. Os dois estão gripados. Enfim, o pai dela acabou de travar a coluna. Ele não consegue se mexer, então a mãe da Nina tem que ficar com ele. Agora, vamos todos para Indiana ficar com os meus sogros.

— Caramba.

— Pois é. Quer dizer, eles são legais. Não tem problema. Quer ficar com a nossa reserva? Tem alguma garota para levar?

Fico chocado com a primeira garota que me vem à cabeça quando ele pergunta.

— Sim. Com certeza.

— Sim?

— Com certeza. Me envie os detalhes. Vou te transferir o dinheiro.

— Sem pressa.

— Faço isso agora mesmo.

— Está bem, legal. Que bom que você vai poder ir.

— Bem, não estou feliz pelo que aconteceu com seu sogro, mas obrigado por me ligar.

— Imagina. Quem é a garota?

— Depois te conto. — Desligo e penso nas minhas opções.

Visitei o site do resort no mês passado por curiosidade. É um estabelecimento exclusivo para casais, mas não é como se você *tivesse* que ser casado. Eles só não recebem hóspedes solteiros. Eu poderia convencer uma das mulheres com quem sai nos últimos anos a me acompanhar. O que estou dizendo? Eu não *teria* que convencer nenhuma delas. Tudo o que eu precisaria fazer é pedir. O problema é que não estou interessado em convidar nenhuma delas para um segundo encontro. Eu realmente quero apresentar alguma delas aos meus melhores amigos e esperar que todos se deem bem?

Ou...

Quero tentar convencer a única mulher que conheço e que se dá bem com meus melhores amigos de que não seria a pior ideia do mundo ter que dividir um chalé comigo no paraíso e ter que fingir que gosta de mim na frente dos funcionários do hotel por uma semana?

Finalmente, levo Jackpot de volta para casa e quando estou prestes a ligar para Chase e perguntar como ele acha que devo lidar com isso, o nome de Aimee aparece no identificador de chamadas. Puxo o cachorro para baixo do toldo da farmácia antes de atender.

— Sra. McKay

— Oi! Acabei de ligar para a Roxy e perguntar se ela tinha algum acompanhante para levar ao resort, mas o Vince avisou que você vai pagar pela reserva dele. Quem você vai levar?

Aquela sensação de estar afundando de novo.

— Quem a Roxy disse que quer levar?

— Ninguém. Ela disse para perguntar a você.

Não consigo evitar o sorriso bobo que se espalha pelo meu rosto.

— Ela disse que quer ir comigo?

Ela ri disso. Muito.

— Hum, não. Ela disse para te perguntar se você quer levar alguém. Ela não quis nem saber de ir.

— Por que ela não quer ir? Ela é... mais doida do que pensávamos que fosse?

— Não sei. Ela disse que não queria falar disso.

É claro que não queria.

— Mas é que... se você não se importar em ficar em um chalé com ela por uma semana... eu ia adorar que ela fosse. Os dois, quero dizer. Acho que ela ia gostar de ir. E se acontecer um apocalipse zumbi no Brooklyn enquanto estivermos fora e não tiver ninguém aqui para ajudar a Roxy, eu nunca me perdoaria.

— Tenho certeza de que os zumbis vão deixá-la em paz assim que ela abrir a boca.

Ela ri, fazendo barulho pelo nariz. Alto e por um bom tempo.

— Não tem graça. Escute, sei como vocês se sentem em relação ao outro, mas acho que falo por todos nós ao dizer que sentimos falta de vocês dois, e seria ótimo passarmos um tempinho juntos.

E como é que Roxy e eu nos sentimos em relação ao outro? Por favor, me diga.

— Ela ainda mora no mesmo lugar que vocês moravam?

— Sim. Você não vai lá, vai?

— Não acho que ela vá responder qualquer mensagem ou atender uma ligação minha.

— Por que não?

— Por causa de como nos sentimos em relação ao outro.

— Certo. Bem. Avise por mensagem primeiro. Ela odeia quando as pessoas aparecem sem terem sido convidadas.

— Gostaria de te lembrar que sou um ser humano adequado, com habilidade de conviver em sociedade.

— Gostaria de te lembrar que a Roxy não é. Ela vai te expulsar em dois segundos. Já fez um cara chorar por aparecer com flores e chocolate quando ela estava estudando para uma prova. Mas ela tem um bom coração.

— Posso lidar com ela.

Ela gargalha e faz um barulho pelo nariz outra vez.

— Claro que consegue. Espere... Finn! Coloque isso de volta no lixo. Preciso desligar.

E essa foi a conversa mais longa que tive com ela em cinco anos.

Jackpot late para mim.

— Me dê um minuto. Olhe só, quase não tem neve ali na calçada. — digo a ele. — Faça o que tem que fazer. — Ele me encara inexpressivo por um instante e vira a cara.

Estou a três quarteirões da minha casa e a seis da de Roxy. Por mais que eu queira levar o cachorro para meu apartamento – um cara só deve ter que lidar com um babaca por vez –, ainda preciso me estabelecer como alfa neste relacionamento. Caramba, ainda preciso estabelecer "isso" como um relacionamento. Entre mim e Jackpot, quero dizer.

E entre mim e a Roxy, sejamos honestos.

Nunca mandei mensagem direto para ela, só em grupo. Mas não custa tentar.

EU: Aqui é o Keaton Bridges. Vou te levar para Antígua semana que vem. Está em casa agora?

Não espero nenhum tipo de resposta, mas os três pontos mexendo aparecem imediatamente.

ROXY CARTER: Não vai, e não é da sua conta.

EU: Estaremos aí em dez minutos.

ROXY CARTER: Quem?

EU: Você vai ver.

ROXY CARTER: Não venha aqui.

EU: Então você está em casa.

ROXY CARTER: Não é da sua conta, e não vou para Antígua com você.

Coloco o telefone no bolso e puxo a coleira de Jackpot.

— Vamos, garoto — digo na minha voz mais autoritária. Funciona. Ele me segue e tento não demonstrar o quanto estou surpreso e grato. Faço uma nota mental para usar o mesmo tom com Roxy.

Cerca de dez minutos depois, estamos em frente ao prédio onde ela mora, na Clinton. Da última vez que estive aqui, sua ex-colega de quarto não me deixou entrar, mas não estou disposto a aceitar um *não* como resposta hoje. Aperto "R. Carter" e imagino que vou ter que ligar para ela, mas sou recebido por estática e uma voz rouca.

— O que foi?

— É assim que você atende ao interfone?

— Sim.

— Imaginei. Desça aqui para falar comigo um minuto.

— Não, obrigada.

— Vamos. Estou com meu cachorro. Não quero que ele suje seu apartamento.

— Nem eu. — Ela faz uma pausa rápida. — Você tem um cachorro?

— Você já sabia disso.

— Não fazia ideia. Por que eu saberia disso?

— Você pode descer, por favor? A não ser que queira que a gente suba. Essas são as suas opções.

— Ou posso não descer, nem deixar você subir.

— Vou esperar aqui até alguém me deixar entrar.

— O prédio *não* permite cachorros.

— E eu *não* permito que você fique de palhaçada com a minha cara, então desça logo.

— Não vou para Antígua com você.

— Desça, e vou te explicar com calma porque é que você vai.

Não recebo resposta alguma. Nem estática. Nada de zumbido ou clique de porta se abrindo.

Ela está descendo. Sei que está. Roxy sabe que vou continuar a incomodá-la se ela não descer.

— Ela está descendo — falo para Jackpot. — Faça uma cara fofa. — Ele está de costas para mim, olhando a rua. — Bom menino.

Um minuto depois, uma loira com um casaco preto bufante e comprido e botas de inverno vem até a porta e, de alguma forma, me esqueço de como respirar.

Aqueles olhos azuis-claros estão fixos nos meus, brilhando com algo entre raiva e desafio, e não consigo desviar o olhar.

Dou um passo para trás quando ela abre a porta. Puta merda, ela está linda. Mesmo em um casaco bufante e botas de inverno. Não a vejo desde a festa de Natal e daquela discussão estranha, ou o que quer que tenha acontecido no meu carro.

— Seu cabelo está diferente. — É o que consigo dizer antes de pensar em algo um pouco menos ridículo.

Ela passa a mão pelos fios, deixando que algumas mechas caiam e fala:

— Está. Esse é o seu cachorro?

— É.

— Tem certeza?

— Quer ver os papéis de adoção?

— Acho que é ele quem precisa ver. Como ele se chama?

— Jackpot.

— Ei, Jackpot. — Ela se abaixa e, de repente, o rabo de Jackpot balança, e ele se vira para pular nas pernas dela. — Oi, menino. Você é tão fofo. Veja o quanto você é fofo! Olhe para você de casaquinho e botinhas. Estamos combinamos, não estamos? — Jackpot late uma vez concordando, então Roxy se levanta e me encara. — Não quero ir com você.

— Mas você quer ir ao resort, quer dizer... já viu como o lugar é lindo?

— A Aimee me mandou o link do site. Claro que é lindo. Tenho certeza de que algum dia eu vou.

— Você quer ir com o Chase e a Aimee, o Matt e a Bernadette.

— Sim, mas não quero ir com você.

— Vamos dormir na maior parte do tempo em que estivermos sozinhos.

— Duvido muito. Eles vão querer ficar a sós. É meio que o motivo da coisa toda.

— Mas não é o motivo mais importante. Se fosse, estariam saindo de férias separados.

Roxy franze os lábios e olha para Jackpot, que ainda a encara, abanando o rabo. Ela não tem nada a dizer, porque sabe que tenho razão.

— A Aimee quer muito que você vá. Tenho certeza de que a Bernie também.

Ela olha para longe, para nada em particular, apenas evitando me encarar.

— Vou pagar ao Vince pelo chalé e por todas as suas despesas de viagem.

— Eu tenho dinheiro. Não preciso que pague pela minha passagem.

— Sei que você não *precisa*, Roxy. Estou me oferecendo para comprar a sua passagem. Não é uma oferta com segundas intenções. Não espero nada de você, a não ser sua amável e encantadora companhia de sempre. Ninguém vai falar mal de você por aceitar a oferta de um homem que quer pagar suas despesas de viagem.

Ela abana o rosto.

— Ah, meu Deus, acho que vou desmaiar de emoção.

— Vamos lá. Estou te implorando. Aprecio você ter seus princípios e saber o que quer e o que não quer. Mas não existe uma situação ideal que eu

possa criar para te fazer feliz. No entanto, tenho certeza de que nós dois vamos nos sentir melhor com relação a tudo se você simplesmente for.

Ela pisca duas vezes, e as palavras têm o mesmo efeito sobre ela que tiveram sobre Jackpot.

— Não tem alguma outra garota que você possa pagar para fingir ser sua namorada ou algo do tipo?

— Sinceramente, não acho certo levar uma pessoa que não seja você. Nenhum de nós gosta da ideia de ficar sozinho na cidade enquanto nossos amigos estão fora.

Ela zomba:

— Não estarei sozinha.

Suspiro. *A verdade é que...*

— Considere essa a minha maneira de fazer as pazes. Não gosto da ideia de você estar com raiva de mim por não ter te ligado depois do casamento do Chase e da Aimee.

Ela semicerra os olhos para mim e apoia as mãos naqueles quadris muito sensuais, embora estejam completamente escondidos por um casaco de inverno acolchoado.

— Pensei que eu não tivesse o direito de ficar chateada com você por isso.

— Para ser claro, não significa que acredito que você tenha um motivo válido para estar com raiva de mim por tanto tempo. Mas independentemente de qualquer coisa, sou um cavalheiro, e um cavalheiro sempre liga depois... desse tipo de coisa. Não importa o que tenha acontecido. Foi errado da minha parte não ter ligado. E estou me desculpando por isso.

Consigo ver a tensão derreter de seu rosto e corpo.

— Mesmo que você tenha sido uma idiota teimosa e irracional por mais de cinco anos.

Ela revira os olhos.

— Cara, saiba a hora de parar de falar.

— Terminei.

Ela olha para Jackpot outra vez.

— Por que ele está tão tenso?

— Ele ainda não fez cocô hoje.

— Por que não?

— Ele não gosta de fazer na neve. Não posso forçá-lo.

Ela faz uma careta para mim, dá um passo na direção de Jackpot e usa o pé para limpar a neve de um pedaço de cimento ao lado dele. Então aponta para o lugar e fala:

— Jackpot. Faça o que tem que fazer. Bem aqui. Agora mesmo.

O cachorro faz um som estranho e resmungão, caminha até a área limpa, gira algumas vezes, se agacha e faz um cocô milagroso enquanto olha para ela.

— Isso aí. Bom garoto — ela diz.

Eu diria o mesmo, mas estou chocado demais para falar. Tiro o saquinho do bolso e pego o cocô com textura perfeita do meu cachorro.

— Bom garoto! — ela diz para mim.

Entrego a coleira a ela e caminho até a lixeira mais próxima. Isso não fez dela o alfa neste relacionamento, mas me impressionou muito, assim como a Jackpot. Acho que sou um idiota e um babaca por não ter pensado em tirar a neve para o cachorro. Que seja. Em algum momento, eu teria resolvido o problema.

Quando volto, tudo o que que consigo dizer é:

— Você tem que vir comigo.

— Sim. Certo. Eu vou. Mas não vou "com você". Vou com a Aimee e o Chase, o Matt e a Bernadette. Vou sair dessa cidade que mais parece uma fossa de inverno e tomar um sol. Vou para aquele resort, *apesar* do fato de que terei que dividir um chalé com você.

— E uma viagem de avião.

— Não precisamos pegar o mesmo voo.

— Precisamos dar a impressão de que somos um casal em público.

— Que seja. Me mande os detalhes então. Não vou dormir na mesma cama que você.

— Justo.

— Nem te beijar.

— Tem certeza?

— É sério.

— Justo.

Ela olha para Jackpot, que ainda não parou encará-la, como se estivesse perdidamente apaixonado.

— Quem vai cuidar desse carinha?

— Ele fica em um hotel para cachorros ótimo quando não estou na cidade. Nada de canil. Ele gosta de lá.

— Aposto que sim. Tenho certeza de que ele adora se livrar de você.

Estendo a mão para que ela devolva a coleira para mim. Ela coloca a alça na minha mão e se agacha para esfregar a cabeça do cachorro.

— Foi um prazer te conhecer, sr. Jackpot.

Ele late. Um apelo nada sutil para que ela o leve.

— Desculpa, amigão — ela diz, como se o entendesse. — Não posso ter cachorros no meu prédio. Sinto muito, mas vai ter que ficar com esse cara.

— Sou um bom pai de cachorro — falo, um pouco na defensiva. — Ele só não gosta de mim ainda.

Ela se levanta novamente.

— Há quanto tempo você está com ele?

— Há dois anos. Precisamos ir. Entro em contato com você. Qual é a cor do seu biquíni? Seria legal irmos combinando.

Ela mostra o dedo do meio enquanto volta para dentro.

— Certo. Me surpreenda. Vou levar shorts de todas as cores. — Puxo a coleira de Jackpot e começo a me afastar antes que eu pense muito em como aquela mulher fica de biquíni. — Venha, garoto.

— Vá para casa, Jackpot! — Roxy ordena, olhando para o cachorro e apontando para mim.

Jackpot reclama, mas a obedece. Não olho para trás, porque não preciso ver o olhar presunçoso em seu rosto lindo. Espero receber esse olhar – e todo o resto – por uma semana inteira.

Também não olho para trás porque não consigo parar de sorrir, e ela não precisa saber disso.

Quatro

Keaton

É HOJE.

Sinto como se estivesse me preparando para ir a um acampamento de verão e ver meus amigos, só que em vez de dividir uma cabana na floresta com um bando de adolescentes bagunceiros, vou ficar em um chalé em uma ilha nas Índias Ocidentais, com uma mulher extremamente linda que me odeia. E, em vez de me despedir dos meus pais (uns dos poucos que podem até sentir minha falta), estou me despedindo de um cachorro que eu tenho certeza de que não vai sentir saudade de mim.

Sei disso porque estou tentando dizer um adeus sincero a ele antes de ir ao escritório para uma reunião, mas ele está ocupado demais cumprimentando os donos do hotelzinho para me notar.

— Tudo bem. Tchau, amigão. — Esfrego suas costas, e ele late feliz para a senhora simpática que, agora, está segurando sua coleira. Aviso a ela que virei vê-lo à noite, peço que me envie fotos e vídeos, digo adeus mais uma vez, caso ele não tenha me ouvido e vou embora antes de realmente me envergonhar.

Manny está estacionado em fila dupla do lado de fora, e enquanto entro no carro, recebo uma ligação de Chase.

— Ei, você não deveria estar em um avião agora?

— Vamos embarcar em breve. Estou te ligando para avisar que se você fizer alguma gracinha com a melhor amiga da minha esposa, vou te castrar.

— Que fofo da sua parte me lembrar disso. Defina "fazer gracinha". — Dou um sinal para Manny partir.

— Qualquer tipo de penetração em qualquer parte do corpo dela, com qualquer parte do seu. Incluindo a penetração metafórica do coração.

— Não posso fazer nada se as pessoas se apaixonam por mim quando não estou nem tentando ser charmoso. Defina "te castrar".

— A remoção lenta e dolorosa dos seus testículos.

— Que literal. A Aimee sabe que você está me ligando?

— Estou falando sério. Já vi o jeito que você olha para ela.

— O que a Aimee acha disso? Porque acho que ela adoraria se ficássemos juntos.

— Em que mundo você e a Roxy vão ficar juntos? Estou dizendo para você não ficar com ela, não ser grosso nem legal. Não se esqueça de que você só está *fingindo* ser namorado dela para os funcionários e os outros hóspedes do hotel, e você não é obrigado nem tem permissão para fingir ser mais do que um colega de quarto quando estiverem sozinhos.

— Não tenho "permissão"? Coloque a Aimee na linha.

— Vai por mim, se você dormir com a Roxy, vai me implorar para te proteger da Aimee.

— Já parou para pensar que talvez a Roxy *queira* que eu penetre uma ou mais das partes dela?

Ele fica quieto por um momento, e sei que está apertando o telefone. Acho até que consigo ouvir o vapor saindo de suas orelhas.

— Só estou brincando com você, idiota. Não tenho intenção de dormir com a Roxy. Somos água e óleo. — Assim que digo as palavras, me imagino no chuveiro com uma Roxy Carter bronzeada, nua e coberta de óleo, mas isso não significa que vamos transar. Significa que sou um homem normal e hétero. — Então nem se preocupe com isso. Só estamos indo porque queremos passar um tempo com vocês. Se bem que, agora, estou tentando me lembrar por que senti tanta falta de sair com você.

— Sim, vai ser divertido. Estou feliz que estejam indo. Eu só tinha que te avisar para ficar claro. Nos vemos lá. Boa viagem.

— Para você também. Nos vemos lá.

Chase "Direto e Objetivo" McKay. Esse é o cara. Trabalhamos juntos. Bem, acho que, tecnicamente, trabalhei para ele quando era o CFO de sua startup de tecnologia jurídica, mas fui seu primeiro investidor e estava no conselho, então, para mim, tínhamos o mesmo peso em termos de poder. Vendemos a SnapLegal há muito tempo, por dez vezes o valor do meu investimento inicial. Então ele abriu um negócio próspero com a esposa, e eu me tornei investidor de risco em tempo integral. Ele não manda em mim. De forma alguma. Mas sempre gostei que fosse direto comigo, desde a faculdade. Por isso ele é meu melhor amigo. Gosto um pouco menos quando estamos discutindo minha vida pessoal e gosto quase nada do que acabou de acontecer. Mas ele não está errado. E não tenho intenção de transar com Roxy.

Não tenho nem que me perguntar se alguém está dando o mesmo aviso para ela.

Não está.

***

Chego ao escritório e minha assistente me entrega as anotações da reunião, então pego o celular e vejo algumas mensagens do grupo de amigos na tela de bloqueio. Provavelmente, estão todos no aeroporto agora, exceto Roxy e eu. Vince, Nina e Joni vão para Indiana. Aimee, Chase, Bernie e Matt vão juntos para Antígua. Não consegui vaga para mim e Roxy no mesmo voo que nossos amigos, porque não teria como justificar a remarcação da minha reunião matinal. Mais um motivo para Roxy estar com raiva de mim.

AIMEE MCKAY: Queria anunciar oficialmente por mensagem o quanto estou feliz que a Roxy e o Keaton finalmente são um casal! <emoji de olhos de coração>

BERNIE FARMER: #ROXTONPARASEMPRE

ROXY CARTER: <emoji de dedo do meio levantado >

NINA DEVLIN: Com quem será que a Roxy vai casar...

VINCE DEVLIN: É com o Keaton! Nem acredito que estou escrevendo isso.

CHASE MCKAY: Parabéns e olhe a mão boba, KB.

EU: O quê? Estas mãos? <dois emojis de dedo do meio levantado>

AIMEE MCKAY: Ahhh, eles usam os mesmos emojis!

BERNIE FARMER: Você tem algum comentário que deseje compartilhar com o grupo, querido marido?

MATT MCGOVERN: Estou sentado bem do seu lado, querida esposa. Por que não me pergunta com sua voz meiga?

BERNIE FARMER: Porque você está olhando para o celular. Essa é a opinião do Matt, gente: <emoji de rosto neutro>

MATT MCGOVERN: Na verdade, estou muito feliz pelo adorável casal de mentira.

ROXY CARTER: Odeio vocês.

EU: Ah, querida, isso não é verdade.

ROXY CARTER: Principalmente você, Bridges.

AIMEE MCKAY: Que fofo. Temos que embarcar agora, pessoal. Nos vemos lá!!!

Mal posso esperar para passar um tempinho com essas pessoas.

Agora, só preciso tirar a Roxy Cheia de Óleo No Chuveiro da minha cabeça antes de ir para a reunião e antes de ir buscá-la daqui a algumas horas.

***

Não consegui tirar a Roxy Cheia de Óleo No Chuveiro da minha cabeça nas últimas duas horas. Nem faço a menor ideia do que falei na reunião e já me esqueci de quem estava presente. Meu cérebro é um idiota. De repente, fico feliz por estar tão frio em Nova York, porque Roxy sai do prédio toda coberta com roupas de inverno. Camadas de roupas. Muitas camadas de roupas entre mim e seu corpo nu, provavelmente nada oleoso nem molhado.

Saio do banco de trás do carro e sou recebido por sua clássica cara fechada.

— Bom dia — digo.

— Bom dia — ela murmura.

Quando Manny dá a volta para pegar a bagagem dela, Roxy o recebe com toda a cordialidade e os sorrisos dos quais está me privando.

— Trouxe o passaporte? — pergunto.

Ela revira os olhos.

— É uma pergunta pertinente.

— Revirar os olhos é uma resposta pertinente. *Você* trouxe o passaporte?

Sorrio.

— Sim, trouxe. Muito obrigado por perguntar. — Gesticulo para ela entrar no banco de trás. Ela está com cheiro de manteiga de cacau. Me pergunto se já está usando protetor solar. Será que está usando biquini por baixo? Talvez esteja planejando tirar a roupa e ficar só de roupa de banho assim que pousarmos em Antígua. Parece o tipo de coisa que Roxy faria.

Estou tão ferrado...

Entro no carro e mantenho os olhos fixos no horizonte por cerca de cinco minutos, eu diria. No início, Roxy está digitando no celular, então

posso ver pelo canto do olho que está me observando. Ela está se divertindo. Idiota.

— Tudo bem aí?

— Sim. Já foi para Antígua?

— Não. E você?

— Não, mas já fui para St. Barts, para as ilhas Cayman e para as ilhas Turcas e Caicos.

— É claro que foi.

— E você? Já foi para alguma das ilhas do Caribe?

— Não, ainda não tive esse prazer.

— É sério?

— Por que isso é tão surpreendente?

— Elas ficam tão perto da Costa Leste.

Ela dá de ombros.

— Eu gosto da Flórida.

Reviro os olhos e não digo nada.

Ela bufa.

— A gente não deveria gostar do nosso estado ensolarado? Achei que os brancos ricos gostassem da cena artística e festeira por lá.

— Nunca gostei muito de arte, nem de festas. — Olho para a bolsa de couro aos seus pés e vejo que ela trouxe o laptop. — Está planejando trabalhar um pouco enquanto estiver lá?

— Um pouco. Você, não?

— Um pouco.

Olho pela janela e continuo a pensar na Roxy Cheia de Óleo No Chuveiro, porque perdi completamente o controle da porcaria do meu cérebro, e ela está com cheiro de quem quer ficar nua. Essa manteiga de cacau está agredindo sexualmente meu sistema olfativo. Sinto Roxy me observar e sorrir. Tenho certeza de que ela sabe que estou tendo pensamentos sexuais, e isso a diverte. Ela é a pior namorada de mentira do mundo, e eu só quero enfiar a cabeça embaixo da blusa dela por cinco minutos. Vou conseguir tirá-la da cabeça.

Ela nem faz o meu tipo.

Quer dizer, Roxy Carter faz o tipo de todo homem.

Mas não faz o *meu* tipo.

Ela deixou bem claro que não faço o tipo dela.

Todas as pessoas que conhecemos já me disseram que não faço o tipo dela.

Estou bem ciente de que ainda tenho uma tendência a querer mulheres que sei que não posso ter.

Então não vou perder meu tempo com ela.

Essa viagem não é por causa dela.

Definitivamente, não é para tomar banho com ela.

— Uau, você é um companheiro de viagem ainda mais divertido do que eu esperava.

Não olho para ela quando respondo:

— Achei que você fosse gostar que eu lhe desse um pouco de espaço.

— Eu gosto, obrigada! E eu realmente agradeceria se você descobrisse uma maneira de ser um pouco menos óbvio quando está tendo pensamentos pervertidos sobre mim, porque isso está me assustando.

Eu me viro devagar para olhá-la.

— Acredite, também é desagradável para mim.

— Eu não vou transar com você.

— Sei disso.

— Então se controle e pense em outra coisa.

— Quer saber, continue falando. Cada palavra que você profere é como um balde de água fria sendo jogada nas minhas calças.

— Você acabou de dizer "profere"? Você é tão metido. Eu não profiro palavras.

— Tem razão. Quis dizer "regurgita".

— É melhor voltarmos a ficar em silêncio.

— Ótima ideia.

— Tenho certeza de que já proferi bastante palavras aliviadoras de tesão.

— Eu não estava com tesão. Não tenho onze anos. E, sim, já falou.

Ela arranca o cachecol do pescoço com raiva, abre o zíper do casaco e o tira de uma forma que é tanto violenta quanto, de alguma forma, muito sexy e maliciosa, porque agora tenho que observá-la em um cardigã bem fino sobre um top preto justo.

Oi!

Talvez alguém não devesse ter tirado o casaco se não quisesse revelar o quanto está excitada.

— Está quente aqui — ela diz.

É sério? Porque você me parece um pouco fria, Roxy Carter.

— Quanto tempo até chegarmos ao aeroporto?

— Mais meia hora, senhorita — Manny responde.

Ela exala alto e tira o cardigã, expondo uma blusa preta justa e os braços nus tonificados. Levanta o cabelo do pescoço, revelando as alças de um biquíni vermelho chamativo debaixo da blusa. Roxy me olha, sorri por um segundo, solta o cabelo de novo e se vira para olhar pela janela.

Puta merda, ela é uma *demônia*.

E eu quero enfiar a cabeça embaixo da blusa dela por vinte minutos, e pronto.

Cinco

Roxy

SOU MUITO MÁ, EU SEI.

Mas ele precisava saber com quem está lidando.

Se você tem um pênis, não tente convencer a Gatinha Roxy de que não tem uma festa rolando dentro da sua calça, porque não preciso nem olhar para saber o que está acontecendo lá embaixo. Reconheço uma expressão de desejo quando a vejo. Keaton Bridges está com ela estampada na cara desde que seu carro apareceu na minha casa.

Tenho que admitir que ele fica muito atraente com a mandíbula tensionada. E Keaton está sendo muito educado e contido. Agora que estamos no aeroporto, tirei minha jaqueta de novo, e ele me ajudou a enrolá-la e a colocá-la na bolsinha em que ela veio para que eu pudesse guardá-la na mala. Agradeci a ele por não comentar nada sobre o quanto era estranho ele estar inspirando tão profundamente tão perto de mim.

Estamos a caminho da sala VIP, e ele está com um sorriso torto e bobo no rosto desde que fizemos o check-in. Aquela maldita covinha.

— O que foi?

— Seu nome é Roxanne? Roxanne Carter? Li na etiqueta da mala.

— Está achando graça? Roxy é apelido de Roxanne.

— Não sabia. Sempre vi todo mundo te chamar de Roxy.

— Você achou que meus pais olharam para mim quando nasci e disseram: “Esse bebê se parece com uma atriz pornô. Vamos chamá-la de Roxy!”

— Então você mesma se deu um apelido de atriz pornô?

— As pessoas começaram a me chamar de Gatinha Roxy na faculdade. Bom, metade delas. A outra metade me chamava de Franzia.

Keaton torce o nariz.

— Por quê?

— Porque sou tão classuda quanto o vinho barato que tem esse nome.

Ele balança a cabeça.

— Não acho. Não gosto que te chamem assim. A Aimee te chamava desse jeito?

— Não. Foi ela quem começou a me chamar de Gatinha Roxy.

— Que bom. Você não tem nada a ver com Franzia. — Ele parece chateado de verdade com isso. É meio fofo.

— Você tem algum apelido melhor para mim?

— Ainda não, mas vou pensar em algo.

Antes que eu tenha a chance de lhe assegurar que nunca vai me conhecer bem o suficiente para me dar um apelido, um homem de meia-idade chama o nome de Keaton quando ele passa pelo saguão. Ele se espanta e vai falar com o outro, então espero a alguns metros de distância.

— Tom? Oi.

— Oi, que bom te ver!

Keaton estende a mão para apertar a de Tom, mas o homem lhe dá um abraço.

— É bom te ver, Keaton. Caramba, quanto tempo.

— Pois é. Oi.

— Aonde você está indo?

— Vou me encontrar com alguns amigos em Antígua. E você?

— Que legal! Acabei de voltar de Miami. Conferência.

— Bacana. Parece divertido.

— Ah, cara. Um pouco divertido demais para falar a verdade.

Keaton emite a risada mais falsa e estranha que já ouvi. Depois, os dois homens se encaram enquanto sorriem por mais dez segundos terríveis, e Tom finalmente olha para mim e fala:

— Oi, eu sou o Tom.

Aceno para ele.

— Roxanne. Olá.

— Ah, me desculpe. Sim, essa é a minha amiga, Roxy. Estávamos indo para...

— Sim, sim. Não vou incomodá-los. Talvez eu te veja por aí, agora que a Tam vai voltar para Nova York.

A expressão de Keaton se parece com a de alguém que acabou de levar um tapa na cara.

— Vai?

— Ah, você não ficou sabendo? A Tamara vai voltar para Nova York mês que vem... e sozinha. Ela está super ocupada. Sabe como ela é. Tenho certeza de que vai entrar em contato com você.

— Sim, claro. Bem, ela não comentou nada. Nada mesmo. Mas que ótimo. Bom para ela. Foi bom te ver, Tom. Nós temos que...

Tom concorda, acena e sai andando.

Keaton encara o chão enquanto seguimos nosso caminho.

Então sua ex-namorada vai voltar para Nova York e ela nem contou para ele. Isso deve doer. Acho.

— Você está bem?

— Aham.

E isso é tudo o que ele diz pelos próximos vinte minutos.

Tomamos café e comemos algo no salão mais incrível em que já estive, e ele fica apenas digitando e-mails no laptop com raiva.

Uma mensagem da Aimee chega em nosso grupo de mensagens, e nós dois a abrimos ao mesmo tempo. É uma foto da vista da varanda do chalé deles no resort. É incrível pra caramba: as copas das palmeiras e os tons de azul e verde, do mar às ilhas, da baía ao céu, e enormes nuvens brancas e fofas que te fazem querer alcançá-las.

AIMEE MCKAY: Gente. Vocês. Não. Vão. Acreditar. Vocês não vão acreditar!

BERNADETTE FARMER: Nunca mais vou embora. Acho que a Harriet e a Daisy vão ser felizes na fazenda com os meus pais. Ou com o Matt, se ele não quiser ficar comigo.

MATT MCGOVERN: Vou sentir saudades delas, mas não vou embora.

Chase manda outra foto. Essa é da piscina de borda infinita deles.

EU: Ah, meu Deus! Não vejo a hora de chegar aí. Estou tão animada para ver vocês! Exceto o Keaton.

Olho para Keaton. Nada. Ele está encarando a foto e está tão inexpressivo quanto Matt McGovern.

VINCE DEVLIN: Que lindo! Estou feliz por vocês. Falando nisso, poderiam fazer outro grupo de mensagens enquanto estiverem no resort que não inclua a mim e a Nina? Se eu vir mais uma foto desse lugar, vou pular pela janela.

VINCE DEVLIN: Só para constar, não foi uma piada. O prédio mais alto em Indiana só tem quatro andares.

NINA DEVLIN: Não teve graça, querido. Mas, é sério, façam outro grupo para esta semana. <emoji de carinha triste> Divirtam-se!

Keaton fecha o laptop sem responder às mensagens.

— Tem certeza de que você está bem?

— Sim. — Ele se levanta. — Vou pegar um gin tônica. Quer alguma coisa?

Tento reprimir qualquer expressão ou tom de voz que possa denunciar que estou internamente zombando da rabugice dele.

— Cerveja, obrigada. Qualquer marca.

Ele assente e sai, e não deixo de notar como Keaton fica bem de jeans. Esse cara deveria usar jeans com mais frequência. Ele precisa relaxar mais. Muito mais. Parecia feliz quando estava com Tamara. Talvez, quando voltar, ela possa fazer com que ele se solte. Vai saber.

Ele volta com uma garrafa de Blue Moon, o que é uma coincidência, porque é minha cerveja favorita.

— Eu disse para ele que você não ia precisar de copo. Fiz certo?

— Fez, sim. — Pego a garrafa, e ele brinda nela com seu copo antes de dar três grandes goles em sua bebida.

— Eu amo essa cerveja.

— Eu sei. — Ele nem se senta. Ele entorna o drinque e volta para pegar mais.

Isso vai ser interessante.

Quando ele volta para o lugar ao meu lado, já está quase na metade do segundo drinque, e todo seu ser parece ter relaxado de maneira significativa.

— Está melhor? — pergunto.

— Estou bem. — Ele diz. — Mal posso esperar para chegar lá. Está animada?

— Estou. Obrigada por me convencer a vir.

Ele inclina a cabeça, um pouco mais surpreso do que eu gostaria. É realmente tão surpreendente assim me ouvir agradecer?

— De nada. — Seus olhos caem sobre meu decote por um breve segundo. — Só espero que você aguente me ver sem camisa. — A voz dele

muda. É aquela voz de ouro de que Aimee me falou anos atrás, quando se conheceram e ele deu em cima dela. É uma boa voz, admito.

— Ah, é? Imagino que a maioria das mulheres não aguente.

— A maioria enlouquece. Mas você vai ter que se controlar. — Ele se aproxima e sussurra: — Vai precisar se lembrar toda hora de que estou só fingindo ser seu namorado.

— Vai por mim, não vou pensar em outra coisa.

— Vai por mim, você vai pensar em como fico bonito de sunga. E, para sua informação, trouxe uma sunga vermelha, assim *vamos* combinar.

Normalmente, eu o estaria massacrando verbalmente por sua bravata estúpida, bêbada e cheia de tesão, mas por enquanto, prefiro o Keaton paquerador ao triste.

Por enquanto.

— Espero que você também tenha trazido um belo short preto com estampa de leopardo e outro branco para combinarmos todos os dias.

— Você só trouxe quatro biquinis? E para o quinto e o sexto dia?

Me aproximo dele e sussurro:

— Planejo ficar dois dias tomando sol completamente nua.

Vejo seu pomo de adão subir e descer. Ele inclina o rosto e se aproxima de um jeito que deixa nossos lábios perigosamente próximos.

— Planejo ficar *cinco* dias tomando sol completamente nu, então vamos combinar em três dos seis dias.

Seis

Keaton

— CERTO, *AGORA* ESTOU COM TESÃO — resmungo alto o suficiente para que só minha namorada de mentira um pouco bêbada possa ouvir.

Ela dá uma risadinha. Essa é a quinta vez que a faço rir hoje, e estou secretamente nas nuvens por isso. Sua risada normal é rouca e controlada, e sempre me pareceu falsa. Eu suspeitava que a verdadeira fosse uma gargalhada de bruxa malvada, mas Roxy emite um som musicado e feminino que é completamente encantador e não tem nada a ver com o resto dela.

Mas nem isso, nem a perspectiva de ver essa mulher de biquíni é a coisa mais animadora da minha vida no momento.

É o sonho molhado e tropical que vamos viver pelas próximas seis noites.

Agora que saímos do ônibus um tanto bambo e antigo que nos trouxe do aeroporto, posso dizer, com segurança, que Roxy Carter não é a coisa mais linda e sexy de cair o queixo que posso ver.

Tudo bem, ela não é a *única* coisa linda e sexy de cair o queixo que posso ver.

O Coco Beach Resort é impressionante. Quero cair de joelhos em gratidão. Quer dizer, eu gosto de Nova York e não sei se algum dia conseguiria viver em qualquer outro lugar por muito tempo, mas aqui é o paraíso na Terra, e já me sinto melhor do que há anos.

Não consigo decidir para onde olhar: a flora vibrante e exuberante, o tapete de grama aparada aos nossos pés, a extensão do céu azul com nuvens brancas no alto, os chalés pintados com cores vibrantes em todo o penhasco da península, a vista da praia de areia branca e do mar cristalino que fica logo atrás da piscina ou os mamilos impossivelmente eretos que se projetam sob o tecido da blusa de Roxy desde que ela tirou o casaco em Nova York.

Sem dúvida alguma, não está frio aqui em Antígua, Roxy Carter.

Dou uma gorjeta para Ajay, o motorista, antes de ele pegar nossas malas e carregá-las pelo caminho pavimentado que leva ao chalé onde fica a recepção.

— Vou avisar que chegamos — Roxy diz, pegando o celular.

É interessante nenhum de nós ter pensado em mandar uma mensagem de texto para nossos amigos desde que começamos a beber no saguão do aeroporto em Newark.

A recepcionista é uma senhora de meia-idade com um sorriso deslumbrante que diz:

— Aaah, vocês devem ser outro lindo casal que estávamos esperando. — Ela balança a cabeça. — Seis dos mais belos casais que já tivemos aqui!

Coloco o braço ao redor do ombro de Roxy, e ela abraça minha cintura.

— Somos um casal lindo, não somos? Viu, querida? — Bagunço seu cabelo. — Ela é tão insegura por ser menos atraente que eu, mas não paro de dizer a ela: "Estou longe de ser areia demais para o seu caminhãozinho".

— Aaah, querido — ela diz, batendo no meu peito e sorrindo para a recepcionista. — Você é lindo do seu próprio jeitinho. Nada vai mudar isso.

A senhora sorri e nos entrega os passaportes e o meu cartão de crédito, junto com duas chaves e um mapa do resort.

— Vocês vão ficar no chalé Hibisco. Estamos aqui. — Ela marca um X no mapa com um lápis. — Seu chalé é aqui. — Ela circula o local com um coração. Fica ao final de um caminho tortuoso. E se minha mente vai direto para se nossos amigos serão capazes de nos ouvir fazendo algum barulho alto, não posso fazer nada.

— Ajay vai levar as malas até lá.

Quando vejo a recepcionista olhar atrás de mim e desfalecer um pouco, sei que meus amigos acabaram de entrar.

Como esperado, Matt e Chase estão caminhando em nossa direção, parecendo um modelo de cuecas e um vocalista de uma banda de rock de férias. Eles tiram os óculos aviador ao mesmo tempo, quase como se tivessem ensaiado. Roxy vê Bernie e Aimee do lado de fora e corre para encontrá-las, dando tapinhas nos ombros de Matt e Chase quando passa por eles. A perda repentina de seu braço em volta da minha cintura é surpreendentemente frustrante.

— Bem-vindo — Matt me diz. — Como foi o voo? — Ele está com uma calça de linho branca tipo pijama e camisa branca desabotoada, com

chinelos e chapéu Panamá, mas não fica nem um pouco idiota nessas roupas. Eu o odeio.

— Como assim, você já está bronzeado?

— Sou da Califórnia. — Ele dá de ombros. — Sou bom em me bronzear.

— "Sou bom em me bronzear". Isso nem existe. Te odeio.

Ele dá de ombros outra vez, me dá um tapinha no braço e sai para se juntar às mulheres.

Chase abaixa a voz e passa o braço em volta do meu pescoço, mas de forma um tanto ameaçadora:

— Está se dando bem com sua namorada, pelo que vi.

— Mais ou menos.

— Mais para mais ou mais para menos?

— Mais para um tipo de flerte amigável e bem-humorado, que não envolve nenhuma forma de penetração. Ainda.

— Controle-se.

— Você precisa transar mais com a sua esposa. Quero ver se vai continuar preocupado com o meu pau.

Ele considera aquilo por um instante e então solta meu pescoço.

— Justo.

— Encontrei o irmão da Tamara no aeroporto — falo enquanto saímos do saguão. — Ela vai voltar para Nova York. Sozinha. E não me avisou.

— Sinto muito, cara. Você está bem? Mas você já está em outra, não é?

— É óbvio. — Olho para Roxy, mas só porque ela faz sons estridentes e pula enquanto fala com Aimee e Bernie.

Chase me dá um tapinha nas costas e então puxa sua esposa para perto, embalando-a. Aimee só sorri para ele como uma idiota com tesão e levanta os pés.

— Vamos ligar para o Finn pelo Skype e depois achar um jeito de passar o tempo até o jantar. Vejo vocês no restaurante.

Matt e Bernie trocam olhares.

— Hum, também vamos ligar para a Harriet e a Daisy agora — Bernie diz ao entrelaçar os dedos aos de Matt. — A menos que vocês queiram que tomemos uma bebida com vocês no bar ou algo assim.

Matt já a está puxando para longe da área comum.

— Vejo vocês no jantar!

E, mais uma vez, posso praticamente ouvir Roxy pensando: “Sim, por favor, desapareça e me deixe sozinha com *esse* cara!”.

Mas não parece irritada. Ela tira os sapatos e os balança nos dedos.

— Quer beber alguma coisa no bar? — pergunto a ela.

— De jeito nenhum. Quero ver o chalé. Quem chegar por último é a mulher do padre! — Ela sai correndo, passa por nossos amigos e me joga aquele olhar malicioso sobre o ombro quando fica a uma distância segura de mim.

Ah, não se preocupe, querida. Eu vou te pegar.

***

O chalé Hibisco, que é rosa claro por fora e branco com madeira escura envernizada por dentro, é perfeito, exceto por um probleminha.

Não tem sofá.

Roxy e eu encaramos a cama king size coberta com mosquiteiro, que domina o quarto. Tem pétalas de flores espalhadas sobre a colcha. Tem um banco de madeira e uma cadeira no cômodo. Do lado de fora, na varanda, há duas cadeiras pavão, uma espreguiçadeira, uma rede, uma piscina de borda infinita e um ofurô vitoriano.

— Acho que vamos ter que dividir a cama — falo, fingindo estar decepcionado.

— Podemos pedir uma cama de armar.

Eu a repreendo com o olhar.

— Não podemos, não.

— Por que não? Nem todos os casais querem dividir a cama... Você pode dormir na varanda.

— Os pernilongos me comeriam vivo.

— Eu te esfaquearia até a morte se qualquer parte do seu corpo encostasse em qualquer parte do meu na cama.

— Vou me arriscar. A cama é enorme. Tem bastante espaço para os dois.

Ela me olha com reprovação. As mãos estão na cintura.

— Você realmente acha que não consigo me controlar perto de você? Como se você fosse extremamente irresistível e eu, um tarado?

A boca grande e linda de Roxy está fechada.

— Ou é *você* quem não consegue se controlar perto de *mim*, srta. Carter?

— Mande um *oi* para os pernilongos, seu tarado. É a varanda ou o chão.

Nós dois olhamos para o piso de madeira escura e sabemos que não vou dormir nele.

— Espero que você perceba que cavalheiro incrível eu sou por não mencionar o fato de que sou eu quem estou pagando por essas férias.

— Espero que você perceba o quanto *não* foi incrível você ter tocado no assunto. E vou te pagar metade de tudo. Já te falei que não preciso do seu dinheiro.

— E eu te falei que não vou aceitar o seu.

— O que você quer dizer então? Que *eu* devo dormir lá fora?

— Estou dizendo que ninguém deve dormir lá fora.

Ela fica parada, quieta e pensativa por um momento abençoado e surpreendente.

— Podemos dormir em turnos de quatro horas.

— Sem chance. Estou de férias. Faço viagens internacionais e tenho que lidar com a diferença de fuso horário o tempo todo. Não vou atrapalhar meu padrão de sono enquanto estou de férias no mesmo fuso horário de Nova York. Isso não vai rolar.

— Tudo bem. Eu durmo lá fora.

— De jeito nenhum. Vamos conversar sobre isso de novo mais tarde.

— Uma concentração mais alta de álcool no sangue não vai afetar a minha decisão. Tenho tolerância muito alta para bebida e muito baixa para homens na minha cama, exceto quando estão transando comigo. — Arqueio as sobrancelhas, e ela continua antes que eu possa dizer qualquer coisa. — Especialmente se não tenho planos de transar com eles.

— Escolha interessante de palavras. Planos têm um jeito engraçado de estarem sempre mudando.

Ela passa por mim, indo em direção ao banheiro e, ao fechar a porta, diz:

— Especialmente se não tenho *vontade* de transar com eles.

Ela nem consegue olhar para mim enquanto diz isso porque é mentira.

Vamos conversar sobre isso de novo mais tarde, Gatinha Roxy. E com certeza, não será o rum na sua corrente sanguínea que vai mudar sua opinião.

Enquanto estou na varanda, olhando para o mar, respirando o ar quente maravilhoso e me perguntando qual de nós tomaria banho na banheira ao ar livre primeiro, ouço portas rangerem ao serem abertas. Eu me viro e me deparo com Roxy me espiando do banheiro. Ou melhor, do box.

— O chuveiro tem vista para a varanda! — ela diz, toda empolgada, quase como se não tivéssemos discutido há dois minutos. — É como se fosse um chuveiro ao ar livre!

Estou feliz que ela esteja animada, porque essa é a melhor notícia que já ouvi.

— É possível ir do banheiro direto para a banheira ao ar livre!

— Isso é tão inteligente e conveniente.

— Vou tomar banho antes do jantar! — ela diz. — Tudo bem?

— É claro que sim. Tome uma ducha, tome um banho de banheira. O que você quiser. Eu vou ficar bem aqui.

Ela semicerra os olhos para mim e fecha as frágeis portas de madeira.

— As portas do banheiro têm travas internas, só para você saber.

— Vou ficar aqui e apreciar a vista deslumbrante da água, das palmeiras e das ilhas, só para você saber.

— Que bom, porque é só isso que você vai ver.

Não quando fecho os olhos, Roxy. Nem queira saber o que vejo quando fecho os olhos.

Sete

Roxy

NÃO SEI POR QUE eu estava esperando que o jantar fosse um encontro divertido e casual dos seis em uma mesa grande, mas essa era minha expectativa.

Eu devia saber que todas as mesas do restaurante do resort seriam para dois.

Matt e Bernadette já se sentaram, e a recepcionista está acompanhando Chase e Aimee até a deles.

— Vocês queriam se sentar com a gente? — Aimee me pergunta de forma doce. — Poderíamos juntar duas mesas? — ela pergunta à recepcionista.

— Não, não. Está tudo bem — falo, tentando não parecer chateada. — Vamos beber algo no bar depois do jantar, pode ser?

— Com certeza! Mal posso esperar!

— *Buon appetito* — Chase diz para nós quando somos levados para o outro lado do espaço aberto.

Keaton está estranhamente quieto desde que saí do banheiro nesse vestido. Não é algo superespecial ou revelador. Achei que fosse o tipo de coisa que uma garota usaria durante as férias em Antígua. Uma das vantagens de ser gerente de uma empresa que vende roupas pela internet é ganhar várias peças e acessórios. E ninguém mais no escritório queria esse vestido transpassado de chiffon com estampa floral. Não tinha percebido a fenda alta até vesti-lo aqui. Quando Keaton me viu, piscou, a mandíbula ficou tensa e ele apenas murmurou: "Esse vestido é incrível". Juro que essa foi a última coisa que ele disse. Há quinze minutos.

Então ele vestiu uma calça de linho com bainha dobrada que só um europeu ou um investidor americano conseguiria usar sem parecer ridículo. Ele está bonito, sem dúvida, e tem estilo. Homens elegantes podem passar bem longe de mim, mas, respeito o fato de que ele sabe se vestir bem.

A recepcionista para em uma mesa ao lado da grade. Isso é ótimo, pois assim posso ver o pôr do sol em vez de olhar para o rosto de Keaton por

pelo menos uma hora. Ele puxa a cadeira para mim, espera que eu me sente e, em seguida, a empurra de leve em direção à mesa. Isso é uma coisa ridícula que nunca aconteceu comigo, então agradeço sem pensar muito a respeito, mas sendo sincera... de todos os gestos cavalheirescos tradicionais, eu diria que esse é o mais inútil e que podemos viver muito bem sem ele. Não é como se eu estivesse usando um espartilho e um vestido de festa. Sou perfeitamente capaz de me sentar sozinha.

— Obrigada — digo a ele pela segunda vez. — Obrigada — falo para a recepcionista quando ela me entrega o cardápio. Pelo visto, quando fico perplexa, me torno muito educada e melhoro a postura.

Olho sem querer para a virilha dele quando Keaton se senta à minha frente. Com certeza, ele está usando cueca boxer e seu pacote parece estar acomodado para a direita hoje à noite. Pelo visto, é bem-dotado. Bom para ele. Ele me pega olhando e sorri. Seguro o cardápio na frente do rosto.

Se toca, Keaton Bridges. Meus olhos escorregaram sem querer.

— Anya será a garçonete de vocês essa noite, mas posso trazer algo divertido para beberem enquanto olham o cardápio.

Antes que eu possa pedir uma cerveja, Keaton fala:

— Eu e minha namorada adoraríamos algo grande, divertido e com rum. De preferência, servido em um coco. Com um guarda-chuva.

A recepcionista sorri.

— Temos muitos drinques com rum, senhor, mas receio que nenhum deles seja servido em um coco.

— Bem, nos surpreenda então. Traga o drinque que você mais gosta — ele dá uma piscadinha para ela.

A garçonete assente e faz uma pequena reverência antes de se virar e ir embora.

— Eu odeio rum — sussurro.

— Vai aprender a amar.

— Nunca mais peça algo por mim.

— Eu nunca sonharia em fazer isso. Mas eu sabia que você não ia pedir algo com rum, e você precisa experimentar algo assim ao menos uma vez enquanto estiver aqui para ter uma experiência caribenha completa.

— Já estou curtindo a vida na ilha. Acho que é seguro dizer que é a primeira vez que janto com um homem que usa mocassins sem meias.

— Ninguém usa mocassins com meias.

— Quis dizer que é a primeira vez que janto com um homem que usa mocassins.

Ele se inclina para frente e coloca a mão sobre a minha.

— Prometo que vou ser gentil.

Sua mão é grande e quente. Afasto a minha devagar, porque é muito mais importante para mim passar manteiga no pãozinho do que fingir ser sua namorada no momento.

Mastigo com raiva, olhando para o pôr do sol mais deslumbrante que já vi.

Nem percebo que Keaton está tirando fotos minha no celular até ele ter tirado milhares delas. Cubro o rosto.

— Ei!

— Eu não poderia deixar de tirar uma foto sua com aquele pôr do sol emoldurando seu rosto carrancudo.

Olho feio para ele.

— Estou brincando. Você não estava carrancuda. Olhe. — Ele vira o celular e me mostra algumas das fotos. Para minha surpresa, não pareço estar zangada. Estou serena. E bonita. Essas podem ser as melhores fotos minhas que vejo em anos.

— Você não tem permissão para postar fotos minhas nas redes sociais.

— Eu nunca sonharia em fazer isso. Vou te enviar. E guardar na minha pasta de fotos para bater uma mais tarde.

Eu rio. Porque Keaton Bridges dizendo "pasta de fotos para bater uma" foi engraçado. Não porque ele é engraçado.

A recepcionista volta com dois copos enormes de um líquido cor laranja, cada um decorado com uma fatia gigante de abacaxi e um guarda-chuva.

— Ponche de rum caribenho — ela diz com a voz profunda e cantante. — Suco de abacaxi e de laranja, três tipos de rum, suco de limão fresco e granadina. É o meu favorito e é delicioso. — Ela sorri e acena enquanto coloca o copo na minha frente. — Aproveitem!

Keaton e eu acabamos pedindo o mesmo prato, mas só eu consigo fazer o pedido sem piscar para a garçonete. Então, fico sozinha com esse cara mais uma vez.

Keaton estende seu copo para brindar bem quando estou prestes a chupar o canudo.

— Ah, saúde — falo.

— À brisa quente, ao pôr do sol e aos vestidos florais com fendas de bom gosto, porém ousadas, e às mulheres belas que os usam.

— Às meias e aos homens que as usam em público.

Ele ri.

— Como quiser, Meiazinha Roxy.

— Esse é o meu novo apelido?

— Não. Decidi te chamar assim porque sou muito engraçado.

O coquetel é suave e não muito doce. Estalo os lábios. Tem um sabor ainda mais divertido do que as margaritas do TGI Fridays.

— Gostei. Do ponche de rum. Não do apelido.

— Não é seu apelido, e eu sabia que ia gostar. Me fale da sua família.

— Não. Isso não é um encontro.

— Me fale da sua vagina então.

— O quê?

— Você não falaria sobre a sua vagina em um encontro, não é?

— Que tipo de lógica que é essa?

— Não precisamos nem conversar se você não quiser. — Ele dá de ombros e olha para o pôr do sol.

— Certo, tudo bem. Meus pais se chamam Joe e Melinda Carter. Meu pai é mecânico e minha mãe, gerente de um escritório. Eles moram em Baltimore. Sempre moraram lá. Tenho um irmão chamado Paul que mora no Canadá com a esposa e três cachorros.

— Que tipo de mecânico?

— Ele restaura carros antigos.

— É sério? Qual é a especialidade dele?

— Corvettes. Segunda e terceira geração.

— Dos anos sessenta.

— Isso. Você entende de Corvettes?

— Um pouco. O pai do meu melhor amigo no ensino médio os colecionava. Acho que ainda coleciona. Sting Rays.

— Sim. Os de 1965 são os meus favoritos. E os de 1963, é claro, mas ele não pega muitos desses em Baltimore.

— Uma vez, vi um lindo Corvette conversível branco 1965 nos Hamptons. Interior marrom. Volante em teca.

— Ermine branco. Sim, meu pai restaurou um. Eu o ajudei com ele quando eu tinha uns dezesseis anos.

— Você ajudava seu pai a restaurar carros?

— Às vezes. Sei lidar bem com um prego longo.

— Isso não é excitante.

— A maioria dos homens brocha com a ideia.

— Eu não estou te imaginando com um shortinho curto e uma micro camiseta, coberta de graxa.

— Que bom, porque eu estava trabalhando com o meu pai, então isso seria meio inapropriado.

— Verdade.

— Eu usava macacões. Sem nada por baixo.

Ele se engasga com a bebida.

— Você está bem?

— Não precisamos mais conversar.

— Ah, mas agora eu quero saber da *sua* família.

— Não quero falar deles.

— Não vale.

— Você não precisava ter falado da sua se não quisesse.

— Isso é bem irritante.

— Por quê? Tivemos uma conversa agradável sobre Corvettes e pornografia de garagem. Me sinto muito mais próximo de você agora.

— Estou tão feliz pelos mosquitos da região. Eles vão fazer a festa hoje à noite.

— Sobre o que você quer conversar?

— Não precisamos conversar sobre nada.

— Esse encontro está sendo ótimo.

— Isso não é um encontro.

— Que tipo de escritório sua mãe administra?

— Um consultório de oftalmologia.

— Interessante. Parece que seus pais são diferentes.

— De você? Muito.

— Um do outro.

— Um pouco. Quer dizer, acho que costumavam ser, mas eles... você sabe. Se misturaram ao longo dos anos.

— Interessante.

— Eles se divertem juntos.

— Como?

— Você quer saber como os meus pais se divertem?

— Não precisamos falar nada se você não quiser.

Ficamos sentados em silêncio por um minuto terrível que dura uma eternidade. Keaton sorri para mim, e eu me remexo no banco. Ele se diverte com a minha inquietação. Que se dane esse cara.

— Eles se divertem um com o outro. O tempo todo, com qualquer coisa. Eles se provocam e fazem um ao outro rir. Inventam jogos de cartas bobos que só eles conhecem as regras.

— Eles deixam outras pessoas jogarem?

— Não. É uma coisa só deles. Quer dizer, eles têm um jogo que chamam de: *Pôquer? Eu Nem Sei O Que É Isso!*, mas inventaram outro para mim e para o Paul e se recusaram a dar um nome, então nós o chamamos de *O Jogo de Cartas.*

— Eles inventavam as regras no meio no jogo?

— Não. As regras eram bem claras e simples. — Descrevo as regras nos mínimos detalhes, bem como minha memória favorita de quando nós jogávamos na véspera de Natal na casa dos meus avós. Fico com os olhos marejados, me remexo na cadeira outra vez e logo termino o ponche de rum caribenho. — Não acredito que acabei de te contar isso. Quanto de rum colocaram nessa coisa? — pergunto.

— Não é o rum — ele diz. — Na verdade, esse jogo de cartas se chama *Espadas*. Vocês estavam jogando *Espadas*.

— Não. É um jogo que os meus pais inventaram para gente.

— Certo. Você se dá bem com seu irmão?

— Sim. Por quê? Você acha que tenho problemas com todos os homens? Não tenho. É só com você.

— Então eu sou especial?

— Você tem um jeitinho irritante que é só eu.

— Você é muito sensível ao meu jeitinho irritante que é só meu.

— Somos como água e óleo.

Ele começa a se engasgar com o ponche outra vez.

Foi algo que eu disse?

— Você está bem, querido? — Ele faz um joinha e finalmente para de tossir. Quando recupera o fôlego, diz:— O que temos é atrito. Água e óleo simplesmente passam direto um pelo outro. — Ele tensiona a mandíbula por um segundo antes de continuar. — Sou mais como um fósforo sendo esfregado contra sua superfície áspera. Criando faíscas. Produzindo chama. Te aquecendo.

— Me esfregando do jeito errado.

— Do jeitinho que você gosta, querida. — Ele pisca. — Meu objetivo é te dar prazer.

Graças a Deus, a garçonete aparece com o nosso jantar, porque parece que alguém derramou um pouco de água e óleo na minha calcinha. Cansei de brincar com esse cara. Nada de bom pode surgir disso.

Keaton olha para Chase e Aimee, e Matt e Bernadette. Eles – e o resto dos clientes neste restaurante – estão em suas bolhas de casal feliz. Eu o observo. A maneira como ele olha para eles... parte um pouco meu coração. Está cheio de desejo. Não por eles, embora talvez um pouco, mas principalmente pelo que eles têm. Isso me leva de volta àquela noite com ele no terraço.

Mas eu não posso voltar lá.

Nós não podemos voltar lá.

Foi ótimo, mas a única coisa que aquilo gerou foi uma barreira ainda maior entre nós. Pelo menos, para mim. Seja lá qual tenha sido o motivo.

— Vai ligar para a Tamara? — Deixo escapar. Não sei por quê. Eu não me importo com isso, só preciso falar de outra coisa que não seja ele me acariciando ou como nossos amigos estão apaixonados.

Ele se vira devagar para me encarar, então pega o garfo para remexer os medalhões de frango. Pensa um pouco antes de responder, o que não é algo com que estou acostumada ver Keaton fazer. Ele é mais do tipo que dá uma resposta rápida.

— Não. Não vou ligar para ela. Existe uma palavra russa. *Razbliuto*. É o sentimento que se tem por alguém que você amou um dia. Alguém que você não ama mais. É isso o que sinto por ela. Não é nem dela que sinto falta, na verdade. É de estar apaixonado. De ter alguém para amar. De poder amar alguém.

Engulo em seco e tomo um gole de água antes de pigarrear e dizer:

— Sim, eu sei do que você está falando. — Sei mesmo. Mas não é algo de que vou falar com Keaton.

De vez em quando, entendo porque esse cara é o melhor amigo de Chase desde a faculdade. É um mistério para mim na maior parte do tempo, mas de repente, tenho um vislumbre do mundo fascinante que existe no privilegiado menino de ouro do Upper East Side – em quem eu quero dar uma voadora. Não quero explorar esse mundo, mas gosto de saber que está lá. Pelo bem de Chase, Aimee e Finn.

Passamos a maior parte da refeição calados, e tudo bem. Não é um silêncio constrangedor. Na verdade, é um silêncio bom. É o tipo de silêncio confortável que preenche um espaço entre duas pessoas. Talvez não com amor, desejo ou mesmo amizade, mas com algo que não precisa de uma palavra ou rótulo em nenhum idioma.

Oito

Keaton

A BEBEDEIRA NO BAR depois do jantar durou trinta minutos antes que as pessoas casadas dissessem que precisavam voltar aos chalés para terem uma boa noite de sono. Como se não fôssemos adultos e amigos que sabiam muito bem que todos iam transar até altas horas da madrugada. Acho que eles simplesmente não querem que Roxy e eu fiquemos desconfortáveis. Até o jantar de hoje à noite, não pensei que fosse possível Roxy Carter ficar desconfortável com alguma coisa, mas ela não conseguiu aguentar o silêncio até eu lhe dar uma resposta com relação à Tamara.

— Achei que fôssemos ter um *samar* — falo enquanto observamos os quatro seguirem de braços dados, subindo o caminho que leva aos chalés.

— Quem é Samar? — ela pergunta, terminando seu coquetel.

— Não é quem, é o quê. É um termo árabe. Não tem um equivalente em nosso idioma. Significa ficar acordado até tarde e se divertir com os entes queridos. O tipo de conversas que só se tem com bons amigos à noite. Quando você nem percebe que horas são, porque está feliz demais por estar relaxando e descobrindo o significado da vida com as pessoas que mais importam para você. E geralmente ficando muito bêbado.

Eu a vejo tomar o último gole de seu segundo ponche de rum ao digerir o significado da palavra *samar*, e sei que é o que ela também queria. É do que estávamos sentindo falta. É por isso que estamos aqui. Uma névoa quente obscurece o azul-claro de seus olhos por um breve segundo e então desaparece feito uma miragem. É claro que ela não quer ter um *samar* comigo.

— Você é linguista? E não venha me dizer que é alguém talentoso com a língua, porque se eu revirar os olhos mais uma vez hoje, vão acabar ficando assim para sempre.

— Na verdade, fiz uma especialização em Linguística na Wharton.

Ela bufa como uma dama.

— O tipo de frase proferida apenas por homens que usam mocassins sem meias.

— Você acabou de dizer “proferida” em voz alta? Que metida.

Ela não consegue ficar séria com a minha resposta.

— Tem razão, quis dizer “regurgitada”.

— Enfim, tive uma professora de linguística que escrevia uma palavra intraduzível na lousa no início de cada aula. Comecei a manter um caderno separado com essas palavras e os significados. Ainda o tenho.

— Era gata? A professora?

— Sim. Sou um homem simples.

Ela inclina a cabeça para um lado e analisa meu rosto.

— É mesmo?

— Não, não sou.

Ela pisca e balança a cabeça. Depois pula da banqueta do bar e, por acaso, noto e louvo ao Senhor por aquilo ter feito os seios dela balançarem um pouco. Roxy não quer ficar para tomar outra bebida comigo enquanto discute se sou um homem simples ou não, e ela com certeza não quer me dar outra oportunidade de ver seus gloriosos peitos balançando naquele vestido fantástico. Ela recusa meu convite para dar um passeio na praia ou em qualquer outro lugar do resort, nem quer ouvir música ao vivo ou dançar, e não quer se juntar aos outros hóspedes no salão de jogos. É como se no momento em que fiz o comentário sobre o *samar*, ela tivesse decidido que só queria que a noite acabasse para que pudesse começar o amanhã com Aimee e Bernie. Eu entendo. Tudo bem. Ela não quer se apaixonar perdidamente por mim, e é óbvio que está correndo perigo de fazer exatamente isso.

Então, aqui estamos nós, de volta ao chalé Hibisco. Ela não quer dar um mergulho na piscina, nem tomar banho à luz de velas e não tem TV no quarto. Fico na varanda tentando falar com meu cachorro pelo FaceTime. Ela está usando uma camiseta grande e calça de pijama enquanto lê na cama.

— O volume do seu iPad está alto? — pergunto para a cuidadora do hotelzinho.

— Está no máximo — ele me garante. — Com certeza, ele está te ouvindo.

Isso explica por que Jackpot está largado na cama dele olhando para a parede.

— Ei, amigão. Está com saudades de mim? Está se divertindo? Jackpot. Jackpot. Jackpot... Bem, ele parece estar cansado. Ou está deprimido?

— Não, ele esteve superanimado o dia todo, acho que cansou de tanto brincar. — Ela não mente muito bem, mas fico agradecido pela tentativa.

— Claro. Tudo bem. Obrigado. Ligo de novo amanhã. Boa noite. Boa noite, Jackpot. — Finalizo a chamada. *Idiota*. E volto para dentro do quarto. — Quer que eu deixe a porta um pouco aberta?

— Não, pode fechar. Na verdade, estou um pouco cansada — Roxy diz, bocejando. Ela fecha o livro e o coloca na cômoda ao lado da cama. — Vou tentar dormir.

São nove e quarenta e cinco.

Acho interessante ela estar acomodada no lado esquerdo da cama, já que prefiro o direito.

— Certo. Você se importa se eu ouvir música com fones de ouvido enquanto trabalho um pouco no laptop? Posso voltar lá para fora.

— Sinta-se à vontade — ela diz, afofando o travesseiro. — Boa noite.

— Boa noite.

Não voltamos ao tópico da discussão que tivemos antes, então prefiro pensar que já que ela não me disse para ficar fora a noite toda, percebeu que não será grande coisa dormirmos na mesma cama. Ela apaga o abajur na mesinha de cabeceira, deita a cabeça no travesseiro macio e cruza os braços, fechando os olhos.

Roxy fica tão bonita sem maquiagem e sem tensão no rosto.

— Pare de ficar me olhando — ela diz, ainda com os olhos fechados.

— Estou procurando meus fones de ouvido — falo. Estão ali com o laptop, é claro. Eu os pego e volto para a varanda. Me acomodo em uma das cadeiras pavão e coloco na playlist de músicas do Jay-Z. É o que escuto quando estou analisando dados financeiros. Funciona para mim. É como entro no ápice da produtividade .

Dois minutos de *99 Problems* e me sinto como se pudesse gritar alto o suficiente para acordar as pessoas na Flórida, mas é quando uma mão dá um tapa na minha nuca. Quase torço o pescoço, me virando para encontrar Roxy parada atrás de mim com as mãos na cintura. Tiro os fones de ouvido.

— O que foi?

— Estou ouvindo a sua música.

— Por que não fechou as portas?

— Fechei. E continuei ouvindo. Minha audição é muito boa.

— Vou abaixar o volume.

— Você não pode ouvir alguma coisa mais calma?

— Não.

— Não pode trabalhar sem ouvir música?

Respiro fundo e expiro devagar. Não quero irritá-la, porque quero dormir naquela cama.

— Claro. Posso. — Desligo o Jay-Z e coloco o celular e os fones de ouvido no chão.

— Ótimo. Obrigada.

— Desculpa te atrapalhar.

Ela sai pisando duro e volta para a cama. Fico ali, observando-a se acomodar.

— Pare de ficar me olhando.

— Tudo bem.

Volto para o laptop. Posso muito bem trabalhar ao som das ondas quebrando na costa. Volto ao meu estado de produtividade. Estou digitando observações e escrevendo um e-mail para meu gerente de negócios quando ouço Roxy dizer em voz grave:

— Estou te ouvindo digitar.

— Vou digitar um pouco mais baixo.

— Vou continuar te ouvindo.

— Posso te garantir que sou muito bom em trabalhar com o toque suave dos meus dedos.

— Posso te garantir que ainda vai me irritar. Tenho o sono leve.

— Você ainda não está dormindo.

— Exato.

Suspiro, salvo o trabalho e fecho o laptop.

— Acho que vou tentar dormir também. Espero que o barulho da minha escovação de dentes não a incomode muito.

— Vá logo — ela resmunga.

— Foi isso mesmo que ela disse.

— Aposto que foi.

Quando levo o pijama e a bolsinha de viagem para o banheiro, a primeira coisa que passa pela minha cabeça é ligar para a recepção e avisar que fomos assaltados. Há toalhas no chão e metade de uma loja da Sephora espalhada ao acaso por todo o balcão de mármore com duas pias. Me viro para olhar para Roxy, que parece inocente deitada ali, mas é óbvio que ela é maluca, afinal, quem é que faz isso em um banheiro lindo e luxuoso e não arruma depois?

Acho que ela me ouve mexendo em alguns dos produtos de beleza, porque grita:

— Não mexa nas minhas coisas!

— Preciso abrir espaço para as *minhas* coisas.

— Bom, não mexa no que é meu.

— Quer vir aqui e mexer nas suas coisas para mim então? Porque eu acho que seria uma ótima ideia.

A porta está fechada, mas juro que a ouço sussurrar "vá à merda" e tenho certeza de que agora está me mostrando o dedo do meio. Mas não vem me ajudar a arrumar as coisas, então acho que vou ter que fazer isso sozinho. Alinho todos os frascos, recipientes, escovas e tubos da maneira mais organizada e silenciosa possível, recolho as toalhas, porque isso está me deixando louco e, finalmente, começo a escovar os dentes.

— Ah, meu Deus! É claro que você tem uma escova elétrica!

Não respondo, porque isso só faria mais barulho.

Este é um lado encantador de Roxy Carter e uma surpresa maravilhosa.

Continuo a escovar os dentes até ouvir os quatro bipes e a escova elétrica desligar automaticamente. Enxaguo a boca com menos vigor do que normalmente e limpo o rosto com o mínimo de respingos possível. Quando termino com a toalha de rosto, a dobro e a penduro exatamente do jeito que a encontrei. E então visto o pijama. Odeio usar roupa para dormir, mas sei que ela não vai querer dividir a cama comigo se eu estiver só de cueca.

Era de se imaginar que uma mulher que se sente tão confortável com relação a sexo quanto Roxy seria muito mais relaxada no que se refere a estar sozinha perto de um homem. Dou uma última olhada no chuveiro. Ela está agindo de forma totalmente contrária à da Roxy Cheia de Óleo No Chuveiro hoje. O que provavelmente é uma coisa boa. Por enquanto.

Sou bastante atencioso e até apago a luz do banheiro antes de abrir a porta para que ela não reclame disso também. O céu está tão claro e a luz da lua tão brilhante que consigo vê-la perfeitamente. Dobro minhas roupas e as coloco sobre a mala. Subo na cama feito um ninja. Não perturbo nem as pétalas de rosas que ainda estão em cima da colcha. Ela não diz nada, então vou ficar por aqui mesmo.

Roxy continua deitada de costas, então me deito de lado e de costas para ela, praticamente alinhado com a borda do colchão. Consigo fazer isso. Eu consigo dormir assim. Ela quase não está mais com cheiro de manteiga

de cacau. E quase não estou mais pensando na Roxy de dezesseis anos curvada sobre um motor e sob o capô de um Corvette, usando uma camiseta minúscula e um short curtinho.

No momento em que estou quase caindo no sono, me assusto com o que, sem dúvida, é o som de um javali que se esgueirou para dentro do nosso chalé. Me viro devagar e me apoio no cotovelo para descobrir – para meu horror e deleite – que minha companheira de cama está roncando. *Roxy Carter ronca*. Não é um tremor rítmico adorável, como um gato ronronando. É como um caça quando voa bem baixo e tudo balança. Mas esse avião está cheio de animais raivosos e de um baterista muito ruim.

Não posso explicar por que isso me deixa tão feliz, mas deixa.

— Roxy — eu a chamo. Não estendo a mão para tocá-la, porque tenho certeza de que ela me apunhalaria de verdade se eu fizesse isso, mas continuo chamando seu nome diversas vezes até ela finalmente se mexer.

Quando abre os olhos, fica confusa e, ao perceber que estou rindo, fica irritada.

— O quê?

— Você está roncando.

— O quê? Nem vem. Eu nem estava dormindo.

— Você estava dormindo, sim. E roncando. Bem alto.

— Eu não ronco.

— Ah, ronca.

— Impossível.

— Você acha mesmo que estou mentindo? Por que eu mentiria?

— Por que eu roncaria?

— Não acho que você está fazendo de propósito.

— Bem... era um ronco baixo, como se eu estivesse com o nariz entupido?

— Já ouviu a Daisy roncar?

— Sim, é fofo.

— O que você estava fazendo não tinha nada a ver com isso. Era como se eu estivesse deitado do lado de um vulcão em erupção.

Ela ri.

— Ainda não acredito em você.

— Tente dormir de lado.

— Não quero dormir de lado. Minha mãe dormiu de lado a vida inteira e agora ela tem rugas no tórax.

— Ela ronca?

— Acho que não.

— Há quanto tempo seus pais estão casados?

— Há quase quarenta anos.

— E você não quer nem sequer tentar dormir de lado por uma noite?

— Acredite se quiser, não estou tentando sustentar um casamento de quarenta anos com você.

— Ainda.

— Ha-ha!

— Deve ser por causa do álcool. Você bebeu muito hoje. Aliás, você sabe beber bem e segurar a onda. Fiquei impressionado.

— Eu te disse.

— Mas te faz roncar.

— Não sei como isso pode ser possível.

— Ninguém te disse que você ronca?

— Não. Já falei que não gosto de dormir com caras.

— Mas você morou com a Aimee.

— Sim, na faculdade. E não durou nem um ano no Brooklyn, graças ao Chase. Mas ela não dormia no mesmo quarto que eu.

— Quanto tempo faz desde que você dormiu na mesma cama ou quarto que um cara?

— Anos.

— Então você não namora mesmo, não é? O que você faz? Só sai com os caras, transa e pronto?

— Saia daqui, por favor.

— Tudo bem, vou para de falar. Mas pare de roncar também.

— Eu não ronco.

— Certo. Talvez a razão de você ter o sono leve é porque você acorda com seu próprio ronco. É só uma teoria. Então sou o primeiro cara que dorme na mesma cama que você em quantos anos?

— Não consigo dormir com alguém na minha cama. De jeito algum. Nunca.

— Bom, você estava dormindo, a não ser que ronque acordada.

— Eu não ronco.

— Tudo bem. Não vai mesmo tentar dormir de lado?

Ela bufa e se vira de costas para mim. Observo a respiração dela ficar mais lenta. Me pergunto se seus mamilos ainda estão eretos. Estiveram em

alerta máximo o dia todo. Devem estar exaustos.

— Pare de ficar me olhando.

— Boa noite. — Eu me viro para o outro lado. Já sei por que fiquei feliz por ela roncar. É porque isso a faz parecer mais como uma pessoa real e menos com uma garota gostosa de um videogame.

Cinco minutos depois, ela está dormindo e roncando, e eu seguro o celular sobre a cabeça dela, gravando o barulho incrível. Na verdade, eu queria usar a câmera para provar que é ela, mas ia ser bizarro. Também queria muito acordá-la de novo para poder tocar a gravação, mas é provável que seja um pouco idiota acordá-la duas vezes só para provar que estou certo. Paro de gravar e coloco o telefone de volta na mesinha de cabeceira.

Fico uma hora deitado ouvindo Roxy roncar antes de me dar conta de que posso colocar os fones de ouvido e torcer para que bloqueiem o som. Me deito de costas por meia hora ou mais sem conseguir dormir, porque estou me divertindo com ela roncando e dormindo profundamente na mesma cama que eu. Ela não vai acreditar em uma dessas coisas pela manhã, mas vai acordar com uma ideia melhor do quanto Keaton Bridges é especial para ela.

Nove

Keaton

JÁ PASSA DAS DEZ quando chego ao buffet do café da manhã. Acordei em um quarto vazio, com um bilhete que dizia: *Fones de ouvido é um pouco demais*, e uma infinidade de mensagens de texto no grupo, de duas horas atrás, me avisando que todo mundo estava tomando café da manhã. Agora, todos estão na piscina, mas Chase resolveu ser um melhor amigo de verdade para variar e veio me fazer companhia enquanto faço meu desjejum.

— Ela ronca? É sério?

— Teria dormido melhor se estivesse na mesma cama que o Godzilla. Consegui ouvir mesmo com fone de ouvido.

— Bem, ela está super bem-humorada hoje.

— Aposto que está. Deve ter dormido muito bem.

— Não é porque... — Ele se inclina em minha direção.

Olho bem em seus olhos.

— Com certeza, não.

— Não acredito que ela ronca. É sério?

Reproduzo o lembrete de voz no celular. Se ela vai me deixar sozinho no quarto enquanto toma café da manhã com nossos amigos, então vou compartilhar o som surpreendente das suas vias aéreas vibrando.

— Puta merda. — Chase cobre a boca e ri. — Parece mentira.

— Se foi, então preciso ter uma conversinha com ela para esclarecer o que exatamente ela deveria estar fingindo enquanto estamos aqui.

— Então... você desanimou agora, não é?

Suspiro.

— Não.

— Porque preciso te avisar, estamos na piscina.

— E?

— Ela está usando um biquini, e você precisa se controlar.

Olho para meu café da manhã pela metade e coloco o garfo no prato.

— Acho que estou cheio.

— Estou falando sério. Você precisa se preparar psicologicamente. Quer dizer, Matt e eu temos nossas lindas esposas para olhar, mas você provavelmente deveria olhar direto para o sol ou algo assim.

Eu rio.

— Tudo bem. — Dou uns tapinhas nas costas dele. — Se está exagerando para que eu fique decepcionado, está fazendo um ótimo trabalho.

Chase balança a cabeça e coloca os óculos escuros.

— Não te invejo. Você está prestes a sentir muita dor, meu amigo. Não diga que não te avisei.

Quando chegamos à beira da piscina, Aimee e Bernie estão balançando os pés na água, e Matt juntamente com seus vinte gominhos abdominais estão deitados em uma espreguiçadeira. Idiota. Onde está a barriguinha de quem é pai? Ele semicerra os olhos para mim.

— E aí, cara? Que bom que apareceu.

— E aí, Keats? — Bernie acena, erguendo o queixo. — Estávamos prestes a ir te buscar.

— A Roxy disse que você dormiu mal ontem à noite — Aimee comenta.

— É mesmo? Imagino que ela não tenha dito o *motivo*. — Estou momentaneamente distraído pela vista deslumbrante das primaveras, da praia, do mar, dos veleiros e do céu, mas, de repente, me pego desejando ter seguido o conselho de Chase e ter olhado diretamente para o sol.

Uma figura esguia surge na água cristalina na piscina de borda infinita e então, todo o resto desaparece.

Estou presenciando a cena da Phoebe na piscina do filme *Picardias Estudantis*, com a qual fantasiei mil vezes quando tinha doze anos. Mas agora, é Roxy quem a encena. Vou ficar fantasiando com isso pelo resto da porcaria da minha vida.

Ela sobe os degraus na lateral da piscina, toda reluzente e molhada, ajustando cuidadosamente o biquíni preto para garantir que nada fique à mostra, mas pouco importa, porque o que *está* exposto é o corpo mais lindo e mais cheio de curvas que já vi. E já namorei mulheres que eram modelos. Mas existe algo em Roxy Carter que grita “sexo” para mim.

Quer dizer, a própria Roxy Carter pode ficar gritando: “Não vou transar com você” várias vezes, mas tendo a acreditar que a dama protesta além da conta. Isso sem mencionar que não estou ouvindo ninguém, porque

tudo o que consigo ouvir é *Moving in Stereo,* do The Cars, e cada célula do meu corpo está murmurando *putaaa merdaaa* enquanto cobre seu colo com um livro.

E isso tudo enquanto a estou vendo de costas. Quando ela se vira e começa a andar na minha direção, percebo que meus óculos de sol começaram a embaçar um pouco. Então eu os tiro, e não me preocupo em esconder que estou olhando para seus magníficos seios empinados naquele biquíni triangular, porque é culpa dela que meu cérebro não esteja funcionando corretamente essa manhã e que meu tempo de reação esteja um pouco lento. Mas também, não quero parar de olhar para ela.

— Bom dia, Belo Adormecido — ela fala, passando por mim para pegar a toalha largada na espreguiçadeira bem ao meu lado.

Eu me mataria agora se tivesse a garantia de que seria reencarnado imediatamente como aquela toalha.

— Aham.

— Já tomou café da manhã?

— Sim. Obrigado pela preocupação.

— Você deveria nadar um pouco. Daqui a uma meia hora, é claro. A água está ótima.

— É claro. É o que planejo fazer.

— Vai ficar aí parado como se fosse um policial? — ela pergunta enquanto enxuga cada centímetro de seu corpo incrível.

— Na verdade... — falo, tirando o celular do bolso. — Vou ficar aqui ouvindo isso. — Reproduzo o lembrete de voz e aponto o alto-falante na direção dela. Porque este celular e essa gravação são as únicas coisas que me impedem de cair de joelhos e implorar para ela se casar comigo agora mesmo.

A expressão de choque e horror em seu rosto não contribuem em nada para deixá-la menos linda e sexy, mas pelo menos, estou recebendo algum tipo de reação. Ela cobre a boca.

— É mentira.

— Antes fosse.

— Ah, meu Deus! Deve ter alguma coisa errada comigo.

Na minha opinião, não.

— Desligue isso! Desligue isso!

Eu desligo.

— Ah, não. Me desculpe, Keaton. Por que você não me acordou?

— Você está brincando, não é?

— Você deveria ter me acordado.

— Você teria me matado.

— Não acredito que você não tentou me sufocar com o travesseiro.

— Acho que não teria resolvido. Talvez você não deva beber tanto hoje. Quem sabe ajuda?.

Ela ri.

— Vou dar o meu melhor para tentar não beber. Ah, meu Deus, Keaton. Me desculpe mesmo.

— Tudo bem.

Na verdade, é muito pior agora que ela está sendo legal a respeito disso.

Roxy termina de se secar, arruma a toalha em cima da espreguiçadeira e se ajeita em cima dela. Ela coloca os óculos escuros e olha ao redor, procurando Aimee e Bernie, que estão abraçadas aos maridos. Por fim, alcança a bolsa de praia, tira um frasco de protetor solar dali e olha para mim.

— Hum, você se importaria de passar nas minhas costas? — ela pergunta, quase se desculpando.

Pego o protetor solar. Se essa é sua maneira de se desculpar pela noite passada, então aceito. Aaah, como aceito. Não consigo formar palavras neste momento, mas, *sim*.

Ela chega mais para frente para abrir espaço para mim na espreguiçadeira. Respiro fundo e me posiciono de modo que eu tenha acesso total à parte de trás de seu corpo. Empurro as pontas do cabelo úmido sobre um ombro. Ela traz os braços para trás para segurá-lo e nossos dedos se tocam por um breve instante. Uso a ponta do dedo para afastar alguns fios soltos e não posso deixar de notar a maneira como ela estremece.

Ela pigarreia.

— Se puder passar antes do sol se pôr, seria ótimo.

— Você quer ou não quer que eu passe direito?

— Não tem jeito errado de passar protetor nas costas de alguém.

— Tem um jeito certo quando é o cara certo que está passando.

Ela gargalha.

— Tudo bem, não vamos transformar isso em algo diferente do que é.

Coloco um pouco do creme na palma da minha mão. Tem cheiro de manteiga de cacau, de sexo e de uma castração lenta feita pelo meu melhor amigo, que está me observando a seis metros de distância. *Ele que se dane.* Eu sacrificaria com prazer minhas duas bolas por esta mulher. Coloco a mão espalmada em suas costas, logo abaixo dos ombros, e a acaricio devagar em um movimento circular ascendente.

Sua pele é macia, quente e viva debaixo da minha mão, e só preciso de três horas a sós com ela em nosso chalé.

Aplico mais loção em seus ombros e nuca, quase até a linha do cabelo. Então arrasto os dedos por sua coluna para soltar o fecho do sutiã antes que ela possa protestar. Ela ofega e deixa o cabelo cair, usando as mãos para manter o biquíni no lugar.

— Ninguém está olhando, linda. E só estou vendo as suas costas.

Ela se mexe, estica as pernas bem na frente do corpo e, ainda que eu não consiga ver, sei que está apertando as coxas.

Tem um jeito certo de fazer isso, Roxy Carter, e é como estou fazendo agora.

Uso as duas mãos para passar o protetor solar na parte inferior das costas e dos quadris até ela gemer baixinho. Ela percebe o que acabou de fazer, se endireita e fala:

— Tudo bem, acho já está bom. — Ela engole em seco.

— Quer que passe na parte de trás das suas pernas?

— Não, obrigada.

Fecho o sutiã, me certifico de que está tudo no lugar e limpo as mãos em sua toalha.

— De nada.

Preciso sair daqui antes que eu comece a cantar *Your Body is a Wonderland* e chorar.

Me levanto e tiro a camisa, esticando os braços. Não ouço ninguém aplaudir, mas só preciso de uma ou duas horas no sol para ficar bronzeado.

— Acho que vou dar uma volta na praia.

— Está usando protetor? — Por causa dos óculos de sol, não consigo ver os coraçõezinhos nos olhos de Roxy enquanto ela olha para meu peitoral, mas tenho certeza de que estão lá.

— Não, mas não tem problema.

— Nada disso, jovenzinho. Volte aqui. — Ela pega o protetor, se agacha e faz sinal para eu me sentar na frente dela.

Nem pensar.

De jeito nenhum.

Prefiro me arriscar a ter uma queimadura de sol a correr o risco de tentar beijá-la e deixar escapar um *eu te amo* enquanto ela acaricia meus ombros.

— Não precisa — falo —, mas obrigado.

Saio andando em direção à praia, deixando-a com gostinho de quero mais, conservando o pouco de dignidade que me resta e um sentimento que não é da conta de mais ninguém além de mim.

Dez

Roxy

IDIOTA.

Ele é um idiota um tanto quanto adorável, mas ainda assim, um idiota.

Eu disse que ele precisava passar protetor solar, mas Keaton não me deu ouvidos e agora meu namorado de mentira está se lamentando no chalé com os ombros queimados.

Estou parada no bar do restaurante com Aimee. Os quatro vão almoçar aqui, mas estou pedindo comida para dois. Para mim e para meu namorado de mentira idiota. Ele tem mãos boas e sabe como usá-las, mas seu cérebro simplesmente não está funcionando hoje. O que talvez seja culpa minha, e é possível que eu esteja com um pouquinho de peso na consciência.

— Vamos ver a banda ao vivo e dançar depois do jantar — Aimee diz. — Antes de irmos para a Noite de Jogos. Você vem, não é?

Torço o nariz.

— Para a Noite de Jogos, sim. Mas acho que não vou dançar.

Aimee me lança um olhar de cumplicidade.

— Não é *esse* tipo de dança.

— Não é por isso que eu não quero ir. — Não danço muito bem. Deveria, porque... dizem que quem é bom de cama, dança bem. E sou boa de cama. Mas, por algum motivo, nunca consegui ir além daquele tipo de dança da quinta série, no estilo da Molly Ringwald, em *Clube dos Cinco*. Aimee presenciou isso na faculdade, e consegui evitar todas as possíveis situações relacionadas à dança desde então. E vou continuar evitando, porque não preciso dividir a cama *e* dar uma de *Dirty Dancing* com Keaton Bridges.

— Tudo bem — Aimee fala, embora ela ache que estou com vergonha do jeito que danço, mas não é isso. — Venha para a Noite de Jogos, vai ser divertido.

— O que vai ser, jogo de adivinhação ou algo parecido?

— Para falar a verdade, não sei. Jogos de casais? Times?

— Ótimooo.

— Vocês realmente ficam fofos juntos — ela diz.

Zombo disso.

— É claro que ficamos.

— Ficam mesmo. É verdade. — Ela dá de ombros.

Mordo o lábio inferior e falo:

— Ele encontrou o irmão da Tamara no aeroporto ontem.

— Eu sei. O Chase me contou. Coitado.

— Você acha que ele ainda gosta dela?

Ela balança a cabeça.

— Com certeza, não. Acho que só machuca seu ego. Ele precisa de outra pessoa em quem focar. Keaton é bem fofo.

É mesmo.

— Se você está dizendo.

Aimee estala os lábios e pergunta:

— Vocês vão ficar no quarto por um tempo?

— Sim, vou ver se eles têm aloe vera na recepção ou algo do tipo.

— Para o Keaton?

— Sim.

— Ahhh, Roxy. Que fofura.

— Não, nada disso. Não é nada.

— Tudo bem. — Ela sorri. — Se você está dizendo.

***

Levo a cesta de piquenique com a comida, pratos e talheres e passo pela recepção no caminho de volta.

— O Keaton já está com uma queimadura de sol — falo, revirando os olhos.

A senhora aponta todas as babosas que crescem nas laterais do caminho e nos canteiros ao redor da propriedade.

— Pode pegar se quiser, mas leve isso para o seu namorado — ela diz, me entregando uma folha grande e rechonchuda de babosa que já estava com as bordas serrilhadas e sem casca.

Dou uma risadinha por nenhuma outra razão além de achar engraçado ouvir alguém se referir a Keaton como meu namorado. Esses risinhos são ridículos, e tenho feito muito isso desde ontem. E agora, eu nem estou bêbada.

Posso ouvir Keaton gemendo da porta de entrada, e não de um jeito sexy.

— Voltei, bebezão.

Ele está deitado de bruços na cama. Olha para mim e estremece.

— Dói quando viro o pescoço.

— Trouxe o almoço. E aloe vera.

— Aloe vera?

— Sim, é refrescante. Para a queimadura de sol.

Ele geme.

— Obrigado — Keaton diz contra o colchão. — Eu passo.

— Passa o quê?

— O aloe vera nos meus ombros.

— Você acabou de dizer que dói quando mexe o pescoço.

— Eu consigo passar — ele insiste, ainda deitado imóvel.

Coloco a cesta de piquenique no chão e monto em suas costas antes que ele possa dizer algo. Ouço outro grunhido abafado, mas ele não se mexe. Deixo o lado exposto e pegajoso da folha deslizar por sua pele, nos ombros e pela parte superior das costas. Ele geme, mas não é de um jeito ruim. Quando tem gel suficiente na pele, espalho de leve com a ponta dos dedos.

Keaton está bem mais em forma do que imaginei. Ele não é todo musculoso nem nada, mas também não é flácido. Ele se cuida. Não diria que fico sem ar ou algo do tipo quando o vejo sem camisa, mas ele não é ruim de olhar. Ou de tocar.

— Está melhor?

Ele solta um gemido baixo. Seus braços estão esticados para os lados e quando começo a me mover para sair de cima dele, seus dedos roçam minhas panturrilhas. Não sei dizer se ele fez de propósito ou não, mas é bom. Pulo da cama.

— Você quer comer, ou precisa dormir?

— Humpf. — Essa é a resposta.

— Certo, bem, é um sanduíche, então você pode comer depois.

Como o meu na espreguiçadeira da varanda. Eu também poderia tirar uma soneca, mas decido enviar uma mensagem para meus pais perguntando se o jogo de cartas que eles “inventaram” para mim e meu irmão, na verdade, é *Espadas*.

MÃE: Quem te contou?

PAI: Demorou para descobrir, querida.

EU: Vocês disseram que inventaram para mim e para o Paul!

MÃE: <emoji da mulher dando de ombros> Queríamos que vocês se sentissem especiais e achassem que éramos pais criativos. Quem te contou?

EU: Ninguém.

MÃE: Mal podemos esperar para ouvir mais sobre ele.

EU: Aliás, estou em Antígua agora.

PAI: Onde?

EU: No Caribe. Com a Aimee, o marido dela e alguns amigos. É tipo umas férias em grupo. Aqui é lindo.

MÃE: Roxanne, você está aí com um garoto?

EU: Não. Tenho que ir! Amo vocês!

PAI: Ele está me cheirando a encrenca.

MÃE: Você diz isso de todos os garotos.

PAI: E sempre estou certo.

MÃE: Não dê ouvidos a ele! Divirta-se. Ei, Pai, me traz a saladeira grande e vermelha da mesa de jantar.

PAI: Onde está?

MÃE: Na mesa de jantar. Na sala de jantar.

PAI: Não estou vendo.

MÃE: Ah, meu Deus! Esquece. Eu pego.

EU: Gente, parem.

MÃE: Desculpe, querida. Divirta-se!

PAI: Não se divirta demais.

Quando acordo do cochilo que não pretendia tirar e do sonho sexual que não pretendia ter, Keaton está por perto, repetindo meu nome baixinho. Exatamente como fez na noite passada e mais ou menos como estava fazendo no meu sonho sexual, mas sem a respiração pesada.

— Oi.

— Oi — digo, coçando os olhos e tentando fingir que não tinha acabado de sonhar que estávamos transando. — Seus ombros pararam de arder?

— Sim. Consigo até me mexer. Aquela coisa é mágica. Obrigado.

— Que bom. De nada.

— Todo mundo vai descer para jantar. Quer ir? Eles vão dançar depois.

Eu me sento.

— Na verdade, ainda tenho metade do sanduíche. Não estou com muita fome. Você quer ir? Para o restaurante. Quer dizer, você pode ir dançar também se quiser. Eu não vou.

— Por que não?

Dou de ombros.

— Odeio dançar.

— Quem odeia dançar?

— Eu.

— Isso é loucura.

— Se você está dizendo.

— Então você quer ficar aqui no quarto antes de irmos para a Noite de Jogos?

— Não. Eu quero ficar no quarto, mas você pode fazer o que você quiser.

Ele sorri e balança a cabeça, olhando para a água lá fora e provavelmente desejando ter trazido outra pessoa.

— Tudo bem — ele diz. — Quero entrar naquela piscina. Nu.

— Vá em frente — falo, me levantando. — Vou ficar aqui dentro. Comendo um sanduíche e sem olhar para você.

— Como quiser.

— Tudo bem.

— Se quiser, pode se juntar a mim.

— Não quero, mas obrigada.

Não fecho as portas da varanda quando entro, mas puxo as cortinas.

Não é culpa minha que as cortinas sejam tão leves e, com certeza, não tenho culpa que tenha tanta brisa agora, mas assumo responsabilidade total por olhar para a bunda de Keaton quando ele pula na piscina, porque... *caramba*! É surpreendentemente bonita.

Droga de traseiro branco e rico.

Onze

Keaton

— É UM JORNAL. AQUELE filme sobre o jornal! Que tem os católicos! Aquele que me fez chorar.

— Você tem que falar o nome do filme, Bernie — eu a lembro.

Matt está desenhando devagar e com cuidado o que parece ser um livro no quadro branco enquanto leva sua esposa à loucura.

— Ah, é um livro! — Bernie grita.

Matt aponta para ela e diz com calma:

— Sim.

— *Diário de uma paixão*!

Matt balança a cabeça e sinaliza para ela continuar.

— A atriz de *Diário de uma paixão* que estava naquele filme sobre o jornal e os católicos!

Ele continua apontando para o livro e sinaliza para ela continuar adivinhando.

— É um filme baseado em um livro? Harry Potter!

Todos no saguão do hotel riem baixinho.

— Me dê mais pistas, meu Deus!

Matt simplesmente ignora Bernie e desenha outro retângulo perfeito no quadro. Enquanto isso, restam quinze segundos no cronômetro.

— É outro pedaço de papel. Desenhe mais rápido!

O retângulo lentamente se torna uma caixa vertical. Matt desenha um círculo perfeito e aponta para ele.

— É uma bola em uma caixa. É... uma caixa de leite?

Matt sinaliza para ela continuar e não para de apontar para o círculo.

— É... é uma caixa... uma caixa de suco de laranja!

— Sim! — Ele desenha pequenos pontos ao lado da laranja e, em seguida, aponta para a fruta.

— Suco de laranja... Moscas de fruta. Polpa? *Pulp Fiction*!

— Tempo! — o gerente do resort grita no momento em que Matt pula, dá um soco no ar, bate na mão da esposa, a pega no colo e gira. Acho que nunca o vi tão animado. Puta merda... como eles fizeram aquilo? Estavam

sendo um desastre total, mas de repente... Bum! É como se estivessem lendo a mente um do outro, ou como se Matt soubesse que ela iria entender em algum momento.

Roxy e eu nos entreolhamos. Nossa vez é depois de Chase e Aimee, que vão logo depois do casal atual, mas Matt e Bernie têm a chance de continuar. Estamos há meia hora vendo outros casais jogando *Imagem e Ação* ou *Vença, Perca ou Desenhe*, como Don e Debbie preferem chamar. Eles são o casal mais velho do resort e jogaram cinco rodadas seguidas para ganhar dez pontos, mas perderam tudo porque Don não conseguiu descobrir o filme *Taxi Driver*. Eles quase brigaram por causa disso.

É divertido, mas há uma atmosfera de competitividade real, porque o prêmio é uma massagem gratuita para casais. Quem não iria querer ganhar?

Bernie apaga o quadro branco, estica os dedos e estala o pescoço antes de pegar um cartão com o título de um filme na caixa. Ela parece muito animada, então semicerra os olhos para o marido e diz:

— Estou pronta. — O grande cronômetro é redefinido para a contagem regressiva de um minuto, e Bernie começa a desenhar... ou pintar. Ela está segurando a caneta como se fosse um pincel, trabalhando nas sombras.

Matt está recostado no sofá, sorrindo para a esposa e esperando que ela termine sua obra-prima.

— É uma montanha.

— Sim! — Ela sinaliza para ele continuar tentando adivinhar.

— *Cold Mountain*.

Ela balança a cabeça e continua desenhando algo na frente da montanha.

— *O segredo de Brokeback Mountain*.

Ela nega.

— *Risco Total*.

Ela faz que não e desenha rápido o que claramente é uma mulher com os braços estendidos. Aponta para a mulher, para a montanha e então desenha círculos e setas ao redor da mulher.

— É uma mulher e uma montanha.

Ela sorri e sinaliza para ele continuar, mas acrescenta mais detalhes à mulher e à montanha. Ela é pintora profissional, então leva essa parte do jogo muito a sério. Enquanto isso, toda as amigas estão rindo dela. Bernie continua desenhando círculos ao redor da mulher sorridente.

— Uma mulher da montanha? *Louca obsessão*.

Ela balança a cabeça e olha fixamente para ele.

— Tem certeza de que não é *Cold Mountain*?

— Tempo!

— Ah, meu Deus! — Bernie grita para Matt. — *A Noviça Rebelde*!

Aimee e Roxy estão morrendo de rir.

— Eu praticamente desenhei o pôster do filme! É a Julie Andrews, cantando e girando em uma colina na frente dos Alpes.

Matt nem se mexe quando ela lhe dá um tapa no braço.

— Por que você não desenhou notas musicais?

— Porque não ficaria bonito — ela diz, fazendo beicinho. Matt a pega no colo.

— Seu desenho ficou lindo, amor.

— Certo. Muito bom! Um ponto para o Matt e a Bernadette. — o gerente do resort declara. — A seguir, o sr. Chase e a sra. Aimee.

Batemos palmas, gritamos e vibramos. Chase se levanta para apagar o quadro enquanto Aimee esfrega as mãos. Ela resolve se levantar para a rodada.

— Pegue algo bom, amor.

— A gente vai conseguir! — Chase responde ao escolher uma ficha e olha para ela por meio segundo. Então assente e vai para o quadro. A contagem regressiva começa. Ele desenha uma linha vertical espessa.

— É uma linha! *Na Linha de Fogo*.

Ele balança a cabeça.

— É um pedaço de pau? Comédia pastelão? *Os Três Patetas*!

Ele continua negando.

— É uma barra? *Striptease*! É um pau grande... Um pênis grande... É um filme pornô?

Ele ri e desenha outro graveto, um círculo ao redor da base das duas linhas e o que parece ser uma montanha com um homenzinho de palito segurando os gravetos. A seguir, desenha esquis em seus pés.

— Ah, ele está esquiando! É um filme de esqui?

Chase aponta para ela continuar e depois para os esquis.

— Esquis! Ahhhhhh! *O Grande Lebowski*!

— Sim! — Chase grita enquanto pega outro cartão da caixa e olha para ele ao apagar o quadro. Ele desenha um rosto simples com uma linha irregular na testa.

— Harry Potter! *Scarface*!

— Sim!

— Tempo.

Eles se abraçam e nós batemos palmas, mas secretamente os odiamos, porque vamos lá... *Scarface* é muito fácil.

Aimee fica de pé e desenha um grande círculo.

— É uma bola — Chase diz, se inclinando para frente na cadeira.

— Sim! — ela grita.

— Uma bola de basquete? *Basquete Blues. Teen Wolf.*

Ela balança a cabeça e continua a desenhar vários quadrados na bola.

— É uma bola de golfe. *Clube dos Pilantras.*

Ela desenha pequenas linhas que irradiam da bola e uma linha conectada à parte de cima.

— É um lustre. *Férias Frustradas.*

Então ela desenha uma meia-lua.

— É uma lua? *Apollo 13. O Mundo de Andy. O Primeiro Homem.*

Ela balança a cabeça com veemência e desenha um nariz grande com algo na narina.

— Um nariz... Meleca de nariz? *Boogie Nights!*

Eles quase conseguem outro ponto para *Esqueceram de Mim*, mas o tempo acaba. Chase vai transar essa noite, não importa o que aconteça. Então ele nem se importa. Eu bato palmas em câmera lenta para ele.

— Muito bem, casal. Três pontos. — o gerente diz. — Agora temos o Keaton e a Roxy. Ora, ora!

Não gosto do jeito que esse cara olha para minha namorada de mentira.

— Quer ir primeiro? — pergunto para ela.

— Com certeza — ela diz. — Não erre. — Roxy apaga o quadro, pega uma ficha com cuidado, olha para ela, franze a testa para mim, e acena para o gerente iniciar o cronômetro. Ela desenha algum tipo de pássaro.

— É um pássaro — digo.

Ela sinaliza para que eu continue.

— É um cisne. *Cisne Negro*.

Roxy balança a cabeça e termina de desenhar o pássaro.

— É um pato? *Mighty Ducks. Um Estranho no Ninho.*

Ela me olha feio.

— *Angry Birds*.

Ela puxa uma flecha através do pássaro e desenha sangue jorrando dela.

— Opa! É um pássaro morto. *O Sol é para todos*!

— Sim!

Ela pega outra carta, apaga o quadro, e começo a socar o ar feito um idiota.

— Isso aí, amor!

Ela franze a testa para mim enquanto desenha uma boneca palito usando vestido, sentada em uma cadeira, com as pernas abertas. Então desenha o que parece ser uma boca vertical entre as pernas da mulher.

— *Instinto Selvagem*.

— Sim!

Ainda temos tempo para mais um. Ela pega uma carta, apaga o quadro com entusiasmo e desenha dois círculos, pinta um deles e desenha o que obviamente é um frasco de comprimidos. Depois, um ponto de interrogação sobre os círculos.

— São pílulas? duas pílulas. *Matrix*!

— Tempo!

— *Como assim?* — Bernie grita.

— Você escolhe a pílula vermelha ou a azul? — falo. *Óbvio.*

Me levanto para pegar Roxy e beijá-la na boca, e ela nem resiste, porque somos o melhor casal aqui e todos os outros que se explodam.

— Uhul! — Ela bate palmas. — Vamos, amor, mais três pontos! Mais três. Vamos ganhar!

— Fácil — digo, piscando para ela. Apago o quadro e, em seguida, pego um cartão. Sorrio, porque nós vamos ganhar e somos feitos um para o outro. E, com certeza, vou transar essa noite. Sinalizo para o gerente iniciar o cronômetro e desenho uma caixa perfeita.

— É uma caixa! — ela grita.

Concordo e continuo desenhando.

— É um filme de boxe. *Rocky*!

Balanço a cabeça.

— *O Vencedor. Menina de Ouro. Touro Indomável. Ali. Nocaute*. Aquele com o Denzel Washington. *O Furacão. Rocky dois*! *Rocky três*! *Rocky quatro*!

Continuo negando e termino de desenhar uma cabeça na caixa e aponto para ela.

— Ah, tem alguma coisa na caixa. É um presente? *O Presente.* Ou é no presente. *Perigo Real e Imediato.*

Eu a olho como se ela tivesse ficado louca e balanço a cabeça.

— Desenhe outra coisa. Anda logo!

Começo a desenhar um livro.

— É um livro. *O Menino Lobo*. É baseado em um livro. *Harry Potter*!

Desenho uma arma.

— Uma arma? *Top Gun*? Um filme do James Bond?

— *O quê?*

— Tempo!

Roxy dá um tapa na testa com as duas mãos.

— Ai, meu Deus!

— É *Seven*. Isso é uma cabeça dentro da caixa. É o clímax do filme *Seven*. Qualquer um que tenha visto o filme saberia disso.

Ela se levanta e coloca as mãos nos quadris, porque não seria uma declaração forte o suficiente se fizesse isso sentada.

— *Seven*? Sete? Por que você não fez sete linhas para que eu pudesse contar até sete?

— Porque seria fácil demais.

— Você deveria facilitar para mim. Eu estou no seu time!

Sou obstinado. Nós nos encaramos.

— Uma cabeça em uma caixa. Brad Pitt segurando uma arma. Cenas icônicas.

— E o que era o livro?

— É a Bíblia. Os sete pecados capitais.

Roxy olha para meu pescoço e, por um momento, imagino que está tentando decidir que tipo de objeto pontiagudo deve usar para me decapitar.

Todos batem palmas para nós, mas são palmas tristes. Estão com pena. Porque sabem que não vou transar hoje à noite. Ou talvez, nunca mais.

— Comida de mosquito — ela sussurra para mim.

— É uma cena icônica — falo, porque não desisto sem lutar.

— Sete linhas, e já estaríamos no próximo.

— Nós dois sabemos que você gosta de um desafio, amor.

— Algo que talvez você não saiba sobre mim: eu gosto de ganhar, *amor* — ela diz por entre os dentes.

Levanto a mão para ela bater.

— Mas mandou bem nos filmes de boxe. Estou orgulhoso de você, amor.

Ela não dá um tapa na minha mão, mas me dá um tapa no ombro. Não grito tão alto de dor, mas ainda assim, assusto os outros hóspedes.

— Eu pago a massagem, se você quiser — falo para ela, mas Roxy já está se afastando e indo se sentar perto de Aimee.

Chase me dá uma piscada e faz um joinha para mim.

— Mandou bem — ele diz.

— Uma cabeça na caixa — resmungo, obstinado, cruzando os braços conforme me sento sozinho no sofá.

Talvez eu possa dormir aqui hoje à noite.

Doze

Roxy

AIMEE ME PUXA DE LADO enquanto caminhamos com o grupo do local onde fica o saguão, passando pelo longo caminho sinuoso até os chalés dos hóspedes.

— Você não faz ideia de há quanto tempo estou esperando para te dizer isso, Rox, mas... — ela fala em voz baixa —, você está com *cara de calcinha molhada*, minha amiga.

Paro de andar para que possamos ficar para trás.

— O quê? Não estou, não. Estou com cara de brava. Essa é a minha cara de quem está com raiva.

— Tem certeza de que não está brava porque o pênis do Keaton não está dentro de você?

— Tem certeza de que você não bebeu? — Essa foi fraca. Uma resposta péssima. Estou ficando enferrujada. Mas não é porque estou com *cara de calcinha molhada*. Sei controlar minha expressão. E minha calcinha.

Andamos bem devagar, falando baixinho.

— Só me responda uma coisa.

— Não.

— Você sente alguma atração por... — ela aponta os dedos indicadores para as costas de Keaton.

Não respondo. Só seguro suas mãos e arregalo os olhos para ela, porque... *Ah, meu Deus*. Eles estão há dez metros à nossa frente, mas... *caramba*.

— Porque se sentir, eu entendo e te apoio. O Chase vai surtar, mas ele não precisa saber.

— Tudo bem, vou te contar uma coisa, mas você não pode contar a ninguém, incluindo o Chase, e não pode dizer nada ao Keaton. — Paramos de andar novamente.

— Ah, meu Deus! — Ela levanta os punhos. — Você já dormiu com ele, não é?

— Não! — Seguro suas mãos novamente. É como tentar controlar uma criancinha.

— É sério? Jura pela Beyoncé?

— Juro por todas as *Destiny's Child*.

Ela aceita meu *não* como verdade absoluta.

— Mas... — abaixo o tom de voz, tanto que ela quase não me escuta. — Nós nos beijamos no seu casamento.

Aimee arregala os olhos.

— Espere, o quê? Fale de novo para ter eu certeza de que ouvi direito.

Repito:

— A gente se beijou no seu casamento.

Ela ofega.

— Há cinco anos?

— Você teve algum outro casamento do qual eu não sei?

— Sabia que havia algo aí.

— Não sabia, não.

— Não fazia ideia do que aconteceu. Nem acredito em você agora.

— É verdade. Aconteceu.

— Foi ruim? Ah, não... ele beija mal?

— Não. — Olho para ele, caminhando com Chase, Matt e Bernadette. Não tem nada de arrogante nele agora – ninguém mandou ele não desenhar aquelas sete linhas –, mas sua bunda está perfeita naquela calça jeans. — Ele beija bem. Muito, muito bem.

— Ah, meu Deus, Rox. Você gosta dele.

Faço uma careta.

— Essa conversa é ridícula. Meus sentimentos estão confusos. Não conte para ele que conversamos sobre isso.

— Claro que não. Ahhh, Rox. Isso é tão fofo! E super inesperado e estranho. Muito, muito estranho mesmo.

— Sim, eu sei.

— Mas você não dormiu com ele naquela noite?

— Não.

— Nenhuma vez desde então?

— Não.

— Vocês nem sequer conversaram a respeito?

— Não exatamente.

— Aaah, é por isso que você o estava evitando.

— E porque ele me deixa louca.

— Lá embaixo?

— Sim. — Reviro os olhos. — Ele me deixa louca lá embaixo. — Cubro o rosto — Droga. É verdade. Você tem razão. Keaton "Filho da Mãe" Bridges está me deixando louca lá embaixo. E talvez em outras partes do corpo que nem deveriam estar reagindo a ele. O que está acontecendo comigo?

— Não sei. Ah, Rox. Eu queria saber o que te dizer. Você me dava conselhos tão bons... às vezes, quando eu era solteira.

— Obrigada por me lembrar disso.

— Mas, de verdade, não sei o que dizer.

Keaton e Chase param e olham para nós. Logo, começamos a apontar para as coisas, como se estivéssemos tendo uma discussão profunda sobre a flora local. Acenamos para eles e fazemos sinal para que não nos esperem.

— Porque é loucura — digo para ela. — Não é?

— Não é loucura, não. Quer dizer, de certa forma, faz todo sentido. Se vocês fossem realmente um casal... — Mesmo ao luar, consigo ver que seus olhos estão marejados. — Ah, seria perfeito. Estaríamos todos juntos. Os padrinhos do Finn seriam um casal de verdade.

— Mas...

— Mas se vocês ficarem e não der certo...

— É. E não daria. Afinal, como poderia?

— Bem... Nunca se sabe, talvez você seja uma boa namorada quando estiver com ele.

— Ei! — Paro de andar e seguro seu braço.

— Não quis dizer que...

— Você acha que *eu* sou o problema? Não o "cabeça na caixa"?

— É só que você...

— Não tenho um relacionamento há anos.

— Não é como se eu achasse que você...

— Que bom. Porque não sou incapaz de ter um relacionamento, e não é que eu não queira namorar de novo... Eu quero. Quero mesmo. Só não conheci o cara certo para mim ainda. Não acho...

Aimee e eu nos encaramos por alguns segundos, porque essa é a primeira vez que digo isso em voz alta. É a primeira vez que falo algo *parecido* com isso em voz alta, e posso ver que ela está se esforçando muito

para não pular de alegria. Ela segura minha mão e a aperta antes de continuamos andando.

— Bem, Rox... fico feliz que você queira estar em um relacionamento, mas que tipo de cara seria o certo para você nesse momento?

Tiro minha mão da dela.

— Muito bem, chega de falar disso. Vá fazer outro filho com seu marido que se apaixonou por você assim que te viu ao entrar em um bar.

Ela levanta as mãos e faz uma dancinha.

— Tudo bem, mas vamos falar sobre isso de novo. Conversamos *mesmo* sobre isso agora, e estou muito orgulhosa de você, Rox!

— Certo. Me deixe em paz.

— Está bem, mas decidi que vocês deveriam transar!

— Shhh! Fale baixo.

— Você consegue! Você é a Gatinha Roxy. Consegue fazer qualquer coisa dar certo.

— Sim. Você tem razão.

— Coloque esses peitos para fora, garota! Você está de férias. — Ela cobre a boca e começa a rir de si mesma.

Meu Deus. Ela vai jogar todas as coisas desagradáveis que eu já disse, quando ela era solteira, na minha cara.

— Vai garotaaa! — ela sussurra enquanto segue em direção ao marido.

Certo, certo.

Eu vou.

Afofo o cabelo, olho para minha blusa e abro alguns botões. Ainda estou usando o biquíni preto. Pensar na maneira como ele abriu a parte de cima tem provocado arrepios deliciosos e irritantes por meu corpo o dia todo. Ajeito o elástico na cintura da saia.

Sim.

Vou tirar uma casquinha daquele padrinho agora.

Busco dentro de mim até encontrar minha Gatinha Roxy interior – aquela de dez anos atrás. A que que sabe aproveitar o momento. Que sabe que sexo pode ser uma coisa divertida e satisfatória quando desfrutada por um homem e uma mulher que estão solteiros e sentem atração um pelo outro. A que sabe que transar com Keaton Bridges vai ser gostoso, apesar do fato de eu querer dar uma voadora nele – ou talvez por isso mesmo.

Certo.

Os peitos estão para jogo.

Vou fazê-lo tremer até as meias – ah, espere, ele não usa meias.

Quando chego no chalé Hibisco, Keaton já destrancou a porta da frente e está encostado nela, parecendo despreocupado enquanto a segura. Seus olhos encontram os meus quando passo por ele. Entro e o espero fechar. Estendo a mão para agarrar sua camisa, mas ele dá um passo na minha direção e me apoia contra a parede. Agora, estou com *cara de calcinha molhada* e surpresa. Ele segura meu rosto com uma mão e minha bunda com a outra, me encara com olhos semicerrados, narinas dilatadas, lábios pairando a um dedo do meu e... *Puta merda, o que está acontecendo?*

Aquele momento.

Voltamos àquele momento do casamento. Quando ele me perguntou com um olhar: "Devemos?" Mas desta vez, está afirmando: "Devemos, sim." Mas ainda hesita, esperando minha resposta.

Assinto com sutileza enquanto olho fixamente para sua boca.

Seu polegar roça meu lábio inferior e então ele me beija com um ruído baixo vindo do fundo da garganta e de cinco anos de tesão e frustração reprimidos, com a quantidade certa de língua.

Me atrapalho com os botões de sua camisa, mas ele para de me beijar por um segundo para puxá-la sobre a cabeça e a atira para longe. Minhas mãos exploram com avidez seu peito, braços e costas, como se soubessem que precisam experimentar o máximo possível dele antes que meu cérebro se recupere e diga para que parem. Ele puxa meu cabelo para inclinar a cabeça para trás e expor meu pescoço. Caramba, ele vai direto naquele ponto abaixo da orelha, o que faz meus joelhos fraquejarem.

Dessa vez, deixo a parede me sustentar, e ele continua a me deixar toda mole.

Keaton acaricia minha nuca de leve com a ponta dos dedos enquanto beija um lado do meu pescoço, ao longo da mandíbula até chegar na boca. Seu toque é leve e fugaz como uma borboleta. Ele move a língua para me penetrar e explorar. Acaricia meus quadris e minha bunda, me beijando profundamente, com vontade e como se precisasse disso. *Minha nossa, este homem beija muito bem*.

Tudo dentro de mim derrete, balança, sacode e sobe pelas paredes, esperando impacientemente para cair outra vez.

Suas mãos encontram meus seios, os seguram e acariciam, e ouço aquele ruído baixo se tornar um gemido.

Aquelas mãos. Apesar das unhas feitas, ele sabe usá-las de maneira assertiva. E eu adoro.

Ele está tão esfomeado por mim que, em resposta àquele momento, quero dar a ele tudo o que tenho.

Não me importa se é porque ele não esteve com nenhuma outra mulher há um tempo, ou se sou eu.

Não me importo nem que ele seja Keaton Bridges.

Ou se estou tendo essa reação louca por ele porque não fico com ninguém há cerca de um ano.

Abaixo a mão e apalpo o volume duro como pedra na frente da calça jeans.

— Puta merda — ele sussurra.

Puta merda mesmo.

Isso vai ser rápido e sacana. Depois, não vamos mais falar no assunto.

— Você precisa entrar em mim agora.

— Ah, linda — ele diz enquanto desabotoa minha blusa. — Vou ter que discordar.

Ele continua a abrir cada botão com cuidado, tão devagar que me dá agonia. Até que puxa a camisa sobre meus ombros, beija a pele nua do lado direito e, lentamente, faz uma trilha de beijos abaixo da minha clavícula até o esquerdo, empurrando as mangas para que eu me livre delas.

Por alguma razão que desconheço, minhas mãos vão direto para seu rosto, e eu o beijo como uma adolescente descontrolada. Não sei o que está acontecendo comigo. Só sei que preciso beijá-lo. Ele espera que eu me acalme e quando isso acontece, me encosto na parede outra vez, com as mãos apoiadas no cóccix.

Keaton passa as pontas dos dedos pelo meu peito, da clavícula até o decote e coloca a mão na minhas costas para soltar a parte superior do biquíni. Sem perder tempo, leva a mão para meu pescoço, desamarra as tiras e deixa a peça cair no chão.

Ele me olha. Sua boca se abre e seus cílios tremem por um instante, até ele recuperar o controle de si mesmo.

— Roxy “Filha da Mãe” Carter — ele diz, com a voz bem baixa e profunda. — Puta merda.

Ele dá um passo para o lado, passa um braço pelos meus ombros, o outro por meus joelhos e me carrega até a cama. Assim que minhas costas

tocam o colchão, seus lábios começam uma deliciosa jornada pelo meu corpo. Dos meus lábios ao pescoço, seios, barriga e descendo...

— Porra — ele sussurra. Forço meus olhos a se abrirem e levanto a cabeça para ver aonde ele foi parar.

Keaton se ajoelha no chão e me olha por um instante enquanto coloca as mãos embaixo da minha saia, puxando o biquini devagar. Empurra a saia até a cintura e prende uma das minhas pernas em seu ombro. Acaricia meus quadris novamente. Caramba, por que isso é tão bom? Então ele vira a cabeça para beijar e mordiscar minha coxa, bem devagar, chegando mais perto da parte do meu corpo que está louca por ele. Quando está perto o suficiente para que possa me beijar lá, ele brinca com meu clitóris com o hálito quente e a ponta da língua. A antecipação me faz tremer.

— Puta merda, Keaton — sussurro. Passo as mãos por seu cabelo enquanto sua língua circula, toca e se movimenta. As longas e lentas lambidas me fazem estremecer. A maneira como ele continua a acariciar meus quadris, minha bunda e minhas coxas, faz todo meu corpo sentir que está sendo cuidado e adorado. A maneira como ele geme e murmura, fazendo movimentos com a língua, cria vibrações que sinto em todos os lugares. Meus quadris se movem no ritmo de sua língua conforme ela entra e sai. Ele me penetra com dois dedos, estocando, girando e curvando-os No momento em que começo a ficar tensa, ele tira os dedos e chupa com força meu clitóris.

— Ah, merda! — grito. Agarro seus ombros e aperto com força. Ele enfia as unhas na minha bunda e geme. E então me lembro da queimadura de sol.

— Ah, merda! Desculpa. Eu te machuquei?

— Não estou sentido nada doer agora — ele murmura, voltando a me chupar e a estimular meu ponto G até eu gozar com tanta força que me surpreendo por não ter amassado seu rosto os dedos.

Certo. Vamos acabar logo com isso antes que se torne algo além do que deveria ser.

Keaton se levanta e enfia a mão no bolso da calça, pega um pacote de preservativo e rasga a embalagem com os dentes. *Safado*. Ele estava planejando isso a noite toda?

Tira a calça jeans e a cueca boxer, segura o membro muito ereto – *caramba, Keaton, que merda é essa?* – e coloca a camisinha. Ele se posiciona sobre mim, se encaixa e me beija profundamente enquanto me

penetra devagar e geme. Caramba, ele me preenche por inteiro, mas estou tão molhada que meu corpo parece dizer *isso aí, deixe-o entrar.*

Meus quadris se movem de imediato e minhas pernas envolvem sua cintura. Ele geme uma vez e estoca lentamente, aumentando o ritmo até que esteja entrando e saindo de mim de um jeito tão bom que me sinto à beira do orgasmo outra vez. Eu o agarro e penso: *É agora, vamos lá, ele vai gozar*.

Mas, não.

Ele me carrega até a beirada da cama. Abro os olhos e o encontro parado ali. Keaton levanta minhas pernas e apoia meus pés em seu peito, ergue meus quadris e me penetra em um ângulo incrível. Sinto como se um foguete estivesse sendo lançado dentro de mim até explodir meu cérebro. Meu corpo inteiro estremece até que percebo que ele continua estocando, ofegante.

Com certeza, ele vai gozar agora.

Mas não goza.

Ele me leva até o canto da cama, me vira, estica minhas pernas, segura meus quadris e me puxa para si a cada estocada.

Puta merda, é como quando ele ficou me enganando para que eu falasse sobre minha família no jantar na noite passada, mas desta vez, está me enganando para me fazer ter orgasmos.

Keaton "Filho da Mãe" Bridges!

Desta vez, é a consciência de sua presença e os sons que ele está fazendo enquanto se permite chegar mais perto do clímax, que me fazem gozar novamente. A maneira como está grunhindo ao me estocar e dizendo meu nome sem parar, com a voz profunda cada vez mais alta, até ficar muito tenso e quieto. Keaton solta o ar devagar e goza dentro de mim, me segurando com toda a força enquanto estremece. Sua voz fica rouca novamente. Me abaixo devagar, sentindo seu peso na minhas costas.

Nós dois estamos cobertos de suor, e acho isso lindo.

Ele beija preguiçosamente meu ombro, e isso é demais.

Suas mãos encontram as minhas e ele entrelaça nossos dedos. Acho isso maravilhoso.

E eu esperando algo rápido e safado.

Quando ele finalmente sai de cima de mim e vai ao banheiro, a pele em minhas costas esfria.

Me arrasto até a cabeceira da cama, tiro a saia que ainda está em volta da cintura e me enfio debaixo das cobertas.

É sério – o que foi que acabou de acontecer?

Caramba, quero fazer isso de novo.

E é exatamente por isso que não posso.

Acho que estava me enganando ao pensar que poderia simplesmente transar com Keaton Bridges e que não significaria nada.

Porque significa.

Ele pode não ser exatamente meu amigo, mas está no nosso círculo, e é importante.

Posso ter transado muito na vida, e o que acabamos de fazer pode ter sido divertido e incrível. E tudo bem, me surpreendeu, mas isso parece algo que pode se tornar verdadeiro e sério muito rapidamente.

Quando me apaixono, é de verdade, e receio estar velha demais para me apaixonar por alguém com quem não vai dar certo.

Não tem como dar certo entre mim e Keaton.

Quer dizer, não é possível.

Certo?

Quando ele volta para a cama, acaricia meu braço. Eu o olho e sorrio com um sorriso sensual, caloroso e apreciativo que ele merece, mas as palavras que saem são todas erradas.

— Foi incrível. De verdade... Vou dormir no meu lado da cama, Assim não vou roncar e não te deixar dormir.

Ele afasta a mão.

— Ótimo. Obrigado. Eu concordo, foi incrível.

Eu me viro de costas para ele e sussurro em um tom amigável:

— Boa noite!

— Boa noite, Roxy Carter — ele resmunga.

Posso ouvi-lo rir baixinho e esfregar o rosto com as mãos.

Eu sei, Keaton. Eu sei.

Sou péssima.

— Quer dizer, você foi incrível *mesmo* — falo. — Bom trabalho.

Ah, meu Deus, fique quieta, Roxy, estou implorando.

— Obrigado pelo feedback.

— Certo. Boa noite. De novo, Keaton.

— Boa noite de novo, Roxy Carter.

Amo o jeito que ele diz meu nome.

Estou ferrada.

Treze

Keaton

ACORDO SOZINHO NA CAMA com duas palavras na cabeça: Roxy e *saudade*.

Roxy é uma palavra que costumava significar “amiga da Aimee”, “gata” e “chata”. Há cinco anos, se tornou uma palavra seguida de um ponto de interrogação. Mas agora, de repente significa tantas coisas para mim que até perdi a conta.

Saudade é uma palavra em português que não tem equivalente em nenhum outro idioma. Você só sabe o que significa quando a sente. Foi a primeira palavra intraduzível que minha professora gata de linguística nos ensinou, e é a que mais me marcou. A forma mais simples de a definir é “a melancolia ou a espera por alguém que está longe”. Mas significa muito mais que isso. Traz tanto sentimentos bons quanto ruins. Com uma pitada de desalento e esperança. É um vazio que se acredita só poder ser preenchido pelo objeto do qual se sente *saudade* – seja algo pelo que você passou ou com o que você sonha –, mas que gera um sofrimento prazeroso ao saber que, de alguma maneira, essa coisa está fora do seu alcance.

É o que Roxy e eu sentimos no casamento de Aimee e Chase, embora nunca tenhamos falado nisso. Aquele desejo de que as coisas pudessem voltar a ser como na época em que todos saíamos juntos o tempo todo. Aquele desejo de encontrar a mesma coisa que Chase e Aimee tinham um com o outro.

Essa coisa para mim agora é a Roxy.

É seu corpo e tudo o que eu vi, senti e ouvi na noite passada e o que não pude ver, fazer ou dizer.

É quem ela é lá no fundo quando não está sendo a Roxy Carter que apresenta ao mundo.

São nesses momentos que sinto que ela me entende de maneiras que a maioria das pessoas nunca entenderá, e são nesses momentos que fico torcendo para que ela queira saber mais.

Ainda não é amor, sei disso. Mas sei como é o potencial para o amor, e é assim. Ela é a última mulher por quem eu poderia prever que sentiria isso

quando a conheci. Mas agora, sei o que é preciso para me manter interessado em alguém, e ela tem tudo para ser a última mulher por quem quero sentir isso.

Quando eu tinha vinte e poucos anos, adorava ter que correr atrás, mas assim que ganhava o coração de uma garota ou alguma outra parte dela, tudo em que conseguia pensar era em todas as outras portas que se fechariam caso eu estivesse com aquela pessoa pelo resto da vida. Com Roxy, sei que sempre haverá mais portas para abrir e todas são delas. Sei disso. No meu coração e na minha alma.

Tudo bem, também sinto isso lá embaixo e não sei se posso continuar vivendo se não puder transar com ela de novo. Várias vezes e de todas as maneiras possíveis.

A noite passada foi ótima para mim e sei que também foi para ela, mas Roxy estava se segurando. Talvez tenha sido porque eu a peguei desprevenida, ou talvez porque ela queria que fossemos apenas um romance casual. Foi como depois que nos beijamos, há cinco anos, só que ela não conseguiu ir embora desta vez, então foi dormir.

Não estou dizendo que tenho um profundo sentimento de saudade agridoce pela boceta da Roxy, mas também não estou dizendo que *não* é isso.

Ainda há muito que quero dela.

Ainda não a vi totalmente nua em plena luz do dia.

Ainda não senti sua boca no meu pau.

Ainda não a fiz gritar meu nome enquanto ela goza.

Olho para o teto através do mosquiteiro e consigo ouvir a voz baixa e rouca dela na varanda. Parece que está falando com a assistente. Acho que é domingo, mas elas estão repassando as coisas de sexta-feira e discutindo a próxima semana. Pelo que entendi, parece que há alguém no trabalho que está competindo com ela e está tentando puxar seu tapete durante as férias. Eu poderia ajudá-la com isso. Poderia ajudá-la em qualquer coisa, se ela me permitisse. Roxy é gentil com a assistente de uma maneira que nunca fui com a minha.

Me apoio nos cotovelos. Não faço ideia de que horas são. Dormi a noite toda. Ela não roncou ou, se roncou, não me acordou. Pelo visto, já tomou banho e está totalmente vestida. Não parece que esteja sentindo saudade ou qualquer outra coisa por mim ou pelo que fizemos ontem à noite, e isso dói um pouco.

Tenho que traçar uma boa estratégia. Vou precisar ir devagar. Tenho que negociar de uma forma que ela não perceba que estamos fazendo um acordo. Então, vou construir algo lindo para nós, do zero.

Pego o celular na mesa de cabeceira e me deito.

Quando ela encerra a ligação com a assistente, me enfio debaixo das cobertas e ligo para ela.

Depois de tocar duas vezes, ela atende.

— É sério?

— Estou ligando como forma de cortesia para dizer que adorei o tempo que passamos juntos na noite passada.

— Obrigada. Também me diverti muito. — Eu a ouço sorrir. — Obrigada por ligar, mas vou desligar agora.

— Por nada. Eu também.

Ela desliga e faço o mesmo. Quando saio de debaixo das cobertas, a encontro caminhando em direção ao meu lado da cama. Posso ver um biquíni com estampa de oncinha por baixo do vestido branco e consigo sentir o cheiro do protetor solar de manteiga de cacau que abala meu corpo inteiro.

Ela me dá um pequeno aceno.

— Bom dia.

— Que horas são?

— Oito e meia.

Assinto e me sento, passando os dedos pelo cabelo. Não passa despercebida a maneira como seu olhar passeia lentamente das minhas mãos para os antebraços e para me peito nu. Quando ela nota que percebi, olha para o chão.

— Tudo certo no trabalho?

— Sim. Tudo sob controle.

— Tem certeza?

— Sim.

— Porque se quiser conversar sobre alguma coisa... — Aponto para mim.

— Está tudo bem no trabalho — ela diz e cruza os braços de maneira enfática. — Tudo sob controle.

— Que bom. Ótimo. — *Voltaremos a esse assunto depois.*

— Escute, ontem à noite foi divertido e tal, mas... estamos bem?

— Eu estou. Não sei você. Você está bem?

Ela revira os olhos e sorri para mim.

— Quer dizer, não precisamos agir de um jeito estranho como se tivesse sido uma grande coisa, certo? Nós transamos. Só isso.

— Sim, nós transamos. Só isso. — Coloco os braços no pescoço e a observo olhar para meus músculos.

— Bom. Ótimo.

— Maravilhoso. — Coço o peitoral. Gosto de vê-la me observando.

É óbvio que ela odeia o fato de não conseguir parar de me olhar. Coitadinha. *Vá em frente e lute consigo mesma, Roxy Carter. Estarei aqui, pronto para quando você também estiver.* Ela olha ao redor, morde o lábio inferior, cruza uma perna na frente da outra e coça o braço. De repente, parece uma adolescente estranha, e fico feliz com isso.

— Certo — ela fala. — Vou tomar café e te deixar tomar banho, porque algo me diz que você vai bater uma lá dentro, e realmente não quero estar aqui quando isso acontecer.

Bem, isso era o contrário do que eu esperava que ela fosse dizer, mas está coberta de razão.

— Bom café da manhã.

— Quer que eu te traga algo, que eu te espere lá embaixo, ou...

Ora, ora, isso parece algo que uma namorada perguntaria, srta. Carter.

— Acho que vou correr um pouco antes de comer. Se você não se importar.

Ela fica surpresa quando falo isso. Amo quando a surpreendo.

— Claro que não me importo. — Ela coloca as mãos na cintura. Não do jeito que estou acostumado a vê-la fazer. A pose de agora endireita sua coluna e deixa os seios empinados, o que me faz querer morrer um pouco.

— Devo ficar na piscina na maior parte do dia. Se você não se importar.

— Ótimo.

Ela assente.

— Tudo bem então. Estou indo.

— Tudo bem. A gente se vê por aí.

— Tudo bem. — Ela bate uma mão na outra e depois faz uma careta como se não quisesse ter feito aquilo. Se despede de mim, calça os chinelos, pega a bolsa e sai. Ela fecha a porta com cuidado enquanto me olha, e não

consigo parar de sorrir, porque posso dizer, sem dúvida alguma, que ela está deixando uma porta entreaberta para mim.

***

Uma hora mais tarde, depois de ter feito um FaceTime com o hotel de cachorros para confirmar que Jackpot continua bem e indiferente quanto ao meu paradeiro, e depois de sair para uma corrida, tomo um café da manhã rápido no bar e envio uma mensagem para Aimee, perguntando se ela pode se juntar a mim por um minuto para conversar.

AIMEE: Só eu?

EU: Se você conseguir fugir do seu marido sem que ele venha atrás de mim com um objeto pontiagudo ou de corte...

AIMEE: Está tudo bem?

EU: É tão estranho assim eu querer conversar com a esposa do meu melhor amigo por alguns instantes?

AIMEE: Um pouco...

EU: Só dê um pulo aqui para tomar um café ou qualquer outra coisa.

AIMEE: Estou indo.

Me pergunto se ela falou com Roxy. Será que ela sabe sobre ontem à noite? Quando ela aparece, me olha como se estivesse esperando ver minha cabeça sangrando ou algo assim.

— Você está bem?

— Sim. E você?

— Estou achando isso tudo bem esquisito. Bom dia. O que houve?

— Vai tomar café?

— Acho que já tomei bastante. O que está acontecendo?

Observo seu rosto em busca de respostas, mas ela parece não ter a mínima ideia do motivo pelo qual quero conversar.

Não tem uma forma tranquila de entrar nesse assunto, então vou direto ao ponto.

— Só queria saber o histórico de relacionamento da sua amiga.

Ela pisca, esfrega os lábios um no outro e os estala.

— Quer dizer, o histórico de relacionamentos da sua *namorada*?

— Exato. Não preciso dizer que seu marido não tem que saber que te perguntei isso.

— Não preciso te dizer que a Roxy também não precisa.

— Concordo. Continue.

Aimee bate a ponta do dedo indicador no queixo.

— Bem... eu a conheci na faculdade, você sabe disso, não é? Em Ann Arbor.

— Sei.

— Ela já tinha um namorado quando a gente se conheceu. Do ensino médio. Tad.

— Tad?

Fala sério. Tad?

— Ela gostava muito dele. Muito mesmo. Foi seu primeiro amor. Eram um casal fofo. Eu gostava dele.

Luto contra a vontade de enfiar o garfo na coxa. Não sei o porquê, mas realmente pensei que ela nunca tinha se apaixonado.

— Aham.

— Eles ficaram juntos no ensino médio e continuaram juntos pelos dois primeiros anos da faculdade. O plano era ele se mudar para Nova York quando nos formássemos. Mas ele resolveu fazer um semestre na Irlanda, e nunca mais voltou.

— Ah.

— Ela ficou arrasada.

— Ah.

— Isso a mudou. Ela ficou seis meses de luto e, depois disso, meio que... se tornou a Gatinha Roxy.

— Interessante. Então ela não teve nenhum namorado de verdade desde então?

— Bem, você sabe, ela se mudou para o Brooklyn antes de mim e namorou sério por quase um ano, acho. Jake. Não o conheci, mas ela parecia estar bem feliz com ele. Era sério o suficiente para que ele fosse visitar os pais dela no Dia de Ação de Graças.

— Certo.

Luto contra a vontade de pegar a mesa e atirá-la para o outro lado da sala.

— Mas então, o Jake foi fazer uma turnê. Ele fazia parte de uma banda. Baterista.

— Entendi.

— E eles resolveram ter um relacionamento aberto enquanto ele estivesse na turnê. A partir daí, as coisas esfriaram.

— Certo, e depois disso?

— Nada sério. Depois ela resolveu começar com aquela ideia de *trabalhar muito/se divertir muito*. Quer dizer, naquela época era assim. Mas acho que ela não anda se divertindo muito hoje em dia.

— Interessante. Por que você acha isso?

A boca de Aimee vira uma linha reta.

— Hum. Acho que não deveria falar disso com você.

— Muito interessante.

— Quer dizer, eu não deveria falar disso com ninguém.

— E você pode confirmar que já teve ao menos uma conversa com ela sobre mim?

— Não posso e não vou confirmar nem negar.

Luto contra a vontade de pular em cima da mesa e começar a fazer um rap sobre como meu pau é incrível.

— Aham. E como você se sente a respeito da possibilidade de um relacionamento entre mim e a srta. Roxy Carter?

O rosto de Aimee irrompe em um sorriso gigante. Ela dá alguns pulinhos na cadeira e finalmente consegue controlar os músculos faciais. Em seguida, limpa a garganta.

— Bem, primeiramente, eu e meu marido vamos te matar se você brincar com ela.

— Defina "brincar com ela".

— Flertar e transar com ela para depois perder o interesse e nunca mais procurá-la. Fazer com que ela comece a nutrir sentimentos por você. Ser um babaca com ela, ainda que só por um minuto.

Quem é esse babaca com quem meus melhores amigos estão me confundindo? Tomo o último gole do meu café.

— Defina "vamos te matar".

— Vou ficar com tanta raiva que não vou querer te ver nem falar com você por um bom tempo. Tipo, por um mês, talvez.

— Entendido.

Ela olha bem nos meus olhos.

— Vocês não fizeram... ou já fizeram?

Ela pode olhar o quanto quiser. Um cavalheiro nunca revela nada, principalmente quando não quer ser castrado. Faço cara de paisagem.

— Tenho certeza de que ela teria te contado se tivéssemos.

Estudo sua reação. Talvez ela também esteja fazendo cara de paisagem.

— É verdade. — Ela dá de ombros. — Enfim. — Ela se levanta e coloca os óculos de sol. — Vou voltar para a piscina. Acho que a Roxy está tomando sol na praia.

Assinto.

— Ótimo. Vou dar uma volta, nos vemos mais tarde.

— Sim. — Ela me dá um soquinho no braço. — Até mais.

Observo Aimee sair praticamente saltitando e tenho quase certeza de que Roxy contou para ela que transamos na noite passada Também tenho certeza absoluta de que tenho a aprovação de Aimee. Só preciso que Chase não descubra até que fique sério.

***

Fico na piscina com Matt e Bernie por cerca de meia hora, porque Aimee e Chase já desapareceram para dentro do chalé. Falamos em velejar amanhã, até ficar claro para mim que Matt e Bernie não têm intenção de gastar energia enquanto estivermos aqui, exceto na cama.

Bom para eles.

Os dois pedem licença, porque provavelmente já se passou cerca de duas horas desde a última vez que transaram, então decido ir até a praia e ver o que Roxy está fazendo. Me preparo mentalmente para encontrá-la tomando sol e ver seus seios naquele biquíni com estampa de oncinha, mas em vez disso, eu a encontro de vestido branco, ajoelhada na areia, não muito longe da linha da água. Ela tem uma expressão determinada no rosto enquanto soca a areia diante de si.

— Está fazendo um castelo?

— Falei com o Finn no FaceTime da Aimee, e ele me pediu para fazer um castelo e mandar fotos. Peguei os baldes e as pás na recepção e emprestei uma faca e uma colher da mesa de café da manhã. — Ela suspira, mas continua a bater. — Faz tempo que não faço isso.

— Quer ajuda?

Roxy coloca o baldinho de plástico diante dos meus pés.

— Preciso de mais água. Onde estão todos? — ela pergunta, sem olhar para cima.

— Transando nos chalés.

— Já?

— Acho que algumas pessoas curtem esse tipo de coisa — respondo enquanto tiro os chinelos e vou até a beira do mar. Quando volto com o balde cheio, digo: — Você tem que fazer um buraco. Cave até encontrar água, assim não vai precisar ficar indo buscar mais.

Ela me entrega a pá de plástico.

— Boa ideia.

Tiro a camisa, me ajoelho ao seu lado e começo a cavar com a pá. Um tempo depois, largo a ferramenta e continuo com as mãos. Não me passa despercebido que ela está olhando para mim.

Examino a base que ela construiu.

— O que é isso? Uma quitinete?

— Vai ser uma caixa. — Ela sorri para mim. — Você pode me ajudar com a cabeça.

Quando me dou conta do que ela está fazendo, inclino a cabeça para trás e dou uma gargalhada. Uma cabeça em uma caixa.

— O Finn vai adorar.

— Eu sei. Não vejo a hora de assistir a *Seven* com ele. Quanto tempo acha que devo esperar? Até ele completar... — Ela faz sete riscos na areia e arqueia uma das sobrancelhas para mim.

— Ei. *Sou eu* quem vai apresentá-lo aos gênios cinematográficos. Quando ele tiver dez anos.

— Falei primeiro.

— Falou nada. Nem acho que você queira ver esse filme com ele. Que tal nós dois fazermos isso? Juntos.

Ela me observa com o canto do olho.

— Juntos? Não me parece muito legal. — Seu tom de voz é brincalhão, mas hesitante. — Você não está pensando na noite passada ainda, está?

— O que aconteceu na noite passada? Com certeza, não estou pensando no seu gosto ou nos barulhos que você faz quando me beija ou em como você perde a capacidade de ficar de pé quando te beijo no pescoço bem... — coloco a mão atrás do seu pescoço e toco aquele ponto logo abaixo da orelha com o polegar — aqui.

Ela fecha os olhos e se remexe um pouco.

— E não tenho intenção de tentar te convencer a me deixar te beijar agora só por beijar ou só porque é divertido e nós dois nos beijamos muito bem.

Ela encara minha boca e move os lábios. Acho que está tentando dizer algo, mas as palavras não saem.

— O que você disse?

Ela umedece lábios.

— Vá se ferrar, Bridges — Roxy sussurra enquanto se inclina e se deixa beijar. Suave, lenta e conscientemente, da mesma maneira como alguém alisa a areia molhada com cuidado depois de amassá-la até que não haja mais pontos fracos, adicionando camada sobre camada, empurrando e alisando. Então, finalmente, ela começa a tomar a forma de algo, de um lugar onde você mesmo poderia se ver vivendo.

Ou encontrando a cabeça de alguém dentro.

Mantenho os beijos suaves, lentos e conscientes, mesmo quando a respiração dela fica mais rápida e os gemidos, mais altos. Até que ela me empurra, se levanta e diz:

— Vou dar uma volta.

Pigarreio.

— Para esfriar a cabeça?

— Para você esfriar a cabeça.

— Vai voltar?

Ela ergue a mão, um gesto vago que poderia significar qualquer coisa, mas sei o que ela quer dizer.

Você vai voltar, Roxy Carter. Vai voltar. E estarei aqui, o rei da porra do castelo, esperando por você.

Ou com uma cabeça incrível em uma caixa.

Seja lá o que for.

Seja lá para o que for que você está pronta hoje.

Catorze

Roxy

— VOCÊ NÃO VAI SABER ESSA — Matt fala, olhando o pedaço de papel na mão.

— Vou, sim! — Bernadette grita. — Manda ver.

Os dois estão parados bem no meio do saguão, e o cronômetro está fazendo a contagem regressiva de um minuto.

— Lançador do Hall da Fama de Beisebol dos Mariners e Diamondbacks. “The Big Unit.”

— Babe Ruth!

— Passo.

Bernadette cerra as mãos.

— Não gostei!

Matt devolve aquele pedaço de papel para a cesta e pega outro.

— Aquela cantora que você e o Tommy gostam, mas que eu não suporto.

— Christina Aguilera?

— A outra.

— Katy Perry?

— A outra.

— Taylor Swift?

— Sim. — Ele larga o pedaço de papel e pega outro da cesta, olhando para Don e Debbie, o casal mais velho aqui. — Ele fez filmes antigos com os irmãos e tem sobrancelhas grossas, bigode, óculos e um charuto.

— Groucho Marx!

Matt joga o pedaço de papel de lado e pega mais um. Don e Debbie pareceram desapontados e surpresos por Bernadette ter acertado aquele. Eles ainda não perceberam que ela tem a alma de uma senhora de oitenta anos.

Matt quase ri.

— Aquele modelo que você acha que se parece comigo, mas eu não acho.

— David Gandy!

— Tempo — grita o gerente do resort enquanto metade dos hóspedes pergunta quem é David Gandy e a outra metade insiste que Matt é muito mais bonito. Ele é mesmo.

— Acertamos três! — Bernadette aplaude.

— Só dois pontos, sinto muito — diz o gerente. — Vocês perdem um ponto quando passam. Mas bom trabalho.

Bernadette faz uma careta e resmunga.

— Você devia ter continuado — ela diz para o marido.

— Diga o nome de outro lançador famoso além de Babe Ruth que, a propósito, é mais um defensor externo que lançador.

Ela soca seu bíceps e resmunga de novo, porque não consegue nomear mais ninguém. Bernie ainda diz odiar que ele a conheça tão bem, mas é fofo. Deve ser difícil ter um marido tão lindo que a ame, entenda e apoie.

— Os próximos são o sr. Chase e a sra. Aimee McKay! — o gerente chama.

Keaton e eu nos entreolhamos. Sr. e sra. Casal Perfeito. Por que sempre temos que ir depois deles? Ele coloca a mão em cima da minha, um movimento ousado, considerando que mal falei com ele desde que nos beijamos hoje de manhã. Quando voltei da caminhada, terminamos a "cabeça na caixa" de areia em silêncio. Sem dizer nada, concordamos em fazer uma cabeça de zumbi, o que era uma escolha óbvia, já que Finn adora zumbis e não queríamos ter que explicar para ele de quem era a cabeça e estragar a surpresa quando ele fosse assistir ao filme.

Nós seis jantamos juntos em um restaurante na cidade, o que foi maravilhoso e, embora eu não tenha falado muito ou diretamente com ele, nunca estive tão ciente de sua presença quando estivemos em grupo. Continuo achando que ele precisa relaxar ou se soltar mais, mas ele realmente é um cara legal e engraçado. Talvez seja eu quem precise relaxar quando estou perto de Keaton. Posso até gostar dele. Essa ideia fica cada vez menos confusa e aterrorizante. Alguma magia estranha dessa ilha está transformando minha animosidade em relação a ele em pura luxúria e em algo que parece... carinho?

Não afasto a mão da dele, mas não entrelaço os dedos nos seus.

Observamos Aimee pegar um pedaço de papel da cesta e a contagem regressiva é iniciada. Ela e Chase estão parados a poucos metros de distância, mas se inclinam um em direção ao outro, e isso diz muito.

— O cantor de rock que fica melhor se acompanhado de purê de batata. — Aimee grita dando um pulinho.

— Meat Loaf.

— Sim! — Ela solta o papel e pega outro. — *I like big butts and I cannot lie*. — ela canta.

— Kim Kardashian.

— Uhu! — Keaton aplaude, e acerto o cotovelo nas suas costelas.

— É aquele jogador de golfe — Aimee fala.

— Tiger Woods.

— Esculpiu o Davi.

— Michelangelo.

— Ah, meu Deus... aquele careca do filme de corrida de rua de que você gosta, mas que eu não suporto.

— Merda — Chase olha para o chão, porque não consegue se lembrar do nome.

— Ah, o nome dele tem alguma coisa de gasolina, é...

— Vin Diesel.

— Sim.

— Tempo!

Chase e Aimee batem as duas mãos no alto, e o gerente declara que empataram com o recorde do resort de mais pontos em uma rodada.

Keaton me puxa do sofá. Tinha me esquecido de que ele estava segurando minha mão.

— É você que vai fazer as perguntas nessa rodada?

— Não acredito que você esteja me perguntando isso.

— Pegue um bom, amor — ele diz enquanto estico o braço para tirar um papel da cesta.

Tenho certeza de que ninguém nota que sinto um friozinho na barriga quando ele me chama de amor. Encaro o nome da celebridade escrito no papel.

— Ele criou a teoria da evolução.

— Darwin.

Largo o papel como se estivesse quente e pego outro.

— O artista pop que fez aquela coisa com as latas de sopa Campbells.

— Warhol.

Dois a dois.

— Aquele escritor e dramaturgo gay e espirituoso.

— David Sedaris.

— Londres. Século dezenove.

— Oscar Wilde.

— Sim!

Tento controlar meu sorriso ao olhar para ele quando escolho o próximo papel. Ele pisca para mim enquanto esfrega as mãos.

— Hummm... — Abaixo a voz, preparo meu melhor sotaque texano e olho para ele como alguém drogado. — Certo, certo, certo!

— Matthew McConaughey.

Pego mais um.

— Ele é um artista que faz artes marciais.

— Bruce Lee.

— O outro.

— Chow Yun-fat.

— Quem?

— Jet Li.

— Continue.

— Sammo Hong… Donnie Yen.

— É o único que eu saberia além do Bruce Lee.

— Jackie Chan.

— Sim!

— Tempo!

— Ah, meu Deus — falo, balançando as mãos em sua direção feito uma velhinha irritada. — Você tem que pensar como eu! Esse é o objetivo do jogo.

— Calma, amor — ele diz, acariciando minhas costas. — Nós ganhamos.

— *Sério?*

— Bom, ainda não, mas empatamos com o Chase e a Aimee. É quase o mesmo que ganhar.

— Cinco pontos para o sr. Keaton e a srta. Roxy! — o gerente declara.

— Ah, meu Deus! — falo, sorrindo para ele feito uma idiota. Eu *não* o beijo e, por algum motivo, isso parece a coisa mais estranha do mundo.

Olho na direção de Chase e Aimee. Ela parece estar radiante, mas ele está com a testa franzida.

— Empatamos! — digo a eles. — Nós empatamos. — Olho para Matt e Bernadette. — Ganhamos de vocês. Não é grande coisa. Só estou dizendo.

— Fui eu que coloquei o Warhol ali — Bernadette diz. — Então eu meio que te ajudei. Só estou dizendo.

Quando Keaton e eu nos sentamos outra vez no sofá, estamos mais próximos que antes. Ele se estica e coloca o braço ao meu redor. Don e Debbie estão de olho em nós porque são os próximos.

— Ei — sussurro para Keaton —, você é algum tipo de nerd de filmes de Kung Fu?

— Com certeza. Mal posso esperar para vê-los com o Finn.

— Ah, é? E se eu quiser assistir também?

Ele sorri.

— Vou te mandar uma lista dos meus favoritos.

Cutuco seu braço com o cotovelo.

— Vou assisti-los com você e com o Finn. Quer dizer... — Me curvo e sussurro em seu ouvido: — Nunca disse que não poderíamos ser amigos.

Ele se vira e sussurra no meu:

— Nunca achei que não fôssemos.

***

Don e Debbie acabam ganhando de lavada, mas para ser sincera, precisam mais da massagem que nós. Os dois estão juntos há quarenta e cinco anos.

Quando estamos prestes a voltar para os chalés, Aimee e Bernadette dizem aos rapazes para irem em frente e me arrastam para o banheiro feminino. Elas têm uma expressão intensa, mas estão tentando disfarçar. Me sinto encurralada e com a sensação de que vão tentar me vender Tupperware, suplementos vitamínicos ou tentar me convencer a entrar em uma seita.

— O que está acontecendo?

— Vocês são tão fofos juntos que não tem nem graça — Aimee diz.

Ah. Estão tentando me convencer a entrar para a seita das casadas.

— Sabe, o Matt e eu também éramos bem diferentes quando nos conhecemos. — Bernadette fala, como se fosse uma revelação chocante.

Olho para Aimee.

— Eu não disse nada. Ela desconfiou e me perguntou, e eu não pude mentir.

— Certo, em primeiro lugar — aponto para Bernadette —, você e o Matt continuam diferentes um do outro e em segundo lugar, o Keaton não é o Matt.

— Mas o Keaton é ótimo. Ele é muito fofo com a Harriet.

— E ele é ótimo com o Finn.

— *Eu* sou ótima com a Harriet e com o Finn.

Bernadette inclina a cabeça para trás.

— Ninguém disse que você não é.

— Viu, esse é o seu problema — Aimee diz. — Você está sempre competindo com ele, mas não precisa fazer isso. Não é como se só tivesse espaço para um amigo solteiro no nosso grupo.

— Isso não é verdade. E nas vezes em que o Chase não podia ir a um evento de trabalho e você só podia levar um acompanhante e escolhia o Keaton ao invés de mim? — Eu nem me importo tanto com essas coisas agora. Mas sinto que preciso continuar a agir como esperam que eu aja. É uma das coisas relacionadas a fazer parte de um grupo. Não é fácil mudar a forma como as pessoas te veem.

Aimee acena com desdém.

— Isso só aconteceu porque o Keaton conhecia pessoas no evento e fazia mais sentido ele ir ao invés de você. E, de qualquer maneira, se ainda estiver brava com ele por ter sido um idiota quando o Chase e eu ficamos juntos, te agradeço pela lealdade, mas você precisa superar. O Chase e eu superamos. Eu amo o Keaton.

— Eu aaamo o Keats — Bernadette fala com as mãos no coração.

— É sério? Tanto assim?

— Ano passado, tivemos uma situação urgente e precisamos de uma babá. Ele largou tudo para ficar com a Harriet.

— Por que vocês não pediram para mim?

— Nós pedimos. Você tinha um jantar importante. Enfim, quando chegamos em casa, ela estava dormindo, e ele, coberto de purpurina, com o rosto pintado e uma coroa de papel que ela fez. Harriet ainda o fez prometer que não ia tirá-la mesmo se ela dormisse.

— O que ela pintou no rosto dele? — Graças a Deus Aimee pergunta, porque também quero muito saber.

— Uma borboleta. O Keaton a deixou pintar uma borboleta rosa e azul no rosto dele. Nós até tiramos uma foto e a colocamos em um porta-retratos no quarto dela. Aaah, tenho a foto no celular. Vou mostrar para vocês. Antes

que você pergunte, Roxy, sim, ela também tem uma foto sua daquela vez que fizemos um piquenique. — Bernadette começa a deslizar o dedo pela galeria de fotos feito louca, procurando a imagem.

— Obrigada, mas não preciso ver.

— Bem, eu quero — Aimee fala.

— Sabe o que você deveria fazer? — Bernadette pergunta, balançando o celular na minha direção. — Você deveria *conmerdar* com ele.

— Não sei o que é isso, mas não vou, não. Tenho que ir.

— Não vamos assustá-la — Aimee diz para Bernadette. — Não estamos te pressionando, garota. Relaxe.

— Estou relaxada. É que... isso não é algo que eu queria apressar, tudo bem? Pode se tornar... uma coisa séria.

— Seríssima! — Aimee ergue a mão outra vez.

— Tudo bem, estou indo.

— Sem pressão.

— Espere! — Bernadette segura meu braço. — O que você acabou de dizer... é isso. Você resiste ao Keaton e se agarra à ideia de que ele é um babaca há tempo demais, porque, no fundo, você *sabe* como sua vida mudaria completamente se cedesse à energia que existe entre vocês. É tão clara que eu poderia fazer uma pintura dela. Aliás, talvez eu faça mesmo. Meus próximos quadros podem muito bem ser sobre você e o Keaton.

— Acho que isso é uma forma de pressioná-la — Aimee finge estar sussurrando para ela.

Não estou nem conseguindo processar tudo o que ela acabou de dizer.

— Tudo bem, boa noite.

— *Roxton para sempre!* — Bernadette grita quando estou prestes a abrir a porta.

— Shhh! — Me viro para elas. — Me deixem processar a ideia de *Roxton por enquanto* primeiro. Quer dizer, eu ainda nem sei o que ele acha disso.

Olho para Aimee, que está sorrindo para o chão e tentando esconder o rosto com o cabelo feito uma doida.

— Ah, só para constar — ela diz para Bernadette. — O Chase não pode ficar sabendo. Quer dizer, não até eles estarem oficialmente... você sabe. Juntos. Porque nós nem sabemos se o Keaton está interessado. — Ela estala os lábios e olha para o lado.

Me aproximo até que ela me olhe nos olhos.

— Ele falou alguma coisa para você?
Ela cobre a boca.
— Quem falou o que para mim?
— Garota, não me obrigue a te bater.

Quinze

Keaton

QUANDO ROXY VOLTA PARA o chalé Hibisco, já estou na cama, sem camisa e olhando as fotos de Jackpot no celular. Ele brincou na neve hoje. O mais provável é que também tenha feito cocô na neve para as pessoas do hotel canino. Bom para ele. Deve estar curtindo as férias. E tenho certeza de que vai aproveitar o resto dessa noite mais do que eu.

Tomei uma decisão mais cedo. Vou esperar Roxy dar o próximo passo. Não importa quanto tempo eu tenha que esperar, nem o quanto seja doloroso ficar do meu lado da cama. Vou deixá-la achar que não consigo pensar como ela, mas sei que é exatamente disso que ela precisa. As coisas que fiz no passado foram para me dar bem com as mulheres que eu desejava, mas essa mulher é mais obstinada do que a maioria. Sem dúvida, conheci meu par perfeito, e só preciso ser paciente e esperar que ela perceba que conheceu o dela.

É provável que só tenha se passado quinze minutos desde que cheguei aqui, mas parece que estou esperando Roxy voltar do saguão há uma eternidade. Há uma palavra inuíte: *iktsuarpok*. É aquela antecipação e frustração que a gente sente quando está esperando alguém chegar. É assim que tenho me sentido nos últimos quinze minutos. É assim que me sinto o tempo todo com relação a Roxy Carter. Estou só esperando que ela apareça para mim, e sei que vai valer a pena.

Ela fecha a porta com muito cuidado, como se achasse que estou dormindo e não quisesse me acordar. Tira as sandálias e fica na ponta dos pés, mesmo quando vê que estou me sentando. Roxy não me olha nos olhos quando pega uma camiseta da mala e vai até o banheiro.

Ah, pelo amor de Deus... o que foi agora?

Apago o abajur do lado da cama, soco o travesseiro e bato a cabeça nele, virando de costas para a porta do banheiro. Essa mulher me deixa confuso, e eu amo e odeio isso ao mesmo tempo. Tento adormecer antes que ela volte para cama, o que é impossível. Estou ciente demais do som de seus movimentos. Ela não está batendo em nada e nem está brava. Está

colocando seus inúmeros produtos com cuidado de volta na pia em vez de jogar as coisas em qualquer lugar. Roxy está sendo atenciosa. Ela está mudando seu comportamento por mim ou, pelo menos, por minha causa. Deve estar tomando o anticoncepcional que acabei vendo na sua bolsinha de cosméticos. Também está demorando muito lá dentro, então ou está odiando a ideia de voltar para a cama comigo, ou está planejando algo.

Ou então está fazendo a rotina coreana de dez etapas de cuidados com a pele que Tamara tentou seguir por, mais ou menos, uma semana.

Tamara.

Gostaria de não ter pensado nela. De repente, a cama parece maior e mais vazia, e a distância entre mim e todas as mulheres do mundo, maior. Fiquei o dia todo muito focado no possível início de um relacionamento com Roxy e agora, a perspectiva de passar por outro término com alguém, principalmente alguém tão importante quanto Roxy, quase me paralisa.

Talvez eu devesse me levantar e ir dormir na porcaria da banheira. Me oferecer aos mosquitos e aos deuses cruéis da dor de cabeça e do tesão reprimido. Mal sinto o colchão se mover quando ela finalmente entra debaixo das cobertas. Ou estou entorpecido, ou sentindo tanto que não consigo sentir mais nada.

Ela não liga o abajur do seu lado e mal se mexe.

— Boa noite — Roxy diz. Uma afirmação.

— Boa noite — respondo. Uma finalização.

E é isso. Terminamos o dia. Este é o final da nossa terceira noite juntos na mesma cama. Conseguimos dez pontos em duas rodadas no jogo das celebridades, e esses são os únicos pontos que vou fazer esta noite.

***

Estou naquele mundo nebuloso e confuso que existe entre estar adormecido e acordado quando sinto algo na parte de trás dos meus ombros e percebo – ou espero – que sejam lábios e que Roxy esteja me beijando. Se estou sonhando, não quero acordar, e se estou acordado, não quero me mover, porque talvez ela esteja dormindo. Ela se aconchega nas minhas costas e, *caramba*, está nua. Seus mamilos roçam minha pele enquanto Roxy acaricia meu braço, estende a mão e a passa pelo cós da cueca, acariciando minhas bolas. Ela empurra a boxer para baixo, segura meu pau na mão e, *puta merda*, sabe como lidar comigo do jeito certo. Mas resisto a

todo impulso de acelerar as coisas, porque quero ficar neste mundo nebuloso e confuso pelo maior tempo possível.

Ontem à noite, ela foi muito receptiva, mas hoje está curiosa e explorando meu corpo. Ou então está planejando me enrolar e me deixar louco. Quaisquer que sejam suas intenções, cada parte de mim concorda. Ela me envolve com o dedo indicador e o polegar e não se apressa acariciando meu pênis para cima e para baixo. Usa a mão toda para fazer a mesma coisa, subindo, cobrindo a cabeça, girando com suavidade, acariciando com cuidado e, de alguma forma, sabendo exatamente quando deslizar as pontas dos dedos até minhas bolas novamente assim que a cabeça fica sensível demais.

Roxy cutuca meu braço para que eu me deite de costas e ela possa se ajoelhar entre as minhas pernas. Ela ainda está debaixo das cobertas, e só consigo ouvir minha respiração pesada, que mal consigo controlar, meu próprio batimento cardíaco e o atrito de pele contra os lençóis. Não consigo ver quase nada, mas posso sentir tudo. Estendo a mão para puxá-la para um beijo. Ela se inclina para frente, roçando os mamilos no meu peito e se afasta antes que minha boca possa fazer contato com a sua. Segura a base do meu pau com uma das mãos, pressionando a palma ao longo dele e o puxa de leve em sua direção. Quando chega à ponta, faz o mesmo com a outra mão, devagar e com suavidade. Então me segura com mais força, move a mão para cima e para baixo, voltando às carícias suaves.

Sim. Ela está tentando me deixar louco e, por mim, tudo bem. Seguro as laterais do travesseiro, fecho os olhos e cerro os dentes com força. As veias do meu pescoço parecem prestes a estourar, mas não me preocupo com isso.

Quando sinto seus dedos naquele ponto atrás das minhas bolas e a língua no meu pau duro feito pedra, finalmente quebro o silêncio com um gemido.

— Puta merda, Roxy.

É quando a sinto subir em mim. Seus joelhos dobrados estão nas laterais do meu quadril, e ela encaixa a cabeça do meu pau em sua boceta quente e molhada. Me torturando. Respiro o mais fundo que posso e espero que ela se abaixe e me tire dessa agonia. O significado da vida agora pode ser medido em milímetros e centímetros quentes e escorregadios, e nunca quis tanto me sentir conectado a uma mulher.

Seguro seus quadris e quando ela finalmente se abaixa e me permite preenchê-la, sua respiração fica suspensa por um instante. Roxy solta um suspiro alto e sexy, e estou pegando fogo. Aperto sua bunda e espero que ela comece a movimentar os quadris. Quando ela o faz, sinto como se tivesse levado um choque e não consigo me segurar por muito tempo.

Puta merda.

Me sento, e ela arqueia as costas, permitindo que minha boca finalmente alcance aqueles seios lindos. Minhas mãos estão por toda parte, demonstrando o quanto estou faminto, devorando e me deliciando com o corpo desta mulher. Quase a faço gozar com todas as lambidas e chupadas. Suas pernas estão enroladas na minha cintura e as minhas, cruzadas debaixo dela. Nos movemos juntos, e fico feliz por ter me alongado depois de correr hoje. Eu não fazia ideia de que meu corpo era capaz disso, mas neste momento, acho que eu faria qualquer coisa por ela.

Roxy finalmente me beija, e é tão profundo, intenso e apaixonado que parece que ela está tentando me dizer todas as coisas que nunca diria com palavras. A intimidade é impressionante, mas fico ainda mais excitado, porque isso tudo é o que quero. Eu a desejo e espero que ela não pare nunca de chupar minha língua, mordiscar meu lábio inferior, arranhar minhas costas e se esfregar em mim. E também não quero parar de sentir seus seios pressionados contra meu peito, porque, *caramba*, isso é o paraíso para mim.

Mas essa mulher nunca vai parar de me atormentar. Ela se inclina de volta para o colchão, deixando os braços caírem sobre a cabeça e levanta as pernas para apoiar os tornozelos nos meus ombros. Não tenho problemas com essa mudança de posição e estou muito feliz com a vista, então fico de joelhos, seguro suas coxas e estoco cada vez mais forte, mais e mais fundo até que ela grita:

— Puta merda... isso, Keaton... caramba.

Isso é melhor do que todas as coisas boas que já senti na vida. Puta merda, como ela é gostosa. Nunca fiquei tão excitado por uma mulher, e fazê-la gozar é a única coisa que me importa agora.

Ela está se contorcendo, estremecendo e segurando os lençóis, então continuo a estocar até não aguentar mais.

— Goze dentro de mim — ela sussurra. — Não tem problema.

Sete palavras que eu não esperava ouvir dela hoje. Sete segundos depois, eu gozo. Murmuro seu nome uma vez e gozo dentro dela. E a libertação é incrível.

Roxy "Filha da Mãe" Carter.

Desapareço dentro dela e de mim mesmo, no nosso universo, aquele que eu sabia que existia. Se essa é a única maneira de entrar, posso viver com isso.

Tenho apenas um vislumbre dele, mas é glorioso.

Antes de adormecer, sei, sem dúvida, que vou fazer o que for necessário para nos levar de volta àquele lugar, muitas e muitas vezes.

Dezesseis

Roxy

— VOCÊ ESTÁ DIFERENTE. Parece mais relaxada. — Minha mãe semicerra os olhos em direção à câmera do celular.

— O quê? Não. Só tomei um pouco de sol. Olha isso! — Viro o celular para a vista da varanda. Keaton está lá dentro, em uma ligação com sua assistente. É segunda-feira de manhã, e estou prestes a começar a resolver algumas coisas do trabalho, mas meus pais acabaram de me ligar no Skype para saber como estou.

— Por que não está nos deixando ver seu rosto? — minha mãe pergunta. — O que está acontecendo? É por causa do garoto?

— Shhh! — Diminuo o volume do celular. — Não tem "garoto" nenhum.

— Onde está esse garoto? — Meu pai pega o celular da minha mãe. — Do que vocês estão falando?

— Oi, pai. Quer ver a vista?

— Do que? Do garoto?

— De Antígua.

— De quem?

— Antígua. É onde estou.

— Com quem você está aí?

— Aimee, o marido, minha amiga Bernadette e o marido e o amigo deles... o *nosso* amigo, Keaton.

— Keaton? Você nunca falou de nenhum Keaton — minha mãe comenta, pegando o celular do meu pai.

— Keaton é um homem crescido, e esse é o nome dele? — Escuto meu pai perguntar.

— Sim. Ele é um homem crescido. Esse é o nome dele.— Parece nome de mauricinho.

— Ele é o melhor amigo do Chase. Tenho certeza de que já falei dele.

— Esse Keaton é o "garoto"? — minha mãe pergunta.

— Alguém disse meu nome? — Keaton pergunta quase cantarolando, saindo para a varanda. Balanço a cabeça em negação e tento fazê-lo ir embora.

— Me deixe falar com ele! Coloque-o no Skype! Onde ele está? — minha mãe grita.

Keaton se posiciona bem atrás de mim e sorri para a câmera por cima do meu ombro. Metade do rosto dos meus pais está visível na janela do Skype.

— Bom dia — ele diz, usando seu charme. —Vocês devem ser os pais da Roxy. Eu sou Keaton Bridges. Namorado dela. É um prazer conhecer vocês pelo Skype.

Minha mãe grita:

— Eu sabia! — Ela cobre a boca e meu primeiro impulso é jogar o celular *e* Keaton da sacada.

— É um resort só para casais — explico, baixando a voz. — Por isso, Keaton e eu precisamos fingir que somos um casal e dividir o quarto. É só isso.

— Você está fingindo ser namorado da Roxy *e* dividindo o quarto com ela? — meu pai resmunga. — Você perdeu alguma aposta?

— Na verdade, sinto como se tivesse ganhado na loteria — Keaton responde com a mão no coração.

Meus pais gargalharam.

— Por favor, me diga que tem dois banheiros. — minha mãe pede.

— Não, mas ela anda bem-organizada. — Ele dá alguns tapinhas nas minhas costas. — Ela é uma colega de quarto muito atenciosa.

— É sério? — minha mãe pergunta. — É mesmo? Não está mentindo? Porque nós mal podíamos esperar para que ela saísse de casa.

— Por enquanto, ela está sendo bem hospitaleira. E é uma companhia ótima para jogar cartas. — Ele pisca para os dois. Pisca. Para os meus pais.

— Ah, então foi você? Garoto esperto. — Minha mãe pisca de volta para ele.

Jesus.

— Você é inspetor de jogos de carta, por acaso? Obrigado por expor nossos truques de pais — meu pai resmunga com um sorriso sarcástico. — Também contou para ela que o Papai Noel não existe?

— Eu disse que ela não vai ganhar presentes dele esse ano se não arrumar o lado dela do banheiro.

— Ei, nós devíamos ter tentado isso. — Minha mãe bate no braço do meu pai e a câmera balança para todos os lados. Começo a ficar tonta, mas pode ser porque Keaton colocou a mão na minha bunda, e não estou acreditando que ele está falando com meus pais no Skype. É muito estranho.

O celular de Keaton vibra, e ele olha o visor para ver quem está ligando.

— Sinto muito, mas preciso atender — ele diz para os meus pais. — Foi bom falar com vocês. Espero vê-los em breve. — Ele soa tão sincero que eu quase acredito.

— Prazer, Keaton! Se divirta com a nossa filha. — Minha mãe acena para ele.

— É impossível não me divertir com ela. — ele grita enquanto caminha de volta para dentro e fecha as portas.

— Ele parece o tipo de cara que não usa meias — meu pai resmunga.

Sim. É o que eu esperava. Meu pai o odeia.

— Como você sabe disso só de olhar para o rosto dele?

— Conheço rostos. E pés.

— Bem, ele usa meias na cidade. Pelo menos, em público.

— Ele parece ser do tipo que tem dinheiro para comprar muitas meias. Meias caras — minha mãe comenta. — Você nunca teve um namorado de verdade, com um emprego de verdade.

— Continuo não tendo. Ele não é meu namorado de verdade.

— De qualquer forma, você parece estar descansada. Está mesmo dormindo no mesmo quarto que ele? Esse rapaz parece ser do tipo que faz milagres.

— Mãe! Tenho que ir. Preciso fazer algumas ligações de trabalho, e vocês têm que sair para trabalhar daqui a pouco, não têm?

— Ei! — meu pai fala. — Seja legal com aquele cara, está bem?

— O quê?

— Você me ouviu. Acha que não reconheço um cara completamente apaixonado?

— Do que você está falando?

— Ah, o jeito que ele te olhou, Roxanne... — minha mãe murmura. — Você não reparou?

— Ele estava fingindo. Nós estamos fingindo. Às vezes.

— Conheço rostos. Sei como é o rosto de um homem apaixonado — ele fala e aponta para si mesmo. — É assim. — Meu pai dá um beijo rápido na bochecha da minha mãe, fazendo com que ela emita um barulho estridente. A câmera se mexe outra vez, me deixando tonta. E então, a tela do Skype fecha.

Fecho o aplicativo e vejo que tenho várias mensagens de Aimee, Bernadette e Nina no nosso grupo de amigas, mas logo percebo que Aimee enviou uma mensagem no grupo errado. É óbvio que ela queria ter mandado a mensagem no grupo de mães do qual não faço parte.

AIMEE: NINA! VOCÊ. NÃO. VAI. ACREDITAR!!! K e R. Estão juntos. Está acontecendo.

NINA: MENTIRA!!! Por favor, me diz que você está falando do Keaton e da Roxy.

BERNADETTE: ROXTON é REAL!!!

AIMEE: NÃO digam para a Roxy que contei para vocês, porque ela ainda está agindo toda estranha em relação a isso. Também não contem para o Chase, nem para o Keaton. Melhor não contarem para o Vince. Nem para o Joni. Caso nossos filhos troquem mensagens sem que a gente saiba.

NINA: Entendido! Pode deixar.

AIMEE: Tenho certeza de que eles já transaram há algumas noites. Talvez na noite passada também. Vai saber, mas acho que sim. Eles são muito fofos. De verdade. Fiquei surpresa, mas acho que pode dar certo.

BERNADETTE: #ROXTONPARASEMPRE

NINA: Morta. Estou tão feliz por eles. Não posso acreditar que estou perdendo isso, mas acho que, se tivéssemos ido, o K e a R não estariam juntos. Então foi bom!

EU: Oi, gente. Grupo errado, mas obrigada pelo apoio.

AIMEE: <emoji de olhos arregalados e envergonhado>

BERNADETTE: Culpada!

NINA: Ah, baralho! Mudando de canal, desculpa, Rox... PEGA ELE, GAROTA! Bjs

Coloco o telefone no modo silencioso e tento observar Keaton através das portas de vidro, mas só vejo meu próprio reflexo nelas. Fico chocada ao ver o rosto bem descansado e relaxado sorrindo de volta para mim.

Abro as portas e me sento em uma das cadeiras pavão, olhando para a vista, mas ouvindo Keaton falar ao telefone. Parece que está conversando com um dos sócios sobre alguma oportunidade de investimento. Meu Deus, adoro ouvi-lo falar de negócios. Ele é tão confiante, experiente e autoritário. É sexy.

Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás enquanto me lembro da maneira como ele se deixou ser tocado na noite passada, de como ele, por fim, assumiu o controle. A forma como continua me surpreendendo, me desafiando e me dando o espaço de que preciso logo em seguida. Ah, nossa, a maneira como ele me beijou toda...

— Foi bom, não foi? — ele pergunta, me assustando.

Olho para cima e o encontro ali, sorrindo.

— Estava só escutando as ondas.

— Estava, é? Porque eu estava me lembrando de como foi bom quando você colocou suas mãos no meu...

— Tudo bem, tudo bem. Preciso fazer algumas ligações e resolver coisas.

— Coisas de trabalho?

— Coisas de trabalho. — Pego o celular. — Se você não se importar.

— Está tudo bem por lá?

— Onde?

— No trabalho. — Ele se senta na espreguiçadeira e se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Não consigo parar de olhar seus bíceps. E ele sabe.

— No geral, sim.

— Tem certeza?

— Sou uma executiva competente e bem-sucedida, sabia?

— Eu sei, sim. Você é a Gerente Sênior de Relacionamento com Clientes e Fidelidade da maior loja de roupas online dos Estados Unidos. Então, por que está engolindo sapo de um funcionário?

— Você ouviu a minha conversa?

— Uma coisa ou outra ontem. Deixe-me adivinhar. Você tem um funcionário, homem, que responde direto a você, mas que passou por cima da sua gestão e falou com seu chefe, homem também, sobre um assunto que deveria ter sido tratado com você.

— Sim. É a segunda vez que isso acontece. Eu o contratei há quatro meses.

— E o que você vai fazer?

— Posso lidar com isso.

— Pode, por favor, me contar o que você planeja fazer?

— Você acha que não consigo resolver?

— Acho que você consegue resolver qualquer coisa. Só queria te dar a minha opinião a respeito, se você deixar. Como um amigo que trabalha com muitos homens que têm problemas em ter uma mulher como chefe.

— Tudo bem. Esse funcionário... vamos chamá-lo de Bryce. Foi muito bem recomendado e conhece meu chefe socialmente. Vamos chamá-lo de Ansel. Ele é ótimo no que faz, mas não respeita minhas decisões. Ele discordou da minha estratégia para um programa de CRM em grande escala baseado na análise de dados de nossas métricas de desempenho. Duas vezes. Quando ele me chamou a atenção pela primeira vez, agradeci a opinião e disse que eu havia tomado minha decisão e já a havia apresentado ao Departamento de Marketing. Então ele foi até o Ansel para apresentar uma outra estratégia. Só sei disso porque o meu chefe mencionou por alto o que o Bryce fez e que não concordava, mas que gostou de como ele deu sua opinião. Na sexta-feira, minha assistente ouviu do assistente do Ansel que o Bryce fez isso de novo, só que ele não se preocupou em falar comigo primeiro porque estou fora do escritório.

— E?

— E o Ansel não me falou nada. Talvez por causa do final de semana. Ou talvez ele não tenha a intenção de me contar.

— E o que você planeja fazer a respeito do Bryce?

— Vou dizer a ele que sei o que ele fez. Que agradeço os *feedbacks* da minha equipe e que estou sempre aberta a ouvir questionamentos sobre minhas estratégias enquanto estivermos na fase de desenvolvimento, mas que se ele tem um problema com minhas decisões, precisa discutir comigo primeiro.

— E?

— E é só isso. Acredite se quiser, eu não grito com as pessoas no trabalho.

— Bom saber. Você me permite te dar um conselho sobre uma outra maneira de lidar com isso?

— Sim. Pode falar.

— Não fale com o Bryce primeiro. Vá direto ao Ansel. Peça a ele para te ajudar a reforçar a cadeia de comando. Use exatamente essa frase. Talvez o Ansel tenha pensado que não devia te estressar à toa e, por isso, não tocou no assunto quando aconteceu e nem disse ao Bryce que era impróprio passar por cima da sua autoridade. Mas você precisa do apoio do Ansel para que as coisas deem certo com o Bryce daqui para frente. Diga o que eu te falei.

— Aham.

— Depois, converse com o Bryce. Fale que sabe o que ele fez e pergunte abertamente por que ele não se sentiu confortável com a sua estratégia ou em vir falar com você primeiro. Basta perguntar a ele o motivo. Não o coloque na defensiva, nem fique na defensiva. Agradeça a iniciativa e a paixão dele pelo trabalho. Esclareça a sua expectativa de que ele se reporte diretamente a você com relação a tudo, apesar do relacionamento dele com o Ansel. Pergunte o que você pode fazer para garantir que isso não aconteça de novo. E diga o que pode acontecer se isso se repetir.

— Vou demiti-lo.

— É bom mesmo. Eu o demitiria agora, mas eu sou um babaca.

— Eu gostaria de pensar que é só um mal-entendido com relação ao protocolo.

— Eu adoraria pensar assim também, mas aposto alto que o Bryce é um babaca que quer o seu lugar.

— É, aposto que você está certo. — Me remexo na cadeira. Eu apostaria que estou com *cara de calcinha molhada* agora, o que é um pouco inconveniente, já que preciso fazer algumas ligações e não posso fazer isso se a boca do Keaton estiver nas minhas partes íntimas. Ou posso?

— Certo. Obrigada pelo conselho.

— Quando precisar. De verdade. — Ele olha para mim de um jeito sério, e mal consigo lidar com isso. — Estou aqui se você precisar, sabe disso, não é?

— Sei.

— Ótimo. — Ele se levanta. — Vai fazer suas ligações aqui ou lá dentro? Quer que eu fique por perto ou não?

— Eu... — Penso por alguns instantes. — Sim. Pode ficar. Claro. Se prometer não entrar no meio da ligação e dizer para o meu chefe que é o meu namorado.

— Vou fazer o possível para não interromper as suas ligações de trabalho, mas não posso prometer que não vou gritar isso a plenos pulmões em algum momento.

Eu rio.

Droga. Ele me fez rir outra vez.

Esse cara...

Me lembro do que meu pai disse e analiso seu rosto e o jeito como está me olhando. Acho que é muito mais fácil reconhecer um homem apaixonado quando ele está olhando para outra pessoa, mas seja lá o que for que Keaton esteja sentindo, a forma que está olhando para mim me faz sentir muito bem. Acho que nunca me senti tão bem na vida.

Dezessete

Keaton

ESTAMOS CAMINHANDO PARA A Noite de Jogos no saguão, e espero até que Matt, Bernie, Chase e Aimee entrem no chalé para puxar Roxy em um canto e a surpreender com um beijo. Ela está cheirosa e linda, com um vestido branco e a pele bronzeada. Acho que mereço isso depois de tê-la ajudado com a situação do funcionário idiota. Mereço depois de passar um dia inteiro sem tocá-la enquanto estávamos na piscina e na praia. Além disso, quero beijá-la porque pensei nisso o dia inteiro.

Sim, existe uma palavra para o que estou sentindo, e é do alemão.

Vorfreude. A antecipação satisfatória de imaginar algo prazeroso ou desejado no futuro.

Eu nunca teria imaginado me sentir assim em relação a essa mulher quando a conheci, nem durante muitos anos desde então. Mas, caramba, a resposta dela é ainda melhor do que imaginei. Quando a puxo para mim com uma mão em sua cintura e a outra em seu pescoço, ela alcança meu rosto, me dá um longo beijo na boca e dez beijos por todo o meu rosto como alguém que está cumprimentando uma pessoa de quem sentiu saudade. Então, me dá um último beijo rápido nos lábios e se afasta, entrando para se juntar aos outros enquanto fico aqui me perguntando como é possível que não tenhamos nos amado durante a vida toda.

Estou me apaixonando.

Estou me apaixonando muito rápido. Por enquanto, não me importo a ser o único a se sentir assim.

***

— Quem é o cantor ou banda favorita do seu parceiro? — o gerente pergunta.

Hoje à noite, estamos jogando o *Jogo dos Recém-Casados*. Quando Roxy ficou sabendo disso, arregalou os olhos para mim e sussurrou que talvez devêssemos ficar de fora. Garanti a ela que seria divertido e que ela poderia brincar mesmo não sabendo as respostas. Nós seis estávamos

sentados na parte da frente da sala. Homens de um lado, mulheres do outro com diversos casais e vários funcionários do resort sentados ao redor nos observando. Estávamos esperando que Don e Debbie ganhassem de novo, mas nunca se sabe.

— Vamos começar com uma fácil — ele diz, piscando para as mulheres enquanto toca, por cerca de dez segundos, uma música animada de Herb Alpert e Tijuana Brass no celular.

Escrevo o nome do meu cantor favorito em um quadrinho e o seguro para que ninguém possa ver.

— Led Zeppelin! — Bernie grita, mal dando tempo para Matt terminar de escrever.

Ele vira seu quadro escrito *Led*.

— Um ponto para o Matt e a Bernadette. — o gerente diz e anota um ponto para eles no placar.

Eu achava que a banda favorita de Matt era AC/DC, então acho que seria uma péssima namorada para ele.

Aimee sorri para o marido e fala:

— Chris Cornell.

Chase ergue o quadro branco, que tem as palavras *Chris Cornell* rabiscadas, junto com um vago rabisco de um cara com cabelo comprido e barba, parecendo que tinha feito um autorretrato.

— Um ponto para o Chase e a Aimee!

Essa eu sabia. Seria uma boa namorada para o Chase.

Finalmente, olho para Roxy, que parece incerta. Estou esperando que diga algo como Shakira ou Air Supply, mas ela meio que resmunga e fala:

— Jay-Z?

Sorrio e pisco para ela, virando o quadro.

Ela parece tão feliz por ter acertado, que meu coração fica quentinho.

— Um ponto para o Keaton e a Roxy! Começamos bem esta noite, senhoras e senhores! — Esse gerente precisa ter o próprio programa de televisão. — A segunda pergunta também é fácil. Senhoras. Qual é a bebida favorita do seu companheiro?

Escrevo a resposta e olho para a Roxy, sorrindo. Não bebemos muito *juntos*, mas bebemos no mesmo lugar, um *perto* do outro, várias vezes ao longo dos anos.

Roxy diz, confiante:

— Gin tônica.

— Quase — respondo, virando o quadro e mostrando que *Old Fashioned*, na verdade, é minha bebida favorita.

— É sério? — ela pergunta, descrente. Como se eu fosse enganá-la de propósito. Ela olha para Aimee e pergunta: — Você sabia disso?

Aimee assente e sussurra:

— Ele só bebe gin tônica quando está tentando se animar.

— Aaah, um novo amor — o gerente fala. — Ainda há muito o que aprender um sobre o outro. É um momento animador, não se preocupe. Mas nada de ponto para vocês! Próxima pergunta!

Roxy cora e troca olhares com Aimee, não comigo. Pego Chase me olhando de canto de olho e mando um beijo para ele. Meu amigo não pode me impedir de dormir com ela. Nem de me apaixonar.

— Essa vai ser divertida, senhoras! Qual princesa da Disney seu companheiro acha mais atraente?

Não preciso nem pensar para responder essa, mas Matt e Chase fingem que estão pensando muito.

— Você primeiro, Lady Bernadette.

Bernie revira os olhos.

— Ele vai dizer Moana, mas na verdade é a Ariel.

Matt vira seu quadro mostrando que, de fato, escreveu *Moana***.**

— É a Moana e você não tem como provar o contrário.

— Posso, sim — ela resmunga. — Mas não aqui.

Aimee semicerra os olhos para Chase.

— Ele vai dizer Pocahontas, mas na verdade é a Ariel.

Chase vira o quadro escrito *Pocahontas, mas ela acha que é A Pequena Sereia.*

— Inocente até que se prove ao contrário, amor.

— Eu sei a verdade, amor.

— Pontos para a Bernadette e para a Aimee! E o que você diz, Roxy?

— Roxy diz que é A Pequena Sereia, e ele não tem motivo para mentir. — Ela dá de ombros. — Eu ficaria com ela.

Não preciso da imagem de Roxy ficando com A Pequena Sereia na minha cabeça agora, mas com certeza, espero levar um tapa quando ela vir a minha resposta.

— *Princesa Leia*? — ela grita. — Ela não é uma princesa da Disney!

— A Disney comprou a franquia. E ela é uma princesa.

— Nenhum ponto para o time da Roxy.

— Posso mudar a minha resposta? — Matt pergunta.

— Eu também quero — Chase diz.

Os olhos de Roxy estão brilhando, mas não de raiva. Ela gostou da minha resposta. Aposto que ela pegaria a princesa Leia também.

— Próxima pergunta! — O gerente toca a música de Herb Alpert outra vez. — Que filme com certeza faria seu companheiro chorar?

Juro que nós três estamos quase chorando de tanto rir pensando nas respostas.

— *Marley & Eu* — Bernie diz, fazendo beicinho. E acerta.

Aimee acerta *E.T.*

Roxy fala:

— *Uma linda mulher.* — Assentindo de forma confiante, porque ela não faz ideia e acha que vai errar de qualquer jeito.

Mostro o quadro:

Toy Story 3, *mas a Roxy provavelmente vai dizer Uma linda mulher*.

Isso arranca risadas de todos, inclusive de Roxy, cuja expressão também transmite descrença, carinho e a quantidade certa de desejo para a ocasião.

— Nós ganhamos alguma coisa por isso? — ela pergunta para o gerente.

— Meio ponto para o time da Roxy.

Ela vem até mim e bate a mão na minha.

— Estávamos meio certos!

— Estamos totalmente certos — sussurro. — Você só não sabe disso ainda.

Isso me rende um olhar confuso quando ela volta a se sentar.

— Última pergunta para as mulheres e depois vamos trocar! Está é múltipla escolha. Qual é o maior medo irracional do seu parceiro? Um, tubarões. Dois, fantasmas. Três, intimidade. Quatro, outro.

Todo mundo sabe que Matt tem medo de tubarão, porque ele cresceu surfando, mesmo eu tendo quase certeza de que seu maior medo é gordura abdominal.

Aimee revela que Chase tem um medo irracional de alguém raspar seu lindo cabelo ondulado enquanto está dormindo. Em algum momento de nossa vida, tenho certeza de que esse alguém era eu. E, para ser sincero, pensei em fazer isso na faculdade. Mas veja só como evoluímos.

— E agora é a sua vez de novo, srta. Roxy — o gerente diz, com uma piscadinha. Estou começando a achar que ele tem uma quedinha por ela. — Do que o sr. Keaton tem um medo irracional?

— Meias — ela diz.

Tenho que rir quando viro o quadro.

— Sério? — Roxy não acredita. — É sério mesmo? *Você* tem medo de fantasmas?

— Bem, na verdade, tenho medo de ser assombrado por um demônio desde que vi *Atividade Paranormal.*

— Nenhum ponto para a Roxy e o Keaton! Senhores, entreguem os quadros para as mulheres, por favor!

Me levanto para entregar o quadro branco, o apagador e a caneta para Roxy. Quando ela os segura, se inclina devagar e espero que ela beije minha bochecha, mas diz:

— Buu! — Em seguida, se recosta na cadeira, rindo.

Você não me assusta, Roxy Carter.

— Senhores! — o gerente fala. — Vamos ver quanto vocês conhecem suas mulheres. Uma pergunta fácil para começar. Qual é a banda ou cantor favorito dela? — Ele toca a música ridícula de Herb Alpert outra vez, mas isso não me aborrece.

Não preciso nem de um segundo para pensar na resposta.

Roxy termina de escrever, coloca a tampa de volta na caneta e arqueia uma sobrancelha para mim, sorrindo.

Fico surpreso em saber que a cantora favorita de Bernie é Patti Smith, mas Matt sabia.

Chase admite, de forma relutante, que a banda favorita da esposa é The Chainsmokers, e esse é basicamente o maior conflito no relacionamento deles.

Roxy volta sua atenção para mim. Ela está segurando as laterais do quadro e posso ver que está pronta para dizer: *Ha! Errou!*

Sinto muito, amor.

— O cantor favorito da Roxy é o Bruce Springsteen.

O queixo de Roxy cai, e ela olha outra vez para o quadro, como se para garantir que eu não poderia ter visto o que ela escreveu. Eu não vi. Mas sei que ela gosta dele. Sei disso, porque o pai dela também adora. É inesperado, e isso costumava ser uma das minhas coisas favoritas nela até que descobri outras vinte. A questão é que as pessoas que gostam de Bruce Springsteen

não param de falar nisso quando alguém toca no assunto. Ela nunca reparou que eu estava ouvindo.

Ela vira o quadro e o gerente do hotel também parece surpreso por eu ter acertado.

— Um ponto para o Keaton e a Roxy!

Ela mantém os olhos em mim enquanto apaga *Bruce Springsteen é o melhor* do quadro, e eu a encaro pelo máximo de tempo que consigo.

— Agora, senhores. Mais um ponto fácil. Nos digam qual é a bebida favorita delas.

Todo mundo sabe que a bebida favorita de Bernie é vinho tinto, porque todas as noites aqui ela esteve com uma taça na mão, e está tomando um gole agora mesmo.

Chase diz, todo orgulhoso, que a bebida favorita da esposa é ele mesmo.

Coço o queixo e faço uma pausa dramática só para fazer um charme, mas então respondo:

— Ela deve ter escrito cerveja Blue Moon, porque é sua bebida favorita quando sai. Mas quando quer se divertir de verdade, toma alguma coisa com tequila. Na festa de fim de ano, ela toma chocolate quente com qualquer bebida alcoólica, em qualquer hora do dia. O único vinho tinto que ela bebe é Malbec. O champanhe sobe direto para a cabeça e o coração, então só bebe em casamentos. Mas bebe muito. Me esqueci de alguma coisa, amor?

Ela balança a cabeça quando vira o quadro. Está escrito *Blue Moon*. Seus olhos azuis-claros parecem hesitantes quando encontram os meus, mas seu sorrisinho me anima.

— Outro ponto para o sr. Keaton e a srta. Roxy! Agora, rapazes... Uma pergunta hipotética... Se a sua mulher pudesse se casar com um super-herói, qual ela escolheria?

Matt diz que, para sua esposa, seria o Harry Potter, embora ele não seja bem um super-herói. Mas Bernie quer se casar com o Loki.

— Loki também não é um super-herói — ele resmunga, revirando os olhos.

— Vou me casar com ele de qualquer jeito. — Ela dá de ombros.

— Nenhum ponto para o sr. Matt e a srta. Bernadette. Ah, que pena. Sua vez, sr. McKay.

Chase semicerra os olhos para a esposa e fala:

— Ela também quer se casar com o Loki, mesmo ele não sendo um super-herói.

Aimee segura o quadro diante do rosto e fala:

— Mas eu o amo tanto quanto amo você!

— Um ponto para o sr. e a sra. McKay e dois para o sr. Loki! Sr. Keaton, o que nos diz?

Dou de ombros.

— Vou no Loki, mesmo que, sem dúvida nenhuma, ele não seja um super-herói.

Roxy vira o quadro e diz para Aimee e Bernie:

— Ele é meu. O Loki é meu.

— Três pontos para o sr. Loki e um para Keaton e Roxy. Meu Deus — diz o gerente.

Roxy me dá uma piscada enquanto apaga *Loki + Roxy para sempre* do quadro.

Vá à merda, Loki. A Roxy é minha.

— Próxima pergunta para os homens... qual atriz sua mulher gostaria que fizesse o papel dela em uma comédia romântica sobre o relacionamento de vocês?

Todos nós rimos, porque é uma pergunta ótima, mas Roxy não para de me olhar enquanto escreve a resposta. Quase como se estivesse torcendo para que eu acertasse.

Matt encara a esposa enquanto responde devagar:

— Eu colocaria a Zooey Deschanel ou a Emma Stone, mas acho que a Bernie diria... Lucille Ball.

Bernie abre um sorriso e vira o quadro mostrando que escreveu *Lucy!!!*

Chase acerta que Aimee ia querer a Jennifer Garner para fazer o papel dela e eu, com certeza, assistiria a esse filme.

Não sou telepata, mas sou um bom jogador de pôquer e um bom negociador, então consigo deduzir o que as pessoas estão pensando em determinada situação. Neste caso, a Roxy quer que eu acerte, então ela não deve ter escrito quem ela realmente queria, mas quem eu acertaria. Ela gosta de pensar que somos muito diferentes um do outro. E que ela é uma espertinha com coração de ouro.

— Julia Roberts — falo.

Ela parece aliviada ao confirmar que sou de fato um gênio que a entende.

— Vejam só, pessoal! Outro ponto para o time Keaton e Roxy! Continuando... última pergunta para esse grupo... Do que a sua mulher tem um medo irracional? A, aranhas? B, ficar presa no elevador com a sua mãe? C, intimidade? D, outro.

Ele toca a música, e eu observo Roxy pensar um pouco.

— Sr. Matt McGovern! Do que a sua esposa tem um medo irracional?

Matt coça o queixo enquanto encara sua linda esposa.

— Bem, ela costumava ter medo de intimidade *e* de gripe, mas acho que posso dizer, com certeza, que agora ela só tem medo de gripe.

Bernie vira seu quadro, e eles conseguem mais um ponto.

— Só é irracional até alguém morrer — ela resmunga e toma um gole do vinho.

Chase e Aimee estão rindo desde que o cara fez a pergunta, porque todo mundo sabe que Aimee tem um medo irracional de um apocalipse zumbi.

— Só é irracional até alguém morrer, ressuscitar e querer comer seu cérebro — Aimee fala.

— É irracional porque eu nunca deixaria isso acontecer — Chase garante.

— Sr. Keaton. Qual é o medo irracional da Roxy?

Roxy tenta manter sua expressão o mais neutra possível enquanto a observo. Até ontem, eu não teria hesitado em dizer que ela tem medo de intimidade, nem ela. Mas agora...

— Acho que ela tem um medo irracional de grades de metrô.

Roxy fica boquiaberta, e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Como você sabe? — ela pergunta com a voz embargada, quase sussurrando.

— Reparei na forma que você passa por elas — respondo, como se não fosse grande coisa, mas para ela, é óbvio que é. Aimee e Bernie estão me olhando com olhos marejados e fazendo beicinho.

Estou pensando seriamente em voltar a ser o babaca que só pensa em si mesmo, porque esse não é o tipo de atenção feminina que me sinto confortável em atrair.

— Um grande ponto de *como você sabia* para o time Keaton e Roxy! Agora, se o próximo grupo puder se aproximar, por favor... e aplausos para este! — Ele toca um efeito sonoro de aplausos no celular. Caramba.

Quando caminhamos para nos sentar no sofá, Roxy fala em voz baixa, balançando a cabeça:

— Estou muito confusa.

— Por quê?

Ela vira o rosto para mim.

— Não sei se você estava zombando de mim, ou se você...

— Se eu o quê?

— Se você me conhece *mesmo*.

— Com certeza, não estava zombando de você, Roxanne. — Estendo a mão na direção do seu rosto e, ao mesmo tempo, sinto Chase bater nas minhas costas.

— Muito bem, gente. Bom jogo.

Roxy e eu rimos e nos afastamos enquanto Chase coloca a mão em volta da minha nuca, meio que me estrangulando.

— Não podemos ser casais perfeitos — falo.

— Vou pegar uma bebida para a Aimee. Rox, quer alguma coisa?

— Não. Obrigada, *pai*.

Chase me puxa de lado, para perto da mesa com as comidas e bebidas.

— Você dormiu com ela, não dormiu?

— Você deve estar me confundindo com alguém que não é cavalheiro.

— Isso não é legal, cara.

— Já parou para pensar que talvez seja eu quem esteja em apuros?

Chase sorri conforme coloca um chips de banana na boca e me dá um tapinha reconfortante nas costas.

— Já parou para pensar que era exatamente essa a minha preocupação?

***

— Vamos beber algo no bar? — Roxy aperta meu ombro assim que chegamos na encruzilhada dos caminhos que levam aos chalés ou ao bar.

Assinto na direção dos nossos amigos.

— Acho que eles vão para o chalé.

— Tudo bem. Quis dizer só nós dois.

Só nós dois.

Essas três palavrinhas são tão delicadas e significativas... como um beijo suave desta mulher na bochecha.

— Certo. Vamos beber algo.

— O primeiro *Old Fashioned* é por minha conta. — Ela segura minha mão. Pelo canto de olho, eu a vejo examinando meu rosto de perfil quando nos viramos para o caminho que leva ao bar. — Me conte mais sobre você, Keaton Bridges — ela diz.

Chase e Aimee podem ter ganhado a Noite de Jogos, mas eu estou ganhando o coração de Roxy Carter.

Dezoito

Roxy

VOCÊ SEMPRE FOI TÃO BONITO? Penso, bebendo mais desse incrível coquetel de rum, sugando a bebida por dois canudinhos verdes enquanto me inclino sobre a mesinha na direção de Keaton.

— Qual é a sua cor favorita? — pergunto para ele.

— Azul-claro — ele responde, me olhando nos olhos.

— Aham. E quando você diz isso para uma garota de olhos castanhos, a resposta é marrom?

— Minha cor favorita é azul-claro agora — ele fala de um jeito convincente enquanto toma um gole do seu *Old Fashioned*.

Pelo visto, todos os outros casais neste resort já se retiraram para os chalés, porque Keaton e eu somos os únicos no bar, então temos o deck, o barman amigável, os castiçais cintilantes com velas enormes, o som das ondas abaixo de nós e a música onírica da bateria de aço saindo dos alto-falantes ocultos só para nós. E temos esse *samar* só para nós.

Posso não ter conseguido responder à todas as perguntas sobre Keaton Bridges em uma sala cheia de pessoas, mas posso fazer todas as perguntas e dar isso a ele. Esta noite. Meu tempo. Minha atenção total. E minha repentina incapacidade de soltar sua grande e bela mão. Meu Deus, que coisa boba. Uma brisa quente traz seu cheiro limpo e masculino na minha direção, e inspiro de forma descarada.

Por que sinto essa vontade de me cobrir de manteiga de cacau e andar pelada na sua frente até você cair de joelhos?

— Qual é o seu filme favorito de kung fu?

Ele coloca o copo na mesa e o rodopia de forma que os cubos de gelo batem contra o vidro.

— Tenho três favoritos. Amo *O Tigre e o Dragão* por vários motivos, mas tem um filme de Honk Kong que chama *O Grande Mestre,* que é uma biografia sobre o mestre que ensinou o Bruce Lee, e... — Ele sorri. — Adoro *Karatê Kid*. Não é bem um filme de kung fu, mas foi o primeiro filme de artes marciais que vi e que me fez querer ver outros.

— Também adoro *Karatê Kid.* Bem, não os que vieram na sequência, mas adoro o filme.

— Vou te fazer assistir a todos os meus favoritos comigo e com o Finn.

Tomo um grande gole desta poção do amor frutada da ilha antes de dizer:

— Acho que vou gostar disso.

— Tenho certeza absoluta de que vai.

— Como você sabe tanto sobre mim? — pergunto, admirada.

— Já te disse — ele responde, e duas linhas aparecem entre suas sobrancelhas. — Sempre pensei em você como uma amiga. Você faz parte do meu círculo de amizades há muito tempo. Tendo você percebido ou não.

Meu nariz idiota começa a coçar de novo, pela quinta vez hoje.

Quando foi que você se tornou essa pessoa que eu poderia realmente amar?

Ele olha para baixo e ri, mas é uma risada um pouco triste.

Por que eu nunca reparei em como seus cílios são longos?

— Só me lembro de quase sempre ter sido uma criança solitária. Até os oito anos. Meu pai estava sempre no trabalho ou viajando, e a minha mãe... Ela é uma pessoa legal, mas sempre esteve envolvida em ações para instituições de caridade e museus, então era ocupada. Quer dizer, eu tive amigos quando entrei na pré-escola, mas antes disso, eu tinha a babá Rey.

— Certo. — Assinto. É claro que ele teve uma babá.

— O nome dela era Reyna, mas acho que tive problemas para pronunciá-lo no início, ou talvez eu simplesmente não quisesse. Ela era uma linda mulher filipina. Devia estar na casa dos trinta. Muito gentil e doce, mas dura comigo quando eu era insuportável. Era ela que me levava para a escola e para todos os lugares, e eu a adorava. Quando fiquei grande o suficiente, ela me disse que tinha um filho mais velho que eu nas Filipinas, e que teve que dá-lo para adoção quando era adolescente. Eu morria de ciúmes dele, porque sabia que ela preferiria estar com ele do que comigo. Um dia, minha mãe me disse que a agência de adoção tinha entrado em contato com a Reyna dizendo que tinham reencontrado o filho dela. Por isso, ela voltaria para as Filipinas. Eu tinha nove anos e já não precisava de babá, mas achei que a minha vida tinha acabado.

Por que, de repente, estou com vontade de levar você para casa e te fazer um jantar?

— Ela voltou para o filho?

— Ela me deixou. Não, espere... Você tem razão. Ela voltou para o filho. Foi isso que aprendi durante os cinco anos de terapia que minha mãe me obrigou a frequentar depois que a Reyna foi embora. Tive que aprender a fazer amigos. Fiquei bom nisso.

— Você aprendeu a ser charmoso.

— Ah, você reparou?

— Às vezes. Você ainda tem contato com ela? Com a Reyna?

— No começo, ela me mandava cartas. Eu mandava cartões postais e fotos minhas. Mas você sabe como é... em algum momento, as cartas pararam de chegar. Tudo bem. Ela estava feliz. E eu fiquei feliz por ela.

— Como era aquela palavra russa? *Uzbliuto*?

— *Razbliuto*. Mas não é bem isso. Ainda a amo. Tenho certeza de que nunca mais vou vê-la, mas não é o tipo de amor que se esquece. É mais como saudade, nesse caso.

— *Saudade* — repito.

— Sim. Algo assim. Um amor que perdura. Uma saudade. — Ele se inclina para frente e arruma o cabelo que o vento soprou sobre meu rosto. Encosto a bochecha em sua mão.

— Me fale sobre os seus pais — peço. — Mas não pode fugir dessa vez.

Ele termina a bebida e faz sinal para o garçom, pedindo outra.

— Tudo bem, mas vou precisar de mais uma dose. Pode ser?

— Podemos ficar aqui até fechar, se você quiser.

— Quero fazer várias coisas agora, Rox. Mas todas incluem você.

Termino minha bebida antes de conseguir dizer:

— Também quero fazer várias coisas. Mas quero saber mais sobre você primeiro.

Ele sorri e aperta minha mão.

— Obrigado.

— Ah, Deus. Não me agradeça.

— Significa muito para mim. Mais do que você imagina.

O barman traz as bebidas.

— Mais alguma coisa para os namorados? Vão fechar a cozinha em breve.

— O que você quer, namorada? — Keaton me pergunta com um sorriso e uma piscadinha.

Ah, caramba, quero me sentar no seu colo, te beijar e não parar mais.

Quero recuperar o tempo perdido com você.

Quero que saiba que não sou uma babaca, porque agora sei que você também não é um.

— Estou bem — é a única coisa que digo. — Obrigada — falo ao barman.

Depois de tomar alguns goles do segundo *Old Fashioned* enquanto ainda segura minha mão do outro lado da mesa, Keaton solta um suspiro alto e fala:

— Minha mãe, Cynthia Harrington Bridges, é uma boa mulher. Ela não é muito maternal, mas sempre teve boas intenções e foi criada para ser apenas uma boa dona de casa e filha, nada além disso. Ela gosta de me dar coisas. Presentes. É o jeito dela de mostrar que se importa. Sempre foi. Meu pai, William Bridges, é um homem que começou do nada. Minha mãe é de família rica, e o meu pai conseguiu seu primeiro milhão quando tinha vinte e dois anos. Ele é investidor. É bem como o Richard Gere, em *Uma linda mulher*. Ele compra empresas em aquisições agressivas, subdivide e as vende com lucro. Não é um cara ruim. Na verdade, é uma boa pessoa. Só não é um ótimo pai. Nunca o culpei por isso, mas precisar tanto da aprovação dele era... cansativo.

— E você não precisa mais?

Ele balança a cabeça, pensativo enquanto volta a girar o copo.

— Não sou tão rico quanto o meu pai, mas ele sempre me dizia quanto havia ganhado quando tinha trinta anos, como se fosse a medida pela qual ele julgava todos os homens. Então, quando fiz trinta e percebi que tinha ganhado tanto dinheiro quanto ele na mesma idade, percebi que não era grande coisa. E eu meio que me senti mal por ele. Porque tenho o que ele não tem e provavelmente nunca terá: bons amigos. Ótimos, na verdade.

É aí que eu finalmente me levanto da cadeira para beijar sua boca.

Não consigo mais me controlar.

Eu o beijo até ele ficar sem ar.

Me sento de novo e o observo esfregar os lábios um no outro, saboreando meu gosto, o do rum e do gloss de abacaxi.

— Continue — eu o incentivo.

Sua covinha aparece quando tenta voltar a falar.

— Hum... O que eu estava dizendo?

— Que tem ótimos amigos.

— Sim. Eu diria que sou mais próximo dos pais do Chase do que dos meus. Há anos para falar a verdade.

— A Graziella e o Sean? — pergunto, sorrindo. Porque ninguém consegue pensar nessas duas pessoas maravilhosas sem sorrir. — Eu os adoro. Amo o restaurante que eles têm. Não os vejo desde o Ano-Novo. — Sinto uma pontada de remorso quando me lembro do quanto estava tentando evitar Keaton naquela noite. Fui embora antes que ele chegasse. E se eu tivesse ficado? Teríamos nos beijado à meia-noite? Seríamos um casal de verdade agora?

— Deveríamos jantar no restaurante deles um dia desses — ele fala. — Eles ficariam bem surpresos.

Eu também. Ainda não consigo me imaginar com Keaton no Brooklyn. Mas estou disposta a tentar.

Faço a próxima pergunta sem parar para pensar:

— Você quer ter filhos?

— Com certeza — ele diz, sem hesitar. — Muitos. Quantos muitos? Quero ter pelo menos três.

Essa revelação me acerta bem nos ovários.

— Três, é?

— Quero ser um pai melhor que o meu, e acho que vou fazer tudo errado com o primeiro.

Não consigo não rir disso.

— Então o primeiro vai ser uma cobaia que deu errado? Isso não é justo. Pensando bem, sou bem melhor que o meu irmão, então pode ser que você tenha razão.

— Está dizendo que acha três demais?

Engulo em seco e me remexo na cadeira, fazendo um tipo de conta ginecológica na cabeça... Não. Números e anos não fazem o menor sentido para mim agora.

— Acho que sim. Eu ficaria feliz com um. Não me importo em estragar um só.

Ele concorda.

— É. Você vai ser boa nisso.

— Em estragar uma criança?

— Sim.

— Obrigada.

— Quer dizer, nós vamos. — Ele ergue a lateral da boca. — Falei demais? Cedo demais?

Ele se curva e me beija até me fazer esquecer o que ele acabou de dizer.

O que nós acabamos de dizer?

O que são palavras?

Esse homem subiu para a minha cabeça mais rápido que um drinque caribenho de rum. Estou toda risonha e me segurando a esse sentimento antes que o vômito e o arrependimento cheguem. Droga, vou acabar roncando de novo hoje à noite.

Minha próxima pergunta escapa como se eu fosse uma garota bêbada em um Uber:

— Por que você e a Tamara terminaram?

Ele pisca, surpreso, e faz uma pausa rápida antes de responder:

— Ela foi para Los Angeles e não quis que eu fosse junto.

— Sim, mas... Bem, não precisa me contar se não quiser... Mas por que ela não quis que você fosse junto? Você é ótimo.

— Não sei o motivo. Ela disse que queria começar um novo capítulo na vida dela e que não poderia fazer isso comigo.

— Você a amava.

— Não quero falar sobre ela com você. Pelo menos, não agora. Essa é a fase boa. Não quero pensar em coisas ruim quando estamos juntos.

Ele ergue minha mão e a leva aos lábios. De todos os seus beijos, este pode ser o que me ganha por completo, porque consigo ver seu rosto enquanto me beija, e ele está sendo sincero. É um beijo para valer. Significou algo para ele, e ele, para mim. E a única coisa que quero fazer é dar uma voadora no meu cérebro, porque ele mal está conseguindo ficar acordado, e eu ainda não quero dormir. Não estou pronta para este sentimento, para esta noite nem mesmo essas férias terminarem.

Não tenho certeza se estou realmente pronta para Keaton ainda, mas com certeza, estou aqui para a parte boa.

Dezenove

Keaton

NÃO CHEGAMOS A FECHAR o bar ontem à noite. Voltamos para o chalé para conversar na varanda até depois da meia-noite. Adormecemos nos braços um do outro, em cima das cobertas e totalmente vestidos. Um de nós roncava e o outro estava tão cansado e feliz que nem se incomodou. Um de nós acordou no meio da noite e sacudiu a cama, fingindo estar com medo de algo que disse ter ouvido no banheiro, fez o outro se levantar para verificar e quando ele se levantou – porque é um cavalheiro valente que faria qualquer coisa para proteger uma mulher com quem ele se preocupa, ela correu as portas entre o chuveiro e a varanda e começou a sacudi-las. Da maneira como um demônio-fantasma faria.

Um de nós quase morreu de medo de um jeito sexy e másculo, e se a outra contar isso para alguém vai ser a coisa mais desagradável que ela já falou na vida.

Mas acho que ela arrancou o medo irracional de mim.

E tenho que admitir que foi bem engraçado depois que me acalmei.

Voltamos para a cama e rimos até cairmos no sono de novo. Foi uma noite sem sexo, mas me sinto mais próximo dela que nunca. E agora poderei ver se ela vai dar um passo para frente e dois para trás. A porta do banheiro está fechada e eu consigo ouvir Roxy se movendo lá dentro. Pego o celular na mesa de cabeceira e me lembro que hoje é Dia dos Namorados. Já passa das nove, então quando ouço a batida educada na porta, me levanto rápido, sabendo que devem ser as flores que pedi ao concierge logo depois que chegamos aqui – e não um demônio-fantasma.

Me vejo diante de um arranjo enorme de flores locais exóticas, tão grandes que mal consigo ver o topo da cabeça do jovem que a está segurando. Pego o vaso gigante de suas mãos e peço que ele espere para que eu possa colocá-lo dentro do quarto e pegar uma gorjeta na carteira. Em seguida, ele estende a outra coisa que pedi ao concierge depois da nossa primeira noite aqui: uma pequena sacola de presente cheia de tiras nasais e protetores de ouvido. Só uma coisinha para minha colega de cama, para que

ela saiba que não estou lhe dando um presente genérico, como flores incríveis, de Dia dos Namorados.

Saio para a varanda para me espreguiçar e respirar o ar fresco. Eu me sento na espreguiçadeira para ver as fotos que o hotel para cães me enviou ontem à noite e responder a alguns e-mails. Depois de alguns minutos, percebo que as portas da varanda estão se abrindo devagar. Meu primeiro pensamento é que Roxy está tentando me assustar de novo, e meu próximo pensamento é... nada. Minha mente fica em branco, porque Roxy está no chuveiro, a seis metros de mim e completamente nua. Ela está de costas, passando as mãos pelo corpo enquanto a água escorre. E essa é a coisa mais sexy que já vi na vida. Até que ela se vira.

Ela não está coberta de óleo, mas está molhada, brilhante e deslumbrante, e não há flores suficientes no mundo para se igualar a esse presente de Dia dos Namorados. Seus olhos cintilam para que eu me junte a ela e de alguma forma consigo me levantar e caminhar até lá. Eu chamaria isso de três passos para frente, nenhum para trás. Não sei como consigo caminhar normalmente em sua direção se isso não fosse a melhor coisa que já aconteceu comigo. Só espero não cair duro no chão antes de tocá-la. Mas, mesmo que isso acontecesse, eu morreria feliz.

Paro para tirar as roupas e fecho as portas, porque um de nós estará gritando o nome do outro muito em breve, e eu quero que seja ela. Eu a quero. Caramba, quero fazer tudo por, com e para ela.

— Que corpão que você tem, Carter — Encaro seu pescoço, clavícula e os seios fartos com mamilos rosados.

— Estou começando a gostar do seu também — ela diz enquanto suas mãos vão de encontro ao meu peitoral.

— Sabia que isso ia acontecer.

— Vou fazer o que você quiser com ele pelos próximos dez minutos, mas precisamos desligar a água porque é um recurso limitado, mesmo que estejamos em uma ilha.

Caramba. A Roxy no chuveiro é tão gostosa e maravilhosa quanto imaginei e duas vezes mais ecológica.

Cerro os dentes enquanto aquelas mãos confiantes descem devagar pelo meu corpo.

— É uma oferta muito generosa. — Seguro um de seus pulsos. — Mas por mim, você pode fazer o que quiser com o meu corpo pelo resto de sua vida. — Coloco suas mãos cruzadas para trás para que eu possa ver a leve

curva da sua cintura até o quadril e sua barriga lisa, macia e muito convidativa. — Pelos próximos dez minutos, vou fazer o que o seu corpo quer.

Sua resposta é algo entre um suspiro, um gemido e um murmúrio. É melhor e mais significativo do que qualquer palavra que ela poderia dizer.

Faço o que qualquer homem faria com essa mulher. Me ajoelho diante dela. Mais ninguém vai fazer isso pelo resto de sua vida.

Seguro sua cintura e a viro para a parede para que ela possa se apoiar, porque ela vai precisar. Mas ela faz o que nenhuma mulher fez antes. Ela se inclina devagar e segura os tornozelos. Puta meeerda... *essa* é a melhor coisa que já aconteceu comigo ou com qualquer outra pessoa.

Sou o homem mais sortudo que existe, mas o planeta também teve sorte, porque esse sexo no chuveiro vai ser o mais safado e vai acabar muito mais rápido do que eu esperava. Solto um gemido, aperto sua bunda e a penetro com a língua, estocando-a de forma implacável. Não paro até que ela goze e grite: Keaton! Puta merda, Keaton!. E então comece a gemer como se estivesse sentindo dor, o que ela não estava. Mas eu, sim. Quando ela fica em silêncio, me inclino devagar e a ajudo a se levantar, virando-a para mim outra vez e a beijando até que todo aquele fogo voltasse.

Empurro seu corpo contra a parede, me encostando nela. Eu me sinto o rei do mundo quando ela levanta uma perna e a envolve em minha cintura. Encaixo meu pau impaciente dentro dela e meu nome vira um suspiro em seus lábios. À medida que as esticadas aumentam de intensidade, o suspiro se transforma em um. Isso se repete diversas vezes.

Tudo está úmido, quente; duro, macio e delirante, mas também muito claro. Continuo estocando o máximo que posso, mas quando gozo, é intenso e ofuscante.

Quando nos recuperamos, ela me dá um beijo na boca, coloca gel de banho na palma da mão e me lava. É lindo, lisonjeiro, poderoso e tudo acaba muito rápido, mas nós dois estamos ansiosos demais para desabar na cama e nos deitarmos nos braços um do outro.

Dormimos e acordamos, exaustos. Tenho plena consciência de como ela fica confusa e hesitante quando acordamos para mover os braços e pernas, e ela me olha com as pálpebras pesadas e os olhos turvos. Mas também posso vê-la tentando superar qualquer medo que reste.

Nos levantamos quase meio-dia e decidimos descer para o restaurante. E me sinto pronto para dar a ela o outro presente de Dia dos Namorados que

eu tanto queria.

***

Roxy alterna entre ser tímida e a respondona de sempre durante o almoço. Nós comentamos que estamos sentindo todos nos olhando como se tivessem ouvido nossos gritos durante a transa mais cedo. Mesmo se tivessem, não pode ser nada que não tenham ouvido antes por aqui e, com certeza, teríamos recebido mensagens de nossos amigos, que estão estranhamente quietos nos grupos de mensagens até agora, além de bem ausentes das áreas comuns do resort.

— Por que você fica sorrindo para mim?

— Tenho algo para te dar.

— De novo? Não é justo. Eu não comprei nada para você.

— Ah, mas você me deu algo de que vou me lembrar para sempre.

Ela cora e cobre o rosto.

— Tudo bem, tudo bem. O que é?

— Um apelido.

Ela me olha através dos dedos.

— É melhor não ter nada a ver com o que fizemos essa manhã.

— Tudo tem a ver com o que fizemos essa manhã.

Ela joga meio pãozinho em mim. Eu o pego e o devolvo à cesta.

— Esse é o meu apelido para você... não vai fazer sucesso igual a Franzia ou Gatinha Roxy. É meio intelectual.

— Ah, meu Deus, me conte logo.

— Ute. É a abreviação da palavra norueguesa *Utepils*. Significa se sentar ao ar livre em um dia ensolarado, saboreando uma cerveja. Mas mais especificamente, é a primeira cerveja que se bebe ao ar livre em um dia ensolarado após um longo e rigoroso inverno. É assim que você me faz sentir. Como estou me sentindo agora. Ou melhor, como sempre estarei ansioso para ter essa sensação com você. Como quando a neve finalmente derrete e não há nada mais satisfatório do que tomar uma boa cerveja gelada ao sol. Nunca senti isso com ninguém. Gosto disso.

No longo silêncio que se segue, um homem menos confiante provavelmente esperaria que ela revirasse os olhos e fosse embora. Mas eu a conheço bem e sei que estou esperando por um raio de sol.

Ela finalmente pisca, toma um gole de água, coloca o copo de volta na mesa e fala:

— Gostei. Do apelido. Ute. E gosto de você.

— Que bom. Gosto de você também.

— Incrível.

Ela dá uma grande mordida em seu sanduíche, enfia algumas batatas na boca e comenta:

— Isso é muito louco, sabia? Eu e você.

— Eu discordo respeitosamente. Acho que sempre foi uma questão de tempo.

— E se for só uma coisa de férias?

— E se não for?

— E se não der certo? E se voltarmos a nos odiar quando a viagem acabar?

— Nunca te odiei, e isso é meio que o objetivo de um namoro. Ver se vai dar certo.

— Você me odiava.

— Tinha sentimentos complexos em relação ao seu comportamento comigo no começo, é claro.

Ela se engasga de forma dramática, se inclina para frente e baixa o tom de voz.

— Era tensão sexual e você queria transar comigo só por ódio?

— Se eu *queria*? Quero transar com você só por ódio agora.

Nossa garçonete se aproxima e sorri.

— Está tudo certo? Querem mais alguma coisa?

— Tudo ótimo, obrigada. Está uma delícia — Roxy fala.

— Já pedimos tudo o que queríamos, obrigado.

Roxy espera a garçonete sair fala baixinho outra vez.

— Eu, não.

— Não consegue mesmo admitir que sou o suficiente para você? Já não ficou com Tads e músicos o suficiente? Ah, por falar nisso, perguntei para a Aimee sobre os seus namorados.

— Eu sei.

— Interessante.

Ela limpa a boca com o guardanapo, segura a ponta da cadeira e semicerra os olhos para mim.

— Está querendo me dizer que você não sabe tocar nenhum instrumento?

— Amor, eu poderia virar o próximo baterista da E Street Band se isso fosse te fazer me levar a sério, mas acredito que não é o que você quer para a sua vida agora.

Ela umedece os lábios, e eu percebo, embora não consiga ver, que ela está apertando as coxas.

— Já terminou de comer?

— Quer me levar de volta para a cama? — Tiro o guardanapo do colo e o coloco na mesa. — Terminei.

— Que bom. Então vamos.

Deixo uma gorjeta para a garçonete, faço sinal para que ela coloque a cobrança da conta no quarto e saímos do restaurante em mais ou menos três segundos.

— Você aprenderia mesmo a tocar bateria por mim? — ela pergunta quando segura minha mão.

— Bem, eu aprender a tocar bateria beneficiaria todas as mulheres. Se isso fizer você gostar mais de mim, é um bônus.

— Você gostaria mais de mim se eu usasse uma tiara e um colar de pérolas?

— Não acho que conseguiria gostar mais de você, mas se usasse *apenas* isso, não é seria uma má ideia.

***

— Acho que posso dizer, com certeza, que estou me apaixonando por ela — digo para Chase e Matt enquanto seguimos para a danceteria do resort. — Muito.

Chase me dá tapinhas nas costas.

— Como ela está te tratando?

Suspiro devagar e olho para o chão, colocando as mãos nos bolsos.

— Provavelmente do jeito que você esperava. Também das formas mais surpreendentes possíveis.

— Você deveria tentar *conmerdar* com ela — Matt diz.

— O quê?

— É uma coisa que os pais da Bernie fazem e que nós já fizemos algumas vezes. É quando vocês dois conversam sobre o relacionamento até

que se misturem um ao outro. Não é tão ruim quanto parece.

— Não vou fazer isso.

— Justo.

Vinte

Roxy

— ESTOU ME APAIXONANDO POR ele. Muito — murmuro para Aimee e Bernadette. Estamos há mais ou menos vinte passos dos homens a caminho da danceteria. — É insano. É loucura demais. — E mal posso acreditar que estou tendo essa conversa no Dia dos Namorados. O dia mais bobo do ano.

Aimee aperta meu braço.

— Amiga. Se tiver um apocalipse zumbi, o Keaton com certeza pagaria alguém para te proteger.

— Ele é tão legal. Do que você está com medo? — Bernadette pergunta.

— Não é do Keaton que estou com medo, é de quem vou me tornar se ficar com ele.

Bernadette faz uma careta.

— A sra. Bridges?

— Um desastre.

— Ser vulnerável não é a mesma coisa que ser um desastre — Aimee insiste.

— É o jeito que me comporto. Você não se lembra?

Ela balança a cabeça devagar, negando. É claro que não se lembra. Por que se lembraria? Aimee consolidou sua carreira, arrumou um marido e um filho desde então.

— Não é que eu não me lembre de como você era, Rox. É que eu vejo quem você é agora. E vejo quem o Keaton é. E não consigo mais suportar a ideia de vocês dois não ficarem juntos.

Coloco as mãos na barriga enquanto um friozinho a domina.

— Eu também não. Está tudo acontecendo muito rápido.

— Está? Ou vem acontecendo extremamente devagar por anos e anos? — Bernadette pergunta.

— Ele disse algo parecido.

— Será que já podemos contar para o Chase? — Aimee sussurra.

Assim que ela diz isso, Chase dá tapinhas nas costas do Keaton e se vira para vir em nossa direção, olhando para mim. Paro de repente, como se pensasse *ah, merda, meu pai descobriu que transei. Me escondam!*

— Posso falar um pouco com você, Rox? — ele pergunta, tirando a carteira do bolso.

— Gostaria de solicitar que a sua esposa esteja presente.

Ele revira os olhos.

— Não estou bravo nem nada. Já sei sobre você e o Keaton. Estou feliz por vocês.

— Ahhh. — Aimee acaricia o ombro do marido. — Vejo vocês lá dentro.

Chase tira um cartãozinho desbotado e amarelado de dentro da carteira e olha para ele enquanto devolve a carteira ao bolso.

— É de uma daquelas máquinas de cartomancia de um parque de diversão. — Ele me entrega.

Diz: *Você pode estar sendo levado pelos ventos da mudança. Talvez esteja um pouco confuso, mas logo tudo vai ficar em ordem.*

— Aimee pegou isso na primeira noite em que ficamos juntos. Ela me deu quando me apaixonei por ela, mas eu achava que devíamos ir devagar enquanto trabalhássemos juntos. E o Keaton... Você sabe a história.

— Sim, sei.

— Deixei isso na carteira desde então para me lembrar de não ficar muito tempo preso ao que o meu cérebro diz quando se trata de questões do coração. Você é a última pessoa que pensei que precisaria disso mais do que eu. E acho que o Keaton era a última pessoa com quem imaginei que estaria com você nesses ventos da mudança... mas não conheço ninguém que tenha mudado tanto quanto ele ao longo dos anos. Para melhor. Não há nada que esse cara não faça pelas pessoas que ama, e eu diria o mesmo sobre você. Então, qualquer que seja a música, dança de amor e ódio, empurra-empurra que você tem nessa sua cabeça... é hora de encontrar outro ritmo. Entende o que estou tentando dizer?

Coloco o cartão dentro do sutiã, enxugo a lágrima solitária e idiota que se forma no canto do meu olho e concordo.

Ele dá um soquinho no meu braço enquanto segura a porta da danceteria aberta para mim.

— Você consegue.

Passo por aquela porta e vou direto até Keaton, que está no bar com o resto da turma. Seguro seu rosto e o beijo na boca. Eu o beijo na frente dos nossos amigos, do barman, da banda e das boas pessoas no Coco Beach Resort. Estou cansada de fingir que ele não é meu namorado de verdade.

Quando finalmente afasto os lábios dos dele, é Keaton quem está um pouco mole, para variar, e nossos amigos estão na pista de dança. Seguro sua mão e o levo até lá para nos juntarmos a eles. A banda é uma espécie de fusão de calipso, rock e batidas de música caribenha. Não sei como chamar isso, mas é alegre e impossível de não dançar.

A não ser que você seja Matt McGovern. Nunca o vi dançar antes. E continuo sem ver. Ele está basicamente parado ali, todo gostoso, rindo enquanto Bernie segura sua mão e faz algum tipo de passo de salsa em volta dele. Chase e Aimee mantêm seu estilo sensual de sempre, embora realmente não possam competir com Don e Debbie, que estão praticamente fazendo o mambo horizontal e nos deixando para trás.

Ainda de costas para Keaton, fecho os olhos, faço uma prece silenciosa aos deuses da dança e do novo amor e espero que o pau desse homem não murche e se esconda ao me ver dançar da única maneira que sei. Mas antes que eu possa soltar sua mão e começar a balançar os braços com veemência, girando e pulando enquanto soco o ar, ele me vira e pega minhas mãos, segurando-as na altura do peito. Ele balança um pouco os quadris e dá um passo para trás e outro para frente, e eu o acompanho. Não sei se isso é salsa, mambo, samba ou alguma coisa nova que ele está inventando só para mim, mas parece certo, e consigo seguir seus movimentos. Nem sei dizer se ele está liderando ou não. Só sei que estou disposta a segui-lo e ver onde isso vai dar.

Vinte e um

Keaton

TIVEMOS UM DIA PERFEITO juntos ontem em Antígua.

Um dia deitados nus na varanda. Relaxando na piscina privativa de borda infinita. Tomando banho na banheira ao ar livre.

Cochilamos nos braços um do outro em uma rede com vista para a praia. Totalmente vestidos.

Tivemos um jantar épico na cidade com nossos amigos: três casais de verdade, com um bronzeado incrível, curtindo a companhia um do outro e as últimas horas de maresia, em um ritmo lento, antes de retornar a uma paisagem gelada e lamacenta onde todos são atingidos por um barulho implacável, correm para chegar a todos os lugares e estão sempre cientes de que nunca terão o suficiente enquanto estiverem lá.

Exceto nós.

Roxy e eu estamos em uma bolha.

Existe uma palavra norueguesa para a fase em que estamos: *forelsket*. A sensação de euforia quando alguém se apaixona.

Certa vez, fui a um coquetel em que serviram gengibre caramelado com cobertura de chocolate como aperitivo. É disso que Roxy me lembra agora. Doce e picante, com um toque de especiarias e fogo. Satisfatório e de dar água na boca.

Perfeito pra caramba.

Ficamos de mãos dadas durante toda a viagem de volta. Seus dedos falam de amor enquanto sua boca grande e sexy expele principalmente sarcasmo e atrevimento. Mas em cada comentário irônico, há um brilho em seus olhos azuis-claros, como uma fada presa sob um lago congelado na Sibéria.

Eu adoraria dizer que estamos felizes demais para reparar em como está frio quando pousamos em Newark, mas está muito frio.

Manny carrega nossa bagagem até o carro, e eu pego Roxy em meus braços. Ela não está com as botas de inverno, e imagino que esteja muito mais leve agora que não está segurando toda aquela tensão sexual e resistência contra o quanto sou legal.

— O que você está fazendo?

— Te carregando até o carro.

— Mas ele não está parado no meio-fio? Não tem lama até lá!

— Só estou me certificando de que você não vai fugir.

— Ah, meu Deus. Me coloque no chão.

— Tudo bem. Seus pés são estranhos. — Não é verdade. Não há nada nela que não mereça um elogio.

Ela esconde o rosto no meu peito.

— Isso é muito humilhante.

— Ninguém vai te julgar por ter o melhor namorado do mundo.

Ela ri e cobre o rosto com as mãos.

— É sério, baby. Você não deveria se envergonhar de ter um namorado tão lindo, gentil e engraçado.

— Você está me matando de vergonha — ela resmunga.

— Como? Sendo um namorado maravilhoso? Vou repetir isso até que o fato de Keaton Bridges é seu namorado não pareça mais estranho para você. Quando acha que isso vai acontecer?

— Hummm. Acho que 2025 é uma meta realista.

— Ah, linda, que bobeira. Até lá, você já vai ter aceitado que sou um marido incrível e o pai dos seus filhos.

Manny segura a porta traseira do carro aberta, e eu coloco Roxy no chão. Ela olha para mim perplexa, balançando a cabeça e pressionando os lábios com tanta força que sei que está lutando para não me dar uma resposta sarcástica. Ela engole em seco e me beija na bochecha.

— Essa covinha pode acabar me matando primeiro. Como você conseguiu aguentar esse cara todos os dias por tantos anos, Manny?

— Bem, senhorita — ele responde —, ele me paga para isso.

— Faz sentido.

Nos beijamos no banco de trás o caminho todo de Nova Jersey até o Brooklyn. Entre os beijos, pergunto a ela:

— Quer que eu te deixe em casa primeiro?

— Não. Vou com você buscar o Jackpot. Mas depois, preciso ir embora.

— Vai vir para minha casa hoje à noite?

Mesmo deixando beijos por todo o meu rosto, ela responde:

— De jeito nenhum. Preciso descansar. Vou me deitar e roncar, e acho que precisamos dar um tempo entre nós. Ver como nos sentimos agora que

não estamos mais na ilha.

— Nem pensar. Vou te levar para jantar amanhã.

— Está bem — ela concorda, sem nem pensar no assunto. — Mas eu escolho o lugar.

— Caso não tenha percebido, Ute, é isso que estamos fazendo desde sempre.

Manny consegue encontrar uma vaga bem em frente ao hotel para cães. Me endireito antes de sair do carro e tento parecer casual quando pergunto a Roxy:

— Quer esperar no carro?

Ela abre um meio sorriso.

— Não. Por que você ia querer que eu esperasse aqui?

Reviro os olhos.

— Você pode esperar no carro enquanto eu o pego?

— Porque...?

— Porque quero dar a ela a oportunidade de ficar feliz ao me ver.

— Tudo bem. Vou dar essa chance a *você*.

— Às vezes, ele fica feliz quando me vê depois de um tempo separados.

— Não duvido.

— Esse foi o maior tempo que ele passou aqui, então é importante para a gente restabelecer o vínculo antes...

— Antes que ele fique feliz ao ver alguém de quem ele realmente gosta?

Balanço a cabeça.

— Você é cruel.

Ela aperta minha bochecha.

— Espero que ele perceba a sorte que tem por ter um pai de cachorro tão incrível. Talvez você devesse continuar dizendo a ele que é seu pai até que não pareça mais estranho para ele.

Não é uma ideia ruim, na verdade.

Quando toco a campainha, a gerente diurna sorri para mim de forma simpática e me deixa entrar.

— Sr. Bridges. Bem-vindo de volta... que belo bronzeado você pegou.

— Oi, obrigado. Ele está pronto para ir?

— Ah, sim, já guardamos todas as coisas dele. O Jackpot vai ficar muito feliz em te ver. — Ela me dá um tapinha no ombro. — Vou chamar

alguém para trazê-lo.

— Ótimo.

Assino tudo e tento me acalmar enquanto a senhora não está olhando. Se posso conquistar o coração da Gatinha Roxy, posso conquistar o amor de um labradoodle, pelo amor de Deus. A porta da sala do fundo se abre, e estou tão animado para ver o pequeno filho da mãe que chega a ser hilário.

— Ei, amigão! Oi, garoto!

Ele está abanando o rabo, tão fofo, feliz e cheio de energia, até que... ele me vê. Jackpot para e choraminga. Se vira para pular e dar uma patada na porta fechada pela qual acabou de sair.

— Olhe quem está aqui, Jackpot! Olhe quem é, garoto bonzinho! — o homem que está segurando a coleira dele fala. Ele tenta puxar Jackpot na minha direção enquanto estende a mão para me dar a mochila com todas as coisas dele, incluindo uma camiseta minha usada que pedi para deixarem no quarto para que ele se lembrasse do meu cheiro. Bem, funcionou. Obrigado, internet.

— Jackpot! — falo, me abaixando, porque talvez se eu ficar em seu campo de visão, o cachorro perceba o quanto sentiu minha falta. — Venha aqui, amigão!

Ele choraminga e lambe os beiços, olha para o homem e para a senhora. Os dois fazem sinal para que ele se aproxime de mim. Ele obedece. Para na minha frente, olhando apenas para minha direita enquanto me deixa acariciá-lo. Era como quando eu era criança e minha mãe dizia: "Vá dar um abraço na tia Bunny!" e me arrastava até lá para deixar minha tia-avó me abraçar enquanto eu prendia a respiração para não me engasgar com o cheiro forte de gim, vermute, cigarro e Chanel nº 5.

Mas eu me sinto o rei do mundo outra vez. Isso conta como criar um vínculo.

— Ele está ótimo! — comento. — Vamos para casa!

Meu cachorro olha para seus amigos, suspira e me leva até a porta. Ele só quer acabar logo com essa próxima parte de sua vida, mas tenho um truque na manga e espero que isso me garanta alguns pontos com esse idiota.

Como eu previa, assim que Roxy abre a porta do carro, Jackpot abana o rabo, pula e late uma saudação feliz.

— Oi, lindão! Entre aqui! — Ela bate no colo duas vezes, e meu cachorro salta da calçada direto para o colo dela. Eu não fazia ideia de que

ele sabia fazer isso. Roxy passa a mão por todo seu pelo, e não tenho certeza de por qual deles sinto mais ciúmes.

Fecho a porta e dou a volta até o outro lado. Acho que estou feliz por eles. Jackpot está enchendo o rosto da minha namorada de lambidas quando entro. Coloco a mochila no chão entre minhas pernas.

— Acho que vamos para o prédio da Roxy agora — digo para Manny. — Dirija devagar, por causa do Jackpot.

— Ah, seu hálito está cheiroso — ela fala para o cachorro. — Seu pelo também! Deram banho nele?

— Vários.

— Quero saber qual shampoo usaram, porque o cheiro é bom demais! — ela diz para Jackpot em um tom de voz que nunca usou comigo.

— Roxpot para sempre, eu acho — digo baixinho.

Roxy me ouve e inclina a cabeça para trás, longe da língua adorável de Jackpot, tentando fazer com que ele se vire em seu colo e olhe para mim.

— Ei. Jackpot — ela diz com autoridade. — Sente-se aqui. Bem aqui. — Ela bate no assento entre nós. Ele sai de seu colo e se senta exatamente onde ela apontou. — Bom menino — Roxy fala, acariciando a nuca do cachorro. Ela faz um gesto para que eu passe a mão nele.

Fazemos carinho nele juntos até chegarmos ao prédio dela.

— Tem certeza de que não quer passar a noite com a gente?

— Hoje, não — ela responde, enquanto se curva por cima do cachorro para me beijar.

Manny estaciona e sai para tirar as malas dela do bagageiro.

— Me ligue — digo.

— Quando?

— Assim que perceber que está sentindo a minha falta.

Ela zomba do comentário.

— Vou te ver em menos de vinte e quatro horas.

— E vai sentir minha falta o tempo todo. Quero que saiba que não vou te julgar ou achar que você está sendo grudenta só porque me ligou no meio da noite para ouvir minha voz sexy e reconfortante. Não vou me importar.

— Certo, amigão. Te vejo amanhã. — Ela dá um beijo no topo da cabeça de Jackpot. Percebo que ele está ficando ansioso. — Te vejo em breve — ela diz para ele.

— Toma — falo, tirando a camiseta usada da mochila. — Pode ficar com isso. Está com o meu cheiro.

Ela ri muito mais do que o necessário, porque não é bem uma brincadeira. Mas não pega a camiseta.

— Te envio uma mensagem mais tarde — ela diz, balançando a cabeça.

— Certo. Mande mesmo.

Assim que Manny abre a porta, Jackpot tenta fugir, mas estou segurando sua coleira.

— Fique, Jackpot. Fique aqui com o Keaton. — Ela levanta o dedo para ele, que late como se estivesse protestando antes de se sentar outra vez e a encarar. — Você precisa ser mais autoritário — ela me diz.

— Volto para te buscar às oito — digo para ela... com autoridade.

Ela ri.

— Não. Mas essa foi boa. — Roxy deixa que Manny a ajude a sair e não se despede, nem se vira para mim.

E... Três. Dois. Um.

Assim que destranca a porta da frente, ela olha para trás e me assopra um beijo antes de entrar.

Jackpot late uma vez.

— Sim. Ela nos ama. Ela vai voltar.

Vinte e dois

Roxy

ISSO É RIDÍCULO.

São quase dez da noite de uma quinta-feira e não estou cansada o suficiente para dormir, mas não quero ficar acordar se tiver que ficar mais uma hora sem Keaton "Filho da Mãe" Bridges.

Como é que fui de mais ou menos sensata e emocionalmente estável para uma mulher que não consegue dormir a não ser que Keaton esteja na mesma cama?

Minha pele arde por passar horas sem ser tocada por ele.

Meus lábios não sabem o que fazer se não o estão beijando.

Minhas orelhas estão ansiosas por ouvi-lo dizer outra vez que é meu namorado.

Devia ter colocado as roupas para lavar, mas não quis tirar seu cheiro delas. Devia ter pego aquela camiseta idiota. Ter dito que ele poderia passar aqui para me pegar. Uma tempestade de neve prevista para durar algumas horas está caindo, e preciso muito dormir para estar bem no trabalho amanhã.

Envio uma mensagem para Aimee, para saber se ela ainda está acordada. Não está. Ou, se estiver, está ocupada arrumando as coisas para amanhã.

Não consigo acreditar que Keaton não me enviou nenhuma mensagem. Algumas horas depois que me deixou em casa, ele me mandou uma foto de Jackpot, que estava deitado na caminha de cachorro e olhando para a câmera, como se dissesse: "*O que você quer agora, cara?".* A legenda que Keaton colocou na foto foi: *MUITO FELIZ POR ESTAR EM CASA!!!*

Não posso ligar para ele.

Olho meus contatos e mensagens recentes procurando mais alguém para ligar ou enviar mensagem, mas não tem ninguém com quem eu queira falar a não ser O Cara Sem Meias, que, sorrateiramente, invadiu minha vagina e meu coração.

Não posso ligar para ele.

Com certeza, não vou ligar.

Envio uma mensagem.

EU: Está acordado?

Dez segundos depois, aparece uma ligação de Keaton Bridges no FaceTime.

Atendo e fico tão feliz de ver seu rosto bobo e lindo, que chega a ser vergonhoso.

— Está na cama? — É a primeira coisa que ele pergunta.

— Sim, mas estou vestida e *não* vou fazer sexo virtual com você.

— Nunca?

— Não hoje à noite.

— Justo.

— O que você está fazendo?

Ele estica os braços diante de si. Está no computador, e seu cabelo está todo bagunçado, me fazendo desejar passar os dedos por ele e beijar sua testa.

— Trabalhando um pouco. Eu deveria ir dormir, pois estou exausto. Passar uma semana com você me deixou morto.

Rio.

— Digo o mesmo.

Ele sorri.

— Como você está?

— Ótima. Bem. Tudo certo. É estranho voltar para um apartamento vazio. Eu estava até pensando em arrumar um animal de estimação.

— Quer o meu?

— Pode ser.

— Tenho quase certeza de que ele te quer. Para falar a verdade, acho que ele está gostando um pouco mais de mim agora que pode sentir seu cheiro nas minhas roupas.

Ótimo. Excelente! Vou rolar em todas elas para que fiquem com o meu cheiro o dia todo, assim todo mundo vai saber que você é meu!

— Que fofo. Mas não posso ter cachorro no prédio, lembra? Posso ter um gato.

— E como vamos fazer quando você vier morar comigo e com o Jackpot?

Cubro a tela do celular para que ele não possa ver que estou vermelha e sorrindo feito uma idiota.

— Sei que você está sorrindo. — Eu o ouço dizer. — Então me deixe te ver.

Descubro a tela e suspiro.

— Sinto sua falta.

— Também sinto a sua.

— Odeio estar sozinha na cama agora.

— Venha para cá.

— No meio da tempestade?

— Então eu vou até aí.

— Não, você não deve deixar o Jackpot sozinho. Vamos almoçar ao invés de jantar amanhã?

— Que se dane o almoço. Vamos nos encontrar para tomar café da manhã.

— O lugar que quero ir não abre para o café da manhã.

— Prefere esperar mais cinco horas para comer comigo a ir para outro restaurante? Podemos tomar café da manhã *e* almoçar. E jantar. Vou remarcar tudo e te encontro em qualquer lugar.

— Para ser sincera, tenho medo de não conseguir ir para o escritório se te vir pela manhã.

— Agora sim, Ute. Combinado, almoço amanhã então. Aonde nós vamos?

— Te envio o endereço por mensagem amanhã.

— Não preciso fazer reserva?

— Eu faço. Uma da tarde?

— Uma da tarde.

— Use meias.

— Só fico sem meais quando uso mocassins e pantufa, espertinha.

— Você usa pantufa em casa?

— Sim. Tenho dois pares de pantufas da Brooks Brothers. Uma de frio e uma para o calor. E não uso meias com nenhuma das duas.

Dou um tapa na testa. Como é que acabei com esse mauricinho que usa pantufa da Brooks Brothers? Meu pai vai rir muito.

— Não me diga que sou seu primeiro namorado que usa pantufas da Brooks Brothers. — Ele sorri.

— Acho que você é o meu primeiro namorado que tem dinheiro para comprar pantufas. Já ensinou o Jackpot a levá-las para você quando chega em casa?

— É claro. Ele traz a pantufa, o *The New York Times,* me prepara um *Old Fashioned* e se deita aos meus pés, olhando para mim com admiração.

— Quem sabe um dia?

— Sim. Um dia.

Dou um bocejo.

— Desculpa. Não posso acreditar que estou bocejando com essa conversa tão animada.

— É porque você não está mais ansiosa, agora que está vendo meu rosto e ouvindo minha voz.

Ah, meu Deus, pior que é verdade.

— Ou então pode ser porque... — Não. Não faço ideia. Meu cérebro nem consegue articular uma resposta espertinha. Está quebrado. Keaton Bridges estragou meu cérebro. Suspiro outra vez. Sou uma mulher derrotada. — É isso mesmo.

— Bons sonhos, Ute. Mal posso esperar para te ver amanhã.

— Também mal posso esperar para te ver. Tchau.

Ele acena, e eu aperto o ícone vermelho antes que acabe dizendo algo idiota como *eu te amo*.

***

Faço questão de deixar o escritório mais cedo que o necessário antes do almoço, porque quero estar lá para ver o rosto de Keaton quando ele entrar no TGI Fridays pela primeira vez na vida.

Espero perto de onde a recepcionista fica, de frente para a porta, esfregando as mãos em antecipação.

Não venho aqui há muito tempo. Essa rede de restaurantes tem um lugar especial no meu coração, porque quando eu era criança, meu pai trazia a mim e ao meu irmão para nos encontrarmos com minha mãe depois do trabalho uma vez a cada dois meses. Quando eu tinha doze anos, parecia um lugar muito divertido onde jantar, e eu me imaginava indo nele com meus amigos quando estivesse na faculdade. Serviam todo tipo de comida de que meu irmão e eu gostávamos de comer e coquetéis que eu mal podia esperar para beber quando tivesse uma identidade falsa.

Na faculdade, Aimee se tornou oficialmente minha melhor amiga quando era a única pessoa que eu conhecia que me acompanhava até a franquia em Ann Arbor. No fim das contas, o TGI Fridays não era

considerado legal por muitas pessoas com mais de quatorze anos em cidades universitárias. Vai entender. Quando ela se mudou para o Brooklyn, se tornou a única pessoa que vinha comigo nesse lugar. Eu não conseguia nem fazer as pessoas virem por ironia. Bem, não os culpo. Não costumo vir aqui sozinha. Mas para mim, esse lugar tem clima de "lar" e, às vezes, uma garota precisa de um drinque – ou quatro – e de uma margarita – ou seis. Não tenho conseguido trazer Aimee aqui desde que ela teve Finn, e não acho que isso seja um problema. Agora que estou na casa dos trinta, preciso escolher tudo com mais sabedoria. Como aperitivos e namorados.

Nem percebo o quanto estou nervosa, pensando se Keaton vai aparecer ou não, até que ele de fato aparece. Eu o vejo sair do carro quando Manny o deixa. Está vestindo um sobretudo de lã cinza escuro e um longo cachecol preto, e está tão estiloso e deslumbrante que prendo a respiração quando ele entra.

— Sr. Bridges! — a recepcionista o chama antes que eu possa falar. — Bom te ver de novo!

Keaton tira as luvas e estende a mão para apertar a dela, acenando com a cabeça para todos na área de espera como se estivesse entrando em um clube.

Como assim?

— Minha linda — ele diz para mim, me beijando na bochecha e me abraçando.

Seu cheiro é tão bom que me dá vontade de morder seu pescoço.

— Está me esperando há muito tempo?

— Está brincando comigo? Você já veio aqui antes?

Sua covinha aparece de maneira inesperada.

— Isso é tão surpreendente assim?

Semicerro os olhos.

— Eu diria que é mentira.

— Tudo bem. Passei aqui assim que abriram a loja hoje e dei vinte dólares para a recepcionista me chamar pelo nome quando eu voltasse para o almoço.

Dou um soquinho no seu braço, porque estou morrendo de rir.

— Você fez todo esses esforço no primeiro dia de volta ao trabalho depois do feriado?

— Valeu a pena. — Ele bate uma mão na outra. — Vamos entrar!

— Por aqui, sr. Bridges — a recepcionista diz.

— Ela descobriu tudo, Shari — ele comenta. — Mas você foi ótima.

Quando Shari nos mostra nossa mesa, ele me ajuda a tirar o casaco e o coloca nas costas de uma cadeira para mim. Uau. A babá Rey fez um ótimo trabalho educando este cara. Quando Shari lhe entrega o cardápio, ele me olha e fala:

— Já sei o que eu quero. Olhei o cardápio na internet.

— Também já sei o que eu quero. Sempre peço a mesma coisa.

Shari envia uma garçonete até nós. Peço o molho de espinafre e alcachofra, um cheeseburger com bacon e uma margarita.

— Essa é a minha garota — ele diz. — Vou querer palitos de queijo, o filé mignon ao ponto com molho de whisky, a sobremesa Loucura de Oreo para dividir e... O que você me indica para beber, Rachel? Qual é a sua bebida favorita? — ele pergunta para a garçonete.

— Não tem como errar com o chá Ultimate Long Island.

— É disso que estou falando, Rachel! Um desse para mim e, quer saber? Gostaria de pedir uma rodada de bebidas para todos aqui hoje! — ele diz, em voz alta. — É sexta-feira, então vamos comemorar!

A mesa cheia de pessoas de um escritório começa a festejar.

— *Graças a Deus é sexta-feira*! — ele diz, balançando a mão.

— Você está maluco — falo, cobrindo o rosto. — O que você está comemorando?

— Nós, sua boba. — Ele pega minha mão e a beija. — Estamos comemorando o fato de estarmos juntos. — Ele levanta o celular e se aproxima de mim. — Pare de fazer essa cara séria e sorria. Você precisa mandar uma foto nossa para os seus pais.

***

Quando estava na metade do chá gelado, Keaton resolveu mandar a foto que havíamos tirado para os pais dele também.

Ele disse que algumas horas depois, a mãe respondeu:

Que divertido! Você está muito em forma e bronzeado. Seu pai concorda. A garota é muito bonita.

A resposta dos nossos amigos no grupo de mensagens foi um tanto mais engraçada.

AIMEE MCKAY: Ahhh. Vocês são tão fofos. Sinto falta desse lugar. Digam oi para as margaritas por mim.

CHASE MCKAY: Ela te sequestrou, Bridges? Isso é um pedido de ajuda?

NINA DEVLIN: Estou morrendo de inveja do bronzeado de vocês. E do quanto são fofos juntos. E do fato de estarem bebendo enquanto estou ensinando frações para crianças.

VINCE DEVLIN: Oi, Rox. Quando ele concordou em te encontrar aí, você explicou que os aperitivos eram comida e nada sexual?

BERNADETTE FARMER: Podem me trazer um balde de costelinhas? Estou azul de fome.

BERNADETTE FARMER: E gostaria de dizer #ROXTONPARASEMPRE

MATT MCGOVERN: <emoji neutro>

MATT MCGOVERN: #ROXTONPARASEMPRE também.

***

Keaton estava muito animado e foi educado demais no restaurante, mas percebi que não gostou muito da comida e que não estava se sentindo bem quando terminamos de comer e beber. Seu sistema digestivo delicado de garoto rico não está acostumado a lidar com tantas calorias e gordura saturada de uma só vez. Em vez de deixá-lo me levar para jantar no SoHo, como ele planejava, insisti em comprar chá de hortelã e os ingredientes para uma canja que minha mãe sempre faz quando alguém da família está com o estômago ruim.

Eu não estava preparada para o quanto a casa dele é enorme e linda.

E Keaton não estava preparado para o quanto a minha canja é gostosa.

Nenhum de nós estava preparado para o quanto Jackpot ia ficar pulando, todo animado, e tentando cruzar sem parar com a minha perna. Ele é castrado, mas Keaton acha que é o hidratante de manteiga de cacau que uso. Não quero ter que parar de usá-lo porque ele me lembra das nossas férias. Mas a pele da minha canela começou a ficar irritada. A porta do quarto está fechada, e tentamos ignorar o cachorro, que a está arranhando sem parar.

— Me sinto tão mais próximo do Jackpot agora — Keaton fala enquanto tira meu casaco e beija meu ombro e pescoço antes de tirar minha

blusa. — Finalmente temos algo em comum.

— Você também não gosta de fazer cocô na neve? — Preciso apoiar as mãos no peito dele para não cair. Seus beijos ainda são novidade e me deixam louca da melhor maneira possível.

— Bem lembrado. Agora temos duas coisas em comum. Isso, e um desejo irresistível de montar em você e te fazer nossa.

— Agradeço por você ainda não ter deixado minha canela irritada.

— Ainda. — Ele passa um dedo na borda recortada do sutiã e, em seguida, o solta nas costas. Olho para seu rosto enquanto ele observa os seios se derramarem nas palmas de suas mãos confiantes. Há uma reverência em sua expressão que é lisonjeira, ao mesmo tempo que me faz sentir muito mais do que sexy. Me faz me sentir uma rainha.

Em muitos aspectos, estamos bem familiarizado um com o outro, mas a sensação de descoberta ainda é emocionante, e espero que dure. Espero que tudo dure. Até comecei a imaginar como ele seria quando envelhecesse e quero estar aqui para vê-lo ficar grisalho. Planejei toda minha carreira antes de me formar no ensino médio, mas esta era a primeira vez que, de fato, pensava sobre como seria o futuro com um homem, em vez de considerar apenas alguns anos de cada vez.

Dentro de poucos dias, deixei de ficar chocada por ele poder ser O Cara Certo para ficar chocada por ter passado tanto tempo me convencendo de que não podia ser.

Eu tiro as roupas dele bem devagar, observando todos os detalhes, assim como ele fez comigo. Dou atenção especial ao peitoral, aquele que, agora, acredito que a maioria das mulheres não consegue ver sem ficar louca. É perfeito. É lindamente formado, coberto por uma esparsa camada de pelos castanho-claros que, gradualmente, fica mais dourado no sol. Não consigo manter as mãos ou lábios longe dele.

— Caramba — ele diz em um tom bem diferente do que normalmente usa quando estamos nos despindo um diante do outro. — Desculpa. Preciso colocá-lo no quarto dele.

— Sim, está ficando difícil de ignorar. — Jackpot estava chorando, resmungando e arranhando a porta.

— Talvez seja melhor se esconder no banheiro antes que eu abra a porta.

Concordo.

Quando Keaton volta, estou deitada, completamente nua entre os lençóis mais luxuosos em que já me deitei. A estrutura da cama grande, resistente e confiável, e a pesada cabeceira masculina, juntamente com esses lençóis de bilhões de fios, é uma combinação inebriante que envia todo o sangue direto para minhas partes íntimas, assim como suas mãos refinadas, embora destemidas.

— Quem diria. Você parece estar confortável na minha cama.

— Que tipo de lençol é esse?

— Mágico. Porque são meus. — Ele deixa a calça e a cueca boxer caírem no chão e se junta a mim na cama.

Nós dois gememos, porque a sensação de pele com pele e com o lençol é maravilhosa. O peso de seu corpo no meu é do que eu mais estava sentindo falta desde a noite passada. Mentira, tenho sentido falta de tudo dele. De tudo o que ele diz e tudo o que faz comigo.

Minhas mãos vagam por suas costas enquanto ele levanta minhas pernas e me penetra. Estou molhada por ele desde a noite passada. Desde a semana passada, na verdade. E tudo na forma como estamos juntos agora é suave, com apenas um toque da fricção que costumávamos ter. É delicioso e maravilhoso.

— Puta merda. Que saudades de estar dentro de você — ele murmura. — Não sei como sobrevivi ao longo do dia.

— Compense pela noite passada — falo. — Compense pelo tempo perdido. Não se segure. Quebre a porcaria da cama se puder.

Ouço Keaton expirando e ele fala, enquanto pressiona as mãos para levantar o torso:

— Essa cama foi feita sob medida, e eu disse aos caras que a instalaram que queria que ela resistisse à sexo selvagem. Mas você é a única mulher com quem estive que me pediu isso.

— Não estou pedindo.

— Puta merda, você é perfeita para mim. — Suas estocadas começam lentas e fortes, mas ficam intensas e rápidas.

Ele não estava brincando com relação à cama. Ela não se move, embora eu tenha certeza de que se não fosse pelos dois travesseiros, eu já teria batido a cabeça e apagado.

Keaton segura a parte de cima da cabeceira para se impulsionar, e eu seguro as laterais do travesseiro, ambos ofegantes e gritando.

Nunca quis tanto sentir alguém se tornando parte de mim.

Quero senti-lo entre minhas pernas o dia todo amanhã – ou talvez, pelo resto da minha vida.

Este orgasmo é um choque para mim. Me abala profundamente, fratura minha alma e me remonta em uma pessoa que pode dizer a este homem exatamente o que estou sentindo. Ou, pelo menos, é o que eu gostaria que acontecesse.

Quando ele goza, faz um som tão masculino, primitivo e vulnerável, que o seguro com força, acalmando-o para que saiba que estou aqui com ele, tomando-o completamente dentro de mim.

Ele desaba de um jeito lindo, escorregadio, quente e, agora, vazio.

Posso sentir seu coração batendo forte contra meu peito.

Sei que nós dois estamos pensando na mesma coisa. Está no silêncio e na maneira como passamos os dedos pelos cabelos um do outro com ternura, mas também possessividade. Está em nossas respirações pesadas e no ar ao nosso redor. Talvez haja alguma palavra intraduzível – em japonês ou swahili – que signifique todas as coisas que sinto por ele, e eu só não as aprendi ainda. Vou descobrir. Vou encontrar algo perfeito para dizer a ele, algo que eu nunca disse a ninguém antes. Ele merece.

— Não cheguei nem perto de quebrar a cama — Ele finalmente diz quando recupera o fôlego.

— Mas vai. Não tenho dúvidas.

Vinte e três

Keaton

ROXY CARTER E EU passamos as últimas dez noites juntos, na mesma cama.

Ainda não quebramos a minha, mas não foi por falta de tentativa. Aparentemente, a única coisa mais forte do que meu impulso primordial de transar como se não houvesse amanhã com minha namorada gostosa é a madeira de nogueira, os parafusos de cabeceira, as conexões de encaixe e a espiga habilmente trabalhada. Curiosamente, Roxy quis que eu pegasse leve com ela quando ficamos em sua casa.

Tem sido bom e divertido, apesar do problema estranho de se apaixonar e ter que decidir quando dizer "eu te amo" pela primeira vez. *Não* dizer isso logo antes de gozar se tornou o melhor tipo de luta diária. Ainda brincamos e conversamos como amigos, mas os momentos de silêncio entre nós ecoam com palavras não ditas.

Aliás, existe uma palavra para o que está acontecendo, cortesia do povo indígena da Tierra del Fuego. Nunca consigo me lembrar como se escreve e não tenho ideia de como pronunciar, mas é uma única palavra que descreve o olhar significativo e sem palavras entre duas pessoas que têm o desejo de iniciar algo, mas estão relutantes em começar. É um momento lindo e frágil, nada ruim, e eu senti o gostinho disso.

Mas preciso fazer uma viagem de negócios de três dias, partindo amanhã de manhã, então planejo contar a ela esta noite quando nos virmos.

Na última semana, Tamara, minha ex-namorada, me enviou mensagens de texto todos os dias, contando que tinha voltado para Nova York e pedindo para me ver. Dei a desculpa de que estava ocupado – e estava mesmo –, mas não tenho mais como adiar. Para ser sincero, não quero vê-la, mas há anos quero perguntar algo a ela. Além disso... não quero que ela apareça do nada quando Roxy estiver comigo. Por isso, concordei em me encontrar com ela para um café em um lugar perto do meu escritório.

Envio uma mensagem para Roxy enquanto espero do lado de fora da cafeteria, dizendo que eu e Jackpot mal podemos esperar para vê-la esta noite. Não apenas sorrio sempre que recebo suas mensagens, mas também

quando escrevo para ela. Sou fofo pra caramba. Assim que envio, levanto os olhos e vejo um fantasma atravessando a rua em minha direção. Não do tipo demônio, mas daqueles que me assombrou de forma gentil e tenaz por muito mais tempo do que deveria.

Tamara está mais velha. Ela não anda mais tão depressa quanto alguém que nasceu e cresceu em Manhattan e agora, tem o estilo mais casual da Costa Oeste, mas continua tão bem arrumada como sempre. Imagino que se as coisas estivessem diferentes agora, ela ainda me teria feito virar a cabeça. Mas não o fez. Ou melhor, viro a cabeça para olhar ao redor para ter certeza de que Roxy não está aqui. Não que eu me sinta culpado. Só não quero nenhum mal-entendido agora que as coisas estão indo tão bem entre nós.

Tamara ergue os braços e me abraça sem hesitar. Outro sinal de que ela adotou o estilo de vida de Los Angeles.

— Ah, meu Deus, que bom te ver.

Dou tapinhas em suas costas e a afasto de mim.

— Oi. Bem-vinda de volta.

— Estou *tão* feliz por estar de volta. Você não faz ideia. Faz tempo que está esperando? Não estou atrasada, estou? Ainda não me acostumei a ir em todos os lugares andando.

— Acabei de chegar. Vamos? — Abro a porta da cafeteria.

Ela toca minha cintura quando passa pela porta. Eu costumava adorar o quanto ela era calorosa para alguém de Nova York, mas agora isso parece arrogante.

A única mesa vazia fica perto da janela, e não me dou conta, até me sentar, de que Tamara está esperando que eu puxe a cadeira para ela. Eu costumava fazer isso sempre. Mas ela não diz nada. Ela não diria. Era por isso que eu gostava dela. Pouco drama.

Não falamos nada até depois de pedirmos um café para a garçonete.

— Está com uma aparência boa, Keaton — ela fala, se curvando para frente como se estivesse me contando um segredo.

— Obrigado. Acabei de voltar de férias.

— É sério? Aonde você foi?

— Antígua.

— Eu adoraria ir lá! Nos divertimos tanto em St. Barts. Ainda penso muito naquelas férias.

Ah, sim. Até parece, depois daqueles vários nadas que você escrevia nos cartões que me mandava por e-mail uma vez por ano.

— Como estão as coisas? Encontrei seu irmão no aeroporto algumas semanas atrás. Não sei se ele te contou.

— É sério? Não, ele não me contou. Você sabe como ele é. Então você sabia que eu ia voltar? Ele te falou?

— Sim.

— Ah, desculpa. — Ela estende a mão sobre mesa para tocar a minha. — A mudança foi uma loucura. Não tive tempo de avisar ninguém.

Afasto a mão da sua para pegar um pacotinho de açúcar que não vou usar no café que ainda não chegou.

— Não tem problema. Eu entendo. Bem, tenho outra reunião dentro de uma hora, então...

— Certo. Então... — Ela espera até a garçonete terminar de colocar nossos cafés na mesa. — Queria falar com você para te pedir um conselho de negócios. Vou abrir uma empresa de publicidade para documentários de longa-metragem.

— Legal.

— Sim. Comecei a trabalhar com isso em Los Angeles. Eu fazia a publicidade das empresas no ramo financeiro. Mas estou expandindo sozinha, procurando um escritório e me encontrando com funcionários em potencial. Está sendo uma loucura, e ainda tenho que fazer um plano de negócios e todo esse tipo de coisa e... você é a pessoa que mais entende de negócios que conheço, então... — Ela coloca a mão sobre o meu antebraço. — Pode me emprestar seu cérebro?

Pego um guardanapo do qual não preciso para afastar meu braço.

— Agradeço o elogio, mas, para ser sincero, acho melhor perguntar ao Chase. Foi ele que começou duas startups. Eu sou só o cara do dinheiro.

— Ah. — Ela baixa o olhar. — É, isso faz sentido. Obrigada.

— Além disso, estou namorando agora, então não é uma boa ideia manter contato com você. Ainda está no começo.

— Ah, que bom. Quem? — ela pergunta, como se quisesse saber qual socialite estou namorando agora.

— A Roxy.

Ela ri e, em seguida, olha para meu rosto para ver se estou falando sério.

— A Roxy? Tipo, a Gatinha Roxy?

— Tenho plena consciência das incongruências, mas, sim. *A* Gatinha Roxy.

— Uau. Acho que isso não é tão surpreendente assim.

— Não é?

— Bem... — Ela retorce o lábio para o lado, de um jeito tímido. — Sempre tive um pouco de ciúmes dela, se quer saber.

— Sério? Eu não fazia ideia.

— Sim. Bem. Sou uma moça educada e de família rica da Costa Leste. — Ela assente uma vez, como se tivesse tomado uma decisão. — Estou feliz por você.

— Obrigado. Também estou. E você? Está saindo com alguém?

— Não. Quer dizer, tinha alguém em Los Angeles, mas não fez mais sentido quando resolvi voltar para cá.

— Certo. É claro que não — falo, me surpreendendo como soo amargurado.

Ela olha para sua xícara de café intocada e se endireita.

— Bem, acho que nós dois temos outros lugares para ir...

— Posso te perguntar uma coisa? — Ela continua encarando a xícara de café. — Por que não quis que eu fosse para Los Angeles com você?

Ela sempre soube o que eu estava pensando, mesmo que nem sempre me dissesse o que eu precisava ouvir.

— Pois é. Quer dizer, estou feliz por não ter ido. Mas fiquei me perguntando isso por um bom tempo.

Ela se recosta na cadeira e olha para as mãos, que estão no colo.

— Eu te amava, Keaton. Você era bom para mim. Mas nunca me senti como sendo a pessoa mais importante da sua vida.

Não posso evitar de rir disso.

— Eu estava pronto para largar tudo e ir com você para o outro lado do país.

— Eu sei, eu sei. Mas eu via como você era com os seus amigos. Você estava sempre mais feliz, era sempre mais engraçado com eles. Você fazia tudo por eles. Sei que disse que iria para Los Angeles comigo, mas acho que você não *queria* ir de verdade. — Ela faz uma pausa para que eu responda.

Mas não falo nada, porque ela está certa. Queria estar com ela. Queria que ela estivesse comigo, mas é claro que eu não queria deixar meus amigos e meu emprego e ir para Los Angeles.

Ela finalmente me encara e sua voz soa um pouco trêmula:

— Faz sentido você ter acabado com a Roxy. Quer dizer, não faz sentido nenhum, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Sorrio.

— Sim, entendi.

Quando ela se levanta para sair, eu a abraço e me despeço de uma maneira que não conseguiria fazer antes. Não um *adeus por enquanto, até que você perceba o grande erro que está cometendo*. Não um *adeus, vá se foder, você nunca me mereceu mesmo, boa sorte aí na Pior Costa dos EUA.* Um verdadeiro *adeus, não espero te ver de novo, mas obrigado.*

Assim que ela sai pela porta, faço sinal para a garçonete, pedindo a conta e, em seguida, verifico o celular para ler a resposta de Roxy, mas não há nenhuma. O que é estranho, porque ela sempre responde na hora. Quer estejamos conversando, enviando mensagens de texto ou apenas levantando nossas sobrancelhas um para o outro, ela é a rainha da resposta. Mesmo quando está em uma reunião, ela sempre responde dentro de dez minutos – ela trabalha em uma empresa que vende roupas pela internet, não em um hospital.

Envio outra mensagem e, pela primeira vez, desde que chegamos de Antígua, não estou sorrindo feito um idiota.

EU: Tudo certo para nosso jantar hoje à noite?

Os três pontinhos começam a se mexer, o que quer dizer que ela deve ter visto minha mensagem de antes e não respondido.

UTE: Desculpa mesmo, Keaton. Não vou poder ir hoje à noite. Aconteceu uma coisa e vou precisar resolver.

Certo, isso é estranho. Ela nunca me chama pelo nome por mensagem e desde quando ela diz coisas como “desculpa mesmo”? Talvez alguém tenha roubado o celular dela.

EU: Se é você mesmo, me diga onde tenho uma marca de nascença ou me envie uma foto dos seus peitos.

EU: Esquece. Me mande uma foto nova. Dos seus peitos.

UTE: Sou eu, seu bobo. Às vezes, escrevo coisas estranhas como “desculpa”. Ou “Keaton”.

EU: Então não vai mandar a foto?

UTE: Agora, não. Por favor, dê uma olhada na sua biblioteca crescente de fotos deles por enquanto.

EU: Acho bom me mandar uma por dia pelos próximos três dias então. Espero pelo menos seis fotos dos seus peitos para acrescentar à minha biblioteca.

Ela não responde.

EU: Está dizendo que não vamos jantar ou que não vamos passar a noite juntos?

UTE: Não vou poder nenhum dos dois. Desculpa. Vou sentir saudades. Boa viagem. Nos vemos quando você voltar. Por favor, me diga que você não é desses caras que vai querer que eu te busque no aeroporto.

EU: Por favor, me diga que você não é dessas garotas que vai querer me buscar no aeroporto.

UTE: Prefiro recolher o lixo de uma avenida movimentada.

EU: Somos perfeitos um para o outro.

UTE: Você vai à festa do Finn no sábado, não é?

EU: Vou tocar o terror na festa. Obrigado por me lembrar de comprar um presente de aniversário.

UTE: Não se preocupe. A boa madrinha já comprou.

EU: Vai sonhando. Vou sentir sua falta.

Puta merda. Queria dizer que a amo, mas ela me daria um chute na bunda se eu fizesse isso por mensagem logo na primeira vez. Não há sinal de outra mensagem dela, e acho que ela já me disse que vai sentir minha falta, então guardo o celular, pago a conta e volto para meu escritório. Ainda estou com um sorriso no rosto quando a reunião começa, mas um sentimento estranho e inquietante persiste. Tenho certeza de que é só porque vi uma ex-namorada e por saber que quero que a Tamara seja a última ex-namorada da minha vida.

Vinte e quatro

Roxy

JÁ FEZ? AIMEE PERGUNTA, movendo os lábios sem som, assim que abro a porta. Concordo e olho para Finn, que está bem à sua frente, segurando a caixa do iPad e completamente parado enquanto espera ser convidado a entrar no apartamento.

— Oi, amigão! — falo, me abaixando e ergo a mão na sua frente para que ele possa bater nela.

— Oi — ele fala. Coloca a caixa do iPad debaixo do braço, bate na minha mão e, muito à contragosto, faz o cumprimento especial que inventamos há poucos meses. É composto por um toque de mão fechada, balanço de bumbum, uma volta batendo os braços feito uma galinha e que termina com um barulho de pum feito com a boca. Não parece muito legal quando ele não está tão a fim.

— Bem, obrigada por vir, gente. Entrem. — Vejo Finn deixar a mochila cair do ombro e caminhar relutante até o sofá.

— Ei. Pode pegar aquilo ali do chão, mocinho! — Aimee fala.

— Argh. E onde é que é para colocar? — ele pergunta, resmungando.

— Vou deixar perto da porta — falo, pegando a mochila para ele. — O que foi que aconteceu? — pergunto à mãe dele.

— Acabou de descobrir que o melhor amigo vai visitar os avós e não vai estar na cidade neste final de semana, então não vai poder ir à festa.

— Ahhh, que chato, Finn! Mas, ei... eu vou à sua festa!

— Obrigado — ele responde, todo chateado. — Posso ver Netflix? — ele pergunta para nós duas.

— É claro — falo. — Eu e a sua mãe vamos até a cozinha pegar algo para comer. Ah, mas não entre no banheiro por enquanto, está bem?

— Por quê? Está fedido?

— Sim. Isso mesmo.

Aimee deixa todas as sacolas perto da porta e me segue até a cozinha. Não tem porta, então conversamos baixinho. Não que Finn tivesse qualquer interesse em outra coisa além de *Tá chovendo hamburger* e sua própria tristeza.

Balanço as mãos, na tentativa de me livrar da ansiedade que controlo na frente do meu afilhado, porque é vital para mim que ele ache que sou sensata e equilibrada o tempo todo. Mas meu coração está disparado, minhas e axilas estão úmidas. Sinto que estou prestes a chorar o dia todo.

— O Keaton deveria estar aqui com você — Aimee fala, acariciando minhas costas. — Ou vocês poderiam, pelo menos, estar conversando. Você não vai ligar mesmo para ele?

— Antes, preciso saber o que dizer. Além do mais, ele vai viajar por alguns dias. Não quero que ele fique pensando nisso enquanto está negociando seu novo investimento.

— Certo. Você está bem?

— Eu pareço bem?

— Não. — Ela abre a geladeira e pega um pacote de queijo orgânico que costumo comprar para caso Finn venha me visitar. — Você parece que vai ter um treco. Ainda bem que me ligou.

— Não sei por que estou tão nervosa. É tão bobo. Já fiz isso antes. Tipo, duas vezes, e sempre é alarme falso.

Ela fecha a porta da geladeira com o cotovelo e me encara.

— Você não sabe mesmo por que está tão nervosa?

Cubro o rosto.

— Juro que nem sabia que poderia ficar tão ansiosa até esta manhã... Ei, com quantos anos a Tamara está agora? Vinte e poucos?

— A ex dele? Por que você está pensando nisso agora?

— Só me diga para que eu possa parar de me perguntar isso.

— Acho que ela tem vinte e oito.

Engulo em seco.

— Certo.

— E isso é irrelevante.

— Eu sei.

— Sabe mesmo?

— Não! Merda, sinto falta de ter vinte e oito anos. Ter quase trinta e cinco é um saco.

Ela coloca o queijo na pia e cruza os braços. Tenho certeza de que está adorando isso: ser a pessoa calma e racional na nossa relação, depois de todos os anos em que lhe dei sábios conselhos não solicitados sempre que ela se via em uma situação complicada de namoro que me fazia rir.

Meu Deus, sinto falta daquela época.

Ou não?

Será que parte de mim está adorando esse pequeno drama angustiante que está acontecendo na minha cabeça?

Porque faz muito tempo que não sinto nada nem sequer parecido com isso. Por causa de *Keaton "Filho da Mãe" Bridges.*

— Roxy. Que resultado você espera?

Respiro fundo antes de responder, porque não me permiti ter esse pensamento até agora.

— Positivo. Não planejei isso, e é cedo demais, mas pela primeira vez, não me importaria se desse positivo. — Então, começo a chorar. Pela primeira vez desde que Finn nasceu, choro feito uma criança.

Aimee me abraça, e me seguro a ela como se eu fosse uma boneca de pano.

Quando cheguei ao trabalho esta manhã e olhei para o calendário, percebi que estava na hora de começar uma nova cartela de pílulas anticoncepcionais. Foi quando notei que minha menstruação ainda não tinha descido. Eu estava tão envolvida em estar com Keaton que perdi a noção de praticamente tudo o que não estava programado em minha agenda ou bem na minha frente. Nem faz sentido eu ter engravidado, porque não deixei de tomar nenhum dia, mas com as viagens e tudo mais... não tomei a cada vinte e quatro horas nas últimas semanas. Nunca se sabe. Conhecendo Keaton, ele deve ter o esperma super persistente e charmoso. Eles deveriam estar tipo: *Tudo bem, óvulo, é isso que vai acontecer. Vou te penetrar, você vai adorar e vou só esperar aqui até que isso aconteça. E. Vai. Acontecer.*

— Estou torcendo para que o resultado seja o que você espera, Rox. Mas preciso dizer que mesmo que não dê positivo desta vez, não significa que não pode acontecer em outro momento.

— Eu sei. Mas ele quer muitos filhos. Como vai conseguir isso comigo? Eu teria que ter um por ano e sair do emprego.

— Acho que você está exagerando um pouco.

— Só quero dar ao Keaton o que ele quer. — Choro no ombro dela. — E se eu não puder?

— Você nem perguntou se *não* ter um monte de filhos seria motivo para terminarem, perguntou?

Fungo.

— Se eu tiver essa conversa com qualquer outra pessoa, por favor, me mate.

— Roxanne. Se você está em um relacionamento sério e adulto com o Keaton, esse é o tipo de coisa que vocês precisam conversar. Ainda mais quando se tem trinta e cinco anos.

— Argh. — Me solto dela, enxugo os olhos e endireito a postura enquanto resmungo, do mesmo jeito que Finn fez. — Mas não nos divertimos o suficiente ainda.

Ela me entrega um papel toalha.

— Ah, é? Não foi o que pareceu no Dia dos Namorados quando você estava gritando tão alto que acordou a ilha toda.

Gargalho, assoando o nariz. Acho que um pouco do meu cérebro mole sai junto.

— Você ouviu?

— Tenho certeza de que o Caribe inteiro ouviu.

Pensar naquele banho no resort me lembra do que está esperando por mim no balcão do banheiro.

— Merda. Já tem mais de cinco minutos que fiz xixi naquilo. Vou ter que fazer outra vez.

— Tem mais um?

— Comprei cinco.

— Boa garota. Quer que eu vá com você?

Balanço a cabeça.

— Mas não vá embora antes de eu sair, certo?

— É claro que não. Vou ficar até você nos expulsar. E lembre-se: não importa o resultado, vai ficar tudo bem.

Minha mão treme quando alcanço a maçaneta da porta do banheiro. Não sei por que fiquei tão nervosa e me convenci de que o futuro do meu relacionamento com Keaton depende do que um bastão de plástico vai me dizer hoje. Só sei que quero estar com ele, que desejo que Keaton tenha tudo o que quer, e que ele me deseje, mas não sei se posso lhe dar tudo o que ele merece. E isso é horrível.

Inspiro bem devagar, me lembrando do cartão que Chase me deu. Ventos de mudança. Em breve, tudo vai se acertar. Vai ficar tudo bem. Mais ou menos. Agora ou depois. Eu e o Keaton. Abro a porta e olho direto para o bastão de plástico no balcão.

Vai ficar tudo bem.

Vinte e cinco

Keaton

MENSAGENS DE TEXTO SÃO uma forma interessante de se conectar com uma pessoa. Me lembro de uma época em minha vida, há uns quatro dias, em que eu sorria sempre que escrevia ou lia mensagens de texto de uma certa srta. Roxanne Carter. Eu enviava uma mensagem. Ela respondia. Às vezes, se eu tivesse sorte, ela enviava uma imagem em vez de uma série de palavras espertinhas. Era divertido. Até mesmo um pouco emocionante. Era uma das muitas maneiras diferentes pelas quais nos conectávamos. Não era minha favorita, mas estava entre as dez primeiras, com certeza.

De repente, essa se tornou a única forma que ela se comunica comigo.

Quando ligo para ela, cai na caixa postal. Se ligo pelo FaceTime, ela não atende. Roxy sempre responde com uma mensagem, dizendo que sente muito por não ter visto minha ligação. E perguntava o motivo pelo qual liguei.

Bem, eu queria falar com ela ao telefone para contar o motivo da ligação. Porque eu queria falar com ela e ouvir sua voz. Poder vê-la ao mesmo tempo seria um bônus e algo que é tecnologicamente possível nestes tempos empolgantes em que vivemos. Então, por que não? Ainda mais estando em cidades diferentes. Ainda mais porque estamos namorando. E porque nós dois *supostamente* sentimos falta um do outro.

Roxy "Filha da Mãe" Carter encontrou uma maneira totalmente nova de me deixar louco, e está fazendo isso da forma que eu jamais teria imaginado possível: *não* me dando uma resposta espertinha.

Como fomos de passar todas as noites juntos e enviar mensagem o dia todo para só enviar mensagens de texto algumas vezes por dia... por mais de três dias?

Liguei para Chase para perguntar se ele a tinha visto ou falado com ela.

— Não, mas a Aimee e o Finn foram ao apartamento dela há alguns dias, antes do jantar.

— Então ela está bem?

— Sim, quer dizer, a Aimee não falou nada, então deve estar. Contei que ela não estava atendendo às minhas ligações e só enviando mensagens. : "É só a Roxy sendo a Roxy". Pode fazer sentido para ela, mas não sei mais o que isso significa. Qual Roxy ela está sendo? Ela retrocedeu para a Roxy depois do casamento, aquela que não sabe lidar com o fato de que somos ótimos juntos? Ou para a Roxy que, de repente, decidiu que não quer mais namorar com o cara com quem forma um ótimo casal? Há um milhão de motivos para ela não atender às minhas ligações, e nenhum deles é bom.

Não paro de olhar ao redor enquanto estou no aeroporto, pensando que talvez tudo isso esteja me levando a uma grande surpresa: que ela vai estar lá no desembarque, esperando por mim de salto alto e quepe de motorista, com uma placa escrita *sr. Bridges* e usando um sobretudo sem nada por baixo. Mas não está. Me sinto mal por parecer tão desapontado ao ver Manny, o que me faz pensar que terei que dar outro aumento a ele.

Ao pegar Jackpot no hotel para cães, ele fica muito animado em me ver. Mas ao chegarmos ao carro, ele percebe que Roxy não está no banco de trás, então olha para mim e suspira. *Você estragou tudo, não é?* É o que ele deve estar pensando.

Será? Será que ela me viu com Tamara? Foi isso? Será que ela é o tipo de mulher que apareceria para me surpreender no trabalho, não me contaria que me viu com minha ex-namorada e agiria de forma passivo-agressiva? Acho que não, mas já estive errado em relação a mulheres umas cinquenta vezes.

Releio suas mensagens várias vezes. Não foram passivo-agressivas, ríspidas ou incendiárias. Apenas breves e diretas. *Vamos conversar na festa do Finn*, é o que ela estava sempre me dizendo. Ela simplesmente não queria falar comigo antes disso por algum motivo. Mesmo agora que estou de volta.

Uma coisa é ficar de fora das férias de um casal quando você não faz parte de um, mas ser excluído de um casal de que você faz parte dói.

Se é que é isso que está acontecendo.

Ela enviou uma mensagem dizendo que vai ajudar Chase e Aimee a arrumar a festa amanhã de manhã, então ligo para Aimee antes que ela vá dormir.

— Keaton?

— O que está acontecendo?

— Hum... Como assim?

— Por que ela não quer falar comigo?

— Ah... — Eu a ouço suspirar por cerca de cinco segundos antes de voltar a falar. — Ela está bem. Vocês estão bem. Gostaria de poder dizer alguma coisa para te acalmar, mas não posso explicar tudo antes dela. Desculpa.

— "Tudo" o quê?

— Coisas. Não posso te explicar as "coisas". Você vem para a festa, não vem? Todo mundo vem. Depois da hora da soneca. Lá pelas duas da tarde.

— Vou chegar antes da minha hora da soneca. E ela?

— É claro que ela vem também. Só tenha paciência. Vocês precisam conversar pessoalmente. Tenho que desligar, mas vai dar tudo certo.

Talvez eu esteja fazendo tempestade em um copo d'água.

Procuro meu antigo caderno da faculdade, aquele que tem várias palavras intraduzíveis anotadas e o folheio em busca de algo que descreva todos esses sentimentos de ansiedade que estou tendo.

Nada.

Terrível vai ter que servir.

Confuso.

Doente de amor.

Me recuso a colocar outra expressão na lista: *pé na bunda*.

Vou para a cama, soco o travesseiro e me preparo para uma longa noite. Não adianta nem tentar ficar acordado se não posso ver ou falar com Roxy. Não estou nem com vontade de me masturbar para fastar as memórias da Roxy De Biquini ou da Roxy No Chuveiro. Estou mal mesmo. Só sinto falta da *minha* Roxy. Sinto falta da Ute.

Depois de cerca de dez minutos deitado aqui, sinto uma coisa nova.

O peso de um cachorro pulando na cama.

Talvez eu esteja imaginando, mas não quero me mover para olhar e me arriscar a assustá-lo. Ouço Jackpot farejar, explorando o lado vazio da cama. Sei, pelo tilintar dos sininhos em sua coleira, que ele está circulando na área perto do travesseiro onde Roxy costuma dormir. Finalmente, ele se deita com um pequeno resmungo.

Depois que fica parado por alguns minutos, me viro bem devagar para dar uma olhada. Jackpot está com o queixo apoiado no travesseiro, de costas para mim. Sei que tudo isso é porque ele sente falta de Roxy, mas vejo isso como uma vitória. Sempre testando minha sorte, estendo a mão

para acariciar seu pelo. Ele permite. É a melhor coisa que me aconteceu nos últimos dias. Fechar um acordo com uma startup de sucesso em Toronto não era nada comparado a isso.

Voltei a ser o rei do mundo. Amanhã, vou trazer minha rainha de volta para casa para nós dois.

Vinte e seis

Roxy

ESTOU OLHANDO PARA DOZE crianças adoráveis, felizes e hiperativas, e estou exausta, embora eu só tenha que ficar perto delas por algumas horas.

O tema da festa é "monstros". Estou aqui desde cedo, ajudando Aimee a decorar e a esconder os bonecos de monstrinhos fofos ao redor da sala de estar para uma caça ao tesouro enquanto Chase mantém Finn ocupado em uma matinê. Agora, o menino já tirou sua soneca e não está mais se lamentando pela ausência do melhor amigo. Matt, Bernadette, Vince e Nina estão aqui com Harriet e Joni. Os convidados pequenos da festa chegaram nos últimos quinze minutos. A cabine fotográfica havia sido entregue e montada, a maquiadora que faz pintura facial está aqui, e o cara do balão já chegou, mas Keaton "Filho da Mãe" Bridges, não.

Típico.

É a primeira vez que eu *quero* vê-lo em uma dessas festas, e ele não aparece na hora.

Estou esperando com muita impaciência para falar com ele cara a cara, totalmente incapaz de arriscar ter essa conversa de qualquer outra forma, porque preciso dizer isso do jeito certo.

Corro até a cozinha para pegar um rolo de papel toalha ao avistar uma garotinha derramar seu copo de ponche de frutas no chão depois de um menino ter batido em seu braço enquanto a empurrava. Ela está olhando em volta, sem saber o que fazer e se esforçando ao máximo para não chorar quando me aproximo. Me ajoelho e limpo a pequena poça rosa-choque.

— Oi, querida. Eu limpo. Não se preocupe.

— Desculpa. Foi sem querer.

— Eu sei. Vi o que aconteceu. Com certeza, não foi culpa sua.

— O Ethan é quem deveria limpar.

— Tem razão. Quando crescer, se lembre de que quando um menino fizer alguma bagunça e ficar para limpar, ele seja alguém que vale a pena ter por perto.

Ela torce um pouco o nariz.

— Não quero ficar perto de um menino.

— Ou de uma menina. Ou de qualquer pessoa. Você não precisa ficar perto de ninguém. Não é obrigada a nada! Mas vou te falar uma coisa: se ficar perto de alguém, não significa que seja fraca. Se lembre disso.

Ela me olha como se eu fosse estranha, e acho que sou mesmo. Não a culpo por sair andando.

Quando me levanto para jogar as toalhas de papel fora, vejo que Keaton chegou e está colocando um enorme presente embrulhado na mesa enquanto conversa com Chase, Matt e Vince.

Ele parece cansado, e isso o deixa ainda mais bonito. Irresistível. Para mim, pelo menos. Como a versão crescida do garotinho que sentia falta da babá Reyna. A expressão hesitante em seu rosto quando nossos olhos se encontraram parte meu coração em dois.

Não consigo nem me mexer. Só fico ali, o observando vir até mim.

— Oi — ele fala, colocando a mão no meu braço e me levando até a sala. — Posso falar com você a sós um minuto?

— Sim.

O lugar é um loft, então os únicos cômodos com portas são os banheiros e os quartos. Ele me puxa para o quarto/escritório de hóspedes e fecha a porta. Eu esperava que ele me agarrasse e me beijasse, mas em vez disso, ele cruza os braços e fala:

— Não sei o que está acontecendo com você, mas seja lá o que for, vai acabar agora. Caso seja o que eu estava temendo, vou te contar uma coisa: a Tamara me enviou mensagens e pediu para me ver na semana passada, mas eu estava procrastinando porque não queria encontrá-la e queria passar todo o meu tempo livre com você. Naquele dia, antes de sair da cidade, me encontrei com ela por cerca de dez minutos perto do meu escritório, e foi quando descobri que ela queria conselhos meus para negócios, e imediatamente falei que seria melhor ela falar com o Chase sobre essas coisas, porque estou namorando. Foi isso. Foi a última vez que eu a vi ou falei com ela, até onde eu saiba. — Seus olhos castanhos calorosos examinam meu rosto em busca de uma reação.

Ainda estou processando o que ele me contou, mas a meu ver, se isso é verdade, ele lidou com a situação perfeitamente bem. E isso é muito irritante.

— Tudo bem... Isso é interessante. Não sei o que dizer.

— Bem, eu adoraria que você me contasse como o que acabei de te dizer a faz sentir. Vamos começar por aí.

— Certo. — Cruzo os braços, imitando-o, como se estivéssemos em um tipo de negociação. Não era bem assim que eu havia planejado nossa conversa. — Acho que estou um pouco surpresa por não saber que se encontrou com a Tamara. Mas, por outro lado, não preciso saber aonde você vai o tempo todo e agradeço por ter me contado.

Ele suspira, fecha os olhos e aperta a ponte do nariz.

— Eu ia te contar naquela noite. Então você está dizendo que não nos viu juntos?

— Por que eu teria visto? Você estava preocupado com isso? Tem algum motivo específico pelo qual não queria que eu visse? Espere, você me contou tudo mesmo?

Ele coça o rosto com a palma da mão. Keaton faz muito isso quando está comigo.

— Sempre vou te contar tudo o que você quiser saber e mais um pouco... Só estou tentando descobrir o que está acontecendo, Roxy. Não é por isso que tem agido tão estranho?

— Não.

Olhe só para este menino, tentando limpar a bagunça que achava que tinha feito. Ele é o tipo de garoto que preciso manter por perto.

— Seria ótimo se pudesse me dizer por que parou de atender às minhas ligações de repente, porque isso está acabando comigo.

— Eu disse que ia conversar com você aqui. Hoje.

— Bem, aqui estamos nós. Me diga. Preciso saber qual é o problema para tentar consertar.

— Eu tinha planejado tudo... Caramba.

— Você fez uma apresentação de Power Point? Me conte logo.

— Aqui, não. — Esse homem é irritante demais, e meu clitóris está prestes a explodir.

Keaton está parado na frente da porta, maior que nunca e irritado. Quando tento tirá-lo do caminho, ele agarra meus ombros, me empurra contra a porta e me beija. Graças a Deus. Isso é tudo o que eu quis desde o segundo em que o vi. Inspiro seu cheiro delicioso. Há dias que anseio por isso. Levo as mãos ao seu rosto e as dele alcançam minha cintura. Somos uma confusão de bocas, línguas e dentes. Isso é tudo de que preciso agora, mas ao mesmo tempo, não é suficiente.

— Você está me deixando louco — ele sussurra.

— Não era a intenção.

— Você é a porra de uma pedra no meu sapato, sabia?

— Não fale palavrão perto das crianças.

Ele me beija bem naquele ponto do pescoço que faz meus joelhos amolecerem.

— Se eles conseguem escutar a gente daqui, já estamos com problemas.

— Senti tanto a sua falta — murmuro. Perdi toda minha dignidade.

— Você devia ter me ligado.

— Eu não podia dizer as coisas que preciso pelo telefone.

— Me fale agora. Me conte tudo, mulher malvada. — Ele dá beijos pela minha mandíbula até chegar em minha boca.

Bem... Seria a pior coisa do mundo se déssemos uma rapidinha aqui, enquanto um monte de crianças e nossos melhores amigos estão pintando o rosto no final do corredor?

Viro a cabeça para o lado e me desvio. É doloroso me afastar daqueles lábios e mãos, mas tenho que fazer isso. Precisamos sair daqui antes que eu tente engoli-lo com a vulva.

— Venha comigo — falo, passando os dedos pelo cabelo e endireitando o suéter. Olho para seu volume. — Guarde essa coisa.

— Que ideia maravilhosa esperar até o aniversário de uma criança para me ver depois de dias — ele resmunga, se arrumando.

— Sinto muito por achar que você conseguiria se controlar.

Ele balança a cabeça e estende a mão para a maçaneta.

— Você não tem jeito. — Ele me dá um tapinha na bunda e abre a porta. — Vamos.

De repente, nós dois juntos me faz lembrar dos meus pais. Amo nossa sincronia, mas sei que ainda não terminamos de resolver isso. Ainda preciso ter uma conversa de quem está em um relacionamento adulto com ele. E ainda posso estragar tudo.

— Me espere aqui — peço.

Ele revira os olhos e fica na sala de estar, observando as crianças pintando os rostos como personagens do *Monstros S.A.* enquanto a trilha sonora de *Trolls* toca em um volume respeitável nos alto-falantes da casa. Vou até a cozinha pegar duas garrafas de Blue Moron que eu trouxe esta manhã. Quando saio de novo, aceno para ele me seguir. Há um caos

suficientemente controlado aqui para que possamos escapar por um tempo sem ninguém perceber.

— Vamos lá fora. — Seguro as duas garrafas de cerveja com uma das mãos e o levo para o pátio dos fundos com a outra. Nós dois estamos de suéter, e não está frio o bastante para ter que vestir um casaco. Não está exatamente quente, mas ensolarado, e a neve já derreteu.

— Aonde estamos indo? — ele questiona.

— Aqui. Olhe, seu bobo — falo, apontando para o céu com o queixo. — É o primeiro dia de sol depois de um longo inverno. — Entrego a ele uma garrafa aberta e me sento em uma das cadeiras do pátio — Não está quente, mas vamos tomar uma cerveja aqui fora.

Ele se senta, sorrindo.

— *Utepils* — Ele está começando a entender. Keaton aproxima a cadeira da minha até que nossos joelhos se encostem.

Olho bem em seus olhos, respirando fundo antes de entrar no assunto.

— Tenho tentado encontrar algo perfeito e especial para te dizer. Não sei como você, de repente, conseguiu começar a me dizer a coisa certa no momento certo, mas o fato é que faz isso parecer fácil. E não é. É bem difícil. Não encontrei uma palavra. Não sei como dizer o que você significa para mim. Em qualquer idioma. — Dou de ombros e brindo minha garrafa na dele. — Eu te amo. Muito. Estou muito apaixonada por você e sinto muito por não ter dito isso antes, mas prometo nunca mais parar de falar se você ficar comigo.

Ele respira fundo e ameaça dizer algo, mas cubro sua boca com a minha mão.

— Me deixe terminar. — Espero ele assentir antes de tirar a mão e suspirar. — Achei que estava grávida. Por um dia. Resumindo, estou tomando pílula, como você sabe, mas não menstruei. E o exame deu negativo. Mas, pela primeira vez, não tive medo de dar positivo. Fui ao ginecologista e fiz um ultrassom para ter certeza, mas o médico disse que, às vezes, a pessoa não menstrua depois de tomar pílula por um tempo, e isso é normal. Desculpe, é informação demais?

Ele parece confuso e talvez até irritado. Merda. O que foi que eu fiz?

— Foi por *isso* que você parou de atender às minhas ligações?

— Não queria falar com você até saber o que te dizer. Até poder te contar tudo, e eu queria que fosse pessoalmente.

— Que *baralho*, Ute. Não existe isso de informação demais quando se trata de nós dois. Por que você não entende isso? O que preciso dizer ou fazer para ser a primeira pessoa para quem você liga, não importa o que aconteça?

Coloco a palma da mão sobre o coração dele e apoio minha testa contra a sua.

— Não tem nenhuma palavra intraduzível para isso?

— Tem "eu te amo". Eu te amo pra *baralho* e você não pode deixar de me ligar só porque não sabe o que dizer. O que acha disso?

— Faz sentido.

Ele move a cabeça para trás para olhar nos meus olhos.

— Está querendo me dizer que você queria estar grávida? De um filho meu?

— Estou dizendo que não seria ruim se eu estivesse. Mas não estou.

— Meu Deus, Roxy Carter. Eu colocaria um bebê muito metido e imaturo em você, se me deixasse.

— Mas você quer um monte de filhos, e não sei se posso te dar tudo isso. Você acha que... Ah, meu Deus, preciso te perguntar: acha que devemos terminar por causa disso?

Ele não hesita em responder:

— Mulher. Não vejo problema algum em adotarmos uma criança que não tenha nascido com a minha genética espetacular, mas acho que o mundo merece pelo menos uma pessoa que se pareça com você e tenha sua ótima personalidade, não é?

Assinto e tomo um gole da cerveja.

— Você está chorando? — ele pergunta.

— Estou processando emoções de um jeito bem elegante e masculino.

Ele enxuga a lágrima e segura minha mão livre.

— Vamos lidar *juntos* com qualquer coisa a partir de agora. Entendeu?

Assinto.

— Entendi.

Nós nos viramos para olhar para dentro do apartamento. Todas aquelas crianças e pais felizes lá dentro... Me lembro da noite do casamento. Nós dois no terraço enquanto todo mundo estava lá dentro, e como parecia que estávamos tão separados de toda aquela união alegre que acontecia. Mas não é mais assim.

— Me desculpe ter que te falar isso, mas eu sou o cara certo para você, Roxy Carter. Sou seu contato de emergência. Seu tudo. E um dia, vou ser seu marido e pai do seu filho ou filhos. Então vá se acostumando. E quer saber? Que se dane... já que estamos falando nisso... — Ele tira uma caixinha de veludo do bolso. — Se acostume a usar isso.

Ele a abre e vejo um lindo anel de ouro branco com uma pedra azul-claro que é quase da mesma cor dos meus olhos.

— É uma água-marinha?

— É um diamante azul, sua boba. São muito raros.

Fico sem palavras. Aquela coisa deve ter uns três quilates. Não quero nem saber quantos milhares de dólares vale.

— É o anel de noivado da minha avó. Quando ela morreu, meu avô me deu, porque não achou que a minha mãe fosse me entregar se desse a ela. Está guardado em um cofre no banco há alguns anos. Fui pegar hoje cedo.

Engulo em seco e coloco a garrafa no chão para não derramar cerveja naquela coisa.

— Não é perfeito para você? Azul-claro. Minha nova cor favorita.

— Keaton. Você está me pedindo em casamento?

— Não. Estou dizendo para você se casar comigo.

— Você está ficando maluco? Não tem nem o *baralho* de um mês que estamos namorando.

— É sério? Porque parece o *baralho* de um século.

— *Fruta meleca*, Keaton. Isso é loucura. É o anel mais lindo que já vi.

— Tire essa coisa daqui, coloque-a e se case comigo.

Cubro a boca com as duas mãos e assinto antes de finalmente pegar a caixinha.

— Certo, tudo bem. Vou ficar bem.

— Pode ter certeza de que vai. — Ele entorna meia garrafa de cerveja de uma vez.

— Eu sei.

— Que bom.

Seguro seu lindo rosto e o beijo.

— Eu te amo.

— É bom mesmo.

— Te amo. Vou me casar com você. Mas não vou usar esse anel até depois da festa. Assim, não vamos tirar a atenção do Finn.

Ele sorri para mim.

— Você tem um bom coração, Roxy Carter. — Ele estende a mão para que eu lhe devolva a caixinha. Eu a fecho perto dos seus dedos. Como Richard Gere fez com Julia Roberts e a caixinha do colar em *Uma linda mulher*. Ele entende a referência e finge uma risada com os dentes bem à mostra. Então guarda a caixinha no bolso como se fosse um pacote de chiclete ou algo do tipo. — Mal posso esperar para te engravidar.

— Mal posso esperar para você me engravidar. — Seguro seu rosto para beijá-lo de novo. Talvez eu nunca mais pare.

Nos afastamos quando ouvimos a porta do pátio ser aberta e a voz do pequeno Finn.

— Ecaaa. Por que vocês estão se beijando? — Seu rosto está pintado de verde com um grande olho no meio e uma boca enorme, cheia de dentes.

— Tinha uma coisa na boca do Keaton — explico. — Só estava limpando. Com a minha boca.

Finn torce o nariz. Parece que essa é a única reação que venho recebendo de crianças hoje.

— Não era isso que vocês estavam fazendo.

— Eu não conseguia respirar, então ela fez boca-a-boca em mim.

— Nada disso. Vocês são nojentos.

— Ah, amigão — Keaton fala. — Você nem faz ideia do quanto.

— O que está acontecendo aqui? — Aimee coloca a cabeça para fora, analisa a situação e sorri. — Tudo bem?

— Vai ficar — falo no tom mais casual possível, sabendo que estou noiva e que Keaton tem um diamante valiosíssimo no bolso.

Chase aparece atrás dela.

— E aí, gente?

— Ah, você sabe — Keaton diz, se levantando e me puxando com ele. — Só a Roxy sendo a Roxy.

Ele pega nossas cervejas e seguimos os McKay para dentro.

Vislumbro outras cenas e sentimentos, desta vez, do nosso futuro. Crianças e cachorros, amigos e família. Um casamento com luzes de fadas. Dessa vez, sei quem vou levar comigo. Festas, encontros e viagens. Problemas, triunfos, palavras intraduzíveis e momentos perfeitos de silêncio. Quero todas essas coisas com este homem. E vou dar a ele tudo o que tenho a oferecer.

Estendo a mão para que ele a segure. Keaton se inclina e sussurra no meu ouvido:

— Não precisamos ficar para ajudar a limpar depois da festa, não é?

— De jeito nenhum. A Nina e a Bernadette vão ajudar. Nós vamos para a sua casa transar dentro de uma hora.

Ele me entrega minha cerveja.

— Prepare o seu útero para algo grandioso, futura esposa.

— Prepare o seu pênis para a batalha, futuro marido.

Brindamos outra vez.

— Meu Deus, eu te amo. Vamos quebrar todas as camas em que dormirmos.

Epílogo

Keaton

Dois anos depois

— É UM QUADRADO — BERNIE grita. — *WALL-E*!

— Como você deduziu *WALL-E* a partir de um quadrado? — Matt resmunga, se divertindo com ela.

— O corpo dele é um quadrado.

— Ah, meu Deus, desenhe mais rápido — a filha deles, Harriet, grita.

Finn os ignora e continua a desenhar com cuidado outro quadrado na lousa enquanto a areia cai pela ampulheta de um minuto.

— É uma TV! — Vince fala. — *Poltergeist*.

— Isso não é um filme para famílias! — Nina protesta do outro lado da sala.

— Conta a história de uma família! É divertido!

— É um livro? — Harriet pula. — *O menino lobo*? *Harry Potter*? *O Jardim Secreto*? *Alice no país das maravilhas*? *Nancy Drew*?

Finn continua balançando a cabeça e franzindo a testa para Harriet.

— *A Fantástica Fábrica de Chocolate*? Desenhe mais coisas. Ah, meu Deus, alguém pode me ajudar?

— É um livro de receitas? — Graziella McKay grita. — *Ratatouille*?

— Se fosse *Ratatouille*, ele teria desenhado um rato — Sean provoca a esposa.

— Não tem como você saber disso! Ele é um garoto esperto.

— Ah, é uma caixa! *WALL-E*! — Bernie tapa a boca do marido antes que ele ria dela. — Eu amo esse filme!

Finn sinaliza para continuarem.

— É uma caixa de brinquedos? — Harriet grita. — *Toy Story*? *Toy Story 2*? Ah, não, é *Toy Story 3*? Esse filme é triste.

Finn continua balançando a cabeça e sinalizando para continuarem.

— É um filme de boxe? — Sean grita. — *Rocky*?

Chase vira o rosto devagar para olhar para mim. Me viro devagar para olhar para Roxy. Ela nos ignora e mantém os olhos colados na lousa onde Finn resolveu desenhar uma carinha sorridente e uma seta apontando para a caixa.

— Tempo! — Nina grita.

— É melhor que não seja *Seven* — Chase resmunga.

— Era *Seven*!

— *Seven*? — Harriet joga as mãos para cima. — Isso não é um filme!

— Não é um filme para crianças, com certeza — Aimee semicerra os olhos para mim e Roxy. — Quem colocou o nome desse filme na cesta?

— Eu — Finn responde.

Chase e Aimee me encararam.

— Não o deixamos assistir ainda. Diga para eles, Finnegan!

— Ainda não assisti. Só sei que tem uma cabeça em uma caixa e estou doido para ver!

— *Seven*? Isso é o número sete em inglês! — Harriet coloca as mãos na cintura. É sua postura mais frequente quando está falando com Finn. — Você tem que facilitar para nossa equipe ganhar. Por que não fez assim? — Ela pega a caneta da mão dele e faz sete riscos na lousa. — Você está com sete anos. A Joni também! Eu tenho sete anos! Era só apontar para mim.

Finn apaga o quadro.

— Por que eu apontaria para você? O nome do filme não era *Garota Fedorenta Cabeça de Vento que Acha que Sabe Tudo e Fala Demais*!

Chase e Matt se entreolham. Bernie e Aimee também. Todos nós sabemos que, algum dia, os McKay e os McGovern irão celebrar um casamento juntos. Mal posso esperar para ter uma conversa de homem para homem com meu afilhado sobre os prós e contras – mais prós – de se casar com uma garota linda, que fala demais e faz seu sangue ferver.

Olho para minha esposa.

Roxy "Filha da Mãe" Carter.

Apreciamos diversas cervejas juntos ao ar livre em dias de sol, e ela cumpriu sua promessa de nunca parar de dizer que me ama. Mesmo quando essas palavras estão rodeadas por uma sequência de outras que fariam um homem mais fraco chorar. Até agora, só chorei duas vezes desde que ficamos juntos.

Quando nos casamos, três meses depois de ficarmos noivos, e quando Roxy teve nossa filha.

Ficamos grávidos *dois* meses depois de ficarmos noivos.

Opa.

Cassie Reyna Bridges faz um ano hoje e é por isso que estamos recebemos nossos amigos mais íntimos em casa. Acabei de buscar Joe e Melinda Carter no hotel onde vão se hospedar por alguns dias. Meus pais não puderam vir, já que estão viajando pela Europa, mas tudo bem, porque os pais de Chase estão aqui.

Cassie está tirando uma soneca no *sling* que estou usando. Ela está quase andando agora, mas ainda gosto de prendê-la contra meu peito sempre que me deixa fazê-lo. Sei que *meu* cheiro é incrível e que todas as cabeças de recém-nascidos são cheirosas, mas juro que deveriam fazer uma vela com esse cheiro. Aquele aroma de bebê gostoso nunca vai embora.

Ela tem meus lindos olhos castanhos, o temperamento calmo da minha antiga babá e a linda e falante boca da minha esposa.

Um dia, ainda vamos apelidá-la de Cassie Espertinha, mas ultimamente, está mais para Cassie Peidorreira, para o nosso azar. Ela é tão explosiva quanto a química entre seus pais. Estamos tentando fazer com que ela fale menos enquanto come. Em geral, ela diz "Ja-po" várias vezes enquanto coloca comida na boca e aponta para o cachorro que a segue por todo lado. Roxy acha que ela está tentando dizer Jackpot, mas é óbvio que está tentando dizer Keaton. Ou talvez, *idiota*, pois é assim que sua mãe se refere a mim quando esquece meu nome. Hormônios e essas coisas.

Daqui a alguns anos, Cassie vai frequentar a mesma escola que Franny McKay, Edward "Não Chame Ele de Eddie" McGovern e Davina Devlin. No momento, há quatro carrinhos de bebê em nossa casa. Definitivamente, havia algo na água de Antígua. E em Indiana. Nós todos passamos muito tempo na maternidade durante um período de três meses. Por conta disso, as enfermeiras começaram a nos chamar de *Turma da Mat*. "Mat" é uma abreviação de maternidade, mas acho que todas tinham uma queda pelo McGovern. Mas não importa, porque todas estarão no Time Keaton até o final do verão.

Cassie sempre estará cercada por seus melhores amigos e nós também.

Um mais um é igual a infinito.

Depois que o alvoroço causado por *Seven* finalmente termina, Roxy se levanta para escolher o título de um filme infantil. Sua barriga começou a aparecer, e acho que todas as curvas capazes de gerar uma vida são sensuais pra caramba. Ele vai nascer em menos de cinco meses, e estamos tão

animados por termos um menino que ela quase me perdoou por engravidá-la mais cedo do que tínhamos planejado. O que posso dizer? Meu esperma é muito sedutor, e mal posso esperar para ver se os seios dela vão ficar ainda maiores desta vez. Por razões científicas.

Ela se inclina para pegar um pedaço de papel da cesta sobre a mesa de centro, me dando um vislumbre particular de seu decote magnífico. Deus abençoe essa mulher.

Um segundo depois de olhar para o papel, ela assente e vai até o quadro branco, pega a caneta e acena para Vince virar a ampulheta.

Ela desenha uma perna com um pé, e eu já sei o que é:

— *Uma Aventura LEGO*.

— Sim!

— Existe um filme sobre LEGO? — meu sogro pergunta. — Tem gente que assiste a isso?

Roxy já está apagando a perna e desenhando um balão.

— É um balão! — Joni grita. — *Up – Altas Aventuras*!

Roxy desenha uma linha no balão e, em seguida, um balão ondulado e vazio.

— *Mary Poppins*! — falo.

— Sim!

— O quê? Como você acertou? — Joni me encara com os olhos arregalados.

— É um balão estourado — Nina explica por mim. — Inteligente.

— Ah, é *O Balão Vermelho*? — Melinda grita.

— Era *Mary Poppins*. — Joe lhe dá tapinhas nas costas.

— Adoro esse filme, *O Balão Vermelho* — Graziella se inclina para falar para Melinda. — Não fazem mais filmes assim.

Roxy vai para o próximo, desenhando um rosto com olhos grandes e uma boca aberta e redonda.

— *Monstros S. A*. — Nina e Joni gritam ao mesmo tempo.

Já sei qual é o filme antes de Roxy terminar de desenhar as mãos no rosto do menino, mas deixo outra pessoa adivinhar primeiro. Não precisamos mais provar a ninguém o quanto nos conhecemos.

— É o desenho de um carro? — Joe pergunta.

— Aquilo não é um carro. — Sua esposa lhe dá uma cotovelada. — Bobo.

Assim que Roxy começa a desenhar o contorno de uma árvore de Natal atrás do menino, Joni grita:

— *Esqueceram de Mim*?

— Sim!

Nina bate na mão de Joni, e elas fazem uma dancinha para zombar de Vince.

— Estamos deixando você no chinelo!

Roxy começa a desenhar algo que obviamente é um animal de quatro patas, talvez um cachorro.

— É um cachorro? *A Dama e o Vagabundo*? — Melinda diz.

— Se fosse *A Dama e o Vagabundo*, ela teria feito dois cachorros — o marido dela resmunga.

— Ah, fique quieto.

— *Um Hotel Bom pra Cachorro*? — Joni grita.

— *Beethoven. Soltando os cachorros. O Promotor Shaggy*, *Bolt – O Supercão, Marley & Eu*, *Meu Cachorro Skip*, aquele com o Richard Gere! — Nina conhece bastante filmes.

Roxy balança a cabeça enquanto desenha algo na parte de baixo do animal. Possivelmente um pênis. Ou um úbere.

— *Mulan* — falo, sorrindo.

Vince grita:

— Tempo!

— Isso! Quatro pontos! — Ela vem até mim e batemos as mãos delicadamente para não acordar nosso bebê.

— O quê? Como tirou *Mulan* daquilo? — Finn coça a cabeça de um jeito dramático.

— A vaca faz “mu", é óbvio.

— A vaca faz “mu” — ela sussurra, beijando o topo da cabeça de Cassie enquanto acaricio sua barriga.

Pode contar comigo, Roxy Bridges.

Amo muito cada pessoa que está nesta casa, mas mal posso esperar para ficar a sós com as minhas garotas e o meu cachorro.

A hora de dormir é a melhor do dia, todos os dias, logo depois das manhãs e do jantar.

Mas só quando Roxy não ronca.

Ainda não quebramos a cama feita sob medida.

Mas estamos tentando.

Nunca vamos parar de tentar.
#ROXTONPARASEMPRE

Nota da autora

Em breve, você vai acompanhar a história de *Chase e Aimee* (que se passa antes de *Namoro de Mentira* e na qual Keaton é um babaca), a de *Matt e Bernadette* e a de *Vince e Anna*, que ainda serão publicados pela Editora Bookmarks. Acompanhe as redes sociais da editora para ficar por dentro dos lançamentos.

Tem um ótimo livro chamado *Lost in Translation: An Illustrated Compendium of Untranslatable Words from Around the World,* de Ella Frances Sanders (ainda não disponível em português). Nem todas as palavras intraduzíveis de Keaton estão nele, mas a maioria está. É um livrinho bem fofo.

A palavra que Keaton não sabia pronunciar é: *Mamihlapinatapei*. De acordo com a Wikipedia, está listada no *Guinness World Records* como a palavra mais sucinta. É um substantivo yaghan, definido em *Lost in Translation* como: reconhecimento e compreensão silenciosos entre duas pessoas que desejam ou pensam a mesma coisa (mas não querem ser a primeira a expressar isso).

E o hotel *Coco Beach,* em Antígua, foi inspirado em um lugar lindo da internet: http://www.cocoshotel.com/.

Se você for lá um dia, me mande fotos!

Vire a página e leia também...





Prólogo

Carly

— Você é inútil, sabia?

Fico imóvel. O veneno em suas palavras costumava me magoar profundamente, mas, infelizmente, é algo a que me acostumei. Minhas mãos estão ao lado do corpo e meus dedos estão torcendo a cordinha pendurada no short jeans. Meu cabelo está preso em um coque bagunçado no topo da cabeça. É longo demais e cheio, e o calor e a umidade do verão estão me deixando louca, mas ele não me deixa cortar como eu quero. Está quase na cintura e, a menos que eu queira morrer de insolação, eu o prendo quase todos os dias.

— O quê? Você nem consegue responder? — ele zomba de mim, me olhando de cima a baixo em desaprovação.

Fecho os olhos, sabendo que o veneno tóxico que ele lança para mim não vai terminar aí. Nem sempre foi assim. Como na maioria das situações em que me encontro, ninguém entra *sabendo* como será o cônjuge. Não. No começo, é uma felicidade. Ele disse todas as coisas certas. Fez todas as coisas certas. Me fez sentir como se estivesse vivendo em uma nuvem. Me disse que eu era linda nos meus piores dias e tive muitos dias ruins. Quando deixei minha casa para ir para a faculdade, achei que tudo finalmente se encaixaria. Apesar de ter crescido sem pai, nunca pensei em mim como alguém tendo problemas com isso. Mas ter uma mãe que recorria ao álcool a todo momento, aparecendo em eventos escolares chapada, sem conseguir sequer ir a minha formatura do ensino médio sem antes beber, realmente mexia comigo. Sempre me fazia pensar no que eu não podia oferecer que ela precisava do álcool para compensar. Sua constante necessidade, combinada com as palavras violentas que ela gritava para mim, eventualmente me culpando por viver sozinha, foi um golpe para minha já diminuída autoconfiança.

Quando conheci Vince, ele era incrível e maravilhoso. Pensei ter encontrado um dos homens mais gentis do mundo. Ele me reconstruiu, me disse coisas que eu não tinha ouvido de ninguém, talvez a vida toda. E não foram apenas as suas palavras; suas ações me diziam que ele estava tão

apaixonado quanto eu. Sempre demonstrou afeto, quer estivéssemos em público ou sozinhos, aplaudia mais alto durante meus jogos – até me pediu em casamento na frente de centenas de pessoas. Olhando para trás agora, percebo que sempre foi um show. Ele era charmoso, gentil, generoso e amoroso. Eu não podia acreditar que havia encontrado um homem que poderia me amar como ele. Ainda que eu não conseguisse acreditar que havia encontrado alguém que me *amava* como ele.

— Acha que ser professora significa que você não precisa fazer nada durante o verão inteiro? O que você fez hoje?

Não respondo porque, não importa o que eu diga, não será bom o suficiente. Não digo a ele que limpei o chão da cozinha, lavei três cestos de roupa, brinquei com Jack, fiz o balanço do talão de cheques (e ignorei as cobranças do cartão de crédito) e fiz uma ceia caseira que estava na mesa esperando por ele, mas como não tive chance de fazer a lavagem a seco, não vou mencionar nenhuma das *tarefas* que fiz. De qualquer maneira, ele não quer uma resposta. Isso vai só irritá-lo mais e fará com que ele me menospreze ainda mais.

Esta não era a nossa primeira dança.

— Você tomou banho hoje? — Ele torce o lábio para mim com nojo.

Mais uma vez, não respondo. Não importa. Se eu tomar banho, ele grita comigo por desperdiçar água em um dia em que nem vou sair de casa. Ou pergunta para quem eu preciso ficar bem, já que ele não fica em casa o dia todo. E o fato é que não tomei banho. Eu estava do lado de fora jogando basquete com Jack depois de correr e ainda não tinha feito isso.

— Olhe para você. Você é tão patética. — Estremeço com a palavra que ele raramente usa, pelo menos na minha frente. — Você me dá nojo. Como espera que eu queira trepar com alguém como você? — ele pergunta enquanto estica a mão e aperta meu estômago, como se eu estivesse gorda.

Tenho um metro e cinquenta e sete e peso quarenta e cinco quilos. Corro pelo menos oito quilômetros todos os dias. Jogo tênis, faço ioga. Ele sabe disso. Era o que ele praticamente exigia de mim. Não que isso importe para ele, de qualquer maneira. Eu poderia parecer uma supermodelo e não seria boa o suficiente para o grande Vince Taylor. E se eu for honesta, espero que ele sinta nojo o suficiente para não transar comigo. Eu com certeza não me importo de não ir para cama com ele.

Vince é um homem bonito. Tenho que admitir isso. Por fora, pelo menos. Mas eu o conheço bem. O coração de um homem, quando está

cheio de maldade, tende a penetrar no seu exterior. Para mim, seus lindos olhos verdes agora se parecem com os de uma cobra. Seus braços fortes nos quais eu encontrei conforto durante nossos primeiros anos juntos agora apenas balançam com violência, quando ele se segura de fazer comigo o que sei que ele realmente quer.

Tenho sorte. Só sofro abuso verbal. É o máximo.

Ele me alcança de novo, e eu enrijeço com o pensamento de seu toque em qualquer parte de mim. Ele agarra meu braço e me puxa para si.

— O quê? Não posso tocar na minha *esposa*?

Eu o encaro. Sei que não devo quebrar o contato visual. Ele acha isso um sinal de fraqueza. Ele o usa para ter poder sobre mim. Não é um sinal de amor. É um sinal de propriedade.

— Vince... — sussurro, rouca.

— Você nem consegue falar? Qual é o seu problema? Não sei o que vi em você. Você era só um buraco quente e agora, veja. Estou preso a você. — Seus lábios se curvam quando ele olha para mim como se eu causasse repulsa. — Não sei o que fiz em uma vida anterior para merecer uma esposa tão inútil.

As lágrimas se formam em meus olhos, mas não pelas suas palavras odiosas. É pela dor de morder a língua para segurar o que quero dizer. Ele sempre age como se eu tivesse muita sorte de tê-lo.

— Está *chorando*? Sério, Carly. Cresça. — Quando fico em silêncio, mantendo os olhos fixos nos dele, seu aperto no meu braço aumenta até o ponto de dor. — Me responda, caramba! O que há de errado com você? Você se tornou muda enquanto eu trabalhava pra cacete hoje para sustentar essa família? Deus sabe que você mal contribui. Salário de professora — ele zomba e balança a cabeça com nojo.

Conheci Vince na faculdade. Enquanto eu estudava para me tornar *professora*. Não tinha ideia de por que a profissão era tão repugnante para ele agora, quando ele sabia que seria a minha carreira desde *antes* de ele se casar comigo. Eu costumava pensar que conhecia Vince. Acontece que, quando a pessoa que se acha ter conhecido está realmente mentindo, é muito difícil saber qual será seu próximo passo.

Pisco e olho para longe dele. Com a mão livre, ele agarra meu pescoço e segura minha mandíbula. Se ele está tentando chamar minha atenção, está funcionando. Eu suspiro e seu aperto em meu pescoço aumenta. Levanto a

mão para afastar seu braço, por puro instinto, mas isso apenas faz com que seu aperto seja mais forte.

Eu nunca tinha visto tanto ódio em seus olhos antes. A parte fraca de mim se pergunta brevemente o que ocorreu no escritório hoje para ele estar com um humor tão horrível. A parte forte sabe que não importa o que aconteceu. Não há rima ou razão para a raiva dele contra mim. Mas se ele mantiver o foco em mim e longe de Jack, eu vou lidar com isso para sempre.

Ainda mal falei, tentando não irritá-lo e fazer sua raiva aumentar ainda mais. Com o tempo, aprendi o que torna esses momentos piores.

— Você — ele grunhe e sinto o cheiro de uísque forte, fazendo meu estômago revirar. — Não sei o que eu já vi em você. Nada do que você faz é certo. Talvez eu devesse levar Jack e encontrar uma nova mãe para ele. Ele ficaria melhor sem você. Nós dois ficaríamos.

Semicerro os olhos enquanto o aperto no meu pescoço relaxa um pouco.

— Sim, acho que é o que vou fazer. Até uma das minhas prostitutas seria uma mãe melhor para ele do que você — ele diz com tanto orgulho e arrogância, como se fosse me magoar saber que ele dormiu com outras pessoas enquanto estava casado comigo. Como se eu já não soubesse, ou assumisse isso, de qualquer maneira. É a razão pela qual eu insisto que ele continue usando preservativo. Eu disse a ele que meu médico não queria mais que eu usasse a pílula porque isso deixou meus hormônios desregulados e, em um momento chocante de preocupação, ele disse que estava tudo bem.

Não sei de onde vem a força ou por que escolho esse momento. Provavelmente da ameaça de perder Jack. Porque farei tudo... *qualquer coisa*... para mantê-lo seguro. Ele é o único bem na minha vida.

— Sobre o meu cadáver — eu digo com o máximo de poder possível.

— Isso seria uma benção — ele fala com um sorriso que faz meu estômago revirar. Ele nunca falou comigo com tanto ódio antes. Choque não é uma palavra forte o suficiente para o que estou sentindo neste momento.

Em vez de atingir a marca que ele obviamente pretendia, me deixar encolhida, me fazendo sucumbir às suas palavras e dobrar meu rabo, é como se alguém tivesse acendido uma luz dentro da minha cabeça, abrindo meus olhos e me fazendo perceber que essa não é a minha vida. Eu posso

mudar o curso da minha vida. Posso ficar contra alguém que joga pedras para menosprezar outro ser humano. Posso exigir algo melhor para mim e meu filho.

Ainda tenho luta em mim. Só não percebi isso até que ele apertou o botão final. Sou como uma vela que certa vez estava caindo frouxa contra seu mastro, e de repente uma rajada de vento atinge, abrindo minhas asas e me dando a força que preciso para avançar.

Estendo a mão, agarro a sua que ainda está em volta do meu pescoço e o empurro de cima de mim antes que ele perceba que não vou deixá-lo vencer esta rodada. Afasto meu outro braço e grito na cara dele.

— Seu desgraçado. Você acha que é um homem grande? Você quer que o Jack trate sua esposa assim algum dia? Acha que é assim que um homem age? Você não passa de um covarde.

Ele parece atordoado por um momento. Se gritei com ele ou finalmente encontrei minha voz, não sei. Mas me permite um momento para dar mais um passo para trás. Pena que não é longe o suficiente.

— Sua vadia! — ele grita comigo e, antes que eu possa processar o que está prestes a acontecer, ele me bate com tanta força que minha cabeça é empurrada para o lado e vejo estrelas. A dor irradia pela minha cabeça e pelos meus braços.

Quando viro a cabeça para encará-lo mais uma vez, a raiva que eu tinha visto em seus olhos antes, que eu não achava que poderia ser correspondida, está mais inflamada.

— Veja o que você me fez fazer! Sabe, não achei que você pudesse ser mais patética do que já era, mas agora está me provando o contrário! — ele grita na minha cara.

Meu coração bate forte, minha cabeça lateja de dor, mas o medo que sinto neste momento foi algo que nunca experimentei. Nem mesmo quando minha mãe me pegou na escola quando eu tinha quinze anos, completamente chapada. Supliquei a ela que me deixasse nos levar para casa, mas ela continuou dirigindo como se não tivesse me ouvido. Quase beijei o chão da garagem quando ela estacionou em segurança.

Mas a raiva que vejo em Vince me petrifica, não apenas por minha própria segurança. Porque quando tiro os olhos do rosto dele levemente, o que vejo faz meu coração parar e a bile subir na minha garganta.

Meu precioso garoto, meu Jack, aos treze anos, está do outro lado da sala com choque, medo e um pouco de confusão nos olhos. Jack é um

jovem que floresce cedo, já alguns centímetros mais alto que eu, e uns quinze quilos mais pesado, mas agora, ele parece muito mais jovem, muito menor que ele é. Não tenho ideia de quanto tempo ele está lá, o que ouviu ou viu.

Tudo acontece muito rápido. Antes que eu possa tranquilizar Jack, ou dizer a Vince que o menino está lá para fazê-lo parar, ele me agarra pelo pescoço mais uma vez, mas desta vez com mais firmeza. Ele levanta meu corpo do chão e com mais força do que imagino que ele possui, Vince empurra minhas costas contra a parede, deixando minhas pernas penduradas. Arranho seus braços, o que faz com que ele fique mais irritado comigo e use mais força. Ele se move rapidamente, e a próxima coisa que sei é que estou caindo. A dor que senti antes não é páreo para o que estou sentindo agora. Ele me jogou no meio da sala e quase bati a cabeça no canto da base da lareira.

Três pensamentos passam pela minha cabeça. Primeiro, Jack e eu temos que ir embora. Segundo, Jack acabou de testemunhar isso. O terceiro? Nunca. Mais.

— Mãe! — meu filho grita, se aproximando e me tocando com mãos gentis. Posso ouvir terror em sua voz enquanto ele segura meu corpo flácido contra o seu, sussurrando e murmurando palavras perto do meu ouvido. Tento em vão me sentar, mas a dor está irradiando por todo o meu corpo. Nunca imaginei que quem me faria sentir segura seria meu filho adolescente, mas nunca me senti em mais segurança.

Ainda sei, no fundo, que se eu ficar, se não lutar por nós, isso nunca vai acabar e, eventualmente, vai alcançar Jack. Parte de mim, a desagradável, se sente um pouco agradecida por Jack ter visto. Isso me faz sentir mais forte, muito mais determinada e, honestamente, não sei se teria encontrado forças de outra maneira. Receio que suportaria qualquer coisa para manter Jack seguro, para manter sua vida *normal*.

Ainda agachado ao meu lado, Jack vira o corpo na direção de Vince. Ele levanta a mão quando vê Vince avançar em nossa direção.

— Afaste-se dela — Jack diz com uma voz muito mais forte, profunda e alta do que já o ouvi falar. — Afaste-se dela! — ele repete mais alto. — Você não vai tocá-la novamente. Nunca mais!

— Jack, estávamos só brincando — meu marido idiota diz, com um aceno de mão e revirando os olhos, tentando explicar suas ações.

— É mesmo? Essa é a desculpa que você está usando agora? Não acho que *você* falaria o mesmo se fosse *surrado* por alguém com o dobro do seu tamanho!

— Garoto... — Vince começa a avançar em direção ao meu filho, e é aí que eu sei. Como se uma bola de demolição tivesse derrubado toda a última esperança que tenho de manter meu casamento, com a ajuda de Jack, fico de pé com as pernas trêmulas e me viro para encarar o homem que uma vez prometi minha vida.

— Toque nele... e eu te mato. Não vou hesitar, seu cretino — digo com a voz trêmula, que tento afastar, mas a reação do meu corpo a tudo o que aconteceu não pode ser evitada. — Acabou. Nunca mais. Você não vai me tocar de novo. Não vai mais falar comigo. Nem com o Jack...

— Ah, não seja tão dramática — Vince zomba.

— Dramática? Você acha que... — aponto para a parede em que ele me prendeu e para a lareira em que quase me jogou. — ...é dramático?

Ele zomba e revira os olhos para mim, como se eu fosse ridícula, mas meu olhar não se afasta do seu.

— Calce seus sapatos, Jack. Vá para o carro.

Seus olhos se voltam rapidamente para o nosso filho, mas retornam para mim.

— Não vá, Jack — Vince ordena no que ele obviamente acha que é uma voz dominante, mas na realidade, Jack, sem dúvida, perdeu todo o respeito pelo pai.

— Não vou deixar você sozinha com ele — Jack fala para mim, enquanto passa o braço por baixo dos meus para me segurar quando minhas pernas começam a ficar fracas.

— Você não vai levar meu filho.

— Vou — digo enquanto Jack e eu começamos a recuar em direção à porta da frente. Sou grata por ainda estar de tênis, depois do dia agitado, e um rápido olhar para baixo mostra que Jack também está com o seu.

— Você não pode fazer isso. Vou chamar a polícia. Você será presa por sequestro — ele fala.

— Vince. — O som de Jack chamando o pai pelo nome me faz piscar com força. Leva tudo o que está acontecendo a um ponto irreversível.

Vince arregala os olhos e seu rosto fica vermelho.

— Como você me chamou, garoto? Tenha respeito pelo seu pai...

Jack o interrompe antes que ele possa terminar.

— Respeito? Sério? Acabei de ver você sufocar minha mãe, bater nela, prendê-la na parede e depois jogá-la do outro lado da sala! Sem mencionar o que ouvi você dizer a ela. Dane-se! — ele grita, apontando um dedo para Vince. — Quer chamar a polícia? Ótimo. Vá em frente. Ficarei muito feliz em compartilhar tudo o que acabei de testemunhar com eles.

Bem, isso responde à minha pergunta sobre o quanto ele viu e ouviu. Praticamente tudo, pela forma como isso soa.

— Não vão acreditar em você — Vince tenta argumentar.

— É mesmo? Sinto muito, mas o sangue e os hematomas na minha mãe demonstram o contrário.

Não tenho ideia de onde vem a força do meu filho, mas isso me dá a coragem de que eu preciso para defender a nós dois.

— Vince — eu digo e espero até que ele se vire para me encarar. Por um ligeiro segundo, juro que vejo arrependimento brilhar em seu rosto antes de desaparecer. Eu me movo um pouco na frente de Jack, estendendo a mão para trás e colocando a mão em seu braço. — Só vou dizer isso uma vez. Acabou. Não venha atrás de nós. Não confunda isso com uma discussão ou mal-entendido. Diga adeus a Jack.

— Jack. — Sua voz falha. O lampejo de arrependimento está de volta, só que agora permanece e a dor está incluída. Ele sabe que ultrapassou os limites, conhece seu erro e talvez uma pequena parte sua tenha algum tipo de remorso, alguma pontada de culpa. Ver a decepção nos olhos do filho aparentemente o faz perceber o que fez. Mas isso não muda nada. O que aconteceu hoje é irreversível.

— Tchau, Vince — Jack diz com convicção, fazendo meu coração se partir por ele.

Ele se vira, pega minha bolsa no gancho perto da porta e a entrega para mim. Entramos na garagem, no carro e ainda não dissemos uma palavra um para o outro.

Só a poucos quilômetros de distância é que a realidade do que acabou de acontecer me atinge. Minhas mãos tremem e os soluços começam a assolar meu corpo dolorido de repente. Paro no acostamento e ao olhar para meu filho, vejo seus ombros tremendo. As lágrimas escorrem pelo rosto de Jack enquanto eu me inclino e seguro sua mão.

— Jack...

Ele estende a mão livre, a passa furiosamente no rosto e olha para mim. Com a voz trêmula, ele diz:

— Não, mãe. Não dê desculpas para ele. Não peça desculpas. Apenas... não.

— Tudo bem. — Minha voz é baixa, permitindo que ele tenha tempo para digerir tudo o que testemunhou.

Jack aperta minha mão e vira o olhar para mim, enquanto as lágrimas ainda escorrem dos seus olhos. Ele funga e limpa o nariz com as costas da mão, e depois balança a cabeça.

— Não quero saber há quanto tempo isso acontece. Não me importo se é a primeira ou a centésima vez. Acabou. Estou falando sério, mãe. Acabou. Nunca mais.

— Tudo bem — digo de novo.

— Estou falando sério, mãe. Acabou. Nunca mais — ele repete.

Não sei por que ele repetiu tudo o que acabou de dizer, seja para minha segurança ou para a sua própria. Mas não importa. Entendo o quanto isso é sério. O quanto ele está falando sério.

— Nunca mais, Jack — asseguro.

— Não vou deixar isso acontecer. — Sua voz não está mais trêmula, mas cheia do que quase soa como fúria.

— Sei que você não vai. Eu também não vou. Eu prometo — asseguro, apertando sua mão novamente.

— Promete? — E com essas palavras, sou instantaneamente lembrada de como ele é jovem.

— Prometo.

O que ele vê quando olha nos meus olhos deve ser suficiente. Ele solta minha mão, respira fundo e assente uma vez.

— Tudo bem — ele fala e respira fundo outra vez. — Tudo bem.

E agora eu sei. Nunca mais vou me permitir confiar meu coração a um homem do jeito que confiei em Vince. Nunca mais vou me abrir assim, nem permitirei que meu filho veja algo assim novamente.

01

Carly

Três anos depois

— Srta. Hanson! Srta. Hanson! Olhe para o meu gesso roxo! Não é lindo!? — A voz doce, adorável e parecida com a de um desenho animado de Harper Ryan soa atrás de mim.

Suspiro enquanto me viro com os olhos arregalados para encontrar a criança de seis anos sorrindo de orelha a orelha com um gesso em tom púrpura brilhante – ou o que deveria ser púrpura, mas já tem tantas assinaturas que parece que já foi coberto de grafite.

— Harper! O que aconteceu?!

Jack voltou da casa dos Ryan na noite passada e me contou o que tinha acontecido. Seu amigo, Grady, irmão mais velho de Harper, também está no time de futebol. Ele é um ano mais velho, mas se tornaram bons amigos. E, pelo que parece, não apenas Grady e seu irmão mais velho Cole, mas seus amigos e colegas de equipe são mais do que protetores com Harper, a caçula dos quatro filhos dos Ryan, que a conhecem desde que ela nasceu. Ele também me disse que Harper foi muito severa ao dizer para não me contar nada, porque ela mesma queria falar, mas ele estava preocupado e queria que eu soubesse. Estou muito feliz que minhas habilidades de atuação sejam boas o suficiente para uma aluna da primeira série porque ouvir o lado dela é apenas perfeição.

— Eu estava andando no meu cavalo, Shadow, e de repente BAM! — Ela bate palmas alto, fazendo as outras crianças se virarem e olharem em nossa direção. — Eu estava no chão. Nem sei o que aconteceu! Mas adivinhe? Eu fui muito corajosa. Eu quase nem chorei e não me assustei nem um pouco!

— Caramba! *Parece* que você foi mesmo muito corajosa! De onde você tirou toda essa coragem? Você tem uma poção mágica?

— Você é engraçada, srta. Hanson. Não é nada mágico! O papai diz que é dele, mas minha mãe diz que ele é um bebezão comparado a ela porque ele ficou louco quando ela quis ir a uma grande montanha-russa. Ela

não estava assustada, então acho que devo ter puxado a ela. “Os Cole são corajosos”, é o que a mamãe diz.

— Vou ter que ficar do lado da Tess nessa — uma voz profunda interrompe, me fazendo virar mais uma vez.

Quase engulo a língua porque, caramba, o Capitão América está de pé na minha sala de aula. As íris mais azuis que já vi me observam, mas isso não é tudo que meus olhos gananciosos capturam. Nunca fui fã de tatuagens. Elas me fazem pensar em *bad boys* e bem... *bad boys* me fazem pensar em Vince. Mas isso? Ele? Este!?! Eu posso dizer honestamente que tenho que fechar a boca para parar de olhar para ele. Estou babando? A barba por fazer que cobre seu rosto me faz cerrar os punhos para me impedir de estender a mão e passar os dedos por ela. Ou, você sabe, lamber.

Ele está vestindo uma camisa preta de manga curta, justa o suficiente para que eu possa ver os músculos saindo por baixo do tecido, tatuagens cobrindo o braço, criando uma manga que dá água na boca. Um colete azul térmico, um jeans desbotado que abraça suas coxas musculosas e botas pretas completam um pacote perfeito. A coisa toda não deveria me balançar desse jeito, mas quando faço minha verificação embaraçosa, uma vez mais. Dele. Bem. No meio. Da minha sala de aula da primeira série, percebo que me balança *totalmente*.

Bem, adeus, dignidade. Foi bom ter você por perto.

Vergonhoso nem começa a descrever.

Mas confusão, sim.

Mal olhei duas vezes para outro homem nesses anos todos e quase me esqueci de como é sentir atração e interesse por outra pessoa. E pior ainda, apesar dos meus esforços para parar de olhar, não consigo.

No momento em que meu cérebro finalmente decide voltar a funcionar, meu rosto imediatamente fica em chamas. O cara gostoso deve ter percebido e, pelo jeito que seus lábios estão tremendo quando ele olha para mim, não há dúvida de que percebeu mesmo.

Desvio o olhar, esperando me afastar do transe, e quando finalmente crio coragem de olhar para ele novamente, estendo a mão e caminho na direção dele para me apresentar, mas sabe o leve embaraço que senti momentos atrás ao olhar para ele? Se foi. Se transformou rapidamente em mortificação.

Meus sapatos eram obviamente um grande obstáculo, ainda que fossem sapatilhas, e tropeço em um pedaço de carpete, indo diretamente

para ele. Dado o fato de que minha mão já estava estendida, a cadeia de eventos parece ir de mal a pior. A próxima coisa que sei é que minha bochecha está firmemente pressionada em seu peito e minha mão direita está... bem, digamos que de repente está em algum lugar que o orientador proíbe estritamente em sala de aula.

— Meu Deus! Ah, nossa. Não, não, não. Sinto muito!

Ele resmunga, mas envolve um braço de leve ao meu redor, provavelmente para não se machucar. Recolho minha mão rapidamente e cubro o rosto, mas por algum motivo que jamais vou compreender, minha bochecha ainda está pressionada contra seu peito.

— Você está... ah, meu Deus... você está bem? Sinto muito. Me perdoe. Nem sei o que dizer. — Finalmente me levanto, puxo as mangas da minha camisa preta e mordisco o lábio inferior.

— Eu estou... bem — ele resmunga, seus olhos se movendo sobre o meu rosto, pousando nos meus lábios por um segundo a mais do que o apropriado.

— Tem certeza? Você precisa de... hum... gelo ou algo assim? — pergunto a ele, com a mão na minha testa. Quero rastejar para um canto e me cobrir com um cobertor.

Ele esfrega a mão sobre o rosto enquanto fica de pé e sorri levemente.

— Tenho, sim.

— Estou tão... — eu começo, mas ele levanta a mão para me parar.

— Ei, está tudo bem. — Ele parece estar esperando que eu acredite nele. O rapaz ergue as sobrancelhas, segura a minha mão, em seguida, a aperta apenas uma vez antes de soltá-la. — É sério. Estou bem. Foi um acidente. Nenhum dano. Nada demais.

Eu o encaro por alguns momentos, vendo sinceridade em seus olhos. Pisco uma vez e desvio o olhar. Pisco novamente e olho para ele. Sorrio, fecho os lábios e solto um suspiro.

— Olá, sou a srta. Hanson. E você? — Sinto que sei quem ele é. Harper não parou de se gabar do seu tio James a semana toda. Eu sabia que seus pais, Barrett e Tess Ryan, iam tirar férias em alguma cabana no norte do Michigan, e o irmão de Tess ia ficar com as crianças enquanto eles estivessem fora, porque as crianças contam tudo aos professores. E quero dizer tudo mesmo. É verdade que sabemos que apenas uma pequena porcentagem é baseada na verdade, mas mesmo assim, os pais devem saber disso. Ouvimos mais do que qualquer um pode imaginar.

— James Cole. O tio favorito dessa baixinha. Certo, Harper? — ele pergunta olhando para ela com um grande sorriso.

Ela está com um olhar horrorizado no rosto, sendo uma testemunha do desastre que se desenrolou, mas, como a maioria das crianças de seis anos, esquece disso rapidamente. Revira os olhos e responde com um tom entediado que me diz que não é a primeira vez que ela conta a alguém que é o favorito dela.

— Aham. Isso mesmo. Meu amor vai até Plutão.

— Bem, não fique muito animada com isso — ele brinca, depois olha para mim. — Como eu estava dizendo antes do... vamos chamar de incidente, certo?

Cubro meu rosto com as mãos enquanto a mortificação me atinge, e ele continua a falar. Solto as mãos e vejo que ele também está vendo Harper fazer o que parece ser uma encenação para seus colegas de classe.

— A Harper sofreu um pequeno acidente ontem à noite na aula de equitação. Ela ficará bem, é claro. — Ele ri e balança a cabeça.

— Sim, parece que ela terá uma recuperação rápida — digo baixinho. — Harper — eu a chamo enquanto pego uma Sharpie na minha mesa.

— Sim, srta. Hanson? — Ela vem na minha direção, com seus grandes olhos azuis me encarando.

— Posso? — peço e levanto o marcador permanente.

— Sim! Mas deixe espaço para a mamãe e o papai, tá? Eles vão voltar para casa depois das férias, porque não conseguem dormir sozinhos, pois sentem a minha falta.

Sorrio para ela quando ouço James ofegar com sua risada. Ela é fofa demais. Corajosa e doce.

— Claro — murmuro.

Assino seu gesso perto do que parece ser o time de futebol inteiro da Liberty High School, incluindo o nome do meu filho, coloco a tampa de volta no marcador permanente, lhe dou um grande abraço e a deixo voltar para suas histórias antes do início das aulas.

Eu me viro e noto que James está olhando para mim, fazendo meu rubor voltar. Franzo o nariz e olho para longe, depois para ele de novo.

— Então — começo, esperando afastar o pouco de constrangimento em que caímos, tudo graças a mim, é claro —, preciso saber de algo para Harper hoje?

— Não, o médico disse que ela pode participar de tudo, desde que não seja nada muito pesado. Foi uma torção leve, então não há nada com que se preocupar. Basicamente, tudo está normal, exceto que ela tem um acessório roxo brilhante preso ao braço por um tempo. — Ele pisca para mim debaixo do boné preto com o contorno da cabeça de um veado na frente e... Ah. Caramba. Estremeço por dentro. Sei que ele não quis dizer nada com a piscada, mas meu corpo não pode evitar de reagir a ele. *Olá, ensino médio. Parece que estou andando pelo seu corredor novamente*.

— Parece que já está mais colorido que o arco-íris com todas essas assinaturas.

— Ha, ha! Eu sei! — ele diz, seus olhos se iluminando enquanto ele fala. — Os colegas de time do seu irmão mais velho, Grady, são um pouco superprotetores, ao que parece, e todos tiveram que comparecer ontem à noite para se certificarem de que ela estava bem.

— Sim, meu filho Jack esteve lá na noite passada. — Eu me inclino para mais perto dele, tentando desesperadamente não cheirá-lo, e abaixo a voz. — Ele me contou o que tinha acontecido, mas disse que ela mesma queria me contar e me fez prometer fingir surpresa.

— Você foi ótima.

— Ora, obrigada — eu digo e faço uma reverência, porque ele me torna uma versão ainda mais estranha de mim mesma.

James sorri.

— Sou grato por isso, srta. Hanson — ele diz em voz baixa. Seus olhos encaram os meus, me fazendo me remexer sob a intensidade deles.

Ou ele não percebe ou escolhe ignorar porque continua.

— Ouça, prometi que almoçaria com ela esta semana e, já que é sexta-feira, achei que seria melhor cumprir minha promessa ou estarei na sua lista de desobediências – suas palavras, é claro.

Estamos tão perto que consigo sentir o cheiro do sabonete misturado com o chiclete de canela que ele está mastigando. A combinação faz meus sentidos dispararem, me deixando tonta.

— Ah! Almoço, aqui? Hoje? — Aponto para o chão como uma lunática. — Sim! Hum-humm! Sim! Tudo bem! — Toda a cadeia de bobagens é dita com uma voz muito alta. Como a porcaria de uma adolescente. É irritante até para meus próprios ouvidos. *Argh*. Tudo o que falta é jogar o cabelo. Fecho os olhos e balanço a cabeça com meu comportamento ridículo. Meus ombros caem e eu suspiro. — Sinto muito.

Não sei o que há de errado comigo. O que eu quis dizer é sim. Parece é bom. Basta avisar na secretaria quando voltar.

— Perfeito — ele fala, enquanto lança um sorriso brilhante na minha direção.

Tenha.

Misericórdia.

O sorriso dele.

Ah, o que há de errado comigo? Só de ouvir que ele voltará em algumas horas, meu estômago está agitado? O que é ridículo, porque eu literalmente *acabei* de conhecer o cara. Além disso, ele é o tio da minha aluna, acrescentado ao fato de que não quero nem considerar namorar alguém agora. Ou nunca. Mas, por alguma razão, James deixa meu coração acelerado.

— Tudo bem, então eu te vejo mais tarde? Não. Quis dizer que você voltará mais tarde para almoçar com a Harper? E sim. Aula. Preciso dar aula. Classe! — digo em voz alta e bato palmas para chamar a atenção deles, que se viram imediatamente.

— Srta. Hanson? — James me chama, com tom de riso em sua voz.

Respiro fundo e me viro em sua direção.

— Sim?

— Te vejo no almoço — ele fala com um sorriso ofuscante e aquele olho azul brilhante.

Solto um suspiro e respondo:

— Tudo bem.

— Você está bem?

— Sim. Sinto muito. Devo estar muito desligada.

— Entendo. Acontece com todo mundo. — Ele dá de ombros como se meu comportamento insano não fosse grande coisa. Talvez não seja para ele. Tenho certeza de que o Capitão América provavelmente está acostumado com as pessoas caindo a seus pés.

No momento em que estou prestes a responder, as crianças ficam inquietas e me lembram de que estou no meio da sala de aula cercada por alunos da primeira série.

— Vou deixar você voltar para a sua aula, srta. Hanson.

— Obrigado, sr. Cole.

— Te vejo daqui a pouco, baixinha!

Harper corre pela sala de aula e abraça as pernas de James.

— Tchau, tio James! — ela olha para ele e aponta um dedo minúsculo em sua direção com os olhos semicerrados. — Quero sanduiche do *Subway* para o almoço. Entendido?

— Qualquer coisa para você, garotinha — ele fala quando se abaixa e a abraça, e lhe dá depois o que parece ser um aperto de mão secreto que apenas os dois têm acesso. Ele se levanta e bagunça o cabelo dela, depois dá soquinhos de cumprimentos a todos os outros alunos agitados da sala de aula.

Bem, lá se vão meus ovários.

02

James

Puta merda. No minuto em que entro no carro depois de deixar Harper na escola, começo a fazer uma busca. Preciso saber mais informações sobre quem é a srta. Hanson. Tipo o nome dela, por exemplo. Percebi que ela não usa aliança de casamento e, obviamente, é senhorita, não senhora, mas isso não significa nada. Não vou questionar o fato de que quero saber desesperadamente.

Infelizmente, minhas habilidade de detetive se provam não serem muito fortes. Tudo que encontro no site da escola é o nome dela e o endereço de e-mail. Nada no Facebook, ou no *BookFace*, como Barrett o chama. Na verdade, não consigo encontrar *nada* que possa se referir a ela ou a Jack em qualquer rede social. O que é bem estranho. Um garoto de dezesseis anos fora das redes sociais deve ser a oitava maravilha do mundo.

Posso perguntar a Tess hoje a noite, quando eles chegarem em casa, mas não quero encorajá-la. Sei onde a cabeça dela irá se eu perguntar – não que não seja parecido com o lugar para onde minha própria cabeça está viajando. Só não estou muito certo se a quero envolvida nisso. Não por enquanto, pelo menos.

Tenho mais algumas horas para matar antes que eu precise voltar aqui com o sanduiche do Subway na mão, para que eu possa almoçar com Harper e, por mais que eu esteja tentando negar, já estou ansioso pelo fato de que vou ver Carly novamente.

Passo as próximas horas arrumando a casa do caos que se seguiu na noite passada. Depois que os amigos de Grady vieram ver Harper, o lugar não ficou necessariamente em perfeitas condições. Fiz o jantar para todos e, mesmo que eles tenham ajudado a limpar, o tornado que é ter adolescentes em casa pareceu deixar seu rastro. Tess e Barrett vão voltar mais cedo das férias por causa do acidente de Harper e não quero que eles se deparem com um desastre.

Olho para o relógio e percebo que é melhor sair agora se eu quiser comprar o almoço de Harper e ir para a escola a tempo. Visto uma camisa de manga comprida, porque nesta manhã, no café, Harper disse algo sobre

brincar no recreio se a srta. Hanson me deixar ficar, coloco o colete de volta e saio pela porta.

Depois de comprar o almoço no *Subway*, volto para a escola, paro no estacionamento de visitantes e entro pela porta da frente para me identificar e pegar uma autorização. No momento em que saio do escritório, vejo Carly liderando a turma em direção ao refeitório. O sorriso que toma conta do meu rosto só de vê-la é, provavelmente, um pouco assustador, mas não consigo evitar. Nunca tive esse tipo de reação antes.

Carly Hanson é linda. Ela poderia ser confundida com a irmã um pouco mais velha de Carrie Underwood. Com seus cabelos loiros e lisos, que ficam bem na altura de seus ombros, e olhos castanhos brilhantes, sinto que ela me deixa enfeitiçado.

Ela cambaleia um pouco quando me vê, me fazendo sorrir ainda mais com sua graciosidade fofa, mas depois abre um sorriso na minha direção e continua levando as crianças em direção ao refeitório. Ela dá um aceno de cabeça, me dizendo sem palavras para segui-la.

— A Harper está muito animada por você vir almoçar com ela hoje. Eu nunca a ouvi perguntar quando é hora do almoço tantas vezes — ela me diz depois que me aproximo, olhando para trás para a fila de crianças que nos seguem, me fazendo lembrar de patos seguindo a mãe.

— Bem, fizemos um acordo no começo da semana.

— Ah, sim, a coisa de dormir em seu próprio quarto?

Dou um olhar estranho para ela, provavelmente mostrando minha surpresa por Harper ter compartilhado os termos do nosso acordo.

Ela ri da minha expressão:

— Ah, você ficaria chocado ao saber os detalhes que sei das famílias de todos. Obviamente, presumo que apenas uma fração do que ouço seja verdade – ou uma versão da verdade, de qualquer maneira. Mas as crianças mal podem esperar para contar o que aconteceu em suas casas na noite anterior.

— Ah, caramba. Eu imagino. Fico feliz por ter passado por essa fase sem saber o que minha filha compartilhou das nossas vidas na escola.

— Quantos anos a sua filha tem? — ela pergunta quando nos aproximamos do refeitório.

— Lily? Tem vinte e dois. Está terminando o último ano na faculdade. Estou realmente orgulhoso dela.

— Aposto que sim. O que ela está estudando? — Ela se vira na fila e encara as crianças quando a conversa fica um pouco mais alta e faz a mesma sequência de palmas que fez anteriormente para chamar sua atenção, e elas retornam o padrão sem nem um piscar de olhos. Claramente, é algo que eles estão bem acostumados. É incrível a rapidez com que funciona.

— Crianças — ela fala com uma voz severa e gentil. — Sei que vocês estão animados para terem uma visita para o almoço de hoje, mas essa não é a primeira vez.

— É a primeira vez para o tio James! — um garotinho, que *não* é meu sobrinho, declara.

— Isso é verdade, e estamos todos animados por ele se juntar a nós hoje, mas mesmo assim, precisamos respeitar as outras turmas que ainda estão em aula.

Meus olhos imediatamente voltaram para ela quando a ouço dizer: *estamos todos animados*, esperando que ela esteja se incluindo nisso.

— Agora, lembrem-se: nós sorteamos os nomes no balde para quem poderia se sentar à mesa da Harper com o James hoje e, para aqueles que não foram sorteados, vão participar do sorteio para o nosso próximo convidado especial, tá?

Sorrio sabendo que Harper está se gabando de mim. Eu sempre soube que era o favorito dela.

— Sim, srta. Hanson — todos dizem em uníssono.

Ela vira os olhos brilhantes para mim.

— A Harper parece gostar muito de você. Ela não parou de falar sobre o tio James a semana toda. Você é praticamente uma celebridade aqui.

— Espero conseguir fazer jus à fama.

— Tenho certeza de que você consegue — ela fala e depois fica vermelha como eu a vi ficar na sala de aula. — Então, o que a sua filha está estudando? — ela faz sua pergunta original novamente, mesmo depois de se distrair.

Estou impressionado. Já tinha me esquecido do que estávamos falando.

— Serviço social. Ela quer trabalhar com crianças adotivas. — Não consigo evitar o sorriso que toma conta do meu rosto ou a maneira como meu peito se expande. Eu disse que tinha orgulho dela, mas isso nem chega perto.

— É mesmo? Uau. Isso é incrível.

— Sim, bem, *ela* é incrível. Ela não... — Estou prestes a começar a contar a história da nossa vida, mas penso duas vezes. Isto não é um encontro. Este é o almoço com Harper, minha sobrinha de seis anos. Preciso colocar minha cabeça no lugar. — Vamos apenas dizer que ela tem um grande afeto por crianças que não têm a vida doméstica tradicional.

Algo em seus olhos muda, e ela me dá um sorriso triste.

— Fico feliz em ouvir isso. Precisamos de mais jovens assim em nosso mundo.

Aceno com a cabeça, mas não consigo desviar o olhar. Só quando sinto um puxão na manga da minha blusa e percebo que estamos do lado de fora da lanchonete que saio da névoa de Carly. Olho para os brilhantes olhos azuis de Harper, muito parecidos com os meus.

— Srta. Hanson? O tio James pode ficar um pouco depois que terminamos o almoço?

— Claro! Quero dizer, se ele quiser — Carly responde sem me olhar, concentrando sua atenção em Harper.

— Não perderia isso por nada. — Tento manter os olhos na minha sobrinha quando, na verdade, quero mesmo é olhar para Carly.

— Você pegou a sacola nova! — ela exclama em resposta enquanto pega o almoço da minha mão.

— Claro! — Não tenho ideia do que isso realmente significa, mas apenas concordo.

— Obrigada, tio James. Você é o melhor.

— Não se esqueça de dizer isso novamente da próxima vez que o tio Dean estiver por perto.

Ela ri de mim, segura minha mão e me puxa na direção da mesa onde aparentemente devemos nos sentar. Dobro as mangas porque, caramba, estou suando perto dessa criançada.

No segundo em que me sento na cadeirinha, sou bombardeado com perguntas.

— O que é isso? — um garoto pergunta, apontando para minhas tatuagens cobertas no antebraço.

— Por que você tem tatuuuuuuuagens? — uma menina pergunta, esticando a palavra tatuagens.

— Você tem muitas tatuagens!

— Você vai jogar futebol conosco no recreio? — outra garota pergunta, felizmente parando a enxurrada de perguntas sobre as tatuagens.

— Por que você está usando um boné?

— Você sempre usa bonés?

— Você gosta de consertar restaurantes?

Essa pergunta me faz sorrir porque demonstra que Harper disse à turma o que faço para viver, que é resgatar restaurantes em risco.

— Qual é o seu esporte favorito?

— Por que você não é casado? A Harper disse que você não tem esposa, mas você tem uma filha, então por que você não tem uma esposa?

— Qual é o seu sanduíche favorito do *Subway*? O meu é o de peru, mas meu pai gosta de carne e queijo.

— Você vai ao jogo de futebol hoje à noite?

— Meu pai me disse que o irmão da Harper não pode jogar hoje à noite. Por que não? Ele está machucado? Ele fez alguma travessura?

Ah, caramba. De jeito nenhum vou contar a esses pequeninos que Grady, meu sobrinho que tantas crianças admiram por causa da sua posição no time de futebol, entrou em uma briga para defender sua amiga, Bri, que estava sendo agredida e terminou sendo suspenso de dois jogos de futebol.

— O Grady não vai poder jogar porque ele teve que ajudar sua melhor amiga. Ela precisava mais dele do que ele precisava jogar futebol — Harper diz com naturalidade.

Bem, é uma boa resposta. É uma afirmação muito verdadeira e que posso ouvir Tess e Barrett dizendo a ela.

— Isso mesmo, baixinha. — Estendo a mão e bagunço seu cabelo, e ela sorri para mim, faltando um dente na frente da boca.

— Mas... ele não pode ter um melhor amigo que é uma garota! Ele é um garoto! — um dos garotos da mesa nos informa.

— Nã-não! Ele também pode! — Harper aponta para ele.

E assim começa uma discussão sobre se um menino e uma menina podem ser melhores amigos. É cômico ouvir. Os pais realmente não têm ideia do que seus filhos absorvem.

— A minha mãe disse que a sra. Anderson não deveria ser amiga do sr. Miller, porque meninos e meninas não podem ser amigos sem que isso cause problemas — uma menina me diz.

— Ah, ela disse? Bem, imagino que em alguns casos... — Começo a explicar, mas penso melhor. — Sabe de uma coisa?

— O quê? — Todas as cabeças estão viradas para mim e os olhos arregalados.

— Acho que um amigo pode ser um menino ou uma menina. Contanto que eles deixem seus dias cheios de sol e arco-íris, em vez de céus cinzentos.

Olhos inexpressivos me encaram.

— Ou desde que não o deixem triste.

Isso os faz sorrir.

A próxima coisa que sei é que estou sendo arrastado para fora pela mão por várias crianças de seis e sete anos.

— Você está no meu time, tio James — Harper avisa.

— O que vamos jogar?

Ela revira os olhos como se eu claramente não estivesse prestando atenção, o que eu realmente não estava. Estava tentando ver para onde Carly foi, mas ela desapareceu logo depois que as crianças estavam todas sentadas em suas mesas para o almoço.

— Futebol, dã!

— Ah, certo. Dã. Como eu poderia não saber?

Ela ri e fica em sua posição, pronta para enfrentar os defensores. Corro, chuto e driblo a bola entre as pernas e a passo para quem parece estar aberto.

O futebol no recreio parece ser um assunto bastante sério, e logo estou até suando um pouco, mas não consigo parar o sorriso que cobre meu rosto. Assim como bons amigos, as crianças podem preencher o seu dia com sol e arco-íris, apenas por serem quem são. Sua energia, risos contagiantes e atitudes felizes de fazer as coisas são algo que os adultos se esqueceram há muito tempo. Poderíamos aprender muito durante um intervalo algumas vezes por dia.

O apito soa, deixando as crianças saberem que o recreio acabou. Entro com o resto das crianças, levando Harper de volta a sala dela. Isso é necessário? Não. Eu me importo? Nem um pouco. Quero ter mais uma chance para falar com Carly, mesmo que seja apenas para dizer adeus. Ou melhor, "*até mais*". Porque não tenho intenção de que seja adeus.

Harper coloca o casaco no armário e depois volta para a sala de aula.

— Obrigada por almoçar comigo, tio James. E por brincar conosco no recreio! Foi muito divertido!

A turma cheia de crianças está ao meu redor agora, todas querendo me dizer adeus e me agradecendo por jogar futebol com elas.

— Srta. Hanson! Você deveria ter visto o tio James! Aposto que ele nos ajudou a marcar cem pontos!

— Ah, é? Isso é ótimo! Pessoal, agradeçam ao sr. Cole por ter vindo almoçar hoje e, por favor, sentem-se para a hora da história — Carly diz à turma no modo professora. O que não é bom porque é meio sexy. Ela é professora da minha sobrinha. Provavelmente há alguma regra contra isso.

Ela se vira, olha para mim, esfrega os lábios um no outro algumas vezes, fazendo com que meus olhos se voltem para sua boca. Notei que ela fez isso algumas vezes e me pergunto se é um hábito nervoso.

— Obrigada por terem vindo hoje. Parece que as crianças se divertiram muito com você.

— Também me diverti.

Ela assente com a cabeça e desvia o olhar. Me sinto desconfortável. Antes do almoço, senti que a atração que eu sentia por ela era retribuída, mas algo mudou em seu comportamento. Ela parece fechada, nervosa.

— Talvez eu te veja no jogo de hoje à noite — digo a ela, esperando aliviar o constrangimento.

Ela inclina a cabeça para o lado em confusão.

— O Jack joga, certo? Você disse que seu filho era o Jack?

— Ah! Certo. Sim. Ele joga. Eu estarei lá.

— Ótimo! Tenham uma ótima tarde, srta. Hanson.

— Você também, James — ela fala e seus olhos suavizam um pouco, diminuindo o desconforto.

Saio da sala de aula, confuso com muitas coisas.

Por que essa mulher conseguiu capturar minha atenção em tão pouco tempo?

Por que ela está tão distante?

A pergunta mais confusa, por que eu me importo tanto que ela parecesse distante?

****

Ouço um carro entrar na garagem e sei que são Barrett e Tess. Recebi umas mensagens de texto engraçadas de Tess me dizendo que estavam voltando para casa depois de uma semana no refúgio da cabana, algo que eles precisavam desesperadamente, e não quero ouvir falar disso, sabendo que parte da razão pela qual eles escaparam foi para ter um momento à dois

muito atrasado. Pelo menos foi o que decifrei das mensagens, de qualquer maneira, que são a melhor coisa do mundo.

Antes que eu diga as crianças que seus pais estão vindo para casa, Grady, Maggie e Harper, três dos seus quatro filhos, estão fazendo uma fila em direção à porta da garagem, me empurrando para fora do caminho. Grady abre a porta e os três ali parados, esperando impacientemente para cumprimentar seus pais.

Grady é veterano na Liberty High e a estrela do time de futebol. Ele se esforça todos os dias e não se distrai do seu objetivo final, que é jogar bola na faculdade e conseguir uma bolsa de estudos. Seu irmão mais velho, Cole, que está no segundo ano de medicina, também jogava futebol, mas nunca quis o que Grady quer.

Há algumas semanas, Grady estava em uma festa e sua *melhor amiga*, Bri, estava sendo assediada por algum idiota. Ele não gostou da atitude do outro garoto e interveio, o que resultou em Tess e Barrett tendo que ir buscá-lo no Departamento de Polícia de Liberty. Felizmente, nenhuma acusação foi feita contra ele, mas ele acabou perdendo alguns jogos. Esta noite era apenas uma das muitas razões pelas quais Tess e Barrett precisavam de um tempo fora.

Maggie está no segundo ano do ensino médio na Liberty High e mantém Tess, Barrett e Grady em alerta. Grady não tem um pingo de paciência com o fato de ela estar crescendo e se esforça para que todos saibam que não podem tocá-la. Ou namorar com ela.

— Mamãe! Você chegou! Parece que ficou longe por anos! — Harper grita com o que Tess chama de seu talento dramático.

Tess a pega com cuidado e a abraça.

— Oi, menina. Como você está?

— Estou ótima! O tio James almoçou conosco na escola hoje! E adivinha?

— O quê?! — Tess pergunta imitando a expressão dramática de Harper.

— Ele. Trouxe. *Subway*!

— Mentira! — Tess é debochada. Seus filhos tendem a provocar isso nela, mas ela é exatamente assim.

— Aham! Um sanduíche de presunto, algumas maçãs e um biscoito, e estava em uma daquelas sacolas incríveis!

— Bem, parece que o tio James marcou alguns pontos importantes!

— Como você sabia disso? Ele marcou cem pontos jogando futebol no recreio depois do almoço!

— Marcou, é? — Tess ri. Duvido que isso a surpreenda. Admito que ainda sou muito parecido com uma criança grande.

— Marcou, sim! Perguntei a srta. Hanson se ele poderia ficar e ela disse que podia, se ele quisesse, e ele disse que não perderia por nada no mundo! — Ela está gritando tudo o que está dizendo, com a voz cheia de emoção.

— Aposto que ele não disse não à srta, Hanson — ouço Barrett murmurar.

Oh-oh.

Sei exatamente onde isso vai dar e, pelo brilho nos olhos de Tess, vou ser interrogado no segundo em que as crianças estiverem fora do alcance da voz.

Me afasto e observo as crianças continuarem conversando com os pais, todos felizes por estarem juntos novamente. Grady diz aos pais que ele tem ótimas notícias e, por mais que eu me sinta mal por ter revelado seu segredo, me mantenho quieto.

Depois que Barrett e Tess assinaram o gesso de Harper, tendo dificuldade em encontrar um espaço livre para isso, as meninas vão para seus quartos para se preparar para o jogo de hoje à noite. Assim que elas desaparecem, Barrett se vira para mim, com um sorriso radiante.

— Entãooo, a srta. Hanson, é?

Eu o soco levemente no ombro.

— Cale a boca, cara. Ela é a professora da sua filha — digo, esperando que eles não percebam o efeito que Carly Hanson já provoca em mim.

— Verdade. Mas você não pode negar que ela é linda. Até eu a pegaria — minha irmã fala.

Nojento.

— Tess! — protesto.

Barrett levanta a mão e diz:

— Eu assistiria — depois ri como se estivesse histérico.

Eu poderia vomitar.

Tess apenas revira os olhos, então se aproxima de mim e me dá um abraço apertado.

— Obrigada, James, por ficar com eles, por ajudar que as coisas aqui continuassem em ordem, por manter as crianças felizes e por cuidar do meu

bebê.

— Não há qualquer outro lugar que eu prefira estar — digo com honestidade.

— Eu sei. E amo você por isso. Fica o fim de semana todo?

— Sim. Eu estava planejando ficar mesmo e realmente quero ver o ataque de pânico do Grady amanhã à noite. Ele está muito seguro de si agora, mas mal posso esperar para ver quando o nervosismo aparecer.

— Está me matando que ele ainda não nos contou!

— Sinceramente, não acredito que você não deixou escapar alguma coisa.

— Barrett me treinou no caminho de casa — ela admite.

Barrett sorri na direção dela.

— Mãe! Pai! Por que vocês não estão prontos?! — A voz de Maggie os interrompe. Ela está na nossa frente com as mãos nos quadris e uma expressão severa no rosto. Parece animada para chegar ao jogo e, se eu for sincero, também estou. Só assisti a outros dois jogos de Grady nesta temporada e só terá mais um jogo antes do início dos *playoffs*. Mesmo que ele não esteja jogando hoje, ainda quero estar lá para apoiá-lo. Não tenho dúvidas de que Grady está se sentindo ainda mais ansioso por perder essas duas últimas semanas, sabendo que os *playoffs* estão chegando.

— Você só quer chegar a tempo de ver o Jack se aquecer — Harper fala em tom entediado.

Bem, essa é uma reviravolta interessante.

— Quieta, Harps! — Maggie grita, seu rosto flamejando.

— Tudo bem, vamos nos trocar e seguir para o jogo — Barrett fala, aparentemente não querendo ouvir sobre o paquera da filha. Parece que os Hanson têm um feitiço mágico em nossa família.

Clique aqui e continue a leitura em e-book (inclusive no Kindle Unlimited) ou em formato físico.